UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS
LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS EM INGLÊS

ANA JULIA PERROTTI-GARCIA

As transformações de *Dr. Jekyll & Mr. Hyde*:
traduções, adaptações e demais refrações da obra prima
de Robert Louis Stevenson

São Paulo
2014

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS
LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS EM INGLÊS

As transformações de Dr. Jekyll & Mr. Hyde:
traduções, adaptações e demais refrações da obra prima
de Robert Louis Stevenson

Ana Julia Perrotti-Garcia

Tese apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Estudos Linguísticos e
Literários em Inglês do Departamento de
Letras Modernas da Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo, para a
obtenção do título de Doutora em Letras.

Orientadora: Prof^a Dr^a Lenita Maria Rimoli Esteves

De acordo,

Lenita Maria Rimoli Esteves

São Paulo
2014

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE
TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO,
PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

(Esta autorização não se estende às ilustrações, que, para serem reproduzidas,
deverá ser solicitada a autorização a cada um dos respectivos proprietários dos direitos de
reprodução).

*I HEREBY AUTHORISE THE COPYING AND PUBLICITY OF THIS WORK, IN FULL OR
IN PART, USING ANY ELECTRONIC OR ELECTRONIC MEANS, FOR STUDY OR
RESEARCH PURPOSES, PROVIDED THE SOURCE IS MENTIONED.*

*(This authorisation shall not apply to the illustrations which, to be reproduced, need prior
authorisation to be sought to each of the respective owners of copyrights.).*

ANA JULIA PERROTTI-GARCIA

**As transformações de *Dr. Jekyll & Mr. Hyde*: traduções,
adaptações e demais refrações da obra prima de Robert Louis
Stevenson**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Doutora em Letras.

BANCA EXAMINADORA

Prof(a). Dr(a). _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof(a). Dr(a). _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof(a). Dr(a). _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof(a). Dr(a). _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof(a). Dr(a). _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

*Para Sergio, meu companheiro de todas as
horas, e para Julianna e Francesco,
nossos dois presentes de Deus.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço antes de tudo a Deus, por ter me permitido chegar à conclusão deste curso.

À Profª Drª Lenita Maria Rimoli Esteves, pela orientação competente, carinho, atenção aos detalhes, estímulo e amizade.

Aos membros de minha Banca de Qualificação, Prof. Dr. John Milton e Profª Drª Adriana Zavaglia, pelos comentários e sugestões fornecidos, que foram muito importantes para a finalização desta tese.

Ao Prof. Dr. Richard Dury, da Università degli studi di Bergamo, Itália, organizador do RLS *Website*, pelos textos inéditos enviados, pelas informações fornecidas e pelo apoio e incentivo desde o início de minhas pesquisas.

Aos Profs. Drs. Roslyn Jolly, Christine Anne Alexander e Chris Danta, da University of New South Wales, pela acolhida na Austrália, pela amizade e pelo rico material que me disponibilizaram.

Ao Prof. Richard J. Hill, da Chaminade University of Honolulu, pelo convite para publicação de um capítulo em seu livro.

Ao Prof. Dr. Tony Berber Sardinha, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, meu orientador no Mestrado, que me orientou com a metodologia de *corpus*.

Ao dramaturgo e escritor Mario Vianna, pelo envio dos *scripts* de sua peça, pela amizade e pela disponibilidade em me atender, sempre que solicitado.

Aos colegas e professores do programa de pós-graduação, que sempre estão disponíveis para solucionar dúvidas e trocar ideias. Em especial, aos colegas de orientação, e entre eles, Marly Tooge e Claudia Santana Martins, que estão sempre dispostas a responder meus questionamentos.

À Editora Panacea, na pessoa de seu proprietário Edmar, pela ajuda com a formatação dos apêndices e ao Eduardo, da Copiadora Atual, pela digitalização dos originais e ao Absolon, da Copy Taguá, pelas cópias e encadernação dos originais.

À Estante Virtual por ter tornado possível e acessível a aquisição de mais de uma centena de livros, vindos das mais diversas cidades do Brasil.

A todos os colegas, pesquisadores, livreiros e alfarrabistas que me ajudaram a completar minhas listas de publicações.

Ao meu marido, Sergio, pela confiança e incentivo à minha carreira acadêmica, e aos meus filhos, que cederam momentos de convívio, para que eu pudesse dedicar meu tempo às atividades universitárias.

À minha família, colegas e amigos, por todo o apoio, ajuda e inspiração.

*Please completely forget, disremember, obliterate, unlearn, consign to oblivion
any notion you may have that "Jekyll and Hyde" is some kind of
mystery story, a detective story, or a movie.
(Vladimir Nabokov)*

RESUMO

PERROTTI-GARCIA, Ana Julia. **As transformações de *Dr. Jekyll & Mr. Hyde*: traduções, adaptações e demais refrações da obra prima de Robert Louis Stevenson.** 2014. 365 f. Tese (Doutorado em Letras – Língua e Literatura Inglesa) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

O objeto de estudo deste trabalho são as refrações da obra *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*, do escritor escocês Robert Louis Stevenson, publicada pela primeira vez em 1886 e, em particular, suas traduções, adaptações e reescritas em língua portuguesa. Além dos teóricos da Tradução e da Literatura, esta tese procurou reunir as opiniões e os pensamentos de pesquisadores e escritores que analisaram *Jekyll and Hyde*. O objetivo geral desta pesquisa foi elencar as obras publicadas em língua portuguesa e o objetivo específico foi analisar algumas dessas traduções, pela montagem de um *corpus* paralelo de textos alinhados, à luz dos aspectos levantados nas edições anotadas. A partir do material coletado e analisado, concluímos que o livro *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde* está presente na mente dos brasileiros, não só por suas traduções em língua portuguesa, mas também pelas demais formas de refração que a obra suscitou.

Palavras-chave: Stevenson, O Médico e o Monstro, Tradução, Refração, Literatura comparada

ABSTRACT

PERROTTI-GARCIA, Ana Julia. **The transformations of *Dr. Jekyll & Mr. Hyde*: translations, adaptations and refractions of Robert Louis Stevensons' masterpiece.** 2014. 365 f. Thesis (Doctorate in Languages – English Language and Literature – English Language and Literature), Faculty of Philosophy, Languages and Humanities, University of São Paulo, São Paulo, 2014.

The object of this study are the refractions of the work *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*, penned by the Scottish writer Robert Louis Stevenson and published for the first time in 1886 and, in particular the translations, adaptations and revisions of this work in the Portuguese language. Apart from the theorists in the fields of Translation and Literature, this thesis has also tried to gather the opinions and the thoughts of different researchers and writers who have analysed *Jekyll and Hyde*. The general aim of this research was that of listing the works currently available in Portuguese, while the specific purpose of this study was that of analysing some of these translations, followed by the creation of a parallel *corpus* of aligned texts, based on the aspects we have observed in the listed editions. Based on the material that has been collected and analysed, we come to the conclusion that the book *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde* is very much present in Brazilians' minds, not only through the translations thereof into the Portuguese language, but also through the other types of refractions that the work has aroused.

Key Words: Stevenson, *Dr. Jekyll and Mr. Hyde*, Translation, Refraction, Compared Literature

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	20
1. STEVENSON E SUA OBRA	20
2. POR QUE <i>O MÉDICO E O MONSTRO</i> ?	21
3. AS PERGUNTAS DE PESQUISA E/OU OS PRIMEIROS QUESTIONAMENTOS	22
4. LINGUÍSTICA DE <i>CORPUS</i> , FERRAMENTAS COMPUTACIONAIS E O <i>CORPUS</i> DE ESTUDO	24
5. OBJETIVOS DA PESQUISA	24
6. ESTRUTURA DA TESE	25
 1 - TUSITALA, UMA VIDA ENTRE MÉDICOS E MONSTROS: BIOGRAFIA DE STEVENSON FOCADA NOS ASPECTOS RELACIONADOS À OBRA EM ANÁLISE	 27
1.1 PRIMÓRDIOS	27
1.2 INFÂNCIA	29
1.2.1 Cummy	31
1.3 JUVENTUDE	32
1.4 CASAMENTO	35
1.5 DOENÇA	36
1.6 A ESCRITA DE <i>DR. JEKYLL AND MR. HYDE</i>	37
1.6.1 A repercussão do livro	40
1.7 MUDANÇAS CONSTANTES	41
1.7.1 Em Samoa	42
 2 - REFLEXÕES SOBRE <i>DR. JEKYLL AND MR. HYDE</i> POR ESCRITORES, CRÍTICOS E PESQUISADORES	 45
2.1 AMADO PELOS LEITORES, DESPREZADO PELA CRÍTICA	46
2.2 A RECEPÇÃO DE <i>DR. JEKYLL AND MR. HYDE</i> ENTRE OS ESCRITORES	48
2.2.1 Origem dos nomes dos personagens e capítulos segundo Nabokov, Lepine, Scholar	48

2.2.2	Sociedade vitoriana e relações sociais: Joyce Carol Oates e Anna Lepine	50
2.2.3	Imortalidade, luzes e sombras: Stephen King e Samir Elbarbary	52
2.3	DUALIDADE, DUPLICIDADE, DUPLOS	53
2.3.1	Michael Cadnum, portas separando os dois elementos do duplo	56
2.4	A PRESENÇA DE REFERÊNCIAS RELIGIOSAS EM <i>DR. JEKYLL AND MR. HYDE</i>	57
2.5	A PRESENÇA DO ALCOOLISMO E DA DEPENDÊNCIA QUÍMICA EM <i>DR. JEKYLL AND MR. HYDE</i>	58
2.6	A SEXUALIDADE, O MATRIMÔNIO E A HOMOSSEXUALIDADE EM <i>DR. JEKYLL AND MR. HYDE</i>	60
2.7	A DIFICULDADE DE CLASSIFICAR <i>DR. JEKYLL AND MR. HYDE</i>	66
2.8	ESTRUTURA NARRATIVA DE <i>DR. JEKYLL AND MR. HYDE</i>	70
2.9	A (IM)POSSIBILIDADE DE DETERMINAR A TEMÁTICA DE <i>DR. JEKYLL AND MR. HYDE</i>	72
2.9.1	O inevitável e perigoso flerte com os estudos psicológicos	74
2.9.2	Karl Wagner, pacientes psiquiátricos e a metáfora de <i>Jekyll and Hyde</i>	74
2.9.2.1	O uso metafórico do termo “ <i>Jekyll and Hyde</i> ”	79
2.9.3	Rick Hautala, Hyde e a antropologia criminal	82
2.10	OUTROS ASPECTOS ANALISADOS	84
2.10.1	Aspectos lexicais presentes em <i>Dr. Jekyll and Mr. Hyde</i> estudados mais detalhadamente	86
2.11	JOVIALIDADE, EVOLUCIONISMO, MORDOMOS DEVOTADOS E VÍCIOS ANÔNIMOS	87
	3 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: LINGUÍSTICA DE CORPUS, REFRAÇÕES, TIPOS DE SIGNIFICADOS	88
3.1	PREPARAÇÃO DO CORPUS DE ESTUDO	88
3.2	PRINCÍPIOS DA LINGUÍSTICA DE CORPUS	89

3.2.1	Terminologia da LC	90
3.3	<i>CORPORA</i> DISPONÍVEIS NA INTERNET	93
3.4	ANÁLISE DAS TRADUÇÕES	94
3.4.1	Por que analisar traduções?	94
3.4.2	Como analisar traduções?	97
3.5	A TRADUÇÃO COMO FORMA DE REFRAÇÃO	100
3.6	AS ADAPTAÇÕES COMO FORMAS DE REFRAÇÃO	100
3.7	CONCEITOS ESPECÍFICOS PARA A ANÁLISE DAS TRADUÇÕES	101
	4 - DR. JEKYLL AND MR. HYDE TRANSFORMA-SE EM O MÉDICO E O MONSTRO: TRAJETÓRIA DA OBRA EM PORTUGUÊS	104
4.1	INTRODUÇÃO	104
4.2	COLETA DE DADOS E ORGANIZAÇÃO DAS PUBLICAÇÕES	106
4.3	AS TRADUÇÕES DE <i>DR. JEKYLL AND MR. HYDE</i>	109
4.3.1	Traduções integrais e os casos de suspeita de plágio	112
4.3.2	Textos adaptados ao público juvenil e edições didáticas	113
4.3.3	Adaptações para crianças	115
4.3.4	Histórias em quadrinhos	117
4.3.5	Publicações especiais	122
4.3.6	Literatura erótica	126
4.3.7	Obras publicadas em Portugal	129
4.4	TRADUÇÕES SELECIONADAS PARA A ANÁLISE CONTRASTIVA	131
4.4.1	Tradução publicada pela Ediouro	131
4.4.2	Tradução publicada pela L&PM Editores	132
4.4.3	Tradução publicada pela editora Cosac Naify	134
4.5	FENÔMENOS EDITORIAIS	134
4.5.1	Mesma tradução, diferentes editoras	135
4.5.2	Mesma tradução, dois formatos	135
4.5.3	Reimpressões sucessivas	136

4.5.4	Novas publicações, novas traduções	137
4.5.5	Diferentes públicos, diferentes classificações	139
4.5.6	Mesma editora, duas traduções	139
4.5.7	Mesma tradução, mesmo ISBN, diferentes formatos	140
4.5.8	Novas capas, miolo igual	140
4.5.9	Traduções de outras línguas, mas a ficha catalográfica cita tradução do inglês	141
4.5.10	Coletânea de obras de Stevenson ou de outros autores com Stevenson	141
4.5.11	“ <i>O Médico e o Monstro</i> ” surge na capa, como se fosse o único texto, mas na realidade o livro é uma coletânea	142
4.5.12	Diferentes traduções do título.....	143
4.5.13	“Tradu’autor”	144
4.5.14	Novas apresentações de um velho produto	144

5 - DR. JEKYLL AND MR. HYDE x O MÉDICO E O MONSTRO: ANÁLISE COMPARATIVA DE TRÊS TRADUÇÕES CONTEMPORÂNEAS

5.1	PROCESSO DE TRADUÇÃO – FLUXO DO TEXTO DENTRO DE UMA EDITORA	147
5.2	SELEÇÃO DAS OBRAS A SEREM ANALISADAS E METODOLOGIA DE ANÁLISE	148
5.3	METODOLOGIA DE PREPARAÇÃO DOS TEXTOS	149
5.4	FONTES DE REFERÊNCIA PARA A ANÁLISE	150
5.5	ANÁLISE DAS OPÇÕES DE TRADUÇÃO	151
5.5.1	Capítulo 1. “Story of the door”	153
5.5.2	Capítulo 2. “Search for Mr. Hyde”	160
5.5.3	Capítulo 3. “Dr. Jekyll was quite at Ease”	174
5.5.4	Capítulo 4. “The Carew Murder Case”	175
5.5.5	Capítulo 5. “Incident of the Letter”	179
5.5.6	Capítulo 6. “Remarkable Incident of Doctor Lanyon”	181
5.5.7	Capítulo 7. “Incident at the Window”	183
5.5.8	Capítulo 8. “ <i>The Last Night</i> ”	184

5.5.9	Capítulo 9. “Doctor Lanyon’s Narrative”	187
5.5.10	Capítulo 10. “Jekyll’s Full Statement”	192
5.6	USO DE VARIANTES DA NORMA CULTA NAS FALAS DE CERTOS PERSONAGENS	211
5.7	NOTAS DE RODAPÉ: A VEZ E A VOZ DO TRADUTOR ..	214
5.8	CONCLUSÕES DA ANÁLISE CONTRASTIVA DAS TRÊS TRADUÇÕES	216
5.8.1	O texto de <i>The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde</i> é “para crianças”, é “simples” e, portanto, “fácil de traduzir”?	216
5.8.2	Há no texto termos e expressões que merecem ser pesquisados durante a tradução?	217
5.8.3	Em caso afirmativo, os tradutores das versões ditas “para adultos”, “sérias”, “não adaptadas”, pesquisaram termos e expressões para fazer a tradução?	217
	6 - O UNIVERSO EM EXPANSÃO: REFRAÇÕES E ADAPTAÇÕES TEATRAIS E CINEMATOGRAFICAS	219
6.1	INTRODUÇÃO	219
6.2	TIPOS DE REFRAÇÕES	220
6.3	REFRAÇÕES AUDIOVISUAIS	225
6.3.1	Adaptações para o teatro	225
6.3.1.1	As primeiras adaptações para o teatro	226
6.3.1.2	Adaptações teatrais em língua portuguesa	227
6.3.2	Adaptações para o cinema e televisão	230
6.3.2.1	Adaptações cinematográficas em língua portuguesa	233
6.4	INFLUÊNCIA DAS ADAPTAÇÕES TEATRAIS E CINEMATOGRAFICAS DE <i>JEKYLL AND HYDE</i> SOBRE A PUBLICAÇÃO E VENDA DE LIVROS	234
6.5	EPÍLOGO	238
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	239
	REFERÊNCIAS	244

APÊNDICES	269
APÊNDICE A - Listagem completa das traduções publicadas em língua portuguesa	269
APÊNDICE B - Quadro esquemático resumido dos aspectos de análise das traduções de <i>The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr.</i> <i>Hyde</i>	314
APÊNDICE C - Ecos de Jekyll e Hyde na literatura científica	320
APÊNDICE D - <i>Jekyll and Hyde</i> na telona e na telinha	335
APÊNDICE E - Ao infinito e além - produtos e personagens inspirados em <i>Dr. Jekyll and Mr. Hyde</i>	360

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1.	“ <i>Israelites sketch</i> ”, desenho feito por Stevenson aos seis anos de idade.....	29
FIGURA 2.	Thomas Stevenson e seu filho Robert Louis, aos nove anos de idade.....	30
FIGURA 3.	A família Stevenson e algumas de suas empregadas.....	32
FIGURA 4.	Fanny em Bournemouth (1885).....	35
FIGURA 5.	Imagem clássica do laboratório de James Simpson.....	37
FIGURA 6.	Capas originais das primeiras edições de <i>Jekyll & Hyde</i> nos EUA, ambas lançadas em 1886.....	39
FIGURA 7.	Villa Vailima.....	42
FIGURA 8.	Capa do livro <i>The Transforming Draught</i> de Thomas L. Reed Jr.....	59
FIGURA 9.	Capa da publicação que deu origem à tradução publicada pela Cia. das Letrinhas em 1998.....	116
FIGURA 10.	Primeira história em quadrinhos de <i>O Médico e o Monstro</i> lançada no Brasil, pela série Clássicos Ilustrados, editora Brasil-América (1951).....	117
FIGURA 11.	Página inicial da história traduzida por Luzia C. Machado da Costa para a editora EBAL (1977).....	118
FIGURA 12.	Detalhe da capa da publicação <i>BATMAN Extra</i> , da editora Panini (2007).....	120
FIGURA 13.	Detalhe da publicação da Edições SM, com ilustrações de Javier Olivares.....	121
FIGURA 14.	Detalhe de uma ilustração de Ludovic Debeurme para o livro publicado pela editora Ática.....	124
FIGURA 15.	Capa da edição bilíngue inglês-português da editora Landmark.....	124
FIGURA 16.	Capa do livro publicado pela Arte e Letra Editora em 2010 e cartaz de divulgação da versão cinematográfica de 1920.....	125
FIGURA 17.	Detalhe da página 19 da publicação ilustrada por Guido Crepax.....	128

FIGURA 18.	Detalhe das ilustrações de Lorenzo Mattotti.....	131
FIGURA 19.	Dados sobre o livro publicado pela Ediouro em 2001.....	132
FIGURA 20.	Dados sobre o livro publicado pela L&PM Editores em 2010...	133
FIGURA 21.	Dados sobre o livro publicado pela editora Cosac Naify em 2011.....	134
FIGURA 22.	Edições da Tecnoprint lançadas em 1971.....	135
FIGURA 23.	“Caixa Especial Horror” lançada pela editora L&PM em novembro de 2011.....	145
FIGURA 24.	Imagem de divulgação da série “É só o começo”, da editora L&PM.....	146
FIGURA 25.	Belshazzar’s Feast, Rembrandt (1635).....	204
FIGURA 26.	Capas dos livros de Dan Greenburg publicadas nos EUA e no Brasil.....	222
FIGURA 27.	Cena de <i>Dr. Jekyll and Mr. Mouse</i> , de 1947.....	223
FIGURA 28.	O passarinho Piu-Piu após a transformação sofrida por tomar uma poção misteriosa.....	224
FIGURA 29.	Hyde e Jekyll, personagens de <i>O médico e os monstros</i> , Cia. La Mínima (SP).....	230
FIGURA 30.	Cartaz promocional do filme <i>Abbot and Costello Meet Dr. Jekyll and Mr. Hyde</i>	231
FIGURA 31.	Cartaz de divulgação do filme <i>O Incrível Monstro Trapalhão</i> (1980).....	233
FIGURA 32.	Primeira e quarta capas da edição de <i>O Médico e o Monstro</i> , publicado pela editora Universitária em 1942.....	234
FIGURA 33.	Capa do DVD do filme <i>O Médico e o Monstro</i> com Spencer Tracy, Lana Turner e Ingrid Bergman.....	235
FIGURA 34.	Cartazes dos filmes lançados nos anos 1970 contendo referências a <i>Jekyll and Hyde</i>	236
FIGURA 35.	Hulk.....	360
FIGURA 36.	Ultrax.....	361
FIGURA 37.	Two-Face.....	361
FIGURA 38.	Dr. Spam.....	362
FIGURA 39.	Holt Hyde.....	362
FIGURA 40.	Jackson Jekyll (filho do Dr. Jekyll), personagem da série <i>Monster High</i>	363

FIGURA 41.	Anúncio do sabão para barbear “Yankee”, de 1892.....	364
FIGURA 42.	Anúncio publicitário de 1916, da empresa Kruschen Salts.....	365

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1.	Exemplo de linhas de concordância.....	91
QUADRO 2.	O Médico e o Monstro classificado como “Literatura infanto-juvenil brasileira” no <i>site</i> da Fundação Biblioteca Nacional.	105
QUADRO 3.	Resumo das edições de <i>O Médico e o Monstro</i> , com tradução/adaptação de Edla Van Steen, segundo o <i>site</i> Estante Virtual.....	136 - 137
QUADRO 4.	Gráfico com resumo esquemático das novas edições de <i>O Médico e o Monstro</i> , ano a ano, no Brasil e em Portugal, desde 1933 até o presente momento.....	138
QUADRO 5.	Traduções de <i>The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde</i> publicadas no Brasil, que não receberam o título “O Médico e o Monstro”.....	143
QUADRO 6.	Opções de tradução para “ <i>I incline to</i> ”.....	154
QUADRO 7.	Opções de tradução para o termo “ <i>Juggernaut</i> ”.....	155
QUADRO 8.	Opções de tradução para a expressão “ <i>I gave a view-halloa</i> ”.....	156
QUADRO 9.	Opções de tradução para os termos <i>Sawbones</i> , <i>apothecary</i> e <i>doctor</i>	157
QUADRO 10.	Opções de tradução para as expressões “ <i>in gold</i> ” e “ <i>Coutts's</i> ”.....	158
QUADRO 11.	Opções de tradução para a expressão “ <i>Queer Street</i> ”.....	159
QUADRO 12.	Opções de tradução para o termo “ <i>holograph</i> ”.....	160
QUADRO 13.	Opções de tradução para “ <i>M.D., D.C.L., L.L.D., F.R.S.</i> ”.....	162
QUADRO 14.	Opções de tradução para a expressão “ <i>citadel of medicine</i> ”.....	163
QUADRO 15.	Quarenta ocorrências do termo “cidadela” em textos do século XX, no <i>Corpus</i> do Português.....	164
QUADRO 16.	Opções de tradução do trecho em que são citados Damon e Pythias.	166
QUADRO 17.	Opções de tradução para a expressão “ <i>blowing the key</i> ”.....	167
QUADRO 18.	Opções de tradução para o trecho que inclui referências a Dr. Fell.....	168

QUADRO 19.	Opções de tradução para a expressão “ <i>without bowels of mercy</i> ”.....	169
QUADRO 20.	Opções de tradução para “ <i>hissing intake of the breath</i> ”.....	170
QUADRO 21.	Opções de tradução para a expressão “ <i>Satan’s signature</i> ”.....	171
QUADRO 22.	Opções de tradução para o termo “ <i>familiar</i> ”.	172
QUADRO 23.	Opções de tradução para a expressão “ <i>pede claud</i> ”.....	173
QUADRO 24.	Opções de tradução para a expressão “ <i>hide-bound</i> ”.....	175
QUADRO 25.	Opções de tradução para o termo “ <i>gin palace</i> ”.....	176
QUADRO 26.	Opções de tradução para “ <i>penny numbers</i> ”.....	177
QUADRO 27.	Opções de tradução para o termo “ <i>napery elegant</i> ”.....	178
QUADRO 28.	Opções de tradução para a palavra “ <i>handbills</i> ”.....	178
QUADRO 29.	Opções de tradução para o termo “ <i>imperial dye</i> ”.....	180
QUADRO 30.	Opções de tradução para a expressão “ <i>crying the news</i> ”.....	181
QUADRO 31.	Opções de tradução da frase que faz referências à carta de Paulo.....	183
QUADRO 32.	Opções de tradução para a palavra “ <i>beetles</i> ”.....	186
QUADRO 33.	Opções de tradução para a palavra “ <i>kernels</i> ”.....	186
QUADRO 34.	Opções de tradução para a expressão “ <i>story that is told</i> ”.....	188
QUADRO 35.	Opções de tradução para a expressão “ <i>advancing with his bull’s eye open</i> ”.....	190
QUADRO 36.	Opções de tradução para o termo “ <i>graduated glass</i> ”.....	191
QUADRO 37.	Opções de tradução para a expressão “ <i>incipient rigour</i> ”.....	192
QUADRO 38.	Opções de tradução para a expressão “ <i>toss the curtains of a pavilion</i> ”.....	194
QUADRO 39.	Opções tradutórias para as expressões “ <i>mystic and the transcendental</i> ” e “ <i>war among my members</i> ”.....	196
QUADRO 40.	Ocorrências da expressão “minhas partes”, <i>Corpus</i> do Português.	197
QUADRO 41.	Opções de tradução para a expressão “ <i>independent denizens</i> ”.....	197
QUADRO 42.	Opções de tradução para a expressão “ <i>polar twins</i> ”.....	198

QUADRO 43.	Ocorrências do termo “polares”, <i>Corpus</i> do Português.....	200
QUADRO 44.	Opções de tradução para o termo “ <i>immaterial tabernacle</i> ”.....	202
QUADRO 45.	Opções de tradução para o termo “ <i>good pleasure</i> ”.....	203
QUADRO 46.	Opções de tradução para “ <i>the Babylonian finger on the wall</i> ”.....	205
QUADRO 47.	Opções de tradução para “ <i>city of refuge</i> ” e “ <i>hands of all men</i> ”.....	206
QUADRO 48.	Opções de tradução para a expressão “ <i>least scruple</i> ”.....	207
QUADRO 49.	Opções de tradução para “ <i>captives of Philippi</i> ”.....	208
QUADRO 50.	Ocorrências da palavra “cativos”, <i>Corpus</i> do Português.	210
QUADRO 51.	Opções de tradução para a estrutura “ <i>He don’t</i> ”.....	211
QUADRO 52.	Opções de tradução para a estrutura “ <i>he do indeed</i> ”.....	212
QUADRO 53.	Opções de tradução para a expressão “ <i>main angry</i> ”.....	213

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CSN	Editora Cosac Naify, São Paulo, SP
dir.	à direita (na figura, quadro ou gráfico)
EDI	Editora Ediouro, Rio de Janeiro, RJ
esq.	à esquerda (na figura, quadro ou gráfico)
HQ	Histórias em quadrinhos
J&H	<i>The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde</i>
LC	Linguística de <i>corpus</i>
LPM	L&PM Editores, Porto Alegre, RS
MGM	Metro Goldwyn Mayer
NKJV	New King James Version (nova versão da bíblia King James)
NLS	National Library of Scotland
OR	Texto original de <i>The Strange Case of Dr. Jekyll and My Hyde</i> (disponível em http://www.gutenberg.org/cache/epub/42/pg42.html)
PG	Projeto Gutenberg
RLS	Robert Louis Stevenson
sic.	Indica que o texto original está reproduzido exatamente, sem

correções

WRUD

Webster's Revised Unabridged Dictionary

INTRODUÇÃO

1. STEVENSON E SUA OBRA

Em 1886, o escritor escocês Robert Louis Stevenson publicava aquela que seria sua obra mais famosa, rentável e popular: *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*. O sucesso quase imediato de público e crítica fez com que a história do bondoso médico que se transformava em uma figura ignóbil ao tomar uma poção secreta não mais coubesse em uma novela. A narrativa, que a princípio seria publicada em forma seriada apenas, ganhou *status* de romance e migrou rapidamente para as páginas de um livro. E das páginas impressas, em menos de um ano, chegou aos palcos, onde o sucesso foi ainda maior (há montagens teatrais de *Dr. Jekyll and Mr. Hyde* que ficaram em cartaz por mais de vinte anos em seguida¹).

Em quase 13 décadas, a trama sofreu diversas refrações, dando origem a livros, revistas, filmes, peças de teatro e diversos produtos de vestuário, brinquedos, bebidas, itens colecionáveis e até mesmo bares temáticos. Dr. Jekyll e Mr. Hyde foram fonte de inspiração para novos personagens, novas tramas, e até passaram a fazer parte do léxico de algumas línguas.

No sentido metafórico, chegaram aos livros científicos, passaram a ser nome de síndrome e de sintoma; nos textos jurídicos, tornaram-se desculpa para crimes; na economia, serviram para provar que até as melhores medidas podem se tornar ruins. Ao chegarem à biologia, passaram a denominar globulinas, células, enzimas e até insetos.

Dr. Jekyll and Mr. Hyde, um livro de aproximadamente 96 páginas, já foi traduzido para 29 idiomas (entre eles iídiche, esperanto e malaio) segundo nos informa Richard Dury (2004), tendo sido publicado e/ou vendido em mais de 50 países, como obra única, ou em coletâneas com outros textos de Stevenson, ou com

¹ A peça em quatro atos, dos dramaturgos e atores Luella Forepaugh e George F. Fish, foi lançada três anos após a morte de Stevenson, fez grande sucesso e percorreu os palcos da Europa e EUA por aproximadamente 20 anos. Em 1908, ela foi filmada pelos estúdios Selig Polyscope, dando origem à primeira adaptação cinematográfica da trama.

outros “clássicos do terror”, como material didático, e até mesmo em quadrinhos para crianças ou adultos, e em diversas versões eróticas.

E as refrações ganham “vida própria”, e geram outras refrações, sendo que já há personagens inspirados em outros personagens que, por sua vez, tinham sido inspirados em *Dr. Jekyll* e/ou em *Mr. Hyde*. Há histórias que misturam os personagens com seus criadores², ou promovem “encontros” entre eles e outros personagens³. E as “transformações” parecem não ter fim. E, diferentemente dos protagonistas da história de Stevenson, *Dr. Jekyll and Mr. Hyde* parece ter alcançado a imortalidade.

2. POR QUE O MÉDICO E O MONSTRO?

Uma pergunta talvez esteja povoando a mente de quem começa a ler esta tese: Por que essa obra foi escolhida? Após pesquisas aprofundadas sobre diversos temas, acabamos optando por estudar as traduções para português brasileiro de *Dr. Jekyll and Mr. Hyde*, de autoria do escritor escocês Robert Louis Stevenson, publicado originalmente na Inglaterra, em 1886. Nossa escolha deu-se principalmente por notarmos que a história do médico bondoso que se tornava um monstro assassino ao beber uma poção era conhecida praticamente de todas as pessoas com quem conversamos sobre o assunto. Entretanto, a maioria delas não se recordava sequer de ter lido o livro; pouquíssimas sabiam dizer o nome de mais algum personagem além, é claro, de Dr. Jekyll e Mr. Hyde; e muitas disseram “conhecer” a história a partir de filme(s) assistido(s) no cinema ou na televisão.

Assim, nossa motivação inicial foi tentar descobrir qual seria o fascínio que essa obra exercia sobre as pessoas. A seguir, ao percebermos que essa talvez fosse uma tarefa grande demais, optamos por fazer um levantamento das traduções de *Dr. Jekyll and Mr. Hyde* publicadas em português e analisá-las, para detectar quais características relevantes da obra original estavam presentes nas traduções e quais haviam sido ignoradas, eliminadas ou alteradas⁴.

² Como a versão cinematográfica em que Henry Jekyll fica noivo de Fanny Stevenson.

³ Ver Apêndice D.

⁴ Os critérios de análise foram determinados a partir da leitura das publicações em inglês que continham notas de críticos e pesquisadores (aqui denominadas “publicações anotadas”).

3. AS PERGUNTAS DE PESQUISA E/OU OS PRIMEIROS QUESTIONAMENTOS

Ao detectarmos, como citado anteriormente, o grande fascínio que a história de *O Médico e o Monstro* parecia exercer em seus leitores, e mesmo nas pessoas que não haviam sequer lido o livro, mas conheciam a trama principal, fosse por filmes de televisão ou cinema, histórias em quadrinhos, desenhos animados ou qualquer outra forma, passamos a considerar o livro original *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde* e suas traduções publicadas em português como nosso objeto de estudo. Nesse momento, surgiram os primeiros questionamentos: o que havia de tão fascinante na narrativa de Stevenson, que fazia com que as pessoas tivessem a história tão viva em suas memórias? Será que o texto criado por Stevenson tinha uma força tão grande, que se mantinha presente até nas diversas adaptações cinematográficas? No mundo anglófono, será que o texto havia exercido o mesmo impacto nos leitores? Qual teria sido o papel das traduções na divulgação do livro?

Ao tomarmos a decisão de estudar as traduções de *Dr. Jekyll and Mr. Hyde*, contudo, surgiram outros questionamentos, esses mais de cunho acadêmico e pessoal. A academia, os demais pesquisadores, nossos pares, considerariam esse tema suficientemente “relevante” para ser abordado em uma tese de doutorado? Robert Louis Stevenson é um autor que “merece” ser estudado em uma pesquisa de pós-graduação, ou é apenas “um escritor popular demais” ou “o escritor de *A Ilha do Tesouro*”?

Todas essas questões acabaram sendo esclarecidas, ao longo de nossas pesquisas sobre Robert Louis Stevenson e a obra escolhida. Curiosamente, ao iniciar as primeiras leituras, logo notamos que as preocupações quanto ao tema ser “pequeno demais” eram absolutamente infundadas. E, após algumas leituras iniciais, começamos a perceber que o problema seria exatamente o oposto: o autor e o livro escolhidos eram “grandes demais”, e talvez fôssemos obrigados a escolher apenas algumas traduções, pois não seria possível analisar todos os textos, sem perder profundidade, ou sem perder prazos que, infelizmente, existem para qualquer pesquisador de programas de pós-graduação. E, a cada nova leitura, surgiam novas informações; e a cada nova busca, encontrávamos mais e mais traduções, de diferentes editoras, com diferentes tradutores (encerramos a escrita desta tese com

quase 100 publicações diferentes, feitas por mais de 80 tradutores catalogados), além das centenas de reimpressões e adaptações.

Não é difícil perceber que, embora muito gratificante e rica, a pesquisa desse material foi bastante complexa e estafante, principalmente em termos de organização das informações coletadas, sua classificação e seleção. Além disso, ao final de cada dia de pesquisa, sempre surgia a sensação de que o assunto era “interminável” e que nunca iríamos conseguir reunir “todas” as traduções, “todas” as adaptações, “todas” as informações. Essa sensação, pelo menos em parte, era originada pela falta de bases de dados confiáveis, onde pudéssemos encontrar informações seguras sobre os livros publicados no Brasil e em Portugal. Também ficou claro que essa ambição de totalidade era uma ilusão. Tentamos reunir o máximo de informações possível, mas temos plena consciência da incompletude intrínseca de qualquer pesquisa acadêmica.

Com relação aos bancos de dados, utilizamos fontes disponíveis pela internet. O *site* da Estante Virtual, embora bastante completo, não tem rigor científico, e as informações são fornecidas pelos livreiros, e quando incluídas nesta pesquisa, tiveram de ser conferidas, uma a uma, pela aquisição dos livros ou contatando cada loja ou fornecedor, já que, em alguns casos, o ano da edição ou até mesmo o nome da editora podiam ter sido digitados sem muita precisão.

Outro aspecto delicado foi relacionado aos problemas nos bancos de dados oficiais. O *site* da Fundação Biblioteca Nacional, por exemplo, que deveria conter o registro de todos os livros publicados no Brasil, sendo a base para qualquer levantamento de obras literárias no país, esteve inacessível por algum tempo e ficou “fora do ar” em muitos finais de semana, tornando a pesquisa mais morosa. Também foi bastante trabalhosa a coleta de dados referente às publicações de Portugal, pois a Biblioteca Nacional daquele país também não tinha a lista completa das publicações. No caso das traduções publicadas em Portugal, tivemos de visitar também os *websites* das bibliotecas municipais, e fizemos contato com diversos “alfarrabistas”⁵, que nos ajudaram a preencher algumas lacunas.

⁵ Alfarrabista é o termo usado em Portugal para referir-se às lojas de livros usados ou antigos (equivalente aos “sebos” do Brasil).

4. LINGUÍSTICA DE *CORPUS*, FERRAMENTAS COMPUTACIONAIS E O *CORPUS* DE ESTUDO

A Linguística de *Corpus* (LC), ramo da Linguística Aplicada com a qual já trabalhamos há mais de uma década, tem recursos valiosíssimos para ajudar na compilação, classificação, seleção e análise de textos. A LC é uma área da Linguística que se ocupa da coleta e análise de *corpus*, que é um conjunto de dados linguísticos coletados criteriosamente para ser objeto de pesquisa linguística (BERBER SARDINHA, 2004). Como será abordado em maiores detalhes no Capítulo 3, contamos também com algumas ferramentas computacionais que nos ajudaram a sistematizar as buscas. Com relação ao *corpus* de estudo, embora tenhamos adquirido quase todas as traduções de *Dr. Jekyll and Mr. Hyde* citadas nesta tese (até mesmo as histórias em quadrinhos, e algumas publicações do livro de Stevenson em espanhol, italiano, francês e na variante lusitana do português) e, portanto, tenhamos acesso ao conteúdo de todas elas, dadas as limitações de tempo, seria inexequível analisar um *corpus* tão extenso. Assim, embora nosso primeiro impulso fosse comparar todas as traduções – quase uma centena de textos diferentes – acabamos criando critérios de seleção das obras a serem analisadas e definimos as abordagens para a análise. Tais critérios e abordagens também serão aprofundados no Capítulo 4 desta tese. Por fim, para a análise, usamos também, para um balizamento melhor, o *Corpus* do Português, dos professores Mark Davies e Michael J. Ferreira, da Universidade Georgetown, de Washington, D.C., EUA.

5. OBJETIVOS DA PESQUISA

Esta pesquisa teve o objetivo geral de fazer um levantamento quantitativo e qualitativo das traduções e adaptações de *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde* publicadas em português desde o lançamento do texto original de Stevenson em 1886. Os objetivos específicos foram: fazer uma análise macrotextual das traduções, adaptações e reescritas do texto publicadas no Brasil; analisar do ponto de vista textual e lexical determinados aspectos de algumas das traduções selecionadas, por meio de uma comparação entre três traduções e a obra original; e fazer um levantamento das demais refrações de *Dr. Jekyll and Mr. Hyde*, com ênfase nos textos que circulam ou circularam no Brasil.

6. ESTRUTURA DA TESE

Esta tese divide-se em seis capítulos, a saber:

Capítulo 1, intitulado ***Tusitala, uma vida entre médicos e monstros***, onde serão abordados aspectos biográficos de Robert Louis Stevenson. Há disponíveis diversas biografias de Stevenson na internet, mas a grande maioria delas apresenta sempre as mesmas informações, abordadas de forma superficial e, em alguns casos, tendenciosa. Assim, recorreremos a livros biográficos escritos por especialistas na vida e na obra de Stevenson, enfocando principalmente os fatos que tinham relação e relevância para a composição de *Dr. Jekyll and Mr. Hyde*.

Após traçarmos um perfil biográfico de Stevenson, **o Capítulo 2**, intitulado ***Reflexões sobre Dr. Jekyll and Mr. Hyde por escritores, críticos e pesquisadores***, aborda as opiniões de especialistas e acadêmicos sobre a obra objeto desta tese, mostrando sua recepção inicial junto aos leitores, escritores e críticos, agrupadas segundo algumas temáticas atribuídas à narrativa.

O Capítulo 3, intitulado ***Fundamentação teórica***, traz a base para a análise realizada. A primeira ciência na qual esta pesquisa se apoia é a Linguística de *Corpus* (LC) e suas ferramentas computacionais. Além disso, as ideias sintetizadas por John Milton (2002) sobre a (im)possibilidade de tradução dos dialetos e sobre aspectos relevantes às traduções e adaptações (MILTON, 2010) servirão de base para a fundamentação teórica. A análise das opções de tradução irá basear-se nas edições anotadas, publicadas em inglês e na tipologia dos significados, segundo Mona Baker. As diferentes refrações da obra *Dr. Jekyll and Mr. Hyde*, tanto em português quanto em inglês, serão elencadas segundo os pressupostos da Teoria da Refração, de André Lefevere (1992a).

No **Capítulo 4**, intitulado ***Dr. Jekyll and Mr. Hyde transforma-se em O Médico e o Monstro***, primeiramente é apresentada a trajetória do livro em português, sendo abordados os principais tipos de tradução e adaptações publicadas em nossa língua, tanto no Brasil quanto em Portugal. A seguir, são apresentadas as três obras selecionadas para a análise contrastiva desenvolvida no capítulo seguinte. Por fim, são elencados os fenômenos editoriais que foram detectados durante os levantamentos realizados.

No **Capítulo 5**, intitulado *Dr. Jekyll and Mr. Hyde X O Médico e o Monstro* são analisadas comparativamente três traduções contemporâneas, tendo como tópicos de análise alguns termos, expressões e estruturas sintáticas previamente levantadas por estudiosos da obra em questão. Tal análise tem finalidade descritiva, e não avaliativa, pois não visa a determinar a adequação das opções, mas sim levantar as estratégias empregadas, e quais opções se basearam nos tópicos presentes nas publicações anotadas.

No **Capítulo 6**, intitulado **O universo em expansão: refrações e adaptações teatrais e cinematográficas**, procuramos fazer um levantamento das obras (livros, peças de teatro e filmes de cinema) consideradas refrações da obra objeto desta pesquisa. Os diferentes tipos de refrações são levantados, e são dados alguns exemplos de cada um deles, principalmente aqueles escritos em língua portuguesa.

A seguir, são apresentadas as **Considerações finais**, sintetizando o trabalho realizado. A tese encerra-se com **Referências** e cinco apêndices, a saber: **Apêndice A**, contendo uma lista das traduções de *Dr. Jekyll and Mr. Hyde* publicadas em língua portuguesa encontradas ao longo desta pesquisa. O **Apêndice B** traz um quadro resumido dos aspectos lexicais, sintáticos e fraseológicos que foram analisados nas três traduções selecionadas. No **Apêndice C** são elencadas as adaptações cinematográficas de *Dr. Jekyll and Mr. Hyde*. No **Apêndice D**, são apresentados os artigos científicos e livros que se destacaram ao pesquisar a literatura científica e os textos de divulgação de informações (jornais e revistas), usando como palavras de busca os nomes dos personagens principais do livro *Dr. Jekyll and Mr. Hyde*. Por fim, no **Apêndice E** são apresentados alguns produtos encontrados ao longo desta pesquisa (jogos, objetos colecionáveis, bens de consumo) que fazem referência à obra pesquisada, bem como os livros e filmes com personagens inspirados em *Jekyll and Hyde*.

CAPÍTULO 1 - TUSITALA UMA VIDA ENTRE MÉDICOS E MONSTROS: BIOGRAFIA DE STEVENSON FOCADA NOS ASPECTOS RELACIONADOS À OBRA EM ANÁLISE

Neste capítulo serão abordados aspectos biográficos de Robert Louis Stevenson. Há disponíveis diversas biografias de Stevenson na internet, mas basta uma análise mais detida para perceber que a grande maioria delas é repetitiva, superficial e, em alguns casos, tendenciosa. Para conseguir superar essa barreira, e já que nos artigos científicos pesquisados conseguíamos pouquíssimas informações sobre o autor, recorreremos a livros biográficos escritos por especialistas na vida e na obra de Stevenson. Abordaremos os principais momentos da vida do escritor de *Dr. Jekyll and Mr. Hyde*, analisando principalmente as influências que os fatos vividos tiveram sobre a personalidade do autor e sobre a obra analisada nesta tese.

1.1 PRIMÓRDIOS

Segundo nos esclarece Claire Harman⁶ (2005, p. 2-18), a genealogia de Stevenson é repleta de mortes, perdas, separações e pessoas com nomes repetidos. Para deixar mais claras as raízes do escritor, tão importantes na construção de seu caráter e de sua temática literária, apresentaremos a seguir um resumo esquemático dos principais acontecimentos, desde meados do século XVIII, até o nascimento do autor de *Dr. Jekyll and Mr. Hyde*.

Dois irmãos, de sobrenome Stevenson, eram comerciantes e parceiros em suas viagens entre Glasgow e as Índias Ocidentais. Ambos morreram repentinamente de uma doença tropical, num intervalo de seis semanas entre um e outro. Jean, a viúva do irmão mais novo, tendo um filho pequeno para criar, ficou desamparada. Casou-se novamente e teve mais dois filhos. Esse segundo casamento acabou em separação. Nessa época, Jean morava em Edimburgo, onde conheceu e se casou com seu terceiro marido: Thomas Smith, ferreiro e proprietário de embarcações.

⁶ Escritora de sucesso, biógrafa premiada e professora da Faculdade de Artes da *Columbia University*.

Thomas Smith era talentoso e engenhoso, criou um comércio de lâmpadas e óleos combustíveis, administrou uma empresa que chamava *Greenside Company's Works* em Edimburgo e inventou um novo sistema de lâmpadas a óleo para faróis marítimos, para substituir os antigos sinais luminosos a carvão.

Robert Stevenson, enteado de Thomas Smith, associou-se ao padraсто e juntos construíram nove faróis entre 1786 e 1806⁷. Robert teve treze filhos, mas apenas cinco sobreviveram à infância e três deles (David, Alan e Thomas) seguiram os negócios da família. O mais novo, Thomas, era o menos interessado no ofício.

Religioso e extremamente melancólico, segundo o biógrafo John Cairney, Thomas Stevenson parecia ser pautado pelo medo de cometer pecados, pelas leituras religiosas e pelo pavor da força de Deus a julgar os atos e pecados das pessoas. Thomas formou-se em engenharia civil, e chegou a ser famoso por suas publicações técnicas nessa área (GUIGUENO, 2005). Em 1846, com vinte e oito anos de idade, Thomas Stevenson tornou-se sócio no negócio da família e, dois anos mais tarde, casou-se com Margaret Isabella Balfour, de dezenove anos de idade (CAIRNEY, 2004, p. 4). Por seu casamento com Thomas, Margaret adicionou ao seu nome o sobrenome que viria a se celebrar, passando a assinar Margaret Isabella Balfour Stevenson. No verão de 1850, quando estava grávida pela primeira e última vez, o velho Robert Stevenson morre. A perda choca tanto Thomas que, ao nascer seu filho, não pensou em outro nome mais indicado e batizou-o Robert, em homenagem ao pai, falecido pouco mais de quatro meses antes. Na verdade, Thomas resolveu unir o nome de ambos os avós (materno e paterno), e o filho recebeu o nome de Robert Lewis Balfour Stevenson⁸. Na ocasião, segundo nos informa Christine Alexander, a família morava em uma casa no número 8 da *Howard Place*, em Edimburgo (ALEXANDER, 2013, p. xi).

O nome Lewis era extremamente disputado na família de Margaret, sendo que dois primos com o nome Lewis Balfour nasceram no mesmo ano que Stevenson. Dois anos antes, havia nascido Lewis Henry e em 1842 e 1851 outros dois primos de Stevenson nasceram e foram batizados também com o nome Lewis.

⁷ Segundo o *site* Scotlands People, disponível em

<http://www.scotlandspeople.gov.uk/content/help/index.aspx?r=546&1170>. Acesso em: 21.fev.2014.

⁸ Na mocidade, Stevenson, procurando dar a seu nome um sabor mais “francês”, substitui Lewis por Louis.

Margaret, mãe do autor de *Dr. Jekyll and Mr. Hyde*, ficou extremamente doente após o nascimento do filho. Assumindo uma postura radical e própria de seu caráter religioso, Thomas decidiu que a esposa não deveria mais engravidar, para não arriscar sua vida. E assim foi: durante os 37 anos que durou o casamento de Thomas e Margaret, eles não tiveram outros filhos. Nem por isso Stevenson teve uma família pequena, já que, contando apenas seus primos de primeiro grau, somavam-se mais de 50. (HARMAN, 2005, p. 17)

1.2 INFÂNCIA

O amor pelos escritos manifestou-se desde muito cedo em Stevenson. Segundo Leonard Wolf (2005, p.10), quando tinha seis anos de idade, ele ditou sua primeira “obra”, *History of Moses*, para que sua mãe a passasse para o papel. Seu primeiro livro foi acompanhado de diversos desenhos ilustrativos, feitos por ele mesmo. A Figura 1 reproduz um desses desenhos. Mais tarde, aos sete anos, Stevenson escreveu *The Book of Joseph*. De acordo com Christine Alexander, o segundo texto continha, logo abaixo do título, a inscrição: “by R.L.B.S., the author of *History of Moses*” (ALEXANDER, 2013, p.12). Em ambas as obras, fica clara a forte influência religiosa, a noção de céu e inferno e a importância dada por Stevenson à justiça divina.

FIGURA 1. “Israelites sketch”, desenho feito por Stevenson aos seis anos de idade.

Fonte: Galeria digital da *National Library of Scotland* [NLS]. Disponível em <http://digital.nls.uk/rstevenson/pics/picture-a6.html>. Acesso em: 20.jan.2014.

Os vários ensaios autobiográficos e livros de memórias de Stevenson deixam impressões contrastantes de sua infância. Por um lado, o garoto experimentou prazeres idílicos, como os descritos em ensaios como “The Manse” e “Child’s Play” e nos poemas “My Kingdom” e “Foreign Lands”, e por outro, foi uma época de doenças crônicas e grandes horrores (HARMAN, 2005, p. 20). Nessa época, seu pai (ver Fig. 2) costumava dar a ele diversos apelidos, entre eles os que chegaram à adolescência foram “*Smout*⁹” e “*Smoutie*” (ALEXANDER, 2013, p. x). Sendo assim, fica complexo saber se a revolta e o ateísmo que surgem posteriormente em sua vida, bem como a criação de personagens como Dr. Jekyll e Mr. Hyde têm relação com esses horrores sofridos na infância.

FIGURA 2. Thomas Stevenson e seu filho Robert Louis¹⁰, aos nove anos de idade.

Fonte: RLS Website. Disponível em <http://www.robert-louis-stevenson.org/early-years-one>.

Acesso em: 21.jan.2014

⁹ *Smout* significa “salmão frito” em escocês e *smoutie* é a forma diminutiva do termo - embora aparentemente carinhosos, esses apelidos podem ser entendidos como uma maneira de menosprezar o rapaz, ao salientar sua magreza extrema.

¹⁰ Na época, ainda sob o nome de batismo Robert Lewis.

1.2.1 Cummy

Em maio de 1857, Stevenson mudou de casa novamente, sempre por recomendação médica, procurando um ambiente menos úmido e mais arejado. Alison Cunningham, sua terceira babá, (conhecida como Cummy) tinha começado a trabalhar com eles, quando a família Stevenson se mudou para uma casa em New Town ao sul do elegante bairro de Queen Street Gardens (CAIRNEY, 2004, p. 7).

Durante a infância, nas longas noites de febre, Stevenson passou a ser acompanhado de perto por sua babá dedicada. Cummy contava histórias bíblicas ao garoto, sempre salientando com cores fortes os perigos de se desobedecer aos desígnios divinos. Segundo Christine Alexander, a relação entre Stevenson e Cummy era bastante contraditória, já que, por um lado ele a chamou de “*the angel of my infant life*” [o anjo da minha infância¹¹] em uma dedicatória da obra *A Child's Garden of Verses*; mas também a considerava responsável pela maioria de seus pesadelos de garoto, que eram bem frequentes e tinham como tema o diabo e a “*damnation*” [danação], devido à postura calvinista extremista de Cummy (2013, p. xvii).

A babá era capaz de entretê-lo com histórias dramáticas e mórbidas sobre os protestantes escoceses, e complementá-las com passeios ao cemitério Greyfriars, para visitar os túmulos (p. xviii). Não há como negar que Cummy foi dedicada e carinhosa. Entretanto, sendo uma calvinista fervorosa, com ódio fanático aos católicos, ela conseguiu transformar Stevenson em uma criança obcecada pelo inferno, fanática por cantar hinos religiosos e tendenciosa ao analisar as passagens bíblicas (CAIRNEY, 2004, p. 8).

A Figura 3 mostra a família Stevenson e algumas de suas empregadas, entre elas, à direita da imagem, Cummy.

¹¹ Ao longo de toda esta tese, as citações em inglês no original serão traduzidas a seguir, entre colchetes. Tais traduções, exceto quando informado no texto, foram feitas pela pesquisadora, procurando ser o mais literal possível, já que o objetivo é informar o conteúdo da citação.

FIGURA 3. A família Stevenson e algumas de suas empregadas (da esquerda para direita, duas empregadas, pai e mãe, o jovem Stevenson e a babá Cummy).

Fonte: RLS Website. Disponível em <http://www.robert-louis-stevenson.org/early-years-one>. Acesso em: 21.jan.2014

1.3 JUVENTUDE

A relação de Stevenson com seu pai foi bastante conflituosa. Thomas Stevenson era um homem prático, interessado em história natural e ciências em geral, mas também gostava de história e de contos de aventura. Assim como seu pai e seu avô antes dele, Thomas era um distinto construtor de faróis marítimos e engenheiro naval (ALEXANDER, 2013 p. xiii), e evidentemente acalentava o sonho de seu filho seguir a tradição familiar. Assim, durante muitos anos o pai leva Stevenson em viagens, para tentar fazer surgir no garoto o gosto pelo mar e pelas construções que tornaram seus antepassados famosos no ramo de faróis e iluminação marítima. Aos dezesseis anos, Stevenson entra na Universidade de Edimburgo, para estudar engenharia (a fim de seguir a carreira de seus familiares). Entretanto, o convívio com a vida universitária trouxe a Stevenson novas perspectivas. Como recebia uma pequena mesada do pai, não podia se aventurar a circular em ambientes mais abastados. Sendo assim, Stevenson passa a conviver

com marinheiros, limpadores de chaminé e ladrões, além, é claro, das prostitutas baratas que acabaram apelidando carinhosamente o cliente de “*Velvet Coat*” [casaco de veludo] (DAICHES, 1947). Nessa época, como citado anteriormente, Stevenson, procurando mostrar uma origem mais requintada, afrancesou o nome “Lewis” para “Louis” (CAIRNEY, 2004, p. 4). Segundo Wolf (2005, p.12), por falta de recursos financeiros e sendo impelido aos prazeres de baixo custo, Stevenson acabou descobrindo a fanfarronice, as piadas, a vida nas classes mais baixas e o ateísmo.

O pai, religioso de fé fervorosa, sentia-se traído por ter um filho promíscuo, mundano e, acima de tudo, ateu. Naquela época, Thomas usava um linguajar agressivo para referir-se a Stevenson. Em abril de 1871, Stevenson informa ao pai que vai desistir do curso de engenharia. Para amenizar a situação, Stevenson passa a se dedicar a estudar advocacia, e promete a seu pai que vai prestar a prova para ser advogado na Escócia. Em 1873, o pai de Stevenson, por influência de um conhecido (Edward Strathearn Gordon), decide que o filho deve ir à Londres, para tornar-se membro do corpo jurídico da capital inglesa. A mudança agrada Stevenson, que continua tendo problemas de relacionamento com o pai e, portanto, entende esse distanciamento como um alívio. O clima londrino é desfavorável à saúde frágil de Stevenson, e um médico consultado recomenda que ele vá para o sul da França. A Riviera Francesa era a área favorita para os londrinos que queriam fugir do frio inglês, e foi ali que Stevenson fixou residência. Sua saúde, contudo, não melhorou e os longos períodos em que ficou acamado serviram para que sua veia de escritor fosse aprimorada. (BALFOUR, 1901, *apud* WOLF, 2005, p.13).

Na primavera seguinte, Stevenson volta para a Escócia, para retomar seus estudos de advocacia. Em 1875, ele se forma e passa no exame da associação de advogados da Escócia, mas sua carreira como advogado não vai além desse ponto. De volta à França, mais uma vez por questões de saúde, ele acaba conhecendo um grupo de pintores e artistas e passa a frequentar jantares, exposições, excursões pela floresta e eventos sociais (WOLF, 2005, p. 14). Ele tornou-se amigo próximo de grandes homens literários de sua época, incluindo Leslie Stephen, W.E. Henley e Edmund Gosse, assim como Henry James, com quem Stevenson passou uma grande parte do tempo durante os anos em que ambos viviam em Bournemouth (DAVIDSON, 2004, p. xviii). Nessa época, Stevenson fez uma viagem de barco, que

foi imortalizada em seu primeiro livro publicado (*The Inland Voyage*, 1878), considerado um texto pioneiro da “*outdoor literature*” [literatura ao ar livre].

Em termos de conduta e de opção religiosa, o autor estava muito a frente de seu tempo. Segundo Jenny Davidson, Stevenson adotou uma postura mais comumente associada com a década de 1970 do que com a década de 1870, a de “*liberal bohemian*” [boêmio liberal] (DAVIDSON, 2003, p. xvii), rejeitando as crenças religiosas que havia aprendido de seus pais, buscando relações afetivas e sexuais consideradas ilícitas, e condenando a hipocrisia e a crueldade que ele associava à respeitabilidade burguesa da sociedade escocesa.

Contudo, Stevenson representava a fusão de dois genitores bastante distintos. Para seu pai, o meio copo d’água estava sempre meio vazio, e para sua mãe, estava sempre cheio. Ambas as maneiras de encarar a vida ficaram surpreendentemente aparentes à medida que Stevenson chegava à vida adulta. Ele sempre caminhou entre os opostos representados por Thomas e Margaret (CAIRNEY, 2004, p. 6-7).

Hilary Beattie¹² (2001) analisa a difícil relação entre Stevenson e seu pai Thomas. A autora classifica Thomas Stevenson como sendo um homem “*moody, conflicted, and passionately possessive*” [temperamental, conflituoso e passionavelmente possessivo]. *Dr. Jekyll and Mr. Hyde* representaria, para a pesquisadora, a concretização da luta de Stevenson contra a culpa religiosa e a conformidade social, buscando sua identidade como escritor.

Na análise de Beattie, essas relações conflitantes seriam a origem da depressão grave e das doenças físicas de ambos. Para a pesquisadora, escrever *Dr. Jekyll and Mr. Hyde* pode ter sido uma válvula de escape para Stevenson ou, nas palavras de Beattie, “*an act of exorcism and expiation*” [um ato de exorcismo e expiação] que serviu para ajudar Stevenson a superar a morte do pai e prosseguir sua vida produtiva como escritor.

¹² Doutorado em Psicologia Clínica pela Universidade de Nova York, especializou-se em Literatura, estudando primeiramente as relações de Stevenson com seu pai, voltando-se posteriormente para a análise das relações de Stevenson com sua mãe e com as demais mulheres de sua vida.

1.4 CASAMENTO

Nascida Frances Matilda Van de Grift, Fanny Osbourne não era bonita nem talentosa. “*She wasn’t even free to marry*¹³” [Ela nem ao menos era livre para se casar] (CAIRNEY, 2004, p. 59). Nascida no estado americano de Indiana, em 10 de março de 1840, Fanny era descendente de holandeses e suecos, sendo dez anos mais velha que Stevenson (ver Fig. 4). Fanny, embora ainda oficialmente casada, viaja sem o marido, apenas com os filhos, para refletir sobre o seu relacionamento. Nessa viagem, Fanny conhece Stevenson em um bar, e rapidamente surge uma afinidade entre ambos. Essa mulher, casada e com filhos, passa a ser companhia constante do promissor jovem escritor. Em pouco tempo tornam-se amantes, e não se esforçavam para esconder o fato nem mesmo dos pais de Stevenson.

FIGURA 4. Fanny em Bournemouth (1885).

Fonte: *Beinecke Rare Book and Manuscript Library*, Yale University. Disponível em <http://www.robert-louis-stevenson.org/marriage-bournemouth-1880s>. Acesso em: 24.jan.2014

Na opinião dos amigos, o Stevenson nunca mais foi o mesmo depois que conheceu Fanny Osbourne. Segundo o biógrafo John Cairney, a partir desse

¹³ Já que, pelas leis vigentes na época, mesmo que ela se separasse do marido (Sam), não poderia contrair matrimônio novamente.

momento, em 1876, a personalidade de Stevenson “*underwent a metamorphosis*” [sofreu uma metamorfose] (2004, p. 59). Cairney refere-se ao fato de Stevenson, que era bastante próximo dos amigos, passar a se interessar apenas por Fanny, tornando-se inclusive uma pessoa deprimida.

Em agosto de 1878, contudo, Fanny volta para os Estados Unidos, onde seu marido Samuel Osbourne a aguardava. Fanny havia se casado aos 17 anos com Sam Osbourne. Segundo Wolf, Sam era “*incapable of fidelity or of responsibility*” [incapaz de ser fiel e de ter responsabilidade] (p. 18). Por esses mesmos motivos, aliados à grande tristeza de Stevenson com a partida dela, os dois (Stevenson e Fanny) acabaram se reencontrando e reatando o relacionamento amoroso. Desde então, Stevenson passou o restante de sua vida ao lado de Fanny.

Dos filhos de Fanny, Isobel nasceu em 1858; Samuel Lloyd, em 1868; e Hervey, em 1871. Este último morreu aos cinco anos de idade, em abril de 1876. Fanny era uma mulher forte e decidida, enfrentava os infortúnios da vida com coragem. Por outro lado, enfrentava crises depressivas e, nos últimos anos de vida, sua sanidade mental foi questionada por alguns médicos que a examinaram.

1.5 DOENÇA

Stevenson desde cedo revelou ter uma saúde frágil. Teve difteria aos três anos e, em seus primeiros nove anos de vida, além de inúmeros resfriados e estados febris, o jovem Stevenson também teve bronquite, febre tifoide, coqueluche, catapora e escarlatina, segundo informações que sua mãe Margaret registrou em um diário (HARMAN, 2005, p. 18).

Ao amadurecer, sua saúde se deteriorou ainda mais. Começou com sintomas de “*blood-spitting*” [cuspir sangue] aos 30 anos, o que certamente indicava a presença de uma doença mais grave. Entretanto, não é possível afirmar que fosse tuberculose, pois ele também poderia ser hipertenso, ter problemas cardíacos, consequências de uma sífilis mal curada ou uma combinação de mais de uma dessas moléstias. A causa de sua morte, aos 44 anos, foi registrada como hemorragia cerebral (HARMAN, 2005, p. xvii).

1.6 A ESCRITA DE *DR. JEKYLL AND MR. HYDE*

Stevenson, já adulto, frequentemente usava uma mistura de vinho, tintura de ópio e haxixe para conseguir suportar as noites de insônia que sua doença lhe proporcionava (WOLF, 2005, p. 128). Além disso, por meio de sua experiência direta com cocaína medicinal e láudano, ele conhecia bem a sensação de “*cross the boundary between the real and the hallucinatory*” [cruzar a fronteira entre o real e as alucinações]. Isso levou o autor a se questionar sobre quanta alucinação há na realidade, e quão reais seriam as alucinações. Segundo John Cairney, Stevenson desde jovem também teria conhecimento das experiências do Dr. James Simpson com clorofórmio. Walter, o filho do Dr. Simpson, era amigo de Stevenson e chegou a levar o colega para conhecer o laboratório em que seu pai fazia seus experimentos (CAIRNEY, 2004, p. 109).

A Figura 5 apresenta uma imagem clássica que ilustra as primeiras experiências do Dr. Simpson e colegas com o uso do clorofórmio por volta de 1840. A imagem revela uma atmosfera bastante parecida com a que Stevenson descreveu no livro *Dr. Jekyll and Mr. Hyde* como sendo o laboratório do Dr. Jekyll.

FIGURA 5. Imagem clássica do laboratório do Dr. James Simpson.

Fonte: Ecosse etudiante. Disponível em <http://ecosseetudiante.files.wordpress.com/2012/06/simpson-experimenting018.jpg?w=300&h=182>
Acesso em: 21.jan.2013.

Não podemos afirmar que Stevenson tenha tido acesso aos experimentos. Contudo, até mesmo a rainha Victoria foi sedada com clorofórmio durante o parto de seu nono filho (príncipe Leopoldo), em 1853. Por essa razão, o uso de clorofórmio ganhou aprovação real desde então. Desse modo, fica claro que Stevenson teve acesso a relatos sobre os efeitos anestésicos, alucinógenos e hipnóticos¹⁴ do clorofórmio.

Mas seria injusto atribuir à química e às alucinações a força da escrita e a criatividade do escritor. Desde criança, o passatempo favorito de Stevenson era seu teatrinho de fantoches: ali ele criava histórias, fazia representações e inventava suas narrativas. Em seu ensaio “A Penny Plain and Two-pence Coloured” (1884), o autor atribui as origens de sua técnica de escritor às horas que passou com o teatrinho de fantoches (ALEXANDER, 2013, p. xxi). Para Stevenson, o trabalho sempre foi um refúgio. Segundo Philip Callow, Stevenson acreditava que sua atividade criativa prosseguia mesmo durante o sono. Assim, é possível entender sua frustração quando foi acordado por Fanny nas primeiras horas de uma manhã em que tinha sonhos muito interessantes. (CALLOW, 2001, p.201). Em uma entrevista concedida a um repórter do *New York Herald* em sua chegada aos Estados Unidos em setembro 1887, o próprio autor enfatizou a importância de a história de *Dr. Jekyll and Mr. Hyde* ter se originado de um sonho (como será explicado em mais detalhes, adiante neste capítulo). Esse fato foi sempre considerado importante pelos leitores (por intensificar a ideia de que a história tinha um conteúdo sobrenatural); pelos divulgadores do mito Stevenson (como prova de sua extrema receptividade à inspiração); e por Fanny Stevenson (já que a história do sonho apontava a importância fundamental da esposa na composição das obras do marido). (HARMAN, 2005, p. 295-297).

Assim, esta passa a ser a história oficial da gênese do livro, e aquela que Fanny contou a diversos biógrafos: ao acordar certa manhã, Stevenson diz que teve

¹⁴ Aqui o termo “hipnótico” é usado no sentido farmacológico, ou seja, para significar “substância que induz o sono”.

um sonho inspirador e que queria se recolher ao escritório e não deveria ser importunado “*even if the house caught fire*” [nem se a casa pegasse fogo]. Lloyd, seu enteado, passando pela porta de Stevenson, diversas vezes viu o padraсто trabalhando freneticamente, página após página, sem interrupção. Ao fim de três dias desses rabiscos agitados, ele anunciou que o livro estava acabado (CALLOW, 2001, p. 201).

Segundo a esposa de Stevenson contou em uma carta para o biógrafo Graham Balfour (*apud* Harman 2005, p. 296), a primeira versão do texto foi rejeitada por Fanny, e Stevenson, enfurecido, atirou os originais na lareira acesa. Segundo ela, na história original *Dr. Jekyll* era totalmente mau, e *Mr. Hyde* era apenas um disfarce. Mais três dias de trabalho intenso e surge o texto que conhecemos nos dias atuais. Fanny aprovou totalmente a nova versão. Stevenson revisou e poliu o texto por mais seis semanas, e despachou o manuscrito para seu editor. A Figura 6 nos mostra as capas das primeiras edições de *Dr. Jekyll & Mr. Hyde* nos EUA: *Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde* (George Munro, *Seaside Library Pocket Edition*, 1886) (esquerda) e *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde* (John W. Lovell Company, *Lovell's Library*, 1886) (direita).

FIGURA 6. Capas originais das primeiras edições de *Dr. Jekyll & Mr. Hyde* nos EUA, ambas lançadas em 1886.

Fonte: University Libraries Rare Books and Special Collections, Disponível em <http://library.sc.edu/spcoll/britlit/rls/rls6.html>. Acesso em: 12.jun.2014.

1.6.1 A repercussão do livro

Planejado originalmente para ser publicado em capítulos pela editora atualmente denominada Longman¹⁵, o texto de Stevenson acabou sendo publicado quase simultaneamente na Europa e nos Estados Unidos (neste país, por duas editoras diferentes simultaneamente).

Segundo Harman (2005, p. 304), de imediato, o livro causou furor. Dos amigos de Stevenson, Henry James¹⁶ “*complained of the book’s sensationalism*” [reclamou do sensacionalismo do livro], Frederic Myers¹⁷ “*sent a long list of possible revisions and refinements*” [enviou uma longa lista de possíveis revisões e aperfeiçoamentos] e John Symonds¹⁸ escreveu: “*It is indeed a dreadful book, most dreadful because of a certain moral callousness, a want of sympathy, a shutting out of hope*” [Na verdade, é um livro terrível, mais terrível ainda, por causa de uma certa insensibilidade moral, pela falta de solidariedade, pela falta de esperança], e ainda acrescentou: “*Most of us at some epoch of our lives have been upon the verge of developing a Mr. Hyde*” [A maioria de nós, em alguma época de nossas vidas, sentiu-se na iminência de desenvolver um Mr. Hyde] (SYMONDS, 1969, p. 120-1).

Em Glasgow, segundo Philip Callow, o texto de Stevenson foi abordado por um pastor em seu sermão e há indícios de que a rainha Victoria tenha lido a história de Dr. Jekyll e Mr. Hyde. O livro foi um sucesso rápido em ambos os lados do Atlântico. De janeiro a junho de 1886 foram vendidos quarenta mil exemplares de *Dr. Jekyll and Mr. Hyde* apenas na Grã-Bretanha (CALLOW, 2001, p. 202). Além das 40.000 cópias vendidas inicialmente na Grã-Bretanha, aproximadamente 250.000 cópias (entre legais e piratas) foram vendidas na América do Norte logo após o lançamento (HARMAN, 2005, p. 307). Ao atracar em Nova York, com sua família, em 1887, Stevenson descobre que tinha se tornado uma celebridade. *Dr. Jekyll and Mr. Hyde* era o motivo de tanta fama. Ainda na embarcação, Stevenson foi informado de que o capitão do navio e seu ajudante tinham sido apelidados de “Hyde” e “Jekyll”, respectivamente (CALLOW, 2001, p. 211). Algumas semanas

¹⁵ Na época, denominada Longmans, Green & Co.

¹⁶ Escritor estadunidense (1843-1916), considerado uma das principais figuras do realismo na literatura do século XIX.

¹⁷ F.W.H. Myers, fundador da *Society for Psychical Research*, da qual Stevenson era membro.

¹⁸ John Symonds, amigo pessoal de Stevenson, trocou correspondências com ele na época do lançamento do livro, e muitas dessas cartas foram publicadas pela Wayne State University Press, em 1969.

depois de sua chegada aos EUA, e claramente motivado pelo interesse que os jornalistas demonstraram pela história do sonho gerador de inspirações, Stevenson escreve “A Chapter on Dreams”, um ensaio elaborando essa ideia de seu subconsciente como uma máquina produtora de textos (HARMAN, 2005, p. 298).

Nesse texto, Stevenson apresenta aos leitores seus “*brownies*”¹⁹, que seriam pequenas entidades que o ajudariam a criar, como podemos ver no trecho a seguir:

[...], *what shall I say they are but just my Brownies, God bless them! who do one-half my work for me while I am fast asleep, and in all human likelihood, do the rest for me as well, when I am wide awake and fondly suppose I do it for myself. That part which is done while I am sleeping is the Brownies' part beyond contention; but that which is done when I am up and about is by no means necessarily mine, since all goes to show the Brownies have a hand in it even then.* [...] o que devo dizer que sejam, senão apenas meus *Brownies*, Deus os abençoe! Eles fazem a metade do trabalho para mim, enquanto estou dormindo, e muito provavelmente, fazem o resto também, quando estou acordado e suponho ingenuamente que estou fazendo o trabalho por mim mesmo. Essa parte que é feita enquanto estou dormindo é trabalho dos *Brownies* indiscutivelmente; mas o que é feito quando estou acordado e consciente não é necessariamente de minha autoria, já que tudo mostra um toque dos *Brownies* mesmo nesses momentos] (STEVENSON, 2010, p. 187).

Tanto o tema dos “sonhos” quanto os “*Brownies*” foram citados por Stevenson nessa época, e foram praticamente esquecidos mais adiante na vida do autor. Entretanto, o fato de Stevenson citar a existência de “pequenas pessoas” dentro da mente humana, as quais seriam capazes de influenciar tanto os atos da pessoa desperta quanto seus pensamentos e criações durante o sono, nos parece uma maneira de o autor se justificar (e talvez se eximir da culpa) de ter criado *Dr. Jekyll and Mr. Hyde*.

1.7 MUDANÇAS CONSTANTES

Entre 1880 e 1887, por questões de saúde, Stevenson tenta estabelecer residência em diferentes locais da Escócia e Inglaterra. Em 1887, vai para os Estados Unidos, onde fica por pouco tempo. Em junho de 1888 adquire o iate *Casco*. Zarpando de São Francisco (Califórnia), navega pelo Pacífico por quase três

¹⁹ Não há uma tradução consagrada para esse termo, sendo mantido em inglês.

anos. O sucesso de *Dr. Jekyll and Mr. Hyde* havia tornado Stevenson famoso e muito rico, o que permitia que ele, sua esposa, os filhos dela e a mãe de Stevenson viajassem por muitos meses sem se preocuparem com os gastos oriundos dessas viagens marítimas. Nessa jornada, Stevenson passa pelas ilhas do Havaí, Taiti, Nova Zelândia, até chegar às ilhas Samoa. Além de outras obras, nesse período ele escreve *In the South Seas*, que foi publicado postumamente.

1.7.1 Em Samoa

Em 1890, Stevenson compra cerca de 400 hectares (1,6 km²) em Upolu, uma ilha em Samoa. Ali, se estabelece na aldeia de Vailima, onde constrói sua casa, que recebe o nome de Villa Vailima (ver Fig. 7). O autor ficou tão incorporado à cultura de Samoa que até assumiu o nome nativo *Tusitala*, que na língua local significa “*teller of tales*” [contador de histórias]. Segundo nos informa Jenny Davidson (2003, p. xi), em 1892, Stevenson começa a campanha pelos direitos do povo de Samoa, contra as potências ocidentais que tentam controlar a ilha. No ano seguinte, provavelmente como consequência de seu posicionamento, ele é envolvido em acusações que quase culminam com sua expulsão da ilha. Ao conseguir se desvencilhar das acusações, Stevenson adquire *status* de herói nacional.

FIGURA 7. Villa Vailima.

Fonte: Pbase. Disponível em: <http://www.pbase.com/goislands/image/19917895>. Acesso em: 12.jun.2014.

Entretanto, em 3 de dezembro de 1894, enquanto trabalhava em seu romance *Weir of Hermiston*, Stevenson morre de uma hemorragia cerebral. Ele está enterrado no topo do Monte Vaea em Samoa. Uma grande perda para a literatura de língua inglesa, já que Stevenson teria o potencial, não fosse sua morte precoce, de se equiparar aos maiores escritores de língua inglesa. Com *Weir de Hermiston*, por exemplo, Stevenson alcançou um nível de complexidade e profundidade sem precedentes (CAIRNEY, 2004, p. 188). Stevenson parte, deixando como legado trinta e dois volumes de obras literárias, que incluem romances (cerca de trinta livros completos), contos, ensaios, poemas, artigos, melodramas, biografias e três volumes que reúnem suas cartas, consideradas por alguns críticos como de alta qualidade literária (WOLF, 2005, p. 8). Com uma escrita diversificada e criativa, foi autor de obras como *As Novas Mil e uma Noites*, *O Príncipe Otto* e *Nos Mares do Sul*. Um legado bastante relevante, ainda mais se levarmos em consideração o fato de que três de seus romances e meia dúzia de seus contos tornaram-se clássicos. Entre seus livros mais célebres estão *O Médico e o Monstro* e *A Ilha do Tesouro*. Ambos são tão conhecidos do público que, conforme salienta Claire Harman, “*hardly require to be read at all*” [chegam a dispensar sua leitura] (HARMAN, 2005, p. xvi).

Após a morte de Stevenson, Fanny permaneceu em Vailima por alguns anos. Ela mandou construir uma enorme laje de cimento sobre o túmulo de Stevenson, e placas de bronze com a passagem bíblica que traz a famosa frase de Rute para Noemi²⁰, escrito na língua de Samoa e o poema “Requiem”²¹. Este último,

²⁰ “Aonde você for, eu também irei. Onde você viver, eu também viverei. Seu povo será o meu povo, e seu Deus será o meu Deus. Onde você morrer, eu também morrerei e serei sepultada. Somente a morte nos poderá separar. Se eu fizer o contrário, que Javé me castigue!” Fonte: Livro de Rute, Cap. 1, versículos 16,17. Bíblia da CNBB, disponível em: <http://www.bibliacatolica.com.br/biblia-da-cnbb/rute/1/#.U7Hb1bGNwZk>”

atualmente, é extremamente conhecido dos jovens da ilha, foi musicado e consta em diversos livros escolares de Samoa, nos quais Stevenson é tratado como herói.

Com a morte do marido, Fanny fica deprimida e tem dificuldade para lidar com os problemas psicológicos que a perseguiram durante toda a vida. Desorientada e quase insana, a viúva solicitou ao governo da Inglaterra que o arquipélago de Samoa fosse anexado ao império da rainha Victoria, para que o túmulo do escritor passasse a ser localizado em solo britânico. Seus pedidos, segundo Harman (2005, p. 459) foram “*politely ignored by the authorities*” [educadamente ignorados pelas autoridades].

Concluimos este capítulo com as palavras do escrito russo Vladimir Nabokov, que resumem com clareza a trajetória do autor e da obra sobre a qual continuaremos falando ao longo desta tese:

²¹ Requiem:

“Under the wide and starry sky

Dig the grave and let me lie:

Glad did I live and gladly die,

And I laid me down with a will.

This be the verse you 'grave for
me:

Here he lies where he long'd to be;

Home is the sailor, home from the
sea,

And the hunter home from the
hill”

Réquiem:

Sob o vasto e estrelado céu,

Cave a cova e deixa-me só.

Feliz vivi e feliz me vou.

Desço e deixo um pedido.

Eis o verso para lapidar:

Ele está onde sempre quis estar;

O marinheiro chegou do mar,

E o caçador, dos montes é vindo.

Tradução de Edson Negromonte

Fonte:

<http://sucrilhosforever.blogspot.com.br/2009/09/requiem.html>

Fonte: Louis Untermeyer, ed.
(1885–1977). *Modern British
Poetry*. 1920

Mas segundo o provérbio latino também os livros têm o seu destino, e por vezes os destinos dos autores seguem os dos seus livros. E há algo na morte de Stevenson em Samoa, em 1894, que estranhamente imita os temas da bebida e da transformação criados pela sua fantasia. Stevenson tinha acabado de ir buscar à adega uma garrafa de seu Borgonha favorito e estava a abri-la na cozinha, quando subitamente gritou pela mulher: ‘Que se passa comigo, que estranheza é esta, o meu rosto modificou-se?’ – e caiu por terra. Havia-lhe rebentado uma veia no cérebro, e em poucas horas tudo estava acabado. ‘O meu rosto modificou-se?’ Há uma estranha ligação entre o último episódio da vida de Stevenson e as transformações fatais do seu **mais belo livro**. (NABOKOV, 1987, p. 147) [grifo nosso]

CAPÍTULO 2 - REFLEXÕES SOBRE *DR. JEKYLL AND MR. HYDE* POR ESCRITORES, CRÍTICOS E PESQUISADORES

Cada vez mais aumenta o número de pesquisadores interessados em estudar com seriedade a obra, o estilo e a temática de Stevenson. Em 2000, por ocasião do sesquicentenário do nascimento de Stevenson, três conferências foram realizadas: a primeira na Universidade de Stirling²², na Escócia; a segunda, na Normandia, França²³; e a terceira em Little Rock, Arkansas²⁴, EUA (JONES Jr., 2003, p. 2). Desde então, há conferências específicas sobre o autor quase anualmente²⁵, em diferentes partes do mundo (**2002**: *Università degli Studi di Milano*, Itália; **2003**: *The Smithsonian Institute*, Washington, D.C., EUA; **2004**: Edimburgo, Escócia; **2006**: Saranac Lake, N.Y., EUA; **2008**: Bergamo, Itália; **2010**: Stirling, Escócia e Hawaí, EUA; **2011**: Calistoga, CA., EUA e Oxford, Reino Unido; **2013**: Sydney, Austrália).

Nesta última conferência (RLS2013, “*Stevenson, Time and History*”), realizada na *University of New South Wales*, fizemos contato com stevensonistas do mundo todo e tivemos a oportunidade de apresentar uma parte das pesquisas que culminaram com a redação desta tese. Na ocasião, além de lançamentos especiais (como os escritos de Stevenson adolescente, reunidos em *Robert Louis Stevenson First Writings*, por Christine Alexander e Elise McPherson, publicados pela Juvenilia Press), foram realizadas excursões a pontos frequentados por Stevenson, quando visitava a capital australiana. Na biblioteca de New South Wales, pudemos ver quadros que retratam locais visitados ou habitados pelo autor, além de documentos da época em que Stevenson esteve na Austrália.

Das centenas de artigos apresentados nas conferências citadas anteriormente, ou publicados nos periódicos ou *blogs*²⁶ que se dedicam ao autor, abordaremos a seguir apenas aqueles mais relacionados ao nosso objeto de estudo,

²² ‘*Stevenson, Scotland and Samoa*’; promoção: *Department of English Studies*.

²³ ‘*Stevenson, Doyle*’; promoção: *Centre Culturel International de Cerisy-la-Salle*.

²⁴ ‘*RLS 2000: Celebrating 150 Years of Robert Louis Stevenson in Literature and Popular Culture*’, promoção: *Arkansas Central Library*.

²⁵ Consulte <http://w.robert-louis-stevenson.org/events-archive/168-rls-events-archive> para obter mais informações sobre as conferências, e http://www.robert-louis-stevenson.org/richard-dury-archive/events_conf.htm para ter acesso às listas de participantes, programas e resumos.

²⁶ Destes, o mais relevante e cientificamente embasado é, segundo os críticos, o RLS Website, que recebeu reconhecimento e indexação pelo *British Library Web Archive*.

ou seja, apenas os textos que, de alguma forma, apontem para a análise ou descrição de algum aspecto de *Dr. Jekyll and Mr. Hyde*.

Assim, neste capítulo abordaremos as opiniões e reflexões de críticos, escritores e pesquisadores sobre Stevenson e, mais especificamente, sobre *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*. Inicialmente, será comentada a recepção de Stevenson entre o público em geral e a crítica especializada. Em seguida, serão apresentadas as opiniões de alguns escritores consagrados (como Vladimir Nabokov, Stephen King, Joyce Carol Oates, entre outros). Depois, abordaremos os pesquisadores que trataram do estilo literário, textual e da temática da obra em estudo.

2.1 AMADO PELOS LEITORES, DESPREZADO PELA CRÍTICA

Stevenson teve grande sucesso entre os leitores. Muitos de seus livros foram vendidos mundialmente e, mesmo na época em que foram lançados, logo alcançaram o gosto popular. Richard Dury (2008), um dos grandes pesquisadores da obra de Stevenson, considera-o como “um dos escritores mais famosos e admirados do mundo”, cuja morte foi seguida por peregrinações a seu túmulo distante²⁷. Há registros de que autores importantes da época como Marcel Schwob (em 1902), Jack London (em 1908) e Rupert Brooke (em 1913) fizeram visitas ao local em que Stevenson foi enterrado.

Entretanto, como salienta o pesquisador italiano Richard Dury, “*he [Stevenson] was then rejected by critics after the First World War and virtually excluded from the literary canon until the end of the twentieth century*” [ele [Stevenson] foi rejeitado pelos críticos após a Primeira Guerra Mundial e foi virtualmente excluído dos cânones literários até o final do século XX] (DURY, 2008, p. 61). Dury nos mostra que Stevenson foi excluído de diversas antologias literárias²⁸ ou foi citado com expressões jocosas ou depreciativas. Segundo Dury, o crítico literário e famoso historiador literário escocês David Daiches iniciou uma monografia escrita em 1947 com a frase “*The works of Robert Louis Stevenson are not widely read today*” [As obras de Robert Louis Stevenson não são amplamente lidas hoje em

²⁷ A lápide de Stevenson localiza-se nas Ilhas Samoa.

²⁸ *The Great Tradition* [1948], *Scrutiny* [1932—1953], *The Norton Anthology* [1962], *The Oxford Anthology of English Literature* [1973].

dia] (DAICHES, 1947 *apud* DURY, 2008, p. 63). Na mesma época, Lionel Stevenson, autor de um famoso guia sobre literatura de ficção do período vitoriano, justificou a exclusão de R. L. Stevenson da antologia da seguinte maneira: “*because his adult novels are few and of debatable rank*” [seus romances para adultos são poucos e de valor discutível] (STEVENSON, 1964 *apud* DURY, 2008, p. 63). Segundo Claire Harman, o consenso entre os críticos parecia ser de que as obras do escritor escocês não eram suficientemente “literárias” para serem estudadas (HARMAN, 2005, p. xv).

Essa posição começou a mudar nas últimas três décadas, com o ressurgimento do interesse pelo escritor, e a revalorização de sua obra. As últimas décadas trouxeram um novo interesse na obra de Stevenson. Segundo o professor e historiador literário William B. Jones Jr., estudos franceses e italianos foram publicados nos últimos anos, atestando quanto o escritor está se tornando alvo de atenção no Reino Unido, nos EUA e em outros países. Stevenson não é apenas moda outra vez – “*he’s positively threatening to become academically respectable*” [ele está ameaçando, positivamente, tornar-se academicamente respeitável] (JONES Jr., 2003, p. 1). A biógrafa Claire Harman argumenta que o poder do texto de Stevenson derivaria em grande parte de sua abordagem inovadora de impulsos “*irresponsible*” [irresponsáveis] e “*unimpeded*” [desinibidos]. O processo de migrar de um modo de consciência para outro, menos “*accountable*” [responsável], teria sido pertinente para a formação da figura bipartida que compôs Jekyll/Hyde (HARMAN, 2005, p. 299).

Talvez pela força de seu texto, ou por fatores relacionados à temática adotada, editoras, críticos e pesquisadores têm demonstrado um interesse crescente e inédito em Stevenson. Novas edições de obras do autor (poemas, literatura de viagens, romances escoceses) foram lançadas em inglês nos últimos anos por editoras renomadas como Penguin, Oxford, Canongate e Modern Library. Mesmo os pesquisadores escoceses agora se dedicam a recuperar o autor como uma figura importante em sua literatura nacional, segundo nos relata o biógrafo Jones Jr. (2003, p. 1). Em língua portuguesa, como veremos mais adiante nesta tese, *Dr. Jekyll and Mr. Hyde* foi publicado quase uma centena de vezes no século XX, entre traduções, adaptações infantis e juvenis, sem contar as reimpressões e reedições.

2.2 A RECEPÇÃO DE *DR. JEKYLL AND MR. HYDE* ENTRE OS ESCRITORES

Stevenson realmente nunca perdeu sua popularidade entre os leitores, como atestam as inúmeras edições e numerosas versões cinematográficas de *A Ilha do Tesouro* e de *Dr. Jekyll and Mr. Hyde*. Entretanto, segundo Jones Jr., no começo do século XX, os críticos “*arbiters of taste*” [que se dedicavam a determinar o que era de bom gosto e o que deveria ser deixado de lado], não o consideravam um “*serious writer*” [escritor sério] (JONES Jr., 2003, p. 1). Mas, passado o período entre guerras, já na segunda metade do século XX, o cenário começou a mudar.

Independentemente da posição dos críticos, escritores de renome como Graham Greene, Cesare Pavese, Italo Calvino, Vladimir Nabokov, Jorge Luis Borges, entre outros, idolatraram Stevenson como a um mestre. Segundo Claire Harman (2005, p. xix), Borges mantinha sua coleção de obras do Stevenson em um lugar especial, separada de todos os outros livros da estante. O biógrafo Frank McLynn identifica *Dr. Jekyll and Mr. Hyde* como tendo se tornado “*One of those universal works which are read by all ages at all times*” [Um daqueles textos universais que podem ser lidos por pessoas de qualquer idade, em qualquer época], juntamente com Fausto e Dom Quixote (McLYNN, 1993, p. 254).

A seguir, abordaremos em mais detalhes a opinião de alguns escritores, críticos e pesquisadores sobre *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde* e/ou sobre seu autor.

2.2.1 Origem dos nomes dos personagens e capítulos, segundo Nabokov, Lepine, Scholar

Durante duas décadas, o escritor russo Vladimir Nabokov deu aulas de literatura para alunos de graduação nos Estados Unidos. Primeiramente, em Wellesley, Massachusetts, e depois na Universidade Cornell (Ithaca, New York). Foi para alunos desta última que Nabokov proferiu uma palestra sobre *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*. Primeiramente, Nabokov fez um rápido resumo da trama, para depois recontá-la com detalhes. Entre os aspectos interessantes salientados pelo escritor russo, podemos citar as aliterações que Nabokov encontrou no texto de Stevenson. Nabokov classificou as aliterações como sendo intencionais, propositas e importantes para dar musicalidade à narrativa. De tão impressionado

com a qualidade do texto de Stevenson, Nabokov compara a obra a textos clássicos do escritor francês Gustave Flaubert e do escritor russo Nikolai Gogol, quando diz que *Dr. Jekyll and Mr. Hyde* pertence à “mesma categoria artística que, por exemplo, *Madame Bovary* ou *Dead Souls*” (NABOKOV, 1987, p.113).

Nabokov a seguir aborda as sensações que emanam da leitura desse livro. Segundo ele²⁹, “Há neste livro [*Jekyll and Hyde*] um sabor que nos delicia como um bom vinho³⁰; e, de fato, ao longo da história é consumida uma apreciável quantidade de vinho nobre e envelhecido” (p.113). Mais adiante, voltaremos ao tema do alcoolismo, drogas e substâncias ilícitas e suas ligações com *Dr. Jekyll and Mr. Hyde*.

Outro aspecto comentado por Nabokov em sua aula é a origem dos nomes escolhidos por Stevenson para os personagens de *Dr. Jekyll and Mr. Hyde*. Segundo o escritor russo, os nomes Jekyll e Hyde seriam de origem escandinava. Nabokov consultou um livro de nomes (que ele afirmou suspeitar ser o mesmo usado por Stevenson) e, a partir das informações obtidas, afirmou que “Hyde vem do anglo-saxão *hyd*, em dinamarquês *hide*, ou ‘enseada’. E Jekyll do nome dinamarquês *Jokulle*, que significa ‘pingente de gelo’.” (NABOKOV, 1987, p.116). Essa opinião é bastante controversa, não sendo compartilhada por todos os pesquisadores da obra. Segundo James Roberts afirmou em uma edição anotada de *Dr. Jekyll and Mr. Hyde*, o próprio Stevenson solicitou aos produtores da primeira versão teatral da história que o nome do personagem Jekyll fosse pronunciado *Je* (palavra francesa para “eu”) *Kill* (do verbo inglês que significa “matar”). *Je-Kill*, portanto, significaria “eu mato”, num enunciado “bilíngue”. Além disso, ainda conforme nos informa Roberts, como uma indicação de que o médico queria isolar a parte má de si mesmo, Stevenson optou pelo nome “Hyde” para sua “face oculta”, um termo homófono da palavra inglesa “*hide*”, que significa “pele”, ou “revestimento”, ou “lado oculto”. Desse modo, Hyde representaria a porção de Jekyll que é “*low and vulgar hide or flesh which must hide from civilization*” [revestimento ou pele ignóbil e vulgar, que deve

²⁹ Em Português na fonte pesquisada.

³⁰ Há diversos estudos que abordam o vinho como elemento importante da trama de *Dr. Jekyll and Mr. Hyde*. Entre eles, ressaltamos a opinião do Prof. Alexander Meireles da Silva, autor do livro *Literatura Inglesa para Brasileiros*, que reafirma que o vinho ocupa um papel de destaque ao longo do texto de Stevenson, aparecendo “como um elemento com o qual as personagens mantêm sempre uma relação ambígua de fascínio e temor pelo potencial transgressor da bebida” (SILVA, 2005, p. 236).

ser escondida da civilização] (ROBERTS, 1989, p.15). Os nomes de alguns personagens secundários da trama também já foram objeto de análise por alguns pesquisadores. Anna Lepine (2009), professora da Universidade de Ottawa, por exemplo, afirma que o nome Utterson tem uma sonoridade sugestiva da expressão francesa *utter-sans*, que significa “*lack of utterance*” [literalmente, “falta de enunciação”] colocando o advogado Utterson como uma testemunha silenciosa e leal de fatos ocorridos na comunidade.

Richard Scholar (2001), da Universidade de Oxford e *Fellow* do Oriel College, por outro lado, analisou o nome dos capítulos, e afirma que, com exceção de “*The Carew Murder Case*”, todos os demais se assemelham, do ponto de vista estrutural, a manchetes de jornal (por exemplo, “*Search for Hyde*”), acentuando o caráter folhetinesco da obra.

Contudo, para algumas pessoas (esta pesquisadora, inclusive), pode parecer reducionismo ou simplificação excessiva achar que Jekyll e Hyde são dois nomes encontrados em um livro antigo de significados, como alegou Nabokov na aula supracitada. Por outro lado, algumas pessoas preferem imaginar significados ou alusões ocultas nos nomes dos personagens, explicações essas que podem, por sua vez, parecer exageradas ou mesmo “forçadas”.

2.2.2 Sociedade vitoriana e relações sociais: Joyce Carol Oates e Anna Lepine

A escritora Joyce Carol Oates, também conhecida pelas suas iniciais "JCO", nasceu nos EUA em 1938. É professora universitária e autora de algumas das obras literárias mais significativas da atualidade, pelas quais recebeu diversos prêmios³¹. De personalidade forte e análise crítica apurada, Oates avaliou *Dr. Jekyll and Mr. Hyde* da seguinte maneira:

Though melodramatic in conception. The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde is not melodramatic in execution since virtually all its scenes are narrated and summarized after the fact. [...] His discovery that “Man is not truly one, but two” is seen to be a scientific fact, not a cause for despair. [...] Thus Dr. Jekyll’s uncivilized self, to which he gives the symbolic name Hyde, is at once the consequence of a scientific experiment and a shameless indulgence of appetites that cannot be assimilated into the propriety of everyday Victorian life.

³¹ Fonte: Princeton Alumni Weekly, disponível em <http://paw.princeton.edu/issues/2013/03/06/pages/4813/>, Acesso em: 13.fev.2014.

[Embora de concepção melodramática, *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde* não é de fato melodramático, uma vez que praticamente todas as suas cenas são narradas e resumidas após o fato ter ocorrido. [...] Sua [de Jekyll] descoberta de que "O homem não é verdadeiramente um, mas dois" é vista [pelo médico] como um fato científico, e não um motivo para desespero. [...] Assim, o ego incivilizado de Dr. Jekyll, ao qual ele dá o nome simbólico de Hyde, é ao mesmo tempo a consequência de um experimento científico e uma indulgência desavergonhada dos apetites que não podem ser assimilados nos domínios da vida vitoriana cotidiana.] (OATES, 1995, p.104).

Segundo Oates, o texto de Stevenson revela a estrutura da sociedade vitoriana e as relações entre as diferentes classes sociais inglesas da época.

Outros autores também abordaram essas questões na obra. Como nos esclarece Anna Lepine (2009, p. 81), *Dr. Jekyll and Mr. Hyde* é um conto que envolve uma sucessão de "*witnessing and remaining silent*" ["testemunhar e permanecer calado"], em uma "*wilful blindness about the evils that exist within the community*" [cegueira voluntária sobre os males que existem na comunidade]. A pesquisadora desenha uma estrutura bastante evidente, onde a comunidade central da narrativa é formada por "*bourgeois gentlemen*" [cavalheiros burgueses] e na periferia gravitam os serviçais, desconhecidos. Todos os personagens principais da história pertencem ao núcleo central, ou são fortemente conectados a ele. Vejamos:

Enfield is Utterson's cousin; Dr. Lanyon is an old friend of both Utterson and Jekyll; the maid who witnesses the murder of Sir Danvers Carew knows Mr. Hyde, who has visited her master on business; Sir Danvers Carew is Utterson's client; the butler Poole and the rest of Jekyll's servants transact with their master and his entire circle, including Hyde, Utterson, and Lanyon. [Enfield é primo de Utterson; Dr. Lanyon é um velho amigo de Utterson e Jekyll; a empregada que testemunha o assassinato de Sir Danvers Carew conhece Mr. Hyde, que visitou seu patrão a negócios; Sir Danvers Carew é cliente de Utterson; o mordomo Poole e os demais empregados de Jekyll convivem com seu patrão e todo o seu círculo de amizades, incluindo Hyde, Utterson e Lanyon]. (LEPINE, 2009, p. 82)

Além de todas essas relações entrecruzadas, desde o princípio da narrativa Hyde já faz parte dessa comunidade, pois é conhecido não apenas por Jekyll, mas também por uma empregada que testemunhou o assassinato de Sir Danvers Carew, pelo patrão dessa empregada (a quem, segundo ela, Hyde visitou a negócios), pelo mordomo Poole e (ainda que não seja conhecido pessoalmente) por Utterson. (LEPINE, 2009, p. 82).

Assim, no mundo de *Dr. Jekyll and Mr. Hyde*, temos as classes sociais bastante definidas, e a mobilidade social parece ser praticamente inexistente. Nesse panorama bastante estanque, entretanto, temos o Dr. Jekyll, que transita livremente para o “outro lado”, quando transformado em Mr. Hyde. E essa transformação permite que o médico vivencie uma realidade que não seria possível de outra forma. Assim como Stevenson utiliza seus personagens para ir muito além de seus limites físicos, Dr. Jekyll parece “utilizar” Mr. Hyde para superar os limites da sociedade vitoriana.

Nessa visão sociológica do texto, Anna Lepine afirma que, no período vitoriano, a população tentava conter a criminalidade pela segregação das cidades em áreas “*light and dark, rich and poor, safe and unsafe*” [claras e escuras, ricas e pobres, seguras e inseguras]. O texto de Stevenson, nesse cenário, representaria a fragilidade de tais limites. Afinal, conforme salienta Lepine, Mr. Hyde cometeu seus crimes mais notáveis em áreas burguesas, bem iluminadas, e não na escuridão das áreas pobres da cidade (LEPINE, 2009, p. 80).

2.2.3 Imortalidade, luzes e sombras: Stephen King e Samir Elbarbary

A questão da dualidade entre luz e sombra também foi apontada pelo escritor estadunidense Stephen King, grande sucesso de público por seus contos de terror, e que prefaciou a edição publicada originalmente em inglês em 1978 pela editora Penguin dos EUA e lançada em português no Brasil pela Ediouro (cuja tradução de *Dr. Jekyll and Mr. Hyde* será analisada no Capítulo 5). Stephen King afirma que um dos temas mais comuns na literatura fantástica é a imortalidade. Segundo King, a imortalidade é um elemento recorrente na literatura do gênero, desde o poema épico *Beowulf* até os contos de Edgar Allan Poe. Para o escritor estadunidense, o livro também conseguiu alcançar a imortalidade. A fim de explicar a longevidade da história, Stephen King cita o que ele chama de “mutações” (nesta tese, denominadas “refrações”), como o filme “*A filha de Dr. Jekyll*”. Para ele, essas mutações ajudariam a revitalizar (literalmente) a história. E Stephen King reafirma: “Os filmes [de cinema] explicam parte do fenômeno [de imortalidade da obra], mas não sua totalidade.” (2001, p. 9), já que muitas dessas adaptações cinematográficas acabam mais deformando a trama do que simplesmente reproduzindo-a. Desse modo, nos parece claro que Stephen King seria favorável à realização de uma adaptação

cinematográfica que ficasse mais próxima da trama original de Stevenson e que ele tem restrições a reescritas e adaptações mais livres.

Stephen King também salienta que Stevenson trabalhou com maestria as imagens de luz a sombra. Para King, o claro e o escuro são apresentados como elementos que ajudam a compor o clima de mistério, e também delimitam as diferentes áreas de atuação dos personagens.

A relação entre claro e escuro também foi abordada por outros pesquisadores que analisaram *Dr. Jekyll and Mr. Hyde*. Esse é um aspecto textual que chama a atenção, por envolver elementos temáticos, literários e lexicais. Como já foi abordado no Capítulo 1 desta tese, Stevenson descende de uma família de “construtores de faróis” e as comparações entre imagens claras e escuras povoam sua obra. O pesquisador iraquiano Samir Elbarbary analisou diversas narrativas vitorianas (entre elas *Dr. Jekyll and Mr. Hyde*, além de *Drácula* e *O Homem Invisível*) e concluiu que a escuridão é a “*controlling metaphor*” [metáfora controladora] dessas narrativas. Segundo o pesquisador, a mudança de Dr. Jekyll para Mr. Hyde se daria como uma degradação da consciência “*descent from high to low*” [de cima para baixo], e que “*his civilizer’s concern for the distressed savages*” [sua preocupação de pessoa civilizada em relação aos selvagens] acabaria gerando cenas de ódio (ELBARBARY, 1993, p. 119).

2.3 DUALIDADE, DUPLICIDADE, DUPLOS

É quase impossível comentar *Dr. Jekyll and Mr. Hyde* sem, em algum momento, atentar para a questão da dualidade, da duplicidade e dos duplos. São praticamente infindáveis as perspectivas em que esse tema pode ser explorado, e Jekyll/Hyde proporcionam extenso material para essas explorações. Aos já mencionados luz/sombra, classe alta/classe baixa, adicionam-se incessantemente tantos outros “duplos”: castidade/pecado; alcoolismo/sobriedade; nobreza/vileza etc. Faremos um apanhado geral sobre essas explorações, começando pela questão da dualidade na narrativa em si. Kevin Mills, catedrático de Literatura Inglesa da Universidade de Glamorgan, no País de Gales, afirma que Stevenson já estava interessado na multiplicidade de expressões da personalidade humana pelo menos cinco anos antes da publicação de *Dr. Jekyll and Mr. Hyde*. Segundo Mills, em um

ensaio intitulado “Crabbed Age and Youth”, publicado em 1881, Stevenson refletiu sobre as mudanças que ocorrem com o envelhecimento do indivíduo, observando que “*they can occasionally be drastic and amount to reversals*” [elas podem ocasionalmente ser drásticas e representarem infortúnios] (MILLS, 2004, p. 338).

Segundo apontam Richard Ambrosini e Richard Dury, a cidade que Dr. Jekyll e Mr. Hyde habitam tem uma personalidade múltipla: suas aparências nos períodos diurno e noturno, muito diferentes uma da outra, reforçam fortemente o senso de dualidade na narrativa. Durante o dia a rua atrás da casa do Dr. Jekyll agita-se com comércio e tráfego. À noite, a cidade pode assumir uma atmosfera ainda mais gótica. O estranho e o sobrenatural, e muitas vezes o criminoso, ocorrem na calada da noite. (AMBROSINI & DURY, 2006, p. 257)

A cidade de duas faces e sua população de duas caras são, segundo o autor e teatrólogo John Cairney, metáforas para tentar aludir ao próprio ser humano. Não é por acaso que “*Stevenson’s keyword, duality, is closely related to hypocrisy, duplicity, artifice, pretence and other pejorative terms indicating the sham and the false*” [a palavra-chave de Stevenson, *dualidade*, está intimamente relacionada com a hipocrisia, o jogo-duplo, os artifícios, o fingimento e outros termos pejorativos que indicam a farsa e a falsidade] (CAIRNEY, 2004, p. 2).

William Bradley Strickland, nascido em 1947, é um premiado autor americano, conhecido principalmente por suas histórias de ficção científica e fantasia³². Em relação ao tema dos duplos em *Dr. Jekyll and Mr. Hyde*, Strickland afirma:

The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde is about doubles, two men who are one man. However, the doubling – the duplicity – goes astonishingly far beyond the title character. [...] Duplicity invades the inanimate: the sinister Hyde-door has its counterpart in the respectable Jekyll-door; the white salt exists in two states, the harmless pure form and the sinister tainted form.[...] The doubling continues outside the book’s covers. The tale grew from two dreams. Stevenson wrote the book twice, burning the first draft. [...] A strange case, indeed, that such a short work can support the heavy weight of such multifarious interpretation. A fortunate case that, following all the critical evaluations and reassessments, the story remains untouched to trouble (and double) our nightmares. [The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde é sobre duplos, dois homens que são um só. No entanto, a duplicação - a duplicidade - vai surpreendentemente muito

³² Fonte: Encyclopedia of Science Fiction, disponível em http://www.sf-encyclopedia.com/entry/strickland_brad. Acesso em: 23.fev.2014

além do personagem-título. [...] A duplicidade invade o inanimado: a sinistra porta de Hyde tem a sua contrapartida na respeitável porta de Jekyll³³; o sal branco existe em dois estados, a forma pura inocente e a forma maculada sinistra. [...] A duplicidade continua para além das capas do livro. O conto surgiu de dois sonhos. Stevenson escreveu o livro duas vezes, queimando o primeiro rascunho. [...] É um caso estranho, de fato, que um trabalho curto seja capaz de suportar o grande peso de tal interpretação multifacetada. Um caso de sorte que, após todas as avaliações críticas e reavaliações, a história permaneça intocada, a perturbar (e duplicar) nossos pesadelos.] (STRICKLAND, 1995, p. 70).

Marly Amarilha de Oliveira, pesquisadora do Departamento de Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, analisou o “tema do duplo” em quatro obras literárias. Além de *Dr. Jekyll and Mr. Hyde*, a pesquisadora analisou "*William Wilson*", de Edgar Allan Poe (1838), "*The Secret Sharer*" (1910) [O sócio secreto], de Joseph Conrad, e "*O Pirotécnico Zacarias*" (1947), de Murilo Rubião. Para Oliveira, Stevenson trabalha imagens importantes na obra como o *fog*, que seria “a presença mais notável antes de cada evento importante”, “elementos relacionados com a luz”, e “o poder dramático do silêncio” (OLIVEIRA, 1986, p. 186). Para a pesquisadora, “Stevenson separa claramente o bem do mal em seu personagem.” Em sua opinião, embora Mr. Hyde possa ser o lado mal do Dr. Jekyll, “Dr. Jekyll é o manipulador, uma vez que ele pode através de engenhoso artifício manejar ambos” (p. 190).

O psiquiatra e escritor londrino Anthony Daniels, sob seu pseudônimo Theodore Dalrymple, afirma que o texto de Stevenson não foi o primeiro a abordar o tema do “duplo” na literatura escocesa (DALRYMPLE, 2004). *The Private Memoirs and Confessions of a Justified Sinner*, uma publicação do poeta e romancista escocês James Hogg, foi lançada em 1824 (sessenta e dois anos antes de *Dr. Jekyll and Mr. Hyde*). Segundo resenha de Louise Norlie, publicada no site *Bewildering Stories* (coordenado por ela), *The Private Memoirs and Confessions* conta a história de um “pecador”, sendo que diversos fatos da trama são narrados duas vezes, sob

³³ Nabokov (*apud* Stirling, 2004) também enfatiza a imagem das duas portas da casa do Dr. Jekyll, uma voltada para uma área coberta e confortável e a outra “which was equipped with neither bell nor knocker, was blistered and distained” [que não possuía campainha nem aldrava, tinha a tinta descascada e desbotada] (PG, p. 3), como sendo indicativas das contradições interiores dos seres humanos. Beatriz Villacañas cita as portas apresentadas na narrativa como um elemento que “*además de cumplir su función en el engranaje de la trama actúa como poderosa metáfora*” [além de cumprir sua função na trama, atua como poderosa metáfora] (VILLACAÑAS, 2001, p. 208). Para a pesquisadora, após “*haber abierto la puerta [...] a su otro yo*” [abrir a porta a seu outro “eu”], pela ingestão da bebida preparada em seu laboratório, o Dr. Jekyll passa a abrir as portas de sua casa para Mr. Hyde (VILLACAÑAS, 2001, p. 208).

diferentes pontos de vista. Os diferentes elementos do texto criam uma impressão de “ambivalência e inconsistência”. A obra de Hogg não fez sucesso na época, mas atualmente é considerada como um “clássico de horror e fantasia”, por tocar em temas como a loucura, o sobrenatural e a intolerância religiosa.

2.3.1 Michael Cadnum, portas separando os dois elementos do duplo

O poeta e romancista estadunidense Michael Cadnum, nascido em 1949, já escreveu mais de trinta livros para adultos, adolescentes e crianças. Mais conhecido por sua obra de ficção e suspense, o autor escreve também livros que são baseados em mitos, lendas e figuras históricas³⁴. Cadnum afirma que o texto de Stevenson é sobre “*doors, and the interiors that doors preserve*” [as portas, e os segredos interiores que as portas preservam]. Para Cadnum, “*Doors protect secrets, but they also betray them*” [as portas protegem os segredos, mas também os revelam]. Assim, um livro seria por si “*a kind of door, one that opens at a touch, to transform us from a merely real person to a creature much more alive*” [uma espécie de porta, que se abre com um simples toque, para nos transformar de uma pessoa meramente real em uma criatura muito mais viva]. (CADNUM, 1995, p. 54).

Cadnum enfatiza a função das portas como delimitadoras entre o que é privado e o que é público, mostrando que, em *Dr. Jekyll and Mr. Hyde*, a noção entre pureza e depravação pode ser delimitada pelas portas que separam as áreas internas e as externas (esse conceito foi revisitado por diversas das adaptações do texto, tanto para cinema e teatro, quanto, por exemplo, nos célebres quadrinhos eróticos desenhados por Guido Crepax, abordados em mais detalhes no Capítulo 4).

Em 2004, Marta Bryk³⁵ escreveu um artigo em que procurou traçar um paralelo entre o advogado Gabriel Utterson de *Dr. Jekyll and Mr. Hyde* e a personagem Mary Reilly, do livro homônimo³⁶. Para Bryk, ambos têm diversos pontos convergentes, e algumas divergências. Segundo Bryk, a principal diferença entre ambos seria a presença de “portas” que impedem o advogado Utterson de se aproximar muito do amigo Jekyll. Por sua vez, Mary, por ser uma empregada da casa, tem acesso à intimidade do médico (BRYK, 2004, p. 207).

³⁴ Fonte: Website do autor, disponível em <http://www.michaelcadnum.com/>. Acesso em: 19.fev.2014

³⁵ Não encontramos até o momento da redação desta tese nenhuma outra publicação nem referências de Marta Bryk.

³⁶ O livro Mary Reilly será tratado em mais detalhes no Capítulo 6 desta tese.

2.4 A PRESENÇA DE REFERÊNCIAS RELIGIOSAS EM *DR. JEKYLL AND MR. HYDE*

Como já explicitado, o texto de Stevenson se presta a múltiplas interpretações, algumas delas bastante conflituosas. Com relação à visão religiosa da obra de Stevenson, por exemplo, Kevin Mills (2004) analisa a dualidade Jekyll/Hyde, comparando-a à transformação (às avessas) sofrida pelo apóstolo Paulo (ainda Saulo) na estrada de Damasco. Segundo o pesquisador, Paulo representaria a divisão “*between good and evil impulses in perpetual conflict, and he [Saul/Paul] proposes a highly problematical split between mind and flesh in response.*” [entre impulsos bons e maus, em conflito perpétuo e, em resposta, ele [Saulo/Paulo] propõe(m) uma divisão altamente problemática entre carne e espírito] (MILLS, 2004, p. 343).

Mills aprofunda ainda mais sua linha de raciocínio, e afirma que Stevenson cita Romanos 7 ao usar a expressão “*the perennial war among my members*” [entre aspas no artigo de Mills] (PG, p. 96). O pesquisador nos mostra, ainda, que, mais adiante na narrativa, Stevenson faz referência “*the specific Philippian jail that once failed to hold Paul in his cell*” [à prisão Filipense que certa vez não foi capaz de manter Paulo encarcerado] (MILLS, 2004, p. 344) em “*The drug had no discriminating action; it was neither diabolical nor divine; it but shook the doors³⁷ of the prison-house of my disposition; and like the **captives of Philippi**, that which stood within ran forth.*” [grifo nosso] (PG, p. 90)³⁸. Assim, Mills aprofunda sua reflexão falando da “*deconversion*” [desconversão] de Dr. Jekyll em Mr. Hyde e faz uma observação bastante interessante sobre o termo “*pure evil*” (literalmente, “pura maldade”) usado por Stevenson para descrever Mr. Hyde, o qual seria, segundo Mills, um contrassenso em si, já que pureza em geral não é um termo relacionado à maldade, mas sim à castidade.

Em relação à castidade, aliás, segundo alguns estudiosos da obra de Stevenson, as imagens de luz e sombra³⁹ podem ser entendidas como metáforas de

³⁷ A presença das portas aqui vem fortalecer a leitura de Cadnum, comentada há pouco.

³⁸ As diferentes opções de tradução deste trecho serão analisadas em mais detalhes no Capítulo 5 desta tese.

³⁹ Vemos que, em diversas leituras e interpretações, há elementos recorrentes que se misturam e se separam, assumindo em cada leitura uma nuance nova. Justamente por isso, a divisão feita aqui, em tópicos, não se pretende “categórica”, mas apenas se oferece como uma tentativa de organização.

pureza e castidade, em oposição à vida nefasta e aos prazeres mundanos. Segundo Lisa Butler, pesquisadora da Universidade Wilfrid Laurie (Canadá) (2006), Dr. Jekyll procurou criar Mr. Hyde como sendo a figura a quem ele pode atribuir todas as suas tendências e desejos “indignos” (“*undignified*”, PG, p. 42).

2.5 A PRESENÇA DO ALCOOLISMO E DA DEPENDÊNCIA QUÍMICA EM *DR. JEKYLL AND MR. HYDE*

No início deste capítulo, comentamos que Wladimir Nabokov se referia às grandes quantidades de “vinho nobre e envelhecido” consumidas ao longo da narrativa. Mas há outras opiniões sobre os efeitos do vinho na história e sobre a personalidade do Dr. Jekyll. Ainda segundo Lisa Butler há mais uma interpretação que pode ser dada à história do médico que se transforma em uma “figura ignóbil” ao ingerir a poção misteriosa:

The lack of control and compulsive tendencies characterizing Jekyll's transformations into Hyde may cause one to consider the notion of addiction and, in particular, the addictive quality of alcohol. Indeed, Jekyll achieves this transformation with the aid of a “transforming draught” (84), and, upon his first transformation into Hyde, his euphoric realization of the extent of the evil he had just unleashed is cast in terms of alcoholic intoxication. [A falta de controle e as tendências compulsivas que caracterizam as transformações de Jekyll em Hyde podem levar-nos a considerar a noção de dependência química e, em particular, a qualidade viciante do álcool. De fato, Jekyll realiza essa transformação com a ajuda de um “poção transformadora” (84), e, em sua primeira transformação em Hyde, sua percepção eufórica da extensão do mal que ele tinha acabado de desencadear é projetada em termos de intoxicação alcoólica] (BUTLER, 2006, p. 12-13)

Sendo assim, o parágrafo apresentado acima procura tecer uma relação entre a falta de controle e as tendências compulsivas que caracterizam as transformações de Jekyll em Hyde e os efeitos viciantes do consumo de bebidas alcoólicas. O termo “*transforming draught*”, citado por Butler, foi transcrito do texto original de Stevenson (PG, p. 45). Thomas Reed Jr. pesquisador do Dickinson College (EUA) procurou estabelecer uma relação entre o alcoolismo e a sociedade vitoriana, em seu livro *The Transforming Draught* (ver Fig. 8). Segundo o autor, essa alegoria estaria presente na história de *Jekyll and Hyde*, mostrando quanto o álcool é capaz de alterar os valores, a percepção e a autoimagem de quem abusa do consumo de

bebidas alcoólicas. Reed investiga a hipótese de que o comportamento do Dr. Jekyll, na realidade, estivesse sendo modificado pelo alcoolismo. O pesquisador procura mostrar como os padrões de linguagem, o tema e as imagens criadas por Stevenson são compatíveis com alterações mentais sofridas por indivíduos alcoólicos crônicos. (REED Jr., 2006). No ano seguinte à sua publicação, o livro de Reed foi analisado por Jane Lilienfeld à luz da legislação vitoriana (LILIENFELD, 2007).

Figura 8. Capa do livro *The Transforming Draught* de Thomas L. Reed Jr.

Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

O farmacologista Daniel L Wright, que também estuda a psicologia da drogadicção⁴⁰ na New Zealand's National School of Pharmacy, é categoricamente contra "*reduction of Jekyll's character to one of simple duality*" [a redução do personagem Jekyll à simples dualidade], e afirma que isso seria uma simplificação excessiva e a perda da "*enormity of the psychological affliction of Stevenson's tortured physician*" [enorme aflição psicológica do médico torturado criado por Stevenson], pois, segundo o pesquisador, Dr. Jekyll "*not so much a man of conflicted personality as a man suffering from the ravages of addiction*" [não é um homem de personalidade conflituosa, e sim um homem que sofre a devastação de um vício] (WRIGHT, 1994, p. 254).

⁴⁰ Antigamente denominada toxicod dependência, vício em substâncias químicas ou dependência química.

Em nossa opinião, seria reducionismo julgar que Stevenson escreveu *Dr. Jekyll and Mr. Hyde* para dar uma lição sobre os efeitos devastadores do álcool. O autor era um boêmio em sua juventude, e deixa claro no livro que o vinho é um “bom companheiro” dos cavalheiros. Além disso, consumir bebidas alcoólicas não era uma atitude considerada ruim nem criminosa na era vitoriana.

2.6 A SEXUALIDADE, O MATRIMÔNIO E A HOMOSSEXUALIDADE EM *DR. JEKYLL AND MR. HYDE*

Katherine Linehan analisou a obra ficcional de Stevenson segundo as noções de sexualidade, matrimônio e amor. Ao reavaliar o papel feminino, em função da escassez de mulheres nas narrativas do escritor escocês, a pesquisadora do Oberlin College (EUA) comenta sobre os diversos autores que especularam sobre o “*significance of repressed sexuality*” [significado da sexualidade reprimida] em *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*. (1997, p. 34). Ao defender que Stevenson ressalta a masculinidade em seus textos, Linehan nos lembra que “os protagonistas-narradores em primeira pessoa, na obra de Stevenson, são sempre homens” (p. 35). Já o crítico literário e editor Donald L. Lawler identifica um envolvimento de *Jekyll and Hyde* com as teorias de “*evolutionary regression*”⁴¹ [regressão evolutiva]. (LAWLER, 1988). Ainda falando do aspecto de repressão sexual, mas agora ampliando o foco para toda a obra de Stevenson, Linehan faz um apanhado geral dos críticos que relacionaram os textos de Stevenson com traços de sentimentos sexuais reprimidos⁴².

Ao refletir sobre as noções de matrimônio presentes (e/ou ausentes) no livro, Katherine Linehan (1997) propõe que o Dr. Jekyll “*shelters antisocial narcissism as well as hedonism*” [abriga um narcisismo antissocial e também um hedonismo], já que Jekyll enquanto Hyde “*kills a man, tramples a girl, and strikes a female match-seller in the face*” [mata um homem, pisoteia uma garotinha e bate no rosto de uma mulher], sem que “*No wife or lover is present to challenge the boundaries of self-*

⁴¹ Em 1866, quando o médico John Langdon Down descreveu pela primeira vez a alteração genética que contemporaneamente receberia o nome de Síndrome de Down, ele cunhou o termo “*evolutionary regression*”, na tentativa de referir-se a uma regressão a um tipo racial “mais primitivo”. O termo “*evolutionary regression*” reflete muito bem as ideias “científicas” que vigoravam no período vitoriano (abordadas em mais detalhes adiante, no item **2.9.3 Rick Hautala, Hyde e a antropologia criminal**).

⁴² Em sua Nota número 2, Linehan cita diversos autores que relacionaram a obra de Stevenson à repressão sexual, entre eles MENIKOFF (1984, 1990), LINEHAN (1990), HOGLE (1988), VEEDER (1988), HEATH (1986).

involvement” [Nenhuma esposa ou amante esteja presente para desafiar os limites de seu envolvimento [nesses atos de violência]] (p. 54). Assim, a pesquisadora nos mostra que, talvez, a falta de mulheres na trama seja indicativa de um feminismo, e não o contrário, como alguns críticos defendem.

Edward Cohen, professor do Rollins College (EUA) e especialista em literatura vitoriana, também cita o insistente foco dado aos personagens masculinos e a repressão dos personagens femininos na “*homosocial economy*” [economia homossocial] da narrativa, como uma “*a phobic recapitulation of sexual opposition*” [recapitulação fóbica da oposição sexual]. Assim, Cohen considera a obra de Stevenson como um “*literary ‘case’ which is itself a case study of and about male pathology*” [um ‘caso’ literário que é, em si mesmo, um estudo de caso de e sobre as doenças masculinas] (COHEN, 2004, p. 181). Para Cohen, o romance de Stevenson literaliza as lutas entre norma e transgressão na sociedade vitoriana e, desse modo, torna visíveis e inteligíveis “*some of the contradictions that permeate these opposing configurations of male gender identity*” [algumas das contradições que permeiam as configurações opostas da identidade de gênero masculino] (p. 182).

Alguns pesquisadores, entretanto, têm uma visão bastante diferente desse “universo masculino” presente em *Dr. Jekyll and Mr. Hyde*. O advogado, escritor e pesquisador mineiro Juarez Monteiro de Oliveira Jr. salienta que a obra de Stevenson supera a “clássica dicotomia maniqueísta entre ‘bom’ e ‘mau’, típica da cultura de massa”. (OLIVEIRA JR., 2007, p. 4.982). Para Oliveira Jr., o texto “se constitui como uma excelente representação do universo homossexual da Inglaterra no final do século XIX”. O pesquisador afirma, ainda, que esse universo havia sido “reprimido e jogado na clandestinidade por uma sociedade preconceituosa.” Caso achemos que Oliveira Jr. está fazendo uma análise muito precipitada da temática de *Dr. Jekyll and Mr. Hyde*, uma vez que os aspectos ligados à homossexualidade podem parecer muito sutis na obra de Stevenson, o pesquisador nos lembra que “no mesmo ano em que foi lançado o romance de Stevenson [1886], entrava em vigor a terrível Emenda Labouchère, que criminalizava os atos homossexuais.” (p. 4.982)

Para Claire Harman (2005, pp. 304-5), o livro de Stevenson estaria “*full of latent sexual meanings*” [repleto de significados sexuais latentes] e o mérito da obra residiria em sua coragem de lidar com temas da sociedade vitoriana com os quais “*Victorian fiction could not, or refused to, deal with*” [a ficção da época não podia lidar

ou se recusava a fazê-lo]. Entretanto, na opinião de Philip Callow, escritor e biógrafo de Stevenson, o autor afirmou em diversas cartas que escreveu a amigos que “*The harm was in Jekyll because he was a hypocrite – not because he was fond of women*” [o mal residia em Jekyll, não porque ele gostasse de mulheres, mas porque Jekyll era hipócrita] (CALLOW, 2001, p. 205). Assim, para a sociedade vitoriana, a simples “transformação” de um médico respeitável em uma figura “ignóbil”, já seria suficientemente chocante a ponto de garantir o sucesso do livro, e sua repercussão entre leitores e estudiosos da época. Desse modo, Callow afasta a temática da homossexualidade da trama aqui analisada. Contudo, nem todos os críticos atuais acreditam nessa explicação simplista e aparentemente ingênua. O “horror” da história de Stevenson, segundo o crítico e poeta estadunidense Wayne Koestenbaum (1988 *apud* JONES Jr., 2003, p. 38), deriva significativamente de sua representação dos “*desires that were at once repugnant and fascinating to Victorians*” [desejos que eram ao mesmo tempo repugnantes e fascinantes para os vitorianos], e que a legislação vigente naquela época tornava cada vez mais “*visible and problematic*” [visíveis e problemáticos]⁴³.

Segundo reafirma Harman, a maioria dos críticos modernos tem interpretado o romance como uma “*psycho-sexual allegory*” [alegoria psicosssexual] (2005, p. 304). E Harman prossegue, dizendo que Elaine Showalter classificou o texto de Stevenson como “*a fable of fin-de siècle homosexual panic*” [uma fábula de pânico homossexual do *fin-de siècle*], refletindo “*the late nineteenth-century upper-middle-class eroticization of working-class men as the ideal homosexual objects*” [a erotização que a classe média alta do final do século XIX fazia da classe trabalhadora masculina como o objeto homossexual ideal] (SHOWALTER, 1991 *apud* HARMAN, 2005, p. 304). Harman afirma também que Karl Miller, identificou Stevenson como a principal figura na “*School of Duality*”, que “*framed a dialect, and a dialectic, for the love that dared not speak its name – for the vexed question of homosexuality and bisexuality*” [emoldurava um dialeto, e uma dialética, pelo amor que não ousava dizer seu nome - para a controversa questão da homossexualidade e da bissexualidade] (MILLER, 1985, *apud* HARMAN, 2005, p. 304-5).

⁴³ O crítico e poeta, que desenvolve pesquisas na City University of New York refere-se ao *Labouchère Amendment* de 1885, que criminalizou os atos de “indecência explícita” e ao escândalo da Cleveland Street de 1889, em que um “bordel” para homossexuais masculinos foi descoberto na referida rua, pela polícia londrina.

Para os defensores da interpretação anti-homossexualidade, até mesmo a divergência entre a trama original e as versões cinematográficas seria um indicativo de que essa temática estaria presente no livro. Jones Jr. levanta a questão: as adaptações para teatro e cinema, que inserem mulheres na história, como objetos sexuais ou de amor, estariam apenas tentando “*fill in the gaps left in the text by Victorian reticence*” [preencher as lacunas deixadas no texto pela reticência vitoriana] (2003, p. 85)?

Quando o advogado Utterson fala de uma “*strange preference or bondage*” [estranha preferência ou ligação] (PG, p. 16) que uniria os dois protagonistas da história, Stevenson estaria deixando claro qual seria o relacionamento entre Dr. Jekyll e Mr. Hyde. Segundo Leonard Wolf (1995, p. 47), neste trecho, ficaria claro que Stevenson estaria se referindo à homossexualidade. E, para comprovar com frases do texto original que Jekyll e Hyde tinham um envolvimento homoerótico, ou no mínimo homoafetivo, Wolf cita outro trecho bastante significativo da narrativa:

*As the cab drew up before the address indicated, the fog lifted a little and showed him a dingy street, a gin palace, a low French eating-house, a shop for the retail of penny numbers and two-penny salads, many ragged children huddled in the doorways, and many women of different nationalities passing out, [...]. This was the home of **Henry Jekyll's favourite**; of a man who was **heir to a quarter of a million sterling** (PG, p. 32). [Quando o cabriolé parou em frente ao endereço indicado, o nevoeiro se levantou um pouco, revelando uma rua lúgubre, um bar sórdido, um restaurante francês ordinário, uma loja que vendia livros por um tostão e hortaliças por dois, muitas crianças maltrapilhas amontoadas nas soleiras das portas e muitas mulheres de diversas nacionalidades perambulando, [...]. Ali morava **o favorito de Henry Jekyll**, um homem que era **herdeiro de um quarto de milhão de libras esterlinas**.] [grifos nossos]⁴⁴*

E Wolf nos lembra, ainda, que “um quarto de milhão de libras esterlinas” da época de Stevenson corresponderia na atualidade a aproximadamente U\$ 1.250.000,00, uma quantia bastante significativa.

⁴⁴ As traduções dos trechos de *Jekyll and Hyde*, citados neste capítulo, exceto quando informado contrariamente, foram feitas por esta pesquisadora.

Com o desenrolar da trama, Utterson passa a perceber que suas suspeitas talvez fossem infundadas, conforme ele consegue uma explicação mais plausível para o que considera que fosse a relação entre Jekyll e Hyde, como podemos observar no trecho a seguir:

*The letter was written in an odd, upright hand and signed "Edward Hyde": and it signified, briefly enough, that the writer's **benefactor**, Dr. Jekyll, whom he had long so unworthily repaid for a thousand **generosities**, [...]. The lawyer liked this letter well enough; it put a **better colour on the intimacy** than he had looked for; **and he blamed himself for some of his past suspicions** (PG, p. 37). [A carta estava escrita numa caligrafia peculiar, as letras bem verticais, e assinada "Edward Hyde": dizia, resumidamente, que o **benfeitor** do autor da carta, Dr. Jekyll, a quem ele devia enorme gratidão pelas muitas benevolências, em tanto tempo, [...]. O advogado gostou bastante da carta; **esclarecia um pouco mais a intimidade daquela relação**; ele se culpou pelas suspeitas que havia levantado no passado.] [grifos nossos].*

Ao referir-se ao Dr. Jekyll como benfeitor ("*benefactor*"), Utterson estaria tentando mudar sua maneira de encarar a relação de ambos, dando um colorido mais ameno ("*better colour*") para a intimidade percebida. Assim, o advogado começa a se culpar por ter suspeitado que houvesse algum outro tipo de interesse entre Jekyll e Hyde ("*past suspicions*"), além da benevolência do primeiro para com o segundo.

Entretanto, após saber que a carta havia sido escrita por Hyde, com a participação de Jekyll, Utterson volta a suspeitar de que haja algum tipo de envolvimento "diferente" entre eles, como fica evidente no trecho a seguir:

*On his way out, the lawyer stopped and had a word or two with Poole. "By the by," said he, "there was a letter handed in today: **what was the messenger like?**" But Poole was positive **nothing had come except by post**; "and only circulars by that," he added. [Quando ia saindo, o advogado parou e trocou uma ou duas palavras com Poole. "A propósito", disse, "uma carta foi entregue aqui hoje; **como era o mensageiro?**", indagou. O mordomo, entretanto, lhe garantiu que **nada havia sido entregue**, a não ser pelo correio; "e mesmo assim apenas circulares", acrescentou.]*

*This news sent off the visitor with **his fears renewed**. Plainly the letter had come by the laboratory door; possibly, indeed, it had been written in the cabinet; and if that were so, **it must be differently judged, and handled with the more caution*** (PG, p. 38-39). [Aqueles notícias fizeram o visitante ir embora com **seus temores renovados**. Evidentemente a carta chegara pela porta do laboratório; de fato, havia a possibilidade de que tivesse sido escrita no gabinete e, se isso fosse verdade, **teria de ser avaliada de outra maneira, e tratada com a maior cautela.**] [grifos nossos].

E para reforçar sua interpretação, Wolf volta a citar trechos da narrativa original de Stevenson. No capítulo 4 (*The Carew Murder Case*), ao descrever o encontro entre Hyde e Carew, que levou este último a ser brutalmente assassinado, Leonard Wolf afirma que podemos estar diante de um encontro homossexual que não terminou bem (WOLF, 1995, p. 142). Para Wolf, o fato de Stevenson usar termos como “hysteria”⁴⁵ [histeria] para referir-se à sensação que Hyde teve diante de Lanyon, quando foi buscar os ingredientes que estavam guardados com este último, é um forte indicativo de que o escritor estaria atribuindo traços de feminilidade a Hyde. Na Grécia antiga, o termo histeria foi cunhado a partir da palavra ὑστέρα, “**útero**”. Ou seja, histeria seria uma reação ligada às mulheres. Segundo Katherine Linehan (1997), no período vitoriano, a histeria continuava sendo considerada como um problema quase que exclusivamente das mulheres, mesmo seguindo as novas diretrizes médicas da época, que explicavam a histeria como uma “bola de ansiedade que subia pela garganta”⁴⁶. Sendo assim, embora não possamos afirmar com certeza absoluta, o fato de Stevenson ter atribuído a Hyde essa condição de histeria, como já dissemos, pode ser mais um indício de que o autor estivesse salientando um caráter mais feminino desse personagem.

E seguindo essa linha de análise da temática da obra, o estudioso da obra de Stevenson e escritor William B. Jones Jr. salienta:

None of these male characters gives the slightest evidence of involvement with a female friend or relative, let alone any indication of interest in sexuality. The only female characters who appear even momentarily in the story are unnamed background figures of low social status: a little girl from a poor family whom Hyde knocks down

⁴⁵ Antes de tomar a poção e voltar a ser Jekyll, Hyde estaria extremamente perturbado, e “*wrestling against the approaches of the hysteria*” [lutando contra as crises de histeria] (PG, p.78)

⁴⁶ Uma noção que perdura até os dias atuais, já que a medicina preserva o termo “bolo histérico” para referir-se à “Sensação de uma bola que sobe para a garganta” (FONTE: Dicionário Médico, disponível em http://www.xn--dicionariomdico-0gb6k.com/bolo_hist%C3%A9rico.html).

and tramples when their paths cross at an intersection, a few of her indignant female relatives, the maid who observes Jekyll's murder of Sir Danvers Carew, Hyde's Soho landlady, the cook and maids in Jekyll's household, and a woman selling matches on the street. [Nenhum desses personagens masculinos dá a menor evidência de envolvimento com uma amiga ou parente, e muito menos qualquer indício de interesse em sexualidade. As únicas personagens femininas que aparecem mesmo que momentaneamente na história são anônimas figuras secundárias, de baixo status social: uma menina de uma família pobre que Hyde derruba e atropela quando seus caminhos se cruzam em uma esquina, algumas de suas parentes indignadas (com o pisoteamento), a empregada que observa o assassinato de Sir Danvers Carew por Jekyll, a empregada de Hyde no Soho, a cozinheira e as empregadas domésticas na casa de Jekyll, e uma mulher que vende fósforos na rua]. (JONES Jr., 2003, p. 87)

2.7 A DIFICULDADE DE CLASSIFICAR *DR. JEKYLL AND MR. HYDE*

Hugh Barnett Cave (1910- 2004) foi um escritor popular com grande produção na área de ficção, que também se destacou em outros gêneros. Cave escreveu sobre *Dr. Jekyll and Mr. Hyde*:

This story of Dr. Jekyll and his evil alter ego is a mystery tale, a detective novel, a fantasy, and a horror story. A horror story in the classic tradition, that is; not the garbage-language gore that has given such writing a bad reputation of late. It is also a social document that perhaps ought to be required reading for today's young people because, in a sense, it is more meaningful today, with drugs and violence eroding the fabric of our world, than when it was first published in 1886. [Esta história do Dr. Jekyll e seu malévolo alter ego é um conto de mistério, um romance policial, uma fantasia e uma história de horror. Uma história de horror na tradição clássica, isto é; não a produção de baixa qualidade que deu aos escritores do gênero uma má reputação nos últimos tempos. É também um documento social que talvez deveria ser leitura obrigatória para os jovens de hoje, porque, em certo sentido, a história é mais significativa hoje, com as drogas e a violência corroendo a essência do nosso mundo, do que quando foi publicada pela primeira vez em 1886.] (CAVE *apud* WOLF, 1995, p.60).

Ao tentar classificar *Dr. Jekyll and Mr. Hyde* como “*detective yarn, a fantasy, and a horror story*” [um romance policial, uma fantasia e uma história de horror], Cave deixa evidente uma dificuldade que não é só dele. Outros pesquisadores também tentaram definir qual seria o gênero literário, o estilo e em qual escola literária esse texto de Stevenson se encaixaria.

O texto de Stevenson suscita discussões quando o assunto é “estilo”. Como classificar a obra do ponto de vista literário? Nesses termos, *Dr. Jekyll and Mr. Hyde* é classificado por alguns como **literatura gótica**, por outros como obra **decadentista**. Há ainda quem o classifique como uma obra **modernista**.

A ficcionista estadunidense Barbara D’Amato (2005) abordou a obra do ponto de vista da psicanálise, considerando *Dr. Jekyll and Mr. Hyde* como um exemplo de texto da **literatura gótica**, por explorar “*The ugly, narcissistic, selfish desires of humankind*” [os desejos feios, narcisistas e egoístas da humanidade], incluindo “*impulsive desires for revenge, murder*” [desejos impulsivos de vingança e assassinato]. Assim, para a pesquisadora, Mr. Hyde seria a incorporação do “*respectable Dr. Jekyll’s sinister side*” [lado sinistro do respeitável Dr. Jekyll], caracterizando-se por ser uma “*a psychically more primitive, unrestrained version*” [versão não contida e fisicamente mais primitiva] deste último⁴⁷ (p. 98).

Segundo observou o doutor em Teoria Literária e Literatura Comparada pela USP Carlos Eduardo Brefore Pinheiro (2009), Stevenson lança mão de diversos recursos para criar expectativa durante a leitura, “a começar pela construção física de seus protagonistas, que são uma extensão de suas personalidades claramente definidas ao longo da história” (p. 48). A “sobriedade e elegância” do Dr. Henry Jekyll contrapondo-se à “repugnância” de Edward Hyde (p. 48).

Para Jessie Givner, da Brown University (RI, EUA), por sua vez, muitos críticos (como, por exemplo, Franco Moretti⁴⁸ [1983], Garret Stewart⁴⁹ [1996], Howard Malchow⁵⁰ [1996] e Patrick Brantlinger⁵¹) entendem o texto de Stevenson como uma “*Victorian version of the Frankenstein myth*” [versão vitoriana do mito de Frankenstein], não apenas pelas semelhanças entre Jekyll/Hyde e o personagem criado por Mary Shelley, mas porque “*Stevenson’s narrative, like Shelley’s, depends upon a hybrid literary form*” [a narrativa de Stevenson, como a de Shelley, depende de uma forma literária híbrida] (2000; p. 280). Segundo Givner, essa forma híbrida

⁴⁷ Mais adiante, abordaremos as visões “psicanalíticas” ou “psicológicas” do romance de Stevenson.

⁴⁸ In ‘*Dialectic of Fear*’, in *Signs Taken for Wonders: Essays in the Sociology of Literary Forms*, trans. David Forgacs (London: Verso, 1983), p. 86.

⁴⁹ In ‘*The Gothic of Reading*’, in *Dear Reader: The Conscripted Audience in Nineteenth-Century British Fiction* (Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1996)

⁵⁰ In ‘*The Half-Breed as Gothic Unnatural*’, in *Gothic Images of Race in Nineteenth-Century Britain* (Stanford: Stanford University Press, 1996);

⁵¹ In ‘*The Educations of Edward Hyde and Edwin Reardon*’, in *The Reading Lesson*

estaria relacionada com a fusão entre literatura e política, e entre a temática dos monstros associada com a miscigenação e o medo de se perder a “pureza” racial.

Para Givner, as ruas satânicas de Inglostadt (terra habitada por Frankenstein), assim como as ruas londrinas nas quais Hyde perambula, são “*haunted by the monstrous figure of the politically rebellious crowds*” [assombradas por figuras monstruosas de multidões politicamente rebeldes] (p. 283). Além disso, Givner acrescenta que “*Like Frankenstein’s construction of the monster, Jekyll’s creation of Hyde is an alternation between reforming and deforming*” [Assim como a construção do monstro Frankenstein, a criação de Hyde por Jekyll é uma alternância entre reformas e deformações] (p. 283) e essa alternância provocaria a movimentação dos personagens entre a vida e a morte.

Segundo Claire Harman (2005, p. 301), em termos de influências literárias, os temas da história são fortemente remissivos de *Frankenstein* e o mito de *Prometeu*; havendo também ecos claros da história de Poe sobre o ardiloso *doppelgänger*⁵² “*William Wilson*” e de *Private Memoirs and Confessions of a Justified Sinner* de James Hogg⁵³. Stevenson estava fascinado com a literatura sobre “duplos”, que inclui (além dos já citados) “*Holy Willie’s Prayer*”, de Robert Burns (1799), “*O Duplo*” (1846) e “*Crime e Castigo*” (1866), ambos de Fyodor Dostoiévsky. Jenny Davidson afirma que Stevenson leu *Crime e Castigo* entre 1884 e 1885, em tradução francesa, e que Stevenson se referiu a essa obra em uma carta como “*the greatest book I have read easily in ten years*” [com certeza, o melhor livro que li nos últimos dez anos] (DAVIDSON, 2003, p. xxxiii). Sendo assim, não há como negar que Stevenson ficou literariamente impressionado com a obra de Dostoiévsky, embora isso não nos permita afirmar categoricamente que há influências de *Crime e Castigo* nos textos de Stevenson. Talvez por essa possível influência das leituras feitas por Stevenson, *Dr. Jekyll and Mr. Hyde* também já foi considerado como uma “variação do mito do *doppelgänger*” (GONZÁLEZ apud SILVA, 2005) e como uma “releitura da lenda de Fausto” (STODDART apud SILVA, 2005).

⁵² Segundo o site Medieval Legends, “Doppelgänger, [...] é um monstro ou ser fantástico que tem o dom de representar uma cópia idêntica de uma pessoa que ele escolhe ou que passa a acompanhar [...] O nome Doppelgänger se originou da fusão das palavras alemãs *doppel* (significa duplo, réplica ou duplicata) e *gänger* (i.e., andante, ambulante ou aquele que vaga).” Disponível em http://medievallegends.blogspot.com.br/2009_09_01_archive.html. Acesso em: 23.mar.2013.

⁵³ Este último, um importante romance escocês que tem muito em comum com a história de Jekyll e Hyde (DAVIDSON, 2004, p. xxxiii), como já citado anteriormente.

Para alguns pesquisadores, contudo, Stevenson seria “*one of the least ‘Victorian’ of all Victorian writers*” [um dos menos “vitorianos” entre os escritores vitorianos] (HARMAN, 2005, p. xviii). Como é possível perceber, até a definição da linha literária seguida pela obra de Stevenson pode gerar opiniões contrárias e conflitantes.

Mas as diferentes classificações prosseguem: há críticos que classificam a obra de Stevenson como pertencente ao **decadentismo**. Segundo Alexander Meireles da Silva (professor e pesquisador da Universidade Federal de Goiás), o termo decadentismo consagrou-se na França para “designar o movimento simbolista de meados e fim do século XIX” (SILVA, 2005). Segundo o pesquisador brasileiro, o movimento caracteriza-se por “sensacionalismo, melodrama, egocentrismo, o bizarro, o artificial”, abordando muitas vezes aspectos ligados à “perversão sexual”. Assim, Silva afirma que “a novela de Robert Louis Stevenson [...] possui elementos que permitem sua leitura como uma obra decadentista inglesa”.

Richard Dury afirma que Stevenson foi rejeitado pelos escritores modernistas (DURY, 2008). Contudo, em 1996, Alan Sandison declarou, em um livro de mais de 400 páginas, que ele [Stevenson] era “*a prototype Modernist*” [um modernista prototípico]. As justificativas de Sandison para fazer tal afirmação foram: “*his focus on forms and metafictional structures*” [seu foco na forma e nas estruturas metaficcionais] e “*his constant experimentation*” [sua constante experimentação]; a noção que Stevenson tinha, bastante clara, da intertextualidade (“*interplay of texts*”), “*the onion-like layers of his narratives and their polyphonic voices*” [suas narrativas formadas por diferentes camadas sobrepostas e suas vozes polifônicas]; e “*his rupture with the past and his hostility towards traditional authority*” [sua ruptura com o passado e hostilidade pela autoridade tradicional] (SANDISON, 1996, p. 4-16).

Mas não é somente Sandison que classifica os textos de Stevenson como sendo de caráter modernista: Dury (2008) cita diversos outros estudiosos, como Roslyn Jolly (1996)⁵⁴, Nels C. Pearson (1999)⁵⁵, Eric Massie (2002)⁵⁶, Jean Webb

⁵⁴ In ‘Introduction’ to Robert Louis Stevenson, *South Sea Tales*. Oxford: Oxford University Press, 1996, pp. xxxii-xxxiii.

⁵⁵ In ‘The Moment of Modernism: Schopenhauer’s “Unstable Phantom” in Conrad’s *Heart of Darkness* and Stevenson’s *The Master of Ballantrae*’, *Studies in Scottish Literature* 31, 1999, p. 182-202.

⁵⁶ In ‘Stevenson, Conrad and the Proto-Modernist Novel’, Tese de doutorado, University of Stirling.

(2002)⁵⁷, Richard J. Walker (2004)⁵⁸, Roderick Watson (2004)⁵⁹, Roslyn Jolly (2006)⁶⁰ e Richard J. Walker (2006)⁶¹.

Mas as controvérsias não param por aí, com relação ao texto original de Stevenson, temos autores que classificam *Dr. Jekyll and Mr. Hyde* como sendo uma **fábula** (devido a seu caráter fantástico e inverossímil) (LIVESEY, 1994; SAPOSNIK, 1971; entre outros), outros que o classificam como **conto** (por considerar que seja um texto narrativo breve, e de ficção) (MAYNARD, 2004; entre outros). Há aqueles que classificam o texto como **novela** (CALLEN, 2003; GERMANÀ, 2011; MENON, 2007; PINHEIRO, 2008; entre outros), dada a sua narrativa ser intermediária entre a extensão do romance e a brevidade do conto. Alguns pesquisadores, por sua vez, ao falar de *Dr. Jekyll and Mr. Hyde* o classificam genericamente como “**romance**” ou “**romance gótico**” (DANTA, 2006; DOYLE, 2001; FAGUNDES NETTO, 2011; KIRKLAND, 2001; WILLIAMS, 1996; entre outros).

2.8 ESTRUTURA NARRATIVA DE *DR. JEKYLL AND MR. HYDE*

Outro aspecto que gera polêmica é a estrutura narrativa do texto. A pesquisadora de Literatura Inglesa da Universidade de Lausanne, Kirsten Stirling (2004), realça o fato de Stevenson misturar dois pontos de vista na narração. Uma narração principal, em terceira pessoa, na voz do advogado Utterson, e a narração em primeira pessoa, tanto feita pelo Dr. Lanyon, quanto pelo próprio Dr. Jekyll. Para a pesquisadora, “*The process of revelation in Jekyll and Hyde moves from third-person to first-person narrative.*” [O processo de revelação em *Jekyll and Hyde* move-se da terceira pessoa para a primeira] (STIRLING, 2004, p. 89) Para Stirling, essa “*multiplication of perspectives, external and internal*” [multiplicação das perspectivas, externas e internas] seria um dos fatores que contribuíram para que o

⁵⁷ In ‘Conceptualising Childhood: Robert Louis Stevenson’s A Child’s Garden of Verses’, *Cambridge Journal of Education*, v. 32, n.3, 2002, p. 359-65.

⁵⁸ In “He, I say – I Cannot Say I’: Modernity and the Crisis of Identity in Robert Louis Stevenson’s Strange Case of Dr Jekyll and Mr Hyde’, *Journal of Stevenson Studies*, v. 1, 2004, p. 76-102.

⁵⁹ In “You cannot fight me with a word”: The Master of Ballantrae and the wilderness beyond dualism’, *Journal of Stevenson Studies*, v. 1, 2004, p. 1-23.

⁶⁰ In The Ebb-Tide and The Coral Island’, *Scottish Studies Review*, v. 7, n. 2, 2006, p. 79-91.

⁶¹ In ‘Pious Works: Aesthetics, Ethics, and the Modern Individual in Robert Louis Stevenson’s Strange Case of Dr Jekyll and Mr Hyde’, in Robert Louis Stevenson. **Writer of Boundaries**. Madison, WI: The University of Wisconsin Press, 2006, p. 265-274.

leitor sentisse na obra a “*impression of a fragmented self*” [impressão de uma dissociação do “eu”]. Desse modo, dois-terços da narrativa desenvolvem-se em terceira pessoa (criando o clima de “mistério”) e o terço final é dividido entre a revelação e a elucidação do caso, respectivamente, nas narrativas feitas em primeira pessoa por Dr. Lanyon e Dr. Jekyll.

Uma frase bastante sugestiva da modulação entre primeira e terceira pessoa, conforme observa Anna Lepine, pode ser encontrada no momento em que o Dr. Jekyll se transforma em Mr. Hyde sem a necessidade de tomar a “poção”. Nesse momento, Jekyll afirma “Yes, *I had gone to bed Henry Jekyll, I had awakened Edward Hyde.*” [Sim, **eu** havia ido para a cama Henry Jekyll e **acordara** Edward Hyde] (PG, p. 43) [grifos nossos]. E mais adiante nessa mesma passagem, Stevenson volta a modular entre primeira e terceira pessoa, desta vez ao referir-se a Jekyll: “*minutes later, Dr. Jekyll had returned to **his** own shape and was sitting down, with a darkened brow, to make a feint of breakfasting.*” [minutos depois, Dr. Jekyll já voltara à **sua** aparência e sentava-se com ar melancólico para tomar seu café da manhã] (PG, p. 44) [grifos nossos]. Lepine (2009, p. 86) afirma ainda que, em seu “*Full Statement of the Case*”, Jekyll mescla sua narrativa entre pronomes da primeira e da terceira pessoas, quando fala de si e de Hyde - um aspecto considerado pelo escritor contemporâneo Andrew Smith como indicativo de uma instabilidade do “eu”, associada à “modernidade” (SMITH 2004: 39 *apud* LEPINE, 2009).

Kevin Mills analisa as passagens em que Dr. Jekyll parece estar diante de um espelho, vendo Mr. Hyde refletido. Para o pesquisador, nesse momento, “*the narrative ‘I’ occupies an impossible position. Indeed, throughout the whole of Henry Jekyll’s narrative, the ‘I’ shifts silently between participant roles*” [o ‘eu’ narrativo ocupa uma posição impossível. De fato, durante toda a narrativa de Henry Jekyll, o ‘eu’ muda silenciosamente de um personagem para outro] (MILLS, 2004, p. 346). Mills, afirma, ainda, que o “eu” na narrativa aponta ora para uma “*mysterious third person*” [terceira pessoa misteriosa] que observaria de modo objetivo tanto Jekyll quanto Hyde; ora para uma “*compound figure in whom both Jekyll and Hyde reside*” [figura composta na qual residem Jekyll e Hyde], e em alguns casos para um “*de-Hyded Jekyll*” [um “Jekyll des-Hydizado”] residual que passa a assumir a narração dos fatos (p. 346). Mills enfatiza também que, mais adiante nesse mesmo capítulo do livro, o narrador de *Dr. Jekyll and Mr. Hyde* (que Mills não se arrisca a definir

quem seria, mas que aparentemente parece ser esse “Jekyll residual”), acaba afirmando “*He, I say — I cannot say, I.*” [Digo “ele”, pois não posso dizer “eu”.] (PG, p. 112), revelando que, na história de Stevenson, nem mesmo o personagem principal consegue definir exatamente a delimitação entre ele e Hyde – o que se reflete no uso dos pronomes escolhidos para a narrativa.

Edward Cohen, também refletindo sobre essa mesma passagem citada acima, afirma que “*the willful negation ‘cannot’ weighing in on the side of the ‘I’*” [a negação ‘cannot’ propositadamente posicionada ao lado de ‘I’] é a única negação que temporariamente mantém a distinção entre Jekyll e Hyde (COHEN, 2002, p.195), viabilizando a existência do testamento do Dr. Jekyll e a evolução da narrativa, até seu ponto final. Assim, a narrativa de *Dr. Jekyll and Mr. Hyde* seria estruturada para “*to delay until as late as possible the revelation of the doctor's actual identity and his alter ego*” [adiar o máximo possível a revelação da identidade real do médico e seu *alter ego*]. O efeito de suspense e dúvida sendo alcançado pelo uso de “*multiple viewpoints, the last of which is the confessional account of Dr. Jekyll himself*” [múltiplos pontos de vista, o último deles sendo o reconto confessional feito pelo próprio Dr. Jekyll] (MILLS, 2004, p. 342). Para Cohen, “*there are two corpses in Jekyll's lab, Hyde's physical one and Jekyll's written one, yet only one has died.*” [há dois cadáveres no laboratório de Jekyll, o corpo físico de Hyde e o corpo escrito de Jekyll, contudo apenas um morreu] (COHEN, 2002, p. 196).

2.9 A (IM)POSSIBILIDADE DE DETERMINAR A TEMÁTICA DE *DR. JEKYLL AND MR. HYDE*

Como definir a temática de um autor tão eclético, ao escrever um livro tão pequeno e aparentemente “simples”? Que aura de mistério envolve o pacato médico e seu “amigo” Hyde? Alguns pesquisadores entendem a trajetória do Dr. Jekyll de um ponto de vista bastante literal, como é o caso do Dr. Decio Gurfinkel, psicanalista com grande interesse na análise de obras literárias, que faz a seguinte leitura dos acontecimentos relacionados à vida do Dr. Jekyll:

O médico inteligente e cativante que busca fazer uma grande descoberta, isola-se em seu laboratório e inventa uma droga que se auto-administra, despertando reações estranhas e desconcertantes. Ao invés de buscar o auxílio e a mediação dos outros da comunidade – figuras da experiência do senso comum – mergulha cada vez mais em seu projeto. Traz à luz, assim, um outro Eu sinistro que passa paulatinamente a dominá-lo, revelando a face sombria de seu projeto científico: uma dimensão anti-social, selvagem e megalomaniaca de si mesmo até então adormecida (GURFINKEL, 2008, p. 431).

E, para justificar a duplicidade de conduta que faz o protagonista da trama de Stevenson ciclar entre Jekyll e Hyde, o Dr. Gurfinkel também tem uma explicação igualmente literal e pragmática:

Quando Mr. Hyde entra em ação, estamos certamente diante de um episódio maniaco de origem química, e quando Dr. Jekyll “volta” a si após os surtos, podemos reconhecer aquele estado depressivo típico da ressaca do dia seguinte. Assim, não é difícil ver na droga misteriosa retratada por Stevenson uma espécie de cocaína, e reconhecer na *via crucis* percorrida por Jekyll/Hyde a espiral maligna dos toxicômanos graves (GURFINKEL, 2008, p. 431).

Entretanto, essa opinião está longe de ser uma unanimidade. O poeta, jornalista e escritor Andrew Jefford, em um ensaio de 1983⁶², propõe que os prazeres misteriosos do Dr. Jekyll atraem os leitores justamente porque estão abertos a múltiplas interpretações (JEFFORD, 1983 *apud* JONES Jr., 2003, p. 89). Segundo Jefford, praticamente nada pode ser descartado: glotonaria, alcoolismo, visitas regulares a prostíbulos, orgias e libertinagem, homossexualidade, sadomasoquismo, pederastia, estupro, pornografia, jogos de azar, brigas de rua, briga de galo, entre outras. O escritor William B. Jones Jr. (2003, p. 89), por sua vez, acha que Stevenson não quis realmente definir quais eram os “*secret pleasures*” [prazeres secretos] do passado de Jekyll, para deixar à imaginação do leitor a tarefa de explorar a ampla gama de possibilidades de interpretação. Parece que a estratégia foi bem sucedida, pois tanto leitores quanto críticos continuam tentando decodificar quais seriam esses segredos e mistérios que envolvem a trama. Como veremos a seguir, existem inclusive opiniões divergentes sobre qual seria o tema da história.

⁶² Jefford, A. “Dr. Jekyll and Professor Nabokov: Reading a Reading.”

2.9.1 O inevitável e perigoso flerte com os estudos psicológicos

Uma obra como *Dr. Jekyll and Mr. Hyde*, que como pudemos constatar, tem um indubitável efeito sobre a imaginação dos leitores, lidando com questões de loucura e sanidade, com os limites entre o socialmente aceitável e a aberração comportamental, com certeza tem uma forte vocação para ser explorada por psiquiatras, psicanalistas, psicólogos e outras pessoas que sintam um pendor pela análise psicológica de obras e personagens literários. As vertentes dentro de cada subárea ou “escola” psicanalítica, as diferentes abordagens psicológicas, se apresentam em número tão grande que não seria possível aqui privilegiar aqui uma ou outra. Isso sem mencionar nossa incapacidade para fazê-lo.

Ao mesmo tempo, é importante deixar registrado nosso conhecimento de que muitos desses profissionais desqualificam sumariamente tentativas de relacionar aspectos biográficos de autores literários com características de suas obras e personagens. Segundo esses profissionais, tal prática seria uma forma de “psicanálise aplicada”, ou “psicanálise selvagem”, nos termos de Sigmund Freud, um discurso que não se baseia numa prática analítica de interação com o paciente, pautando-se apenas por informações indiretas sobre o “sujeito” analisado, sem a efetiva participação desse sujeito.

No entanto, este trabalho talvez ficasse empobrecido se descartássemos essas propostas de leitura e interpretação. Nosso intuito aqui é registrar o modo como *Dr. Jekyll and Mr. Hyde* produziu também refrações em um campo que não é a Literatura, prestando-se a servir como modelo para casos clínicos, descrições de distúrbios de personalidade e outras tantas propostas. Faremos em seguida um apanhado dos textos produzidos em áreas fora da Literatura e da Teoria Literária e que de alguma forma se valem de uma obra literária, *Dr. Jekyll and Mr. Hyde*.

2.9.2 Karl Wagner, pacientes psiquiátricos e a metáfora de *Jekyll and Hyde*

O psiquiatra Karl Edward Wagner (1945 - 1994) ficou famoso como escritor, poeta e editor de contos de horror, ficção científica e fantasia heroica. Nascido no Tennessee (EUA), o autor escreveu numerosas histórias de fantasia e terror. No

parágrafo a seguir, Wagner revela quanto se lembrava da história de *Dr. Jekyll and Mr. Hyde* quando atuava como psiquiatra:

I saw a few dozen film versions of Jekyll and Hyde, and read the book. Even became a doctor. In treating psychotic patients, I often wondered whether the medications I gave them were not some reverse form of Dr. Jekyll's experiments. [Assisti algumas dezenas de versões cinematográficas de *Jekyll and Hyde*, e li o livro. Até me tornei “doutor”. No tratamento de pacientes psicóticos, muitas vezes, eu me perguntava se os medicamentos que eu prescrevia não eram uma forma reversa das experiências do Dr. Jekyll.] (WAGNER, 1995, p. 42).

Wagner aponta para a estreita relação que existe entre a história de Stevenson e as questões psicológicas e psiquiátricas. Essa relação foi explorada por diversos pesquisadores, como veremos a seguir.

Como nos esclarece a professora Jodey Castricano, que pesquisa em diversas áreas das Ciências Humanas, entre elas a história das ideias do século XIX, (com ênfase para a Psicanálise), os Estudos Góticos e a Crítica Cultural, (2006), os críticos voltados para os estudos psicanalíticos fazem uma leitura da história de Jekyll e Hyde que considera o texto como “*struggle between the id and the super ego*” [uma batalha entre o *id* e o superego], como a “*Victorian anxiety over homosexuality*” [ansiedade vitoriana sobre a homossexualidade], como relacionada às teorias freudianas sobre o ego, e como precursora das “*Freud's theories on the structural model of personality and repression*” [teorias de Freud sobre o modelo estrutural de personalidade e repressão] e também como um ponto inicial de “*case study*” [estudo de caso] na área de psiquiatria. Por parte dos leitores contemporâneos, segundo Marie-Christine Leps, pesquisadora em Teoria Literária da York University (Canadá), que se especializou na ficção ligada à criminalidade, a obra é compreendida como um esforço da sociedade vitoriana para “*to define deviance and normality*” [definir os desvios e a normalidade] (LEPS *apud* CASTRICANO, 2006). Por sua vez, Valdine Clemens, professora da Universidade de Manitoba (Canadá) que se especializou em Estudos Góticos, afirma, segundo nos conta Castricano, que outros críticos enfocam a dualidade de Jekyll e Hyde como se este último representasse um “*more primitive or rudimentary aspect of the human psyche*” [aspecto mais primitivo ou rudimentar da psique humana] (CLEMENS *apud* CASTRICANO, 2006).

Como indica Francina Evaristo de Sousa (2008), a história criada por Stevenson sugere inevitavelmente os estudos de Sigmund Freud, embora essa obra de Stevenson seja anterior ao nascimento da psicanálise freudiana. Fanny, a esposa do escritor, tinha uma assinatura da revista científica *Lancet*, o que pode demonstrar que o pai da psicanálise e o criador de *Dr. Jekyll and Mr. Hyde* tenham, possivelmente, compartilhado a mesma literatura científica. Naquela época, o professor de Freud, Jean-Martin Charcot, fazia pesquisas sobre histeria e insanidade mental, no hospital da *Salpêtrière* em Paris.

A partir dessa premissa, Sousa, que é psicóloga, com pós-graduação em Saúde Mental, procurou apresentar o personagem central de *Dr. Jekyll and Mr. Hyde* “como uma figura metafórica da teorização freudiana a respeito do homem e da civilização”. Ela diz que não esperava com isso “uma ‘psicanalização’ da literatura, mas quem sabe a ‘literalização’ da psicanálise, sem no entanto, subordinar esses dois campos, Literatura e Psicanálise, um ao outro.” (SOUSA, 2008, p. 2). A pesquisadora aponta que Hyde “demonstra ter um Eu”, mesmo diante de suas “ações insensatas e aparentemente movidas por puro desejo” (p. 7). Para Sousa:

[...] assim como Jekyll era uma personalidade, como ele mesmo descreve, incongruente, com sentimentos ambíguos, Hyde também o era, e nele havia algo de Jekyll: a inteligência, a esperteza, e nos momentos em que era necessária, a prudência (SOUSA, 2008, p. 7).

Richard Scholar, professor de Literatura do Oriel College, vai mais adiante, e compara a “atuação” do Dr. Lanyon, quando “*diagnoses Jekyll’s case of cerebral disease as well as Hyde’s hysterical condition*” [diagnostica o caso de Jekyll de doença cerebral e a condição histérica de Hyde], como sendo “*strangely prescient of Freud*” [estranhamente premonitória [dos trabalhos] de Freud] e seus estudos sobre a histeria (SCHOLAR, 2001, p. 53). O pesquisador, entretanto, pondera que “Freud’s diagnoses” [o diagnóstico que Freud faz] ajuda a resolver os casos de suas pacientes, o mesmo não ocorrendo com os “diagnósticos” feitos pelo Dr. Lanyon.

Para Andrew Smith, estudioso dos monstros literários ambientados durante o período vitoriano (2004), o livro de Stevenson, assim como outros “*nineteenth-century British horror novels*” [romances de horror britânicos do século XIX], deveria ser leitura quase que obrigatória para assistentes sociais e conselheiros que lidam

com problemas psicológicos e sociais. Segundo ele, os temas ligados a “*over-reaching, repressed sexuality, discovery and pursuit*” [abuso, sexualidade reprimida, descoberta e perseguição] (p. 319) estão presentes no dia-a-dia desses profissionais. Smith considera, ainda, que Stevenson, ao afirmar em *Dr. Jekyll and Mr. Hyde* que “o homem não é um, mas na verdade dois”, faz referência à “*split in the infant’s mind when occupying the paranoid-schizoid position as postulated by Klein*”⁶³ [divisão da mente infantil quando esta ocupa a posição paranoide-esquizoide postulada por Klein] (p. 323).

O psicólogo Kieran McNally (2004) analisa os termos “esquizofrenia” e “dupla personalidade”, e as metáforas de “Jekyll e Hyde”, comumente associadas a ambas as alterações. Segundo afirma, embora Stevenson não tenha utilizado o vocábulo “*split*”, nem suas variações, na narrativa, o autor escocês utiliza termos que podem ser considerados como similares ou de mesmo campo semântico, como “*personality*” [personalidade] (PG, p. 49) e “*dissociated*” [dissociado(a)] (PG, p. 40). Mesmo a imagem dos “*polar twins*” [gêmeos opostos] (PG, p. 39) pode ser entendida como opostos de uma mesma moeda⁶⁴. Em sua pesquisa, McNally vai mais além, e atribui a inspiração da narrativa de Stevenson aos “efeitos tóxicos do ergot”⁶⁵ (McNALLY, 2007, p. 69).

Alguns pesquisadores consideram que Stevenson pode ter usado o livro como um instrumento terapêutico para lidar com seus próprios problemas psicológicos. A ficcionista Barbara D’Amato (2005), ao abordar a obra partindo da premissa que todos os autores de ficção transportam para o texto “*their own conflicts in an unconscious effort of working through*” [seus próprios conflitos em um esforço inconsciente de trabalhá-los] e superá-los, conclui que Stevenson possuía uma “*unconscious understanding of the true nature of man and the instinctual forces that lie within*” [compreensão inconsciente da verdadeira natureza do homem e das forças instintivas em seu interior]. Segundo D’Amato, a obra literária de Stevenson é uma antecipação aos trabalhos de Freud, que na época do lançamento de *Dr. Jekyll and Mr. Hyde* ainda eram inéditos.

⁶³ Melanie Klein, psicanalista alemã, autora da teoria do desenvolvimento psicosssexual e psicopatologia.

⁶⁴ A tradução do termo “*polar twins*” será analisada em mais detalhes no Capítulo 5 desta tese.

⁶⁵ O ergot, também conhecido como esporão do centeio ou cravagem, é um fungo que infecta o centeio e outros cereais e produz substâncias tóxicas que podem causar depressão e confusão mental, hipertensão, bradicardia, perda de consciência, podendo ainda levar ao coma e à morte.

É possível perceber que Sigmund Freud, considerado o pai da Psicanálise, muitas vezes é citado pelos estudiosos que se propõem a analisar a obra de Stevenson. Edwin S. Stefan (1993), um renomado psicólogo que sempre procurou traçar paralelos entre literatura, religião e psicologia, escreveu um artigo que procura explicar algumas hipóteses sobre os distúrbios de personalidades múltiplas. Nesse artigo, Stefan afirma que Stevenson era um “*literary genius*” [gênio literário] e faz uma referência humorística ao fato de Stevenson ter escrito *Dr. Jekyll and Mr. Hyde* em 1885, quando Carl Gustav Jung, psiquiatra suíço e fundador da psicologia analítica, tinha apenas 10 anos de idade e Sigmund Freud, fundador da psicanálise, tinha 29 anos, e ainda estava iniciando na prática clínica. Stefan menciona uma frase citada pelo escritor britânico Nicholas Rankin e atribuída ao escritor James Joyce, “*it [Jekyll and Hyde] was written before we were **Jung** and **afreud** of the dark*” [grifos nossos] (RANKIN, p. 215 *apud* STEFAN 1993, p. 212). Tal frase faz um jogo de palavras com a sonoridade dos nomes de Jung e Freud, e as palavras “*young*” [jovem] e “*afraid*” [com medo], respectivamente.

Como é possível perceber, a obra de Stevenson que estamos estudando acabou servindo de base para a descrição de várias condições patológicas na área de Psicologia e Psiquiatria, como “*psychology of addiction, multiple personality disorder and borderline personality disorders*” [a psicologia da dependência química, transtorno de personalidades múltiplas e transtornos de personalidade *borderline*]” (CASTRICANO, 2006, p. 3). Muitos pesquisadores abordaram a face psicológica da trama criada por Stevenson. Jekyll e Hyde constitui-se em um “*popular myth, one of the very few to come out of the Victorian period, and its meanings have consequently become blurred*” [mito popular, um dos pouquíssimos a sobreviver após o período Vitoriano, e seus significados consequentemente tornaram-se imprecisos] (MILLS, 2004, p. 341). Segundo Edwin M. Eigner, professor da Universidade da Califórnia (EUA), especialista em literatura vitoriana, a história foi vulgarizada por uma “*popular and sensationalist stage interpretation*” [encenação teatral popular e sensacionalista] montada no primeiro ano após a publicação da história de Stevenson e também por três versões cinematográficas que também tiveram “*each one did its bit to coarsen Stevenson's ideas*” [cada uma sua participação na deformação das ideias de Stevenson] (EIGNER, 1966, p. 148 *apud* MILLS, 2004, p. 342). O pesquisador também cita os “*sermons and leading articles in religious newspapers of the late*

1880's" [sermões e artigos opinativos postados em jornais religiosos do final dos anos 1880], os quais, ainda que de maneira diferente, acabaram ajudando que "*the story was allegorized*" [a história fosse entendida como uma alegoria]. Assim, o resultado dessas diversas interferências e reapropriações é que "*the term Jekyll-and-Hyde, even as used by psychologists, has little reference to Stevenson's work*" [o termo Jekyll e Hyde, mesmo como é usado pelos psicólogos (de língua inglesa) guarda poucas referências com o trabalho de Stevenson] (p. 341).

2.9.2.1 O uso metafórico do termo "*Jekyll and Hyde*"

O autor de ficção científica Bradley Strickland afirma que a imagem de *Jekyll and Hyde* continua muito viva no inconsciente das pessoas, tanto que o termo "Jekyll/Hyde" consta nos principais dicionários de língua inglesa para referirem-se a situações, pessoas ou condutas mutantes e opostas.

Para o professor Edwin Eigner, a interpretação "vulgar" de *Jekyll and Hyde*, ou seja, a simples ideia de um ser totalmente bom que se torna mau por algum estímulo externo, ou em alguns casos a simples dualidade bem/mal, continua sendo "*part of the repertoire of British cultural life*" [parte integrante da vida cultural britânica] (EIGNER, 1966 *apud* MILLS, 2004, p. 342), o que justificaria seu uso metafórico ter entrado para o léxico da língua inglesa. Segundo Mills, uma prova disso pode ser observada, por exemplo, na maneira como a imprensa do Reino Unido relatou o caso de um médico (Harold Shipman), proveniente de uma cidade chamada Hyde, que fica em Manchester. Tal profissional matou alguns de pacientes (o número exato não foi citado) "*over many years of practice*" [durante muitos anos de prática (da medicina)]. Os jornais da época (anos 2000, provavelmente, já que Mills refere-se ao caso como tendo acontecido "recentemente", e seu artigo é de 2004) referiram-se ao médico como "*The Doctor Jekyll of Hyde*" [O Doutor Jekyll de Hyde]. Para Mills, essa referência explica-se pela inferência de que o médico em questão "*was a depraved character whose outward professional respectability cloaked his murderous proclivities*" [tinha uma personalidade depravada, cuja respeitabilidade profissional externa ocultava suas tendências assassinas].

Na imprensa nacional brasileira, também temos diversos casos de uso dos nomes Jekyll e Hyde ou, mais comumente, dos vocábulos "médico" e "monstro" em

jogos de palavras, em títulos de notícias policiais que envolvam médicos que tenham cometido atrocidades, ou que estejam sendo acusados de cometê-las.

Em um artigo dirigido aos profissionais de saúde, o enfermeiro Edward Spangenberg explica como os profissionais devem agir diante de um chefe com humor lábil. Spangenberg conta a história de um médico que ficava ciclando entre ser agradável e ser maldoso, e a essa conduta cíclica e instável Spangenberg referiu-se como “*a regular Jekyll and Hyde*” [constantemente ciclando entre Jekyll/Hyde] e o quanto isso era uma “*anxiety-provoking experience*” [experiência geradora de ansiedade] (SPANGENBERG, 1992, p. 102). Assim, notamos que até mesmo em textos científicos contemporâneos o termo Jekyll/Hyde pode aparecer com conotação metafórica.

Mas utilizar o termo “Jekyll e Hyde” com significados metafóricos não é uma prática recente. Segundo Kieran McNally (2007), o primeiro uso documentado dos termos Jekyll/Hyde como metáfora para uma personalidade dividida entre o bem e o mal remonta 1916, quando um jornalista do *Washington Post* publicou o artigo *He calls it schizophrenia and places blame on war* [Ele diz que é esquizofrenia e põem a culpa na guerra]. O jornalista, não identificado na notícia publicada, entrevistou o presidente da Clark University, G. Stanley Hall, a respeito da neutralidade dos EUA na Primeira Guerra Mundial. Hall usou o termo “*Jekyll-Hyde personality*” [personalidade Jekyll/Hyde] como sendo um tipo de “*split personality*” [personalidade dividida].

Mais tarde, em artigo do mesmo jornal, o termo passa a figurar no jargão dos profissionais da área. O psiquiatra Abraham Arden Brill, por exemplo, em 1931, falando sobre ex-presidentes dos EUA que teriam transtornos de personalidade, afirma que “*Lincoln had a schizoid or Dr. Jekyll and Mr. Hyde personality*” [Lincoln tinha personalidade esquizoide ou personalidade tipo Jekyll/Hyde] (BRILL, 1931 *apud* McNALLY, 2007).

Em 1955, em um periódico especializado da área médica (*Psychological Medicine*), os psiquiatras britânicos Curran e Partridge ratificam a noção de que a esquizofrenia daria origem às “*Jekyll and Hyde personalities of the popular press*” [personalidades Jekyll e Hyde, citadas na imprensa leiga], definindo tais alterações como psicopatias nas quais é demonstrada “*surprising combination of good and bad*

qualities or behaviour is shown” [uma combinação surpreendente de comportamentos ou qualidades boas e más] (CURRAN & PARTRIDGE, 1955, p. 193 *apud* McNALLY, 2007, p. 75).

Segundo o *website The Skeptical Doctor*, Theodore Dalrymple é um dos pseudônimos do escritor britânico e médico psiquiatra Anthony Daniels, nascido em Londres em 1949. Dalrymple afirma que pelo menos uma vez por semana ele recebe em sua clínica um paciente que “*describes himself to me as a Jekyll and Hyde*” [se descreve (ao psiquiatra) como Jekyll e Hyde] (p. 24), no qual o estado normal seria o de Jekyll, e substâncias como álcool, maconha e cocaína transformariam o indivíduo em “Hyde”. Segundo o escritor, “*Even the most unliterary people, who have never read a book in their lives, make use of the Jekyll and Hyde metaphor*” [Mesmo as pessoas mais distantes das obras literárias, que nunca leram um livro na vida, usam Jekyll/Hyde como uma metáfora]. (DALRYMPLE, 2004, p. 24). Na opinião de Dalrymple, entretanto, o uso dessa metáfora não é autorizado pelo conteúdo do livro escrito por Stevenson. Para ele, Stevenson não quis aludir a uma força externa, que governaria a pessoa, levando-a a cometer loucuras, violência e agressões, e contra a qual ela não tem controle. O que Stevenson nos diz, na opinião de Dalrymple, é que “*our capacity for evil will be indefinitely enlarged, until it overwhelms us utterly, if we make a habit of indulging in it.*” [nossa capacidade para o mal será ampliada indefinidamente, até que nos domine, caso criemos o hábito de fazer-lhe as vontades] (p. 28).

O eminente cirurgião e anatomista escocês John Hunter, que viveu na Europa no século XVIII, era acusado de pagar pessoas para violarem sepulturas e roubarem corpos, para que ele pudesse treinar suas habilidades cirúrgicas e anatômicas. Por isso, o médico Lloyd Axelrod (2012) publicou no *American Journal of Medicine* (um dos periódicos médicos mais respeitados na atualidade) um artigo intitulado “*Strange case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde - and John Hunter*”, o que confirma que a imagem do bom médico que abriga uma faceta má continua viva no imaginário das pessoas em geral, e neste caso, também dos cientistas e pesquisadores. Segundo o neurologista E.H. Jellinek, em um artigo publicado no renomado periódico médico *Lancet*, o patologista inglês Henry Charlton Bastian, que viveu na Europa no século XIX, foi chamado de “*scientific Jekyll and Hyde*” [Jekyll e Hyde das ciências] por ter sido um dos fundadores da neurologia em uma época da carreira, e depois ter publicado livros não ortodoxos sobre biologia e genética (JELLINEK, 2000).

2.9.3 Rick Hautala, Hyde e a antropologia criminal

O escritor estadunidense **Rick Hautala** (1949–2013) ficou famoso como autor de histórias de horror e ficção. Além de escrever diversos roteiros para cinema e de escrever sob o pseudônimo A. J. Matthews, Rick publicou algumas resenhas sobre obras que ele considerava interessantes⁶⁶. O parágrafo a seguir traz sua opinião sobre *Dr. Jekyll and Mr. Hyde*:

So who is this "Mr. Hyde"? Is he simply a brilliant literary creation, [...] Or is he an accurate and penetrating representation of the beast inside all of us, an embodiment of Doctor Jekyll's – and Stevenson's – darker, baser nature? [...] The basic fear this novel triggers for me is the knowledge that this bloodthirsty, amoral beast is always there, inside you and me, lurking just below the surface like a hungry shark. [Então, quem é este "Mr. Hyde"? Ele é simplesmente uma brilhante criação literária, [...] Ou será ele uma representação precisa e penetrante da besta que há dentro de todos nós, uma encarnação da natureza mais vil e mais obscura do Doutor Jekyll – e de Stevenson? [...] O medo básico que esse romance desencadeia para mim é o conhecimento de que esta besta amoral e sedenta de sangue está sempre ali, dentro de você e de mim, à espreita logo abaixo da superfície como um tubarão faminto] (HAUTALA apud WOLF 1995, p. 30).

É possível perceber, pelas opiniões expressas por Rick Hautala, que ele considerava *Dr. Jekyll and Mr. Hyde* como um grande livro e que Hyde, por sua onipresença em cada um de nós, seria em sua opinião o que tornaria o livro ainda mais assustador. Talvez pela proximidade da trama com áreas transversais do conhecimento, diversas ciências (exatas, humanas e biológicas) “pegaram emprestadas” facetas da história do bondoso médico que se torna uma figura monstruosa e má após ingerir uma poção misteriosa, e utilizaram conceitos supostamente presentes na narrativa. Na visão de Hautala e segundo especialistas nos textos do escritor escocês, Stevenson não buscava enfatizar que o mal pode se apoderar de pessoas boas, mas sim, que existe uma fração de maldade dentro de cada pessoa, e que esta precisa ser “domada”, para que não se apodere da personalidade do indivíduo.

E quem representaria a essência desse mal? Hyde, é claro! Ou seria Jekyll, por possuir e dar vazão a seu “*inner Hyde*” [Hyde interior]? Não é possível determinar exatamente o que passava na mente de Stevenson ao conceber Hyde.

⁶⁶ Fonte: Arquivos de Rick Hautala, disponível em <http://www.rickhautala.com/>. Acesso em: 15.fev.2014.

Entretanto, como salienta o advogado e pesquisador carioca Maurício Jorge Pereira da Mota, sabemos que a sociedade científica da época de Stevenson estava embalada pelas ideias de atavismo e da criminologia [pseudo]científica, advindas dos estudos de Lombroso⁶⁷ (MOTA, 2007). E, conforme reafirma Michael Davis, pesquisador de Ciências Sociais da *University of the West of England*, nos anos 1880, era cada vez mais influente uma tradição psicológica que procurava entender as características físicas do corpo humano, principalmente da cabeça e da face do indivíduo e relacioná-las com o caráter e a personalidade (DAVIS, 2006, p. 208).

Samir Elbarbary (1993) considera que o primitivismo ocupa uma posição central na trama de *Dr. Jekyll and Mr. Hyde*, e que Hyde “*surely would feel at home among animals*” [certamente estaria muito à vontade entre os animais] (p. 124), uma vez que ele é descrito como tendo “*shrunk limbs*” [membros encurtados] (PG, p. 46), “*the hand [...] was corded and hairy*” [a mão peluda e com tendões salientes] (PG, p. 46) e era capaz de realizar “*ape-like tricks*” [“macaquices”] (PG, p. 48). Além disso, Hyde ataca Carew com “*ape-like fury*” [fúria símia] (PG, p. 14). Nas palavras de Adam Capitanio (2010), Stevenson estaria mostrando que Mr. Hyde, como face oculta e primitiva do Dr. Jekyll, seria representante do comportamento animal que este teve de abandonar, para tornar-se civilizado. Poole, na narrativa de Stevenson, descreve Mr. Hyde como alguém que “*cries out like a rat*” [“guincha como rato”] (PG, p. 58).

Nessa mesma linha de raciocínio, Katherine Linehan nos lembra de que, em sua maioria, as histórias de horror apresentam monstros como figuras masculinas, adultas, gigantescas e cuja “*lovelessness is a tell-tale sign of their moral misdevelopment*” [falta de amor é um sinal claro de seu mal desenvolvimento moral] (LINEHAN, 1997, p. 53). Linehan também nos recorda que Hyde tem uma estatura menor do que Jekyll, e que as roupas do médico, para servirem em Hyde, precisam ser dobradas, e mesmo assim ainda ficam grandes. A partir dessa observação, a pesquisadora afirma que Hyde seria a imagem de uma criança moralmente deformada, e justifica sua afirmação com frases do próprio original de Stevenson,

⁶⁷ Cesare Lombroso, psiquiatra e criminalista, estudou a relação entre as características físicas e psíquicas de um indivíduo, tentando relacioná-las à psicopatologia criminal. Durante cinco anos (1871 – 1876), o pesquisador italiano analisou centenas de criminosos nas prisões italianas, a fim de estabelecer uma relação entre a aparência física e a propensão criminosa. Segundo essa teoria, os criminosos natos seriam biologicamente propensos a praticar certos crimes, pois possuíam o tipo atávico – regressão ao homem primitivo ou formas pré-humanas.

como a passagem em que Dr. Jekyll relata sua primeira experiência como Mr. Hyde, afirmando ter sentido a liberdade de um “*schoolboy*” [garoto] (PG, p.4). Mais adiante na narrativa, Stevenson utiliza expressões como “*a sick child may break a plaything*” [uma criança contrariada é capaz de quebrar um brinquedo] (PG, p. 97) e “*that child of Hell*” [aquele filho infernal] (PG, p. 103) para referir-se a Mr. Hyde.

Embora a linguagem utilizada para descrever Mr. Hyde muitas vezes seja “sobrenatural”, como em “*hellish*” [infernal] (PG, p. 3) ou “*damnable*” [maldito] (PG, p. 4), ou ainda ao descrever Mr. Hyde como tendo em sua face “Satan's signature” [a assinatura de Satã] (PG, p. 10), Kirsten Stirling enfatiza que, a explicação para a criação de Mr. Hyde é ligada unicamente ao caráter científico e experimental do Dr. Jekyll (STIRLING, 2004).

2.10 OUTROS ASPECTOS ANALISADOS

A lista de facetas a serem exploradas na obra de Stevenson parece não ter fim. Além dos temas e aspectos analisados acima, há ainda alguns pesquisadores que abordaram características textuais e/ou temáticas bastante variadas. A seguir apresentaremos algumas delas, sem a pretensão de esgotarmos o assunto, já que muitos outros artigos foram feitos e não serão abordados aqui.

- Jessie Givner (2000) analisa os protagonistas da trama de Stevenson à luz das relações sociais e políticas. A pesquisadora cita a passagem em que Stevenson faz alusão às “*many ragged children huddled in doorways, and many women of many different nationalities passing out*” (PG, p. 32) [muitas crianças maltrapilhas amontoadas nas soleiras das portas e muitas mulheres de diversas nacionalidades perambulando], que surge ao descrever a vizinhança da rua dos fundos da casa do Dr. Jekyll. Para Givner, tal trecho faz referência ao “*the fear of political reform and social unrest coincides with anxiety about imperial expansion and colonization*” [medo das reformas políticas e da agitação social, que coincidem com a ansiedade sobre a expansão imperialista e a colonização] (p. 281). Para comprovar sua posição, Givner afirma que as mudanças de Dr. Jekyll em Mr. Hyde, em toda a narrativa, são “*accompanied by a continuous flickering between literal*

figures and figurative letters” [acompanhadas por uma variação contínua entre letras figuradas e figuras literais] (p. 281). Assim, *Dr. Jekyll and Mr. Hyde* inauguraria uma fase literária em que a preocupação com a “*threat of political revolution*” [ameaça de revolução política] seria mais manifesta.

- Jean Fernandez (2004, p. 363), estudioso de assuntos vitorianos, analisou a relação patrão-empregados em diversas obras literárias, entre elas, *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*. Fernandez afirma que Poole é mediador em momentos importantes da história, sendo fundamental para a revelação da identidade de Mr. Hyde. O estudioso chama Poole de “*agent of crisis*” [agente da crise] (p. 381) e ressalta o papel importante de Poole no transcorrer dos fatos narrados por Stevenson. Isabella Beeton afirma que os serviçais, no período vitoriano, graças a sua posição privilegiada no interior das residências, e por estarem próximos dos patrões, tinham uma posição de “*voyeurs and witnesses to [...] erring tendencies*” [voyeurs e testemunhas das tendências impróprias] de seus patrões (BEETON, 1861 *apud* FERNANDEZ, 2004).

- O professor do Departamento de Inglês da Universidade do Texas, Allen MacDuffie (2006), por sua formação híbrida e interesse por projetos interdisciplinares que unem literatura e física, analisa os aspectos ligados à termodinâmica da transformação estrutural presentes em *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde* e extrapola seu raciocínio para a vida moral, para os conceitos teológicos e a noção de apocalipse.

- Há também os pesquisadores que se aprofundam nos aspectos jurídicos da história de Dr. Jekyll e Mr. Hyde. Simon Stern (2008), professor da Faculdade de Direito da Universidade de Toronto, chega a sugerir que *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde* poderia ser usado como livro didático, durante as aulas de Direito. A trama poderia levar os futuros advogados a refletirem sobre os limites da imputabilidade de pessoas com problemas mentais, noções de responsabilidade e sigilo, entre outras.

2.10.1 Aspectos lexicais presentes em *Dr. Jekyll and Mr. Hyde* estudados mais detalhadamente.

- O professor de Literatura Comparada da Northwestern University (Chicago, EUA), Jules Law, estudou o uso do vocábulo *something*, e sua relação com o “*unnameable or the unspeakable*” [“inominável ou impronunciável”]. (LAW, 2009). Law é especialista em Teoria Literária e Literatura Vitoriana e procurou abordar o vocábulo *something* segundo aspectos culturais e sociais da época em que se passa a narrativa.
- Michael Davis reflete sobre os termos “*laboratory*” [laboratório] e “*dissecting-room*” [sala de dissecação] e os contrastes entre o antigo habitante da casa do Dr. Jekyll, referido como “*celebrated surgeon*” [cirurgião célebre] (DAVIS, 2006, p. 39), e o atual morador, que tem propensões “*rather chemical than anatomical*” [mais voltadas para as substâncias químicas do que para o estudo das formas anatômicas humanas]. Davis, em seu artigo, traça ainda um perfil que relaciona as referências químicas presentes no texto e a sociedade vitoriana da época. Ainda examinando as relações entre o livro *Dr. Jekyll and Mr. Hyde* e a proliferação de discursos médicos e psicológicos no final do século XIX, o pesquisador afirma que os conceitos psicológicos presentes no livro revelam a criatividade e a controvérsia do período vitoriano.
- Richard Scholar (2001), já citado anteriormente, enfoca a tradução do vocábulo “*case*”, do inglês para o francês. Segundo nos informa o pesquisador, na língua francesa existem diferentes palavras para traduzir a noção do termo polissêmico “*case*” (que em inglês, assim como em português, pode referir-se a um caso médico, psicológico, judicial ou de detetive). Parte do mistério do texto de Stevenson repousa na dúvida que o título original suscita no leitor (ou seja, a que tipo de “caso” refere-se). Em francês, entretanto, parte desse mistério é perdido, uma vez que os tradutores são obrigados a optar por usar a palavra francesa “*cas*” (que se refere a um caso médico ou psicológico, e também casos judiciais) ou “*affaire*” (que é mais utilizado para referir-se aos casos de detetives). Assim, segundo Scholar, em sua maioria, as traduções em língua francesa que optaram pela palavra “*cas*” acabam predispondo leitores e plateias à noção de que a história refere-se a um problema médico ou psicológico.

2.11 JOVIALIDADE, EVOLUCIONISMO, MORDOMOS DEVOTADOS E VÍCIOS ANÔNIMOS

Como foi possível observar, o texto de Stevenson, mesmo sem perder seu caráter literário, aborda diversos campos científicos: física, biologia, química, psicologia. Katherine Linehan afirma que Stevenson, ao escrever ficção para adultos, nunca deixa de lado “*his youthfully-oriented loyalty to concreteness, resistance to preachiness or hypocrisy, and exuberant pleasure in romance and adventure*” [sua lealdade jovial à concretude, sua resistência ao proselitismo e à hipocrisia, além do exuberante prazer em viver o romance e a aventura] (LINEHAN, 1997, p. 56).

Segundo Adam Capitanio, a narrativa de Stevenson inclui noções evolutivas darwinianas, que defendem que o homem descende do macaco; cita os poderes das poções preparadas pelo Dr. Jekyll (um profissional respeitável e instruído), compostas por substâncias químicas, capazes de alterar a personalidade (e até mesmo a aparência) de quem as consome; e aborda traços das teorias que estavam se tornando populares nos estudos psicológicos do século XIX, que levariam posteriormente aos trabalhos de Sigmund Freud (que, na época da publicação de *Dr. Jekyll and Mr. Hyde*, tinha quase 30 anos de idade e iniciava sua prática clínica). (CAPITANIO, 2010).

Concluimos este capítulo com uma fala de Nabokov, em sua aula de literatura, ministrada aos estudantes estadunidenses⁶⁸, que nos parece resumir bem o clima e as cenas suscitadas na mente do leitor ao entrar no mundo de *Dr. Jekyll and Mr. Hyde*:

O propósito artístico de Stevenson era “montar um drama fantástico, testemunhado por cidadãos comuns e sensatos”, e fazê-lo numa atmosfera familiar aos leitores de Dickens, um cenário de desolados nevoeiros londrinos, de cavalheiros solenes e idosos, apreciadores de um bom vinho do Porto, de velhas casas de fachada decadente, de advogados de família e mordomos devotados e de vícios anônimos, florescendo sob a capa da respeitável casa de Jekyll, de gélidas madrugadas e cabriolés de aluguel. (NABOKOV, 1987, p.121).

⁶⁸ Traduzido ao português na fonte de onde reproduzimos.

CAPÍTULO 3 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: LINGÜÍSTICA DE *CORPUS*, REFRAÇÕES, TIPOS DE SIGNIFICADOS

O propósito do presente capítulo é descrever os preceitos teóricos que embasaram a realização desta pesquisa. Este capítulo está dividido em dois eixos básicos: **preparação do *corpus* de estudo e análise das traduções**. O capítulo está organizado da seguinte maneira: em relação ao preparo do *corpus* de estudo, em um primeiro momento são apresentados os princípios da Linguística de *Corpus* (LC) relevantes a nossa pesquisa e as principais definições de LC cujos termos são citados ao longo dos demais capítulos, além de alguns conceitos importantes que serão úteis para a compreensão do processo de alinhamento e análise das traduções. A seguir, são apresentados alguns concordanciadores disponíveis e o programa alinhador utilizado. Os *corpora* disponíveis na internet utilizados para fornecer subsídios à análise são apresentados ao final dessa primeira parte. Em um segundo momento, passamos a discorrer sobre os pressupostos teóricos utilizados para embasar a análise propriamente dita. Entre eles, destacam-se os conceitos de refração, segundo Lefevere, de tradução, segundo Roman Jakobson, e a tipologia dos significados, segundo Mona Baker.

3.1 PREPARAÇÃO DO *CORPUS* DE ESTUDO

Após a seleção dos três livros dos quais seriam retiradas as traduções a serem analisadas e comparadas ao original escolhido⁶⁹, o passo seguinte foi escanear os três textos, que somente estavam disponíveis em papel. Utilizamos o escâner da impressora multifuncional Panasonic KX-MB283, que já tem um programa de OCR⁷⁰ (reconhecimento e digitalização de textos em formato editável). Embora o referido programa seja bastante preciso, já que conta com dicionários acoplados e seleção de idiomas dos textos a serem escaneados (o que permite que a acentuação e o cê cedilha sejam identificados), mesmo assim os textos foram totalmente revisados e cotejados com seus respectivos originais, antes de passarmos ao alinhamento.

⁶⁹ O Capítulo 4 traz informações sobre os critérios adotados na seleção das obras a serem analisadas.

⁷⁰ OCR é a sigla para “*optical character recognition*”.

Como utilizamos os princípios da Linguística de *corpus* e algumas de suas ferramentas, a seguir passaremos a discorrer sobre alguns pontos teóricos relevantes.

3.2 PRINCÍPIOS DA LINGUÍSTICA DE *CORPUS*

A Linguística de *Corpus* é um campo que se dedica à criação e análise de *corpora* (plural da palavra *corpus*), que são conjuntos de textos e transcrições de fala armazenados em arquivos de computador (BERBER SARDINHA, 2004). A Linguística de *Corpus* considera como seu objeto primordial de pesquisa a linguagem, seja oral ou escrita, em sua manifestação autêntica, natural e empírica, compilada e processada através de recursos computacionais. Por esse motivo, foi necessário escanearmos os textos que se encontravam em papel.

Sem os recursos da informática, não poderia existir uma Linguística de *Corpus* como a conhecemos na atualidade. Assim, quando o pesquisador pretende usar tais recursos, ele passa a depender de programas de computador para tratar os dados compilados em *corpora*. Contudo, sempre temos de ter em mente que a análise e a interpretação dos dados serão feitas pelo pesquisador, de modo que os programas de computador apenas ajudam a sistematizar a coleta, tratar os dados e processar as informações (retirar partes indesejadas de cada texto, selecionar parte dos arquivos, gerar linhas de concordância, listas de palavras, palavras-chave, inserir e remover etiquetas, entre outros) (PERROTTI-GARCIA, 2009).

Belinda Maia (2002), da Universidade do Porto (Portugal), salienta que tradutores, pesquisadores, professores de idiomas e linguistas podem utilizar *corpora* em suas pesquisas e em suas atividades profissionais, mas cada um irá usar os recursos da LC de maneiras diversas.

No presente estudo, além de utilizarmos uma ferramenta computacional (concordanciador paralelo) para ajudar na sistematização da análise, aumentar a velocidade de localização de termos e expressões, e permitir a reprodutibilidade das buscas, também usaremos *corpora* disponíveis na internet, para obtermos mais informações sobre os usos de determinados termos e expressões em língua portuguesa.

3.2.1 Terminologia da LC

A LC, como qualquer outra área do saber, utiliza uma série de termos que lhe são específicos. Evidentemente, foge ao escopo deste trabalho apresentar um glossário abrangente desses termos. As definições que serão apresentadas a seguir, portanto, são aquelas cuja compreensão é importante para a leitura dos capítulos subsequentes desta tese e para o entendimento da metodologia do presente estudo, e de suas conclusões. O objetivo desta breve lista de termos não é cobrir totalmente a terminologia da LC, mas sim servir de orientação para os leitores que não dominem os termos relacionados a ela. Assim, este glossário sucinto procura delimitar certos conceitos, localizando-os para o campo da LC, além de determinar um grupo estável de definições, que serão utilizadas mais adiante.

Como já citado anteriormente, a **Linguística de Corpus** “dedica-se à exploração da linguagem através de evidências empíricas, extraídas por meio do computador” (BERBER SARDINHA, 2000, p. 46), isso torna necessário que os textos em papel sejam digitalizados antes de serem incluídos nos programas de computador específicos para análise linguística segundo os princípios da LC. Para que os textos possam ser analisados, portanto, devem estar em formato que possa ser lido e manipulado pelas ferramentas computacionais (em geral, arquivos .txt., ou seja, arquivos sem formatação). Por essa razão, nosso primeiro passo, após definir os textos que seriam analisados, foi fazer sua digitalização, para convertê-los a um formato editável⁷¹.

a. palavra (ou termo) de busca e nódulo

Em geral, quando são usados programas como AntConc, WordSmith e outros específicos para LC, há um espaço em que se digita a **palavra (ou termo) de busca**. O termo de busca é a palavra (ou conjunto de palavras) que estará presente, centralizada, nas linhas de concordância, quando se usa um concordanciador simples. Quando a palavra de busca se encontra na linha de concordância, ela é denominada **nódulo**.

⁷¹ Para que tenham rigor científico, em LC, recomenda-se que os textos sejam digitalizados, e não digitados.

b. linhas de concordância, cotexto e horizonte

As **linhas de concordância** são as ocorrências de um item específico e seu **cotexto**⁷², ou seja, linhas formadas pela palavra de busca, centralizada, e por um número predeterminado de palavras à esquerda e à direita desta. As palavras ao redor do nóculo formam uma sequência que, em Linguística de *Corpus*, chamamos de **horizonte**. Por exemplo, nas linhas de concordância abaixo, retiradas do *Corpus* do Português (ver mais informações adiante), observamos o nóculo *cidadela*, com cinco palavras à direita e à esquerda, formando um horizonte de 11 palavras.

QUADRO 1. Exemplo de linhas de concordância
formavam. Era pior que uma <u>cidadela</u> inscrita em polígonos ou blindada
a feição perfeita de uma <u>cidadela</u> de expugnação difícilima. Percebia-se
grupo pode conhecer, ainda, a <u>Cidadela</u> , o teatro romano e as

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

c. concordanciadores

As linhas de concordância mostradas acima foram produzidas por uma ferramenta computacional chamada **concordanciador**. Neste caso, a finalidade do concordanciador foi produzir as linhas de concordância em que a palavra de busca era encontrada, no *corpus* de estudo.

Para nosso cotejo das opções tradutórias, no entanto, como estávamos trabalhando com um texto original e mais três traduções, precisávamos de uma ferramenta mais complexa, que primeiramente alinhasse os textos (ou seja, fizesse a correlação entre cada segmento traduzido e seu(s) correspondente(s) nos textos analisados) e nos permitisse fazer buscas nos quatro textos simultaneamente. Essa ferramenta é denominada **concordanciador paralelo**, e será analisada em mais detalhes a seguir.

⁷² Não confundir o termo “cotexto” (i.e., o “entorno verbal do texto”, segundo Koch e Elias, 2006), com “contexto”, a situação comunicativa concreta em que foi produzido o texto.

d. concordanciadores paralelos

Para podermos pesquisar simultaneamente em textos alinhados, é necessário um concordanciador paralelo. Há disponíveis alguns concordanciadores paralelos (como, por exemplo, ParaConc⁷³, CasualConc⁷⁴, AntPConc⁷⁵).

O ParaConc é multilíngue, e não é específico para nenhuma língua em especial, podendo portanto ser usado com *corpora* em diferentes idiomas. O CasualConc é gratuito, mas somente pode ser usado em computadores com sistema Mac. O AntPConc, por sua vez, desenvolvido por Laurence Anthony, pode ser baixado gratuitamente e foi testado pelo desenvolvedor em computadores com sistemas Windows XP, Vista e Windows 7. Entretanto, o manual para uso do programa não está disponível *online*, sendo preciso adquirir um livro para conseguir mais informações sobre o programa e para utilizá-lo.

Nossa opção foi entrar em contato com o Prof. Anthony, que nos enviou o manual (que, segundo ele, em breve estará disponível na *web*). Assim, os quatro *subcorpora* (o texto original e as três traduções) foram alinhados utilizando a ferramenta *Plus tools* desenvolvido por Yves Champollion, e a seguir utilizamos o programa AntPConc para realizar as buscas. O programa funciona multidirecionalmente, ou seja, é possível realizar as buscas tanto com palavras de busca dos textos em português quanto do original em inglês.

e. alinhadores

O **alinhador** é um programa que estabelece uma relação, em geral frase a frase, mas também pode ser parágrafo a parágrafo, entre dois textos (em geral um texto de partida e o texto de chegada, ou seja, o “original” e sua tradução). Há diversos alinhadores disponíveis, sendo que alguns deles podem ser baixados para o computador do usuário e outros requerem que os textos sejam enviados para um servidor à distância, para serem alinhados.

⁷³ Disponível para *download*, em versão beta, paga, em <http://www.athel.com/para.html>.

⁷⁴ Pode ser baixado gratuitamente em <https://sites.google.com/site/casualconc/download>.

⁷⁵ Disponível para *download* em <http://www.antlab.sci.waseda.ac.jp/software.html>.

Por uma questão de familiaridade e praticidade, optamos por utilizar um programa que, na realidade, destina-se a gerar memórias para CAT tools (ou seja, um programa que, em uma primeira etapa alinha os textos e, a seguir, depois de gerar uma tabela intermediária, produz um arquivo em que cada segmento de partida fica alinhado a seu segmento de chegada correspondente).

Esse programa (Plus tools versão 4) tem versão de demonstração gratuita e está disponível para *download* no *site* do Wordfast⁷⁶. O alinhamento é simples e rápido, mas os arquivos a serem alinhados devem estar em formato .doc (MS Word).

3.3 CORPORA DISPONÍVEIS NA INTERNET

Além dos quatro *corpora* alinhados, utilizados como objetos da análise, também utilizamos o *Corpus* do Português⁷⁷, organizado pelos professores Mark Davies, da *Brigham Young University* (Provo, Utah) e Michael J. Ferreira da *Georgetown University* (Washington, D.C). Quanto à composição do *corpus*, conforme informações disponíveis no *site* oficial, o *Corpus* do Português contém mais de 45 milhões de palavras de aproximadamente 57.000 textos, sendo 20 milhões de palavras de textos do século XX, 10 milhões do século XIX e 15 milhões de palavras de textos dos séculos XIII-XVIII. Em relação aos textos do século XX, o *corpus* contém seis milhões de palavras de ficção, seis milhões de jornais e revistas, seis milhões de textos acadêmicos e dois milhões de textos orais. Para cada um destes quatro gêneros, os textos do século XX estão divididos igualmente entre textos de Portugal e do Brasil.

Quando pesquisamos em um *corpus* como este, é importante salientar, o número de resultados obtidos é em geral inferior ao que se obtém ao fazermos, por exemplo, uma busca da mesma palavra utilizando o buscador Google, em textos da internet. Isso ocorre, por que a base de dados da internet é da ordem de 23 bilhões de palavras⁷⁸, ou seja, mais de 500 vezes maior do que o *corpus* que utilizamos.

Entretanto, as buscas feitas no *corpus* em questão, mesmo quando dão resultados aparentemente pequenos, são significativas, pois os textos foram

⁷⁶ Disponível para *download* em <http://www.wordfast.net/index.php?whichpage=downloadpage&lang=engb>

⁷⁷ Disponível em <http://www.corpusdoportugues.org/x.asp>.

⁷⁸ Segundo o *site* WorldWebSize.com, disponível em <http://www.worldwidewebsite.com/>. Acesso em: 20.jun.2014.

coletados seguindo critérios pré-estabelecidos (por ex.: gênero textual, suporte, local de publicação, variante da língua, assunto, etc.), de modo que o resultado obtido é uma amostra representativa da língua que se está pesquisando.

3.4 ANÁLISE DAS TRADUÇÕES

Para a análise das traduções, embasamos nossas reflexões em alguns textos seminais de Teoria e Prática da Tradução. Um texto relevante para nossa pesquisa, e que nos ajudou a traçar os rumos a serem tomados, foi o livro *O Clube do Livro e a tradução*, do Prof. Dr. John Milton (2002), no qual o pesquisador traça um perfil das traduções publicadas pelo Clube que dá nome à obra e sua função social para a formação de leitores. A obra também avalia a herança cultural da literatura brasileira e, em nosso caso, serviu como uma bússola, nos orientando sobre as informações que poderíamos coletar sobre o processo tradutório, a partir da análise do texto traduzido.

Além do livro de Milton, nos valem da coletânea básica⁷⁹ realizada por Venuti (2000), que reuniu, em ordem cronológica, os principais estudos seminais que abordaram as teorias da tradução, publicados durante o século XX. Esse livro nos ajudou a estabelecer critérios para a análise das traduções, além de nos mostrar uma evolução das diferentes linhas filosóficas que buscaram explicar e compreender o processo tradutório. Entre tantos estudos relevantes encontrados na coletânea de Venuti, salientamos os artigos de André Lefevere e Gideon Toury, que serão abordados em mais detalhes adiante, neste capítulo.

3.4.1 Por que analisar traduções?

Lefevere afirma que, no passado a produção de traduções não era capaz de conferir respeitabilidade a quem as produzia (1995, p. 5), devido à sacralização dos textos canônicos. Nos estudos de Literatura Comparada, embora críticos e tradutores tivessem como seu objeto de trabalho o texto de partida, os tradutores eram julgados de maneira mais negativa. Lefevere faz uma analogia na qual os textos originais seriam as escrituras sagradas. Nesse contexto, os críticos seriam vistos como as figuras escolhidas por Deus para interpretar as escrituras (“*priestly*

⁷⁹ O termo “básica” aqui é utilizado com a acepção de “que forma a base, que é fundamental”.

figures”, nas palavras do autor, p. 4), enquanto os tradutores seriam, nessa metáfora, como pessoas que desfigurariam o texto e, portanto, sujeitos a serem tratados com “*distrust and disrespect*” [desconfiança e desrespeito].

Evoluindo à sombra dos conceitos literários do Romantismo, a Literatura Comparada primordialmente não via com bons olhos a tradução, embora esse tipo de estudo fosse comum entre os iluministas – com obras seminais da época contendo capítulos sobre tradução. Para manter um caráter purista, ao descrever as influências de uma literatura sobre a outra, os autores costumavam afirmar que haviam lido ambas em suas línguas originais (o que os fazia fugir das “armadilhas” da leitura de um texto traduzido). Entretanto, como nos mostra Lefevere, muitos desses autores fizeram seus estudos com base em textos traduzidos, já que nem sempre dominavam as línguas em que alguns desses textos foram escritos. Segundo ele Byron, por exemplo, havia lido Fausto traduzido para o francês por *Madame de Staël*, publicado no *De l'Allemagne*, já que Byron não dominava o idioma alemão (1995, p. 6).

Nota-se, então, que a tradução era como que um “mal necessário”, mas que muitos dos estudiosos, mesmo valendo-se dos textos traduzidos, optavam por deixar essa informação oculta. Contudo, a situação sofreu alterações com o passar do tempo e surgiram pesquisadores que começaram a entender e explicar a tradução como uma fonte de revitalização para a literatura. Ezra Pond e Walter Benjamin, por exemplo, atribuem à tradução um caráter “*giver of life*” [gerador de vida] (LEFEVERE, 1995, p. 7).

Em uma época intermediária as traduções foram limitadas às oficinas de tradução, em que um debatedor (em geral um escritor) analisava uma tradução criticamente, propondo as alterações que julgasse necessárias. Desse modo, segundo Lefevere (1995, p. 7), a tradução era mantida “*in the margin of the academy*” [à margem da academia]. Nessa fase, havia dois tipos bem definidos de tradução aceitas: as consideradas “boas”, por seguirem parâmetros preestabelecidos, e as consideradas “interessantes”, por ser fruto das oficinas de tradução.

Os anos 1960 trouxeram novas formas de encarar as traduções, conforme a análise dos textos foi sofrendo uma gradual evolução, passando do nível da palavra

para unidades maiores e mais profundas e abrangentes (análise textual, cotextual, contextual, discursiva, entre outras). As perguntas passam a ser, segundo Lefevere, se um texto é uma tradução, uma versão, uma imitação ou uma paráfrase. Essa época, segundo o autor, foi caracterizada pela busca de definições e explicações, mas acabou levando a criar mais confusão do que esclarecimentos. (1995, p. 8)

Os anos 1970 e 1980 trouxeram novas visões sobre a análise literária e, conseqüentemente, em relação à maneira de se encarar a tradução. Na literatura, a recepção do texto passou a desempenhar um papel relevante, em oposição à análise da produção textual. Nessa época, segundo Lefevere (1995, p. 8), ficou claro que a influência que uma obra literária tem sobre sua própria cultura é em grande parte relacionada à imagem que os críticos fazem dessa obra, ou seja, a recepção desse texto naquela cultura.

O conceito acima pode ser extrapolado e ampliado para a tradução: o impacto de uma obra traduzida não depende apenas da imagem projetada pelos críticos, mas sim da imagem projetada pelo tradutor. Desse modo, nessa linha de raciocínio, os tradutores seriam responsáveis pela fama, influência, papel de uma obra, um gênero literário, ou até mesmo da literatura de um país como um todo. Para Lefevere (1995, p. 8), o papel do tradutor parece se igualar ao do autor, em sua influência sobre a aceitação ou rejeição de uma obra literária. Contudo, a academia, até o início dos anos 1990, desencorajava os alunos que quisessem utilizar a tradução como um objeto de estudo em seu doutorado, tanto ao produzirem traduções quanto ao analisarem seu impacto sobre a(s) cultura(s) receptora(s). Segundo John Milton, durante muito tempo a tradução foi considerada como “a Cinderela do mundo literário”, ficando alijada desse mundo, e tendo que se contentar em habitar o “mundo de crepúsculo de notas de rodapé e apêndices” (2010, p. 257).

Ao colocar o tradutor em um papel relevante no processo de entendimento, aceitação e valorização de um texto, a teoria da recepção colaborou para a aceitação e inclusão dos textos traduzidos entre os cânones literários.

A desconstrução, por sua vez considera o texto traduzido como um novo original. Segundo Lefevere (1995, p. 9), “a desconstrução usa a tradução como uma metáfora para todos os tipos de transformação.” Desse modo, rompe-se a

hegemonia do texto de partida, já que o original deixa de ter um caráter “sagrado”, e assim a noção de precisão também é questionada.

3.4.2 Como analisar traduções?

Até o início do século XX, os estudos que analisavam traduções, embora raros, limitavam-se a “mostrar as perdas” decorrentes do ato tradutório (LEFEVERE, 1982, p. 3). Podemos analisar uma tradução do ponto de vista prescritivo ou descritivo. A análise das traduções seguindo aspectos prescritivos tem o objetivo de definir qual tradução é “melhor”, mais “adequada”, qual texto está mais de acordo com as prescrições estabelecidas previamente por teóricos que, no mais das vezes, criaram regras com base na observação empírica e na análise de traduções anteriores. Segundo Toury (1980), entretanto, a análise de uma tradução não deve ter como meta determinar se tal tradução é “boa” ou “ruim”, “certa” ou “errada”, “precisa” ou “imprecisa”. Alguns aspectos que passam a ser relevantes referem-se a quem solicitou a tradução, quem realizou a tradução (e que estratégias adotou), qual foi a influência do texto traduzido e por quanto tempo ele se manteve influente. Assim, ao abandonarmos as análises normativas, passamos a ter uma ampliação no campo dos estudos de tradução. Não há mais a determinação de regras, passando-se a abordar a chamada “prática tradutória” e as “reescritas”.

Outro aspecto importante é a relação entre tradução e literatura. Lefevere (1982, p. 4) é contrário à diferenciação entre tradução literária e tradução não literária. Para Lefevere, segundo o conceito linguístico tradicional, a literatura seria uma forma de arte que se diferencia do “uso comum” da linguagem. Entretanto, Lefevere afirma que não podemos fazer essa distinção radical, já que a literatura atual muitas vezes tem utilizado a assim chamada “linguagem comum”. Desse modo, a função que o texto literário exerce na cultura de chegada passa a ser determinante, pois a tradução literária seria aquela em que o texto produzido terá a função de uma obra literária, tirando-se o foco do processo tradutório e voltando-se as atenções para o produto.

O produto do ato tradutório, segundo nos informa Toury, assim como qualquer outra atividade humana, irá variar em função de diversos fatores. No caso da tradução literária, são aspectos que vão muito além do texto de partida, das diferenças entre a língua em que o texto foi escrito e aquela para o qual será

traduzido, das tradições textuais que influem no fazer tradutório, e até mesmo das limitações e possibilidades relacionadas à capacidade cognitiva do tradutor. Os fatores socioculturais também têm influência sobre o tradutor, e em última análise acabam afetando a composição do produto traduzido. Toury afirma, ainda, que um mesmo tradutor, sob condições diferentes, irá lançar mão de estratégias diversificadas para realizar uma tradução. (TOURY, 1995/2000, p. 199)

Esses fatores que exercem influência sobre o processo de tradução e, conseqüentemente, sobre o texto produzido, são subdivididos em regras, normas e idiossincrasias. Para Toury, as *regras* ficariam em um extremo, por serem “relativamente objetivas e absolutas”. No outro extremo, temos as *idiossincrasias*, que são “absolutamente subjetivas”. Entre esses dois extremos há um *continuum*, preenchido por fatores intersubjetivos, denominados *normas*.

As normas são aprendidas socialmente e, no caso das traduções, variam muito de uma situação para outra. A tradução literária, sendo um produto de um procedimento complexo, envolve inevitavelmente dois idiomas e as tradições literárias de duas culturas. Ao analisarmos as diferentes traduções de um mesmo texto, temos de levar em consideração diversos fatores (época em que foi feita a tradução, tipo de público a que se destina, contexto sociocultural em que o texto de partida foi produzido e aquele no qual o texto traduzido irá se inserir, entre outros).

O tradutor pode assumir diversos posicionamentos ao fazer suas escolhas tradutórias, e a cada trecho, frase, vocábulo, ele precisa assumir novos posicionamentos e fazer novas escolhas. Se o tradutor adota uma postura de privilegiar o texto de partida, ele irá ter como meta conseguir, nos termos de Toury, uma tradução “adequada”. Assim ele pode acabar criando um texto que, ao se voltar para os padrões linguísticos e literários do texto original, tentando recriá-los no texto traduzido, será incompatível com a linguagem e os padrões literários da cultura de chegada.

Se, por outro lado, o tradutor optar por privilegiar a linguagem e a cultura de chegada, pode acabar criando um texto com “aceitabilidade”. Para Toury (p. 54), na prática o tradutor geralmente vai optar por uma postura intermediária, circulando entre os dois extremos, para conseguir um texto que seja aceitável e adequado, dentro do possível.

Conforme afirma Toury,

Every comparison is by nature both partial and indirect: it is carried out regarding certain aspects only common to the objects compared, aspects constituting but a part of their total properties, and it is done with the aid of some 'intermediary concept' related to these aspects and serving as a fixed invariant basis for the comparison. This invariant, and with it the comparison as a whole, are theory-dependent [Toda comparação, por natureza, é parcial e indireta: é feita levando em consideração certos aspectos que são comuns apenas aos objetos comparados, aspectos esses que constituem apenas uma parte de suas propriedades totais, e é feita com a ajuda de algum 'conceito intermediário' relacionado a esses aspectos e que serve como uma base invariante fixa para a comparação. Essa invariante, e com ela a comparação como um todo, é dependente de uma base teórica] (TOURY, 1980, p.58).

Assim, ao optarmos por comparar diferentes traduções de um mesmo texto de partida (como é o caso apresentado nesta tese), é importante que se adote um posicionamento mais descritivo, do que corretivo ou avaliativo, já que estamos diante apenas do produto final, sem termos informações sobre muitas das demais contingências relacionadas ao processo de tradução.

Lefevere & Bassnett afirmam que

Translation, then, is one of the many forms in which works of literature are 'rewritten', one of many 'rewritings'. In our day and age, these 'rewritings' are at least as influential in ensuring the survival of a work of literature as the originals, the 'writings' themselves. One might even take the next step and say that if a work is not 'rewritten' in one way or another, it is not likely to survive its publication date by all that many years, or even months. Needless to say, this state of affairs invests a non-negligible power in the rewriters: translators, critics, historians, professors, journalists. [A tradução, então, é uma das muitas formas em que as obras literárias são 'reescritas', uma das muitas 'reescrituras'. Em nossa época, essas 'reescrituras' são no mínimo tão influentes no sentido de garantir a sobrevivência de uma obra literária quanto os originais, os escritos em si. Podemos até dar um passo adiante e dizer que, se uma obra não for 'reescrita', de uma forma ou de outra, não será susceptível a sobreviver por tantos anos, ou mesmo meses após sua publicação. É desnecessário dizer que este estado de coisas confere um poder nada desprezível aos reescritores: tradutores, críticos, historiadores, professores, jornalistas.] (1990, p. 10).

Desse modo, a tradução deixa de ser encarada como uma fonte de deformação e destruição do texto original, para ser vista como fonte de vida, de sobrevivência do autor, de seu texto e das ideias nele contidas.

Lefevere fez uma distinção entre os termos latinos *translatio* (que seria o extremo da “fidelidade” ao texto de partida, aquela tradução “ideal” que representaria perfeitamente o texto original), e *traduction* (um termo escolhido por Lefevere, para referir-se a um processo mais criativo, que daria um peso no mínimo igual para os componentes linguísticos e culturais/ideológicos do processo de tradução (1990, p. 17-18).

3.5 A TRADUÇÃO COMO FORMA DE REFRAÇÃO

A tradução sempre representa “a compromise *between two systems*” [um compromisso entre dois sistemas] (LEFEVERE, 2000, p. 237). Neste processo vários atores sociais, como tradutores, revisores, patrocinadores ou editoras estão envolvidos na recriação ou reescrita de um texto-fonte em um texto-alvo, que, assim, torna-se uma refração do original. É importante salientar que os textos refratados existem independentemente do original, mesmo se eles ainda estiverem relacionados a ele, e eles existem em um contexto que está além do controle do autor do original. E isso não é tudo: para a grande maioria dos leitores de uma dessas refrações, o texto refratado funciona como o original, e na realidade ele “é o original, no sentido mais completo da palavra” (LEFEVERE, 1984, p. 217).

3.6 AS ADAPTAÇÕES COMO FORMAS DE REFRAÇÃO

Nesta tese, adotamos primariamente a classificação de Jakobson, que subdivide a tradução em intralingual, interlingual e intersemiótica (JAKOBSON, 2004, p. 114). Seguindo essa nomenclatura, quando um livro é “adaptado” para crianças, ou para “neoleitores”, estamos diante de uma tradução intralingual, pois um texto na língua X é reescrito nessa mesma língua, mas com adaptações para que seja adequado a outro público-alvo. Quando um livro é “adaptado” para teatro, cinema ou televisão, ou mesmo quando um romance é “adaptado” para o formato de histórias em quadrinhos, temos uma tradução intersemiótica.

Ao acoplarmos as definições de Jakobson aos pressupostos teóricos defendidos por Lefevere, podemos afirmar que as adaptações cinematográficas,

televisivas e teatrais, enquanto traduções intersemióticas, são refrações da(s) obra(s) que lhes deu (deram) origem.

3.7 CONCEITOS ESPECÍFICOS PARA A ANÁLISE DAS TRADUÇÕES

Levando em conta as peculiaridades dos textos que iremos analisar, consideramos como aspectos importantes os diferentes tipos de significados, conforme apresentados por Mona Baker (1992, 2011): significado proposicional, significado expressivo, significado pressuposto e significado evocado⁸⁰. O *significado proposicional* surge da relação entre a palavra e aquilo a que ela se refere ou descreve. O significado proposicional está relacionado ao contexto de produção das enunciações. Assim, ele passa a adquirir uma importância maior ainda na análise das traduções, uma vez que temos em jogo o contexto de produção do texto original e o contexto de produção do texto traduzido. Afinal, o texto de partida e o texto de chegada são produzidos em locais, tempos e culturas diferentes.

No caso do texto analisado nesta pesquisa, o tradutor terá que transpor a realidade da era vitoriana inglesa para os dias atuais, para um leitor que, em alguns casos, talvez nunca tenha visitado a cidade onde alegadamente⁸¹ se passa a narrativa. Desse modo, em muitos casos, o tradutor terá de lançar mão de estratégias para fazer sua tradução, sem colocar em risco a transmissão do significado proposicional.

Vejamos a seguir um exemplo extraído do texto, cujo significado proposicional torna sua tradução desafiadora. Ao descrever a casa de Jekyll, Stevenson utiliza o termo “*baize*” para referir-se ao material que reveste portas e alguns sofás. *Baize* é um tecido de lã trançada, usado no período vitoriano para revestir tapeçarias e cortinas. (WOLF, 2005, p. 72). Traduzir o termo apenas pela forma equivalente citada nos dicionários (*i.e.*, “baeta”) pode não ser suficiente para transmitir toda a carga semântica possivelmente pretendida pelo autor. E, mais que isso, o leitor será privado dessa informação cultural, pois não saberá que, no período vitoriano, as

⁸⁰ No original de Baker (1992, 2011), *propositional meaning*, *expressive meaning*, *presupposed meaning* e *evoked meaning*, respectivamente.

⁸¹ Segundo estudiosos da vida de Stevenson, a cidade descrita na história de Dr. Jekyll como sendo Londres seria, na realidade, a capital da Escócia. G. K. Chesterton, em sua obra *The Victorian Age in Literature*, de 1925, foi o primeiro a propor que a história de Jekyll e Hyde, que aparentemente era ambientada em Londres, na realidade se passava em Edimburgo. Utterson, por exemplo, representava um advogado inconfundivelmente escocês. (CALLOW, 2001, p. 203)

portas e sofás eram revestidos com um tecido especial, que não existe mais. O leitor será levado a pensar que o revestimento, já naquele tempo, era feito com um “pano de lã felpuda” ou um “tecido de lã grosseira”, conforme a definição encontrada nos dicionários de português disponíveis.

O segundo tipo de significado apresentado por Baker é o *significado expressivo*. Segundo a professora egípcia, ele refere-se aos sentimentos ou atitudes do falante, como por exemplo, o termo *kernels*, usado nas cenas finais em que é encontrado o corpo de Edward Hyde. Ao entrar no laboratório, os presentes sentem um forte cheiro de “*kernels*” no ambiente. Segundo Wolf (p. 100), *kernels* é o odor característico de cianeto (um veneno cujo odor característico lembra o de amêndoas amargas). A palavra escolhida para a tradução precisaria carregar o mesmo significado expressivo, e “amêndoas” (ver a análise no Capítulo 5) para o leitor brasileiro tem uma carga expressiva bastante positiva, pois nos faz recordar de festividades, guloseimas e doces contendo esse ingrediente.

O terceiro tipo de significado abordado por Baker é o *pressuposto*. Ele surge de restrições advindas de palavras que esperamos que surjam antes ou depois da palavra em questão. Há dois tipos de restrições: as restrições seletivas, que ocorrem em função do significado proposicional e as restrições colocacionais, que são semanticamente arbitrárias. Espera-se que o termo “*graduated glass*” surja, por exemplo, em textos que apresentem a descrição de um laboratório. Assim, embora o livro de Stevenson não seja técnico, como alguns dos personagens são médicos (e, no passado, os medicamentos eram preparados a partir de componentes químicos, já que não havia uma indústria farmacêutica como a conhecemos atualmente), esse termo figura no original e sua tradução deverá levar em consideração essa relação semântica. Com base nisso, surgem dois termos candidatos a ocuparem lugar no texto traduzido: “proveta” e “copo graduado”. Para entendermos qual seria a tradução mais adequada para “*graduated glass*”, entre as duas citadas, teremos de analisar o quarto tipo de sentido apresentado por Baker.

O *sentido evocado* surge das variações dialetais e de registro. As variações dialetais podem ser devidas a diferenças geográficas, temporais ou sociais. Embora poucas, o texto analisado apresenta algumas marcas dialetais que podem tornar mais complexa sua tradução. Em termos geográficos, por exemplo, por ser de

origem escocesa, Stevenson utiliza alguns termos conforme a concepção dada naquele país. Ao descrever a casa de Dr. Jekyll, por exemplo, Stevenson utiliza o termo *presses* – como salientado pelo historiador literário Tim Middleton, há um uso escocês da palavra *press*, que significa “*a shelved cupboard, often placed in a recess in the wall*” [um guarda-louças com prateleiras, geralmente situado em um recesso na parede], onde se colocam pratos, enfeites e travessas (MIDDLETON, 1999, p. 225). Em termos temporais, há, por exemplo, a expressão “*crying the news*”, Quando Utterson pergunta a Jekyll se ele já sabe das novidades sobre o assassinato de Carew, este responde: “*They were crying it in the square*”. A expressão “*cry the news*” [anunciar notícias aos gritos] é bastante pictórica, e refere-se aos meninos vendedores de jornal que saíam gritando as manchetes sensacionalistas dos jornais no período em que foi escrito o livro. Sendo assim, a expressão não se refere a uma prática comum atualmente, sendo uma variação dialetal temporal. Stevenson também introduziu algumas variações dialetais sociais na narrativa. Como veremos mais detalhadamente no Capítulo 5, o autor procura marcar as classes sociais e/ou o nível de instrução das personagens através de sua fala (WOLF, 2005, p. 67). Ele revela propositalmente variantes sociais nas falas de Poole, o mordomo, e do policial, procurando reforçar linguisticamente a separação entre os cavalheiros que protagonizam a trama e os subalternos que servem de apoio e como coadjuvantes.

Para analisar as opções de tradução das variações dialetais (e seu eventual apagamento), levaremos em consideração os aspectos levantados por Milton (2002) sobre as dificuldades que o tradutor enfrenta ao se deparar com textos contendo dialetos. Segundo nos informa o Prof. John Milton, a tradução dos dialetos é sempre desafiadora. Não importa qual seja a decisão tomada pelo tradutor, “será sempre um desacerto, um disparate” (MILTON, 2002, p. 52). As opções de tradução, segundo Milton, seriam usar (a) um termo mimético, (b) análogo (“imaginário”) ou (c) um termo pertencente à norma culta, e nenhuma delas teria a “autenticidade do original”. Sendo assim, nos três casos acima, quaisquer que fossem as opções feitas pelo tradutor, sempre haveria perdas de autenticidade.

Levando em consideração os pressupostos teóricos elencados neste capítulo, passaremos a analisar as refrações da obra *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*, nos capítulos seguintes.

CAPÍTULO 4. DR. JEKYLL AND MR. HYDE TRANSFORMA-SE EM O MÉDICO E O MONSTRO: TRAJETÓRIA DA OBRA EM PORTUGUÊS

4.1 INTRODUÇÃO

Como visto no Capítulo 2, há diversos estudos literários e científicos que abordam temas relacionados à narrativa criada por Stevenson para Jekyll e Hyde. Além disso, como mostraremos no Apêndice C, muitos pesquisadores utilizam o binômio “Jekyll/Hyde” nas mais diferentes áreas do saber (desde Medicina e Biologia, até Economia & Finanças, passando pela política e pelas relações patrão-empregado). Há também fabricantes e empresas de *marketing* que se valem da memória afetiva que os leitores têm da história para alavancar vendas e impulsionar produtos. Todo esse universo de estudos, artigos e produtos que circulam mundialmente tem por trás de si o texto “original” de Stevenson⁸².

Após sua publicação em inglês, em 1886, rapidamente foram publicadas traduções de *Dr. Jekyll and Mr. Hyde* em outros idiomas. Segundo Tom Hubbard, que atuou de 2000 a 2004 como editor do projeto BOSLIT (*Bibliography of Scottish Literature in Translation*), da Universidade de Edimburgo, a primeira tradução de *Dr. Jekyll and Mr. Hyde* para o francês foi feita por Jules-Paul Tardivel, um polêmico jornalista franco-canadense. Tardivel era da opinião que o tradutor devia se posicionar ao realizar sua tradução, deixando clara no texto traduzido sua posição política e religiosa. Ele publicou sua tradução da história de Jekyll e Hyde em capítulos, no jornal de extrema direita conservadora *La Vérité* entre janeiro e abril de 1887. A segunda tradução de *Dr. Jekyll and Mr. Hyde* registrada no BOSLIT é para o russo. Na época, os jornais russos eram apelidados de “*fat journals*” [jornais gordos], por terem centenas de páginas. Assim, os editores russos não se incomodavam de publicar histórias curtas completas em uma edição. Foi o que aconteceu com *Dr. Jekyll and Mr. Hyde*, que foi publicado em russo em 1888 no jornal *Panteon Literaturny* (HUBBARD, 2007, p. 24). Em 1889, foram publicadas traduções de *Dr. Jekyll and Mr. Hyde* para o alemão, o dinamarquês e o tcheco (DURY, 2004).

⁸² Sabemos, por conhecimento empírico e também pela leitura de pesquisas e artigos da área, que muitas pessoas nem se lembram de ter lido o livro, e mesmo assim afirmam conhecer a história de *Dr. Jekyll and Mr. Hyde*.

O Médico e o Monstro é uma história tão familiar entre os leitores brasileiros, (em virtude do grande número de publicações) que algumas dessas obras, inclusive, são classificadas como sendo “brasileiras”, até mesmo no *site* da Fundação Biblioteca Nacional do Brasil (ver Quadro 2).

QUADRO 2 O Médico e o Monstro classificado como “Literatura infanto-juvenil brasileira” no site da Fundação Biblioteca Nacional.

The screenshot shows a web browser window with the URL acervo.bn.br/sophia_web/index.html. The page displays search results for the book "O médico e o monstro". The results are organized into a list with book covers on the left and metadata on the right. The metadata includes the material type (Livro), title, author/illustrator, year, and subject (Literatura infantojuvenil brasileira). Each entry also has a "Tweet" button.

Item	Material	Ent. princ.	Título	Ano/Período	Assuntos
17	Livro		O médico e o monstro : Frankenstein ; Drácula	2010	Histórias em quadrinhos
18	Livro	Tufano, Douglas, 1948-	O médico e o monstro	2010	Literatura infantojuvenil brasileira
23	Livro	Cademartori, Lígia	O médico e o monstro	2004	Literatura infantojuvenil brasileira
25	Livro	Carrascoza, João Anzanello, 1962-	O médico e o monstro : livro do professor / 1. impr	2003	Literatura infantojuvenil brasileira
10	Livro	Stevenson, Robert Louis, 1850-1894	O médico e o monstro	2012	Literatura infantojuvenil brasileira

Fonte: Fundação Biblioteca Nacional, Brasil. Disponível em: http://acervo.bn.br/sophia_web/index.html. Acesso em: 21.jun.2014.

Neste capítulo, serão abordadas as traduções publicadas em língua portuguesa, com ênfase para os textos que circulam entre os leitores brasileiros. Em minhas pesquisas, encontrei alguns exemplares publicados em Portugal que são

vendidos no Brasil (por exemplo, os das editoras Europa-América e Quasi), e que são considerados como publicações brasileiras. Por uma questão metodológica, tais obras serão consideradas em nossas listagens apenas a título de contagem de obras publicadas em português. Entretanto, em nossa análise comparativa das traduções (ver Capítulo 5), os títulos publicados em Portugal não serão analisados, já que estamos tratando apenas de textos publicados em variante brasileira do português.

4.2 COLETA DE DADOS E ORGANIZAÇÃO DAS PUBLICAÇÕES

É interessante observar que as diversas publicações da obra de Stevenson em português seguem um caminho bastante independente das tendências no restante do mundo. Nos EUA, segundo nos informa o pesquisador italiano Richard Dury, considerado um dos maiores entendidos na obra de Stevenson, havia uma “*negative Anglo-American view of Stevenson from the 1920s to the 1970s*” [visão negativa anglo-americana de Stevenson dos anos 1920 a 1970], mas tal visão não era “*shared so completely in Italy*” [totalmente compartilhada na Itália], onde o renascimento do interesse de críticos e editoras pela obra de Stevenson ocorreu “*earlier than in English-speaking countries*” [mais cedo do que nos países anglófonos] (DURY, 2008, p. 64). No Brasil e em Portugal, como veremos a seguir⁸³, Stevenson foi traduzido diversas vezes entre 1920 e os dias atuais.

Nossa pesquisa enfoca as traduções de *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde* para o português, publicadas no Brasil e em Portugal, que até a conclusão do texto desta tese já se aproximavam de uma centena! Se os leitores e editoras brasileiras compartilhassem essa visão “negativa” citada anteriormente, o livro não estaria tão presente nas prateleiras das livrarias, e muito menos seria adotado como material didático e de leitura por escolas particulares e públicas do país, como tem ocorrido sistematicamente. Assim, podemos afirmar que, no Brasil, Stevenson foi e continua sendo um autor aceito e apreciado pelo público.

No Brasil, os textos de Stevenson só começaram a ser divulgados a partir de 1933, quando Monteiro Lobato, à frente da Companhia Editora Nacional, solicitou a seu parceiro Godofredo Rangel a tradução de *The Suicide Club* (*O Clube dos*

⁸³ E em uma lista mais completa no Apêndice A.

Suicidas) e a Agripino Grieco a de *Kidnapped*, que ganhou entre nós o título de *O Raptado*⁸⁴.

Após quase cinco anos de buscas, pesquisando em lojas de livros usados, editoras, livrarias e em bases de dados pela internet, concluímos que ainda deve haver algumas traduções que ainda não conseguimos detectar. Determinar um número exato seria bastante empírico, a única afirmação possível, a partir de nossa intuição de pesquisadora, é que deve haver outras traduções que ainda não localizamos. Infelizmente, as pesquisas de livros “antigos” (leia-se, publicados há mais de 50 anos) são bastante prejudicadas no Brasil, já que até o *site* da Biblioteca Nacional (que deveria registrar todas as publicações nacionais) apresenta apenas seu acervo mais atual, sendo que o catálogo mais antigo tem pouquíssimas informações. Além disso, ao cotejarmos a listagem de traduções que coletamos ao longo desta pesquisa, e compararmos com o conteúdo apresentado pela Biblioteca, podemos concluir que não são todas as publicações nacionais da obra em questão que se encontram registradas naquele *site* (e as reedições, republicações e reimpressões também não são documentadas em sua totalidade pela Biblioteca Nacional).

Durante nossa trajetória em busca das traduções apresentadas aqui, acabamos conhecendo o trabalho de outros pesquisadores que também se dedicaram à tarefa, quase arqueológica, de levantar, catalogar e classificar traduções de obras da literatura mundial, publicadas no Brasil e em outros países. Um dos autores mais relevantes foi John Milton, cuja pesquisa, entre outros pontos importantes, reúne informações sobre as traduções do *Clube do Livro*, além de analisar criticamente as adaptações sofridas pelos textos, em função de posicionamentos políticos e filosóficos vigentes no período em que os livros foram publicados. O professor John Milton afirma que:

Existe uma grande lacuna no Brasil, nessa área [historiografia], um país onde há grande disposição para adotarem modelos estrangeiros, mas pouca vontade e interesse para fazer o trabalho básico de pesquisar arquivos. (MILTON, 2002, p. 17)

⁸⁴ Segundo informações publicadas na coluna *Prosa & Verso* do jornal *O Globo* em 01.10.2011 com o título “O melhor de um mestre”.

E acrescentamos: um país onde as informações ficam pulverizadas, já que as fontes oficiais nem sempre cumprem seu papel. Robert E. Salem (2010) fez um levantamento das traduções de *Oliver Twist*, na qual o pesquisador elencou diversas publicações do Brasil e de Portugal, incluindo reedições e republicações entre sua contagem total de publicações. Já a pesquisadora da Universidade de São Paulo, Maria Teresa Quirino (2007), em sua dissertação intitulada *Uma odisseia*⁸⁵ *tradutória do Ulisses – Análise de traduções da obra de James Joyce*, analisou alguns aspectos da publicação e recepção das primeiras traduções em português, francês e espanhol da obra *Ulysses* no Brasil, em Portugal, na França e na Argentina. Como bem ilustra o título da dissertação de Quirino, arvorar-se na coleta de dados sobre publicações brasileiras dos séculos XIX e XX pode ser realmente uma tarefa classificada como “odisseia”. Afinal, os dados referentes às traduções de *Dr. Jekyll and Mr. Hyde* tiveram de ser coletados e classificados de modo empírico⁸⁶, muitas vezes sem termos bases de referência oficiais que pudessem nos assegurar a veracidade das informações.

Por essa razão, desde o momento inicial de nossa coleta de dados, optamos por adquirir os exemplares, sempre que possível, para que pudéssemos nos certificar das informações publicadas nas fontes analisadas. Assim, ao compararmos os exemplares adquiridos com as informações obtidas nas pesquisas, pudemos chegar a uma listagem bastante completa e confiável.

Com base na dificuldade que tivemos em coletar e organizar todas as informações que serão apresentadas a seguir, a listagem de obras não pretende ser definitiva nem completa, buscando apenas ser a mais precisa e informativa possível, além de procurar ser uma fonte de inspiração para outros pesquisadores. A seguir serão apresentadas as publicações coletadas até o momento. É importante notar que estão sendo elencadas somente as primeiras edições de cada título, e não as reimpressões ou reedições, caso contrário o número de livros certamente seria muito maior⁸⁷.

⁸⁵ [grifo nosso]

⁸⁶ Nossa principal fonte de dados foi o site da Estante Virtual, em que as informações são preenchidas pelos livreiros, algumas vezes com inconsistências e/ou imprecisões e, portanto, carecendo de rigor científico.

⁸⁷ Ver o item 4.5 FENÔMENOS EDITORIAIS, mais adiante, para obter informações mais detalhadas sobre reimpressões e reedições de *O Médico e o Monstro*.

4.3 AS TRADUÇÕES DE *DR. JEKYLL AND MR. HYDE*

Após analisarmos diferentes fontes, chegamos a uma lista das traduções da obra em estudo, publicadas em língua portuguesa. Como já dito anteriormente, a listagem completa das obras que levantamos encontra-se no Apêndice A, mas neste capítulo abordaremos em mais detalhes algumas traduções relevantes, seja por sua forma ou por seu conteúdo. Alguns textos serão citados por aspectos linguísticos, outros por características editoriais.

Após sua publicação inicial, a história de Stevenson passou a ser recontada em outros formatos (quadrinhos, livros ilustrados), e com o texto adaptado a diferentes públicos (infantil, juvenil), e ainda passou a ser reeditada ou reescrita como “terror”, “erótico”, “suspense”, entre outros. As obras publicadas em português no formato de livro e revista são classificadas como traduções (em sua maioria do original em inglês e algumas de publicações em espanhol, francês ou italiano), mas algumas são denominadas “adaptações”. Afinal, o texto de Stevenson foi publicado em português nas formas mais diversas, sendo reescrito nos mais diferentes gêneros – acompanhando e refletindo a diversidade encontrada em outros países.

Depois de identificadas e catalogadas, as publicações relacionadas à *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde* foram classificadas, para que pudéssemos reunir aquelas que compartilhassem características em comum. Uma vez que a análise inicial das publicações tem um enfoque tradutório, e para que o leitor deste texto possa ter uma visão mais topicalizada das diversas traduções levantadas nesta pesquisa, as obras mais relevantes foram agrupadas em categorias definidas a partir de critérios bastante flexíveis. Tais critérios serão usados a seguir, no Capítulo 5, para definirmos quais serão os livros objeto de nossa análise contrastiva.

Apoiados no conceito de *refração* proposto por André Lefevere⁸⁸ (LEFEVERE, 1992b) e nas noções de Jakobson (1959/2004), a primeira grande separação foi entre as traduções que mantiveram a estrutura narrativa e foram publicadas em português, seja no Brasil ou em Portugal (aqui chamadas genericamente de “traduções”) e as adaptações que se afastaram muito da narrativa original, tanto no

⁸⁸ Doravante “refração”.

caso de adaptações para outras mídias (cinema, teatro, TV)⁸⁹, quanto para criar novas histórias, estudos e textos (as quais serão abordadas no Capítulo 6).

Evidentemente, a determinação da “distância” entre um original e as obras traduzidas/adaptadas/refratadas a partir dele não é tarefa fácil, sendo um tema bastante controvertido, sem limites precisos e com obras que podem apresentar sobreposições. Assim, como o objetivo desta tese é mais descritivo do que avaliativo, é importante salientar que a classificação adotada aqui é teórica e experimental, e visa à análise das obras. Portanto, haverá publicações híbridas, intermediárias e até algumas que poderiam ser classificadas em mais de uma das categorias adotadas. Nesse caso, procuraremos alocar a obra para a categoria que inclua o maior número de suas características, apenas citando-a na(s) demais categoria(s) em que ela se enquadrar, caso seja indicado⁹⁰.

Assim, as obras traduzidas de *Dr. Jekyll and Mr. Hyde* publicadas em português podem ser subdivididas em:

1 - *Traduções integrais*. Também chamadas de traduções “propriamente ditas”⁹¹, que podem ser alinhadas frase a frase, ou parágrafo a parágrafo entre si e/ou com o texto de partida.

2 - *Textos adaptados ao público juvenil e versões didáticas*. Aqui incluímos os títulos que se autodenominam “adaptações”, além das condensações, simplificações e outras reduções, cujo princípio é levar ao público, especialmente ao público jovem e ao leitor de nível de instrução mais baixo, versões mais acessíveis de textos literários. Nesta categoria também incluímos as chamadas versões “didáticas”, que, em muitos casos, acabam tendo maior número de páginas, já que incluem paratextos, fichas de leitura, informações adicionais voltadas a estudantes e, em alguns casos, perguntas e atividades que direcionam o leitor a “entender melhor” a obra.

⁸⁹ As chamadas “traduções intersemióticas” de Jakobson, já citadas no Capítulo 3.

⁹⁰ As obras eróticas, por exemplo, serão agrupadas, embora em sua maioria sejam apresentadas na forma de histórias em quadrinhos ou como publicações ilustradas.

⁹¹ *translation proper*, segundo Jakobson.

3 - *Adaptações para crianças*. Neste grupo, em geral classificado nas estantes das livrarias como “Literatura Infantil”, incluímos além das edições ilustradas, que trazem o texto reduzido e acompanhado de ilustrações, as obras que se intitularam “infantis”, mesmo que não fossem ilustradas.

4 - *Histórias em quadrinhos*. Publicações que associam as imagens desenhadas (sejam coloridas ou em preto & branco), e os balões contendo as falas dos personagens, expressões de sentimentos e ruídos, além de conterem narrações. Como veremos, assim como ocorrem com outras histórias, os quadrinhos não são exclusivamente dirigidos ao público infantil. Temos quadrinhos voltados para o público jovem, adulto e, inclusive, diversas obras de conteúdo erótico nessa categoria (que serão analisadas no item “Literatura erótica”, mais adiante)

5 - *Publicações especiais*. Esta categoria, mais estética e temática, do que propriamente criada com base textual, inclui as obras que se diferenciam das demais, seja por serem dirigidas a um público específico, seja por terem sido concebidas em algum formato especial, ou por terem ilustrações artísticas, entre outras.

6 - *Literatura erótica*. Embora o conto original de Stevenson seja ambientado em uma sociedade masculina (há apenas seis personagens femininas, nenhuma delas foi sequer nomeada pelo autor, e todas exercem papéis secundários e/ou pouco significativos), e haja poucas referências na trama que possam ser classificadas como “eróticas”, inicialmente no cinema, e posteriormente na literatura, há diversas adaptações da história que podem ser entendidas como carregadas de erotismo. Tais obras, quando traduzidas ao português, são analisadas neste grupo.

7 - *Obras publicadas em Portugal*. Segundo nosso levantamento realizado até o momento, a maioria das traduções de *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde* publicadas em Portugal estaria classificada na categoria 1, acima (“traduções integrais”). Entretanto, como este material não será analisado do ponto de vista linguístico, optamos por deixar todas as publicações portuguesas em uma categoria à parte.

A seguir, abordaremos mais detalhadamente cada um desses grupos.

4.3.1 Traduções integrais e os casos de suspeita de plágio

Muito poderíamos refletir sobre as traduções integrais de *Dr. Jekyll and Mr. Hyde*, em português, já que são inúmeras e diversificadas, tendo sido publicadas em diferentes épocas, frutos do trabalho de diferentes tradutores, para editoras brasileiras e portuguesas. Entretanto, o aspecto que mais chama a atenção ao pesquisarmos as traduções integrais publicadas no século XX no Brasil relaciona-se às suspeitas de plágio⁹² (não só de *O Médico e o Monstro*, devemos acrescentar).

Segundo Bottmann (2011), José Maria Machado, citado como tradutor de três publicações de *O Médico e o Monstro* (Clube do Livro, 1951 e 1986; Estação Liberdade, 1986), seria uma “figura inexistente”, inventado ou, no máximo, um “bode expiatório” que emprestaria seu nome para “traduções especiais” (na verdade, adaptações de traduções publicadas em Portugal há algumas décadas, feitas por outros tradutores). Bottmann elenca, ainda, mais 33 outras traduções assinadas por José Maria Machado, muitas delas com plágio comprovado pela pesquisadora.

Além disso, ainda nesse mesmo *blog*, há informações sobre outro nome de tradutor ligado aos casos de plágio. Segundo Bottmann (2009), Pietro Nasseti também seria um nome “de fachada”, que, no caso de *O Médico e o Monstro*, figuraria nas publicações de 2000 e 2011 da editora Martin Claret.

Como estes textos não foram cotejados com outros, não é possível afirmar que tenha havido plágio, mas o que Bottmann nos informa, em relação a outro texto de Stevenson (o conto *Markheim*) é que “ao que tudo indica, a fonte de inspiração ou, melhor, de sucção foi o trabalho feito por E. Jacy Monteiro, publicado em 1968 pelas edições Paulinas”.

No caso de *O Médico e o Monstro*, somente seria possível afirmar que houve plágio após um cotejo e a constatação de sinais irrefutáveis dessa prática criminosa. Fica aberto o espaço para futuras pesquisas.

⁹² Analisadas em profundidade por Denise Bottmann, e comprovadas através de cotejos em seu blog *Não gosto de plágio*.

4.3.2 Textos adaptados ao público juvenil e edições didáticas

As publicações ditas “didáticas” compartilham algumas características: linguagem simplificada, livros contendo apenas a tradução de *Dr. Jekyll and Mr. Hyde* (não são edições conjuntas) e possuem mais algum material adicional (ficha de leitura, suplemento de atividades, perguntas para estimular a reflexão e os debates em sala de aula e, em alguns casos, informações sobre o autor, sobre o livro e/ou sobre a Inglaterra vitoriana).

Além das condensações, simplificações e outras reduções, que procuram adaptar o texto para o público que ainda está em fase escolar, as chamadas versões “didáticas” em muitos casos incluem paratextos, que procuram promover a percepção da intertextualidade.

Desde 1991 (edição que temos em mãos), até as publicações atuais, a edição de *O Médico e o Monstro* publicada pela editora Scipione para a Série Reencontro vem com o mesmo encarte com “finalidade didática”. Após uma pequena introdução, onde os editores apresentam a série, é explicada a função da ficha de leitura e suas partes componentes. Seguem-se 10 perguntas sobre a interpretação do livro e, no verso do encarte, são reproduzidas em miniatura sete ilustrações do livro, com espaço para o leitor reescrever a história. Por fim, há cinco perguntas bastante dirigidas, que não deixam espaço para o leitor tirar suas próprias conclusões.

A primeira pergunta é: “Você aceita a **opinião**, expressa nesta obra, de que as pessoas possuem sentimentos positivos e negativos **nitidamente** separados?” [grifos nossos] Perguntamos: de onde surgiu a afirmação de que essa “opinião” está realmente expressa na obra? De onde foi tirada a ideia que *Jekyll and Hyde* defende que as pessoas têm sentimentos “nitidamente separados”?

A quarta pergunta dessa atividade “reflexiva” é ainda mais questionável: “Qual sua opinião sobre a atitude do Dr. Jekyll, de mudar fisicamente para poder expressar seu lado negativo? Por que você acha que ele fez essa opção?” Em nossa opinião, esta pergunta está direcionando o leitor a tirar conclusões que já foram pré-estabelecidas por quem redigiu a pergunta.

Como já abordamos detalhadamente no Capítulo 2, o texto de Stevenson é multifacetado e suscita diversas leituras, mas, pela análise dessas questões,

percebemos que restam ao estudante que fará uso dessa ficha poucas opções interpretativas. Essa situação nos faz lembrar aquela tão bem descrita por John Milton, em que *O Clube do Livro* queria ser o “guardião” (2002, p. 36) da cultura transmitida pelos livros publicados. Aqui temos a sensação de que quem redigiu a ficha de leitura quis se posicionar como “guardião” dos significados emanados da leitura (como que uma “autoridade interpretativa”, dando a palavra final, e direcionando o entendimento).

Como dissemos anteriormente, essa ficha de leitura vem sendo reproduzida sistematicamente há décadas. Essa pode ser uma das explicações para a postura impositiva das perguntas, mas nada justifica que a ficha não tenha sofrido adaptações e atualizações ao longo dos anos. Se observarmos as diferentes capas que o livro teve desde seu lançamento, notamos que a editora teve uma preocupação estética de atualizar a aparência do livro. E, já que a obra é vendida como “didática”, perguntamos: o conteúdo da ficha de leitura não mereceria um cuidado e uma atenção especiais?

A segunda publicação de *O Médico e o Monstro* que analisaremos é da Escala Educacional, pela Série Recontar Juvenil. Com adaptação de Ronaldo Antonelli, o livro traz diversas observações ao longo da narrativa, além de paratextos e uma série de informações adicionais. Um *Suplemento de atividades* vem anexo ao livro. Ao analisarmos o referido Suplemento, nota-se que sua concepção é bastante diferente da “ficha de leitura” do livro da Scipione. Há três partes definidas: “Antes da leitura”, que estimula o estudante a refletir sobre aspectos relativos à capa, à página de rosto e à quarta capa. Na seção “Depois da leitura”, o aluno faz uma atividade para revisar seu entendimento sobre os personagens da história e, a seguir, responde 11 perguntas abertas, como por exemplo, “Por que o senhor Utterson estava preocupado com o testamento do Dr. Jekyll?” Na terceira parte, denominada “Túnel do tempo”, o estudante é levado a pesquisar sobre Hulk e Homem-Aranha. A seguir, em duplas, os alunos devem criar uma história em quadrinhos com “personagens que vivam algum conflito de personalidade”.

Esse Suplemento, além de estimular a reflexão, mostra aos leitores um universo de possibilidades de interpretação e expressão, aborda a intertextualidade, mostra as refrações que uma obra pode ter (mesmo sem citar o termo “refração”) e

ainda apresenta o universo das histórias em quadrinhos como uma forma de arte e de comunicação.

Ronaldo Antonelli, responsável pela adaptação do texto, é formado em jornalismo, com experiência nas áreas editorial e literária, e atualmente está trabalhando na produção de “Literatura Brasileira em Quadrinhos”. Essa bagagem de Antonelli parece ter sido decisiva para aumentar a qualidade didática da publicação.

4.3.3 Adaptações para crianças

Além de diversas histórias em quadrinhos, que serão analisadas no próximo item, circulam no mercado editorial e livreiro brasileiro algumas edições ilustradas, que trazem o texto reduzido e acompanhado de ilustrações, e traduções ou adaptações de *Jekyll and Hyde* que se apresentam como sendo voltadas ao público infantil. Dessas, vamos salientar duas, por seus atributos estéticos, linguísticos e culturais.

A Companhia das Letrinhas editou pela primeira vez em 1998 uma adaptação de Michael Lawrence. A editora faz reimpressões periódicas da obra. Traduzida por Hildegard Feist, a edição tem imagens do ilustrador britânico Ian Andrew⁹³. O livro não se limita a contar a história de Jekyll e Hyde, ele apresenta dados científicos e culturais sobre aspectos relacionados à história. A obra foi traduzida da publicação feita pela editora britânica Dorling Kindersley (DK), especializada em livros com conteúdo cultural e caracterizada por dar bastante atenção à apresentação e à estética (ver Fig. 9). A publicação da Companhia das Letrinhas apresenta ilustrações grandes e coloridas, fotografias de cenas dos filmes de *Jekyll and Hyde* produzidos para cinema, mapas de alguns dos lugares onde se passa a narrativa e informações que ajudam o leitor a situar-se no contexto sócio-histórico do período vitoriano inglês. Classificado como Literatura infanto-juvenil, o livro foi publicado no mesmo ano no Brasil e em Portugal, por editoras diferentes⁹⁴.

⁹³ Para obter mais informações sobre Ian Andrew, consulte <http://www.answers.com/topic/ian-andrew>.

⁹⁴ Em Portugal, o livro foi publicado pela Livraria Civilização Editora.

FIGURA 9. Capa da publicação que deu origem à tradução publicada pela Cia. das Letrinhas em 1998.

Fonte: Amazon UK, Disponível em http://www.amazon.co.uk/dp/0789420694/ref=rdr_ext_tmb. Acesso em: 12.mar.2014.

Outro livro incluído entre as publicações infantis que merece destaque foi publicado em 2003 pela editora Scipione, para a série “Reencontro Infantil”. O *Médico e o Monstro*, com adaptação do escritor e professor universitário João Anzanello Carrascoza. O texto é muito bem redigido, mas o que torna essa publicação especial são as ilustrações da artista plástica brasileira Alice Reiko Haga (compostas de figuras modeladas em massa colorida, em meio a cenários com miniaturas e maquetes), que atraem o leitor mais jovem. Além disso, é plasticamente muito bonito, recriando as paisagens, os personagens e as construções do período vitoriano inglês.

Esse livro da Scipione tem mais uma característica interessante: não é uma tradução, e sim uma adaptação livre, com produção totalmente brasileira. Carrascoza criou o texto baseado no original de Stevenson, e a publicação da Scipione foi ilustrada por Haga. Das quase uma centena de obras publicadas em português, elencadas nesta tese, pouquíssimas são “originais” de escritores brasileiros, sendo a maioria traduzida do original de Stevenson ou traduzida de uma adaptação feita em outro país (seja EUA, Inglaterra, ou mesmo Itália, Argentina ou França).

4.3.4 Histórias em quadrinhos

As traduções de histórias em quadrinhos que reproduzem a narrativa original de Jekyll e Hyde circulam no mercado editorial brasileiro lado a lado com quadrinhos em que Jekyll e Hyde são personagens de outras histórias ou quadrinhos em que outros personagens (como, por exemplo, Pateta e Mickey) assumem o papel de o “médico” e/ou o “monstro”.

- Em abril de 1951, a editora Brasil-América lança o que parece ser a primeira revista em quadrinhos publicada no Brasil com a história de Jekyll e Hyde: o número 34 da *Edição Maravilhosa* pela série *Clássicos Ilustrados* traz *O Médico e o Monstro* em quadrinhos (ver Fig. 10).
- Em 1958, a editora Garimar lança uma revista em quadrinhos, em formato americano⁹⁵, papel jornal e quadrinhos em preto e branco, com o título *O Médico e o Monstro*, como quarto volume da série *Literatura em Desfile*.
- Em 1967, a editora B.I.S. faz uma nova publicação deste mesmo texto, mantendo uma capa bastante semelhante. Nela lemos “Coleção Crimes N. 1”. Em ambas as publicações não consta o nome do tradutor.

FIGURA 10. Primeira história em quadrinhos de *O Médico e o Monstro* lançada no Brasil, pela série *Clássicos Ilustrados*, editora Brasil-América (1951).

Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

⁹⁵ Ao se falar de quadrinhos, o formato americano ou *comic book* tem páginas medindo 17 x 26 cm.

- Dez anos mais tarde, em 1977, são lançadas duas revistas em quadrinhos reproduzindo a história de *O Médico e o Monstro*: a Bloch Editores S.A. publica no chamado “formatinho” (13,5 x 20,5 cm). A edição da Bloch conta com ficha técnica do filme cinematográfico de 1941 e traz ainda um texto sobre Stevenson. Publicada originalmente em *Marvel Classics Comics* (1976) nº 1/1976 – pela editora estadunidense *Marvel Comics*, a edição em português (pela série Clássicos do Pavor n. 3) não faz qualquer referência a quem tenha sido o tradutor.

- A outra publicação desse mesmo ano, da EBAL (editora Brasil-América S.A.), é uma versão cuja história foi bastante modificada. A narrativa começa com uma série de cientistas comparecendo à “Faculdade de Medicina de Londres” (ver Fig. 11) para assistirem a uma palestra do Dr. Jekyll, intitulada “A dualidade do ser humano”. Pela primeira vez, nesta nossa revisão das publicações quadrinhos, temos a identidade do tradutor sendo citada na obra: Luzia C. Machado da Costa é apontada como tradutora.

FIGURA 11. Página inicial da história traduzida por Luzia C. Machado da Costa para a editora EBAL (1977).

Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

- Em 1990, a editora Abril Jovem publica uma história inspirada em *Jekyll and Hyde*, em uma edição bilíngue (Inglês e Português). Com edição em formato americano, a versão em inglês é colorida e inclui um encarte em papel jornal, preto-e-branco com a mesma história em português. Nesta edição o nome do tradutor, José F. Rodrigues, é citado na contracapa, nos créditos da publicação.

- Os quadrinhos 100% nacionais também já tiveram histórias adaptadas de *Jekyll and Hyde*: publicado originalmente em Cascão n° 143 (1992) e republicado no Almanacão de Férias n° 36 (2002), o título *O Médico e o Monstro* não é citado na capa de nenhuma das duas revistas, mas o fato de a história ter sido republicada revela que os leitores devem ter manifestado interesse pela primeira publicação.

- A editora Abril lança em 2010, pela coleção Clássicos da Literatura, *O Médico e o Monstro, Frankenstein e Drácula*, com tradução de Clene Salles, Isney Savoy, Júlio de Andrade Filho. É interessante observar que, embora na capa constem os títulos das três histórias clássicas, ao analisar o conteúdo da publicação, o que temos são quatro histórias em quadrinhos, com Mickey e sua turma fazendo os papéis dos personagens das histórias clássicas. As duas primeiras histórias (“*O Estranho Caso de Mickey Jéquil e Mister Mike*”⁹⁶ e “*O Estranho Caso de Doutor Jekyll e Mister Hide*”⁹⁷) são reeditadas neste volume da coleção *Clássicos da Literatura*, a qual celebra os 60 anos de *O Pato Donald*. Desse modo, a publicação acaba apresentando duas histórias inspiradas em *Jekyll and Hyde*, e não apenas uma.

- No ano seguinte (2011), mais uma vez a editora Abril lança um título cuja capa cita *O Médico e o Monstro*. Pela série “*Pateta faz história*”, volume 18, onde o personagem principal vive a história do Rei Midas, mas há ainda os seguintes dizeres na capa: “E apresentando também Pateta como *O Médico e o Monstro*”. Segundo informações obtidas na própria revista, esta história, em formato de quadrinhos coloridos, foi produzida originalmente em 1983 (mas não temos outras informações sobre essa publicação prévia). Nos créditos da publicação de 2011 consta o nome de José Fiorini Rodrigues como tradutor.

Mas os quadrinhos que reproduzem ou adaptam a novela de Stevenson não são apenas dirigidos ao público infantil.

- A Companhia Editora Nacional publicou em 2009 uma adaptação de Fiona Macdonald. A tradução para o português é de Maria Angela A. de Paschoal. A estrutura da história foi mantida, com basicamente a mesma sequência de fatos que o texto original do escritor escocês, entretanto, chama a atenção o fato de os nomes dos capítulos terem sido eliminados, sendo substituídos por títulos descritivos,

⁹⁶ Segundo a publicação, essa história foi produzida originalmente em dezembro de 1994.

⁹⁷ Segundo a publicação, esta história foi produzida originalmente em janeiro de 1984.

situados acima de cada página da história (por exemplo, a narrativa do capítulo que originalmente se chamava “*Story of the door*” recebeu o título de “Velhos Amigos”). Com colorido em tons sépia e marrom, longas narrativas e poucos balões, a publicação visa a um público juvenil/adulto.

- Seguindo a linha dos *comic books*, bastante populares entre jovens, adultos e colecionadores de HQ, a editora Panini Brasil lança em 2007, pela série *Panini Comics*, uma revista intitulada *BATMAN Extra*, com o subtítulo de “Os dois lados da mesma moeda”. A capa, além da imagem de Batman ao alto, e do símbolo do morcego em branco, bem no centro da página, traz ainda uma face dividida em dois, verticalmente. À esquerda da página temos a metade clara e sorrindo, com olhos e boca sombreados, e à direita a face complementar colorida em tons de verde e preto, enrugada, com ar sinistro e um olho saltando da órbita (ver Fig. 12), o que reafirma o tema da dualidade, bastante explorado nas adaptações da obra (como já abordado em outros pontos desta tese). A publicação da Panini (cuja história interna tem o título *Batman: Jekyll & Hyde*) tem quadrinhos escuros e com traço forte. A partir da história de Stevenson, é narrada a “saga” de Bruce Wayne (e seu duplo, Batman) em Gotham City, quando uma onda de crimes é provocada por um homem aparentemente pacífico. Esse homem é um médico do hospital universitário da cidade, que está fazendo experiências genéticas para testar o “Fenômeno Jekyll e Hyde”.

FIGURA 12. Detalhe da capa da publicação *BATMAN Extra*, da editora Panini (2007).

Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

- Dois anos mais tarde (2009), aparentemente visando ao mesmo público, o IBC⁹⁸ lança uma adaptação de Carl Bowen, pela série *Clássicos em Quadrinhos*. Na capa, lê-se, além de *O Médico e o Monstro*, os dizeres: “Um cientista. Um lado bom. Um lado mau. Qual vai prevalecer?”. A história é apresentada em quadrinhos coloridos, bastante escuros. A narrativa é dividida em cinco capítulos; alguns guardando semelhança com os capítulos do texto original, inclusive com o mesmo título, e outros diferentes. Ao final, há informações sobre Stevenson, sobre o autor da adaptação e sobre o ilustrador (Daniel Perez); além de informações sobre o histórico de desenvolvimento de algumas drogas e fármacos, e seu uso medicinal; três questões para discussão pelo leitor e três temas para redações encerram o livro, conferindo a ele um caráter um pouco mais didático. Nesta publicação, não é citado o nome do tradutor.

- Em 2011, *O Estranho Caso de Doutor Jekyll e Mister Hyde* é lançado em quadrinhos pela Edições SM, com roteiro de Santiago García e ilustrações de Javier Olivares (ver Fig. 13). A tradução é assinada por Ronald Polito e a livraria Saraiva classificou o livro na categoria “Artes, pintura, desenho”.

FIGURA 13. Detalhe da publicação da Edições SM, com ilustrações de Javier Olivares.

⁹⁸ Instituto Brasileiro de Cultura Ltda.

Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

- Nesse mesmo ano, a editora Prumo também investe nas publicações “artísticas” e lança uma obra com adaptação e ilustração de Jason Ho⁹⁹, com quadrinhos em tons de cinza e amarelo sombreado, com fundo bastante escuro. Diferentemente da maioria das histórias em quadrinhos, em diversas páginas quase não há balões com diálogos, e a narrativa corre acima ou abaixo das ilustrações, características dos quadrinhos para jovens e adultos. A tradução é de Luciana Garcia.

- Também voltado para esse público mais velho, no ano seguinte, a editora DCL - Farol Literário lança *O Médico e o Monstro*, pela série HQ Clássicos, com tradução de Érico Assis, deixando claro que o mercado editorial pretende continuar investindo e apostando no texto de Stevenson apresentado no formato quadrinhos¹⁰⁰.

4.3.5 Publicações especiais

Entre as traduções levantadas, algumas foram classificadas como “especiais”, por serem ilustradas por artistas famosos, ou por serem apresentadas em formatos diferentes (“enlatada”, por exemplo), por serem dirigidas a públicos específicos

⁹⁹ Ilustrador, editor assistente da empresa *Bongo Comics* e autor de clássicos dos quadrinhos contemporâneos, como as histórias de Agnes Quill.

¹⁰⁰ Com relação aos quadrinhos eróticos, consulte o item 4.3.6, mais adiante neste capítulo.

(como o texto para “neoleitores”). A seguir analisaremos em mais detalhes algumas dessas obras.

- A primeira publicação que classificamos como “especial” é da editora Abril, cuja primeira edição data de 1964¹⁰¹. O que torna essa edição especial é o fato de ser feita no formato fotonovela, pela série “*Grandes Foto-romances inéditos de Capricho*”. Esse tipo de publicação, bastante comum nos anos 1960 e 1970, é bastante raro atualmente. Nos *sítes* de vendas de livros usados, as fotonovelas são vendidas por um preço bastante acima dos quadrinhos (que por sua vez já são muito valorizados), e há pessoas que comercializam fotocópias das fotonovelas (embora essa seja uma prática não legalizada). Por outro lado, também há *sítes* onde podem ser encontradas as fotonovelas em formato digital, e em muitos deles esse conteúdo pode ser baixado gratuitamente¹⁰². Segundo informações do *site* HQ Memória¹⁰³, as páginas centrais da fotonovela Capricho traziam um pôster em preto e branco de uma cena extraída de um filme, acompanhado por matérias sobre os filmes em cartaz nos cinemas, relacionadas à trama.

- A segunda obra da categoria especial foi publicada pela editora L&PM em 2011. *O Médico e o Monstro* em uma “versão adaptada para neoleitores¹⁰⁴” por Pedro Gonzaga, a partir do original em inglês, é parte da coleção *É só o Começo*. Com um vocabulário de aproximadamente 1.500 palavras, a obra traz ilustrações de Gilmar Fraga. Segundo informações obtidas no site da editora, além de indicados para estrangeiros que aprendem o português como segunda língua, “os livros da coleção *É só o Começo* foram pensados e criados para homens e mulheres, jovens ou não, que estão começando a vida de leitor”. Dado o tratamento que essa obra recebeu, e pelo fato de ser uma das únicas publicações do gênero em língua portuguesa (muito comuns em outros idiomas, os livros de leitura com vocabulário

¹⁰¹ A data da publicação foi obtida no *site* Acervo de Fotonovelas (<http://acervodefotonovelas.blogspot.com.br/>), já que na revista não há essa informação, assim como não é citado quem fez a tradução.

¹⁰² É o caso da obra em questão, disponível para *download* em <http://acervodefotonovelas.blogspot.com.br/2012/08/o-medico-e-o-monstro.html> no momento da redação desta tese.

¹⁰³ Acessado em <http://www.hqmemoria.blogspot.com.br/>, mas que parece ter interrompido suas atualizações em 2010.

¹⁰⁴ Mais informações sobre a série podem ser obtidas em <http://www.lpm.com.br/site/default.asp?TroncoID=805134&SecaoID=510927&SubsecaoID=0&Serie=Neoleitores>.

controlado, e graduados segundo a proficiência leitora ainda são bastante escassos em língua portuguesa).

- A terceira obra da categoria especial foi publicada pela editora Ática em 2005, com adaptação de Luc Lefort e tradução de Luciano Vieira Machado, a partir da versão francesa intitulada *L'Étrange cas du Dr. Jekyll et de M. Hyde*. Com ilustrações mais voltadas para um público adulto (sem serem eróticas, apenas sensuais e macabras), as imagens criadas por Ludovic Debeurme¹⁰⁵ lembram pinturas em tinta óleo sobre tela, o que faz com que o livro, em muitas livrarias, seja encontrado no segmento de livros de arte (ver Fig. 14). Ao final da narrativa, há informações sobre o escritor, sobre alguns personagens inspirados no livro (Hulk e a Liga Extraordinária); uma contextualização sobre a Londres vitoriana, dados científicos sobre a grafologia e, por fim, uma galeria de dez cientistas famosos do século XIX. Desse modo, o livro é especial por suas ilustrações, mas também por trazer diversas informações adicionais ao leitor, contextualizando-o e ajudando-o a compreender melhor a sociedade da época em que a trama se passa.

FIGURA 14. Detalhe de uma ilustração de Ludovic Debeurme para o livro publicado pela editora Ática.

Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

- A quarta obra da categoria especial é a edição bilíngue publicada pela editora Landmark, com tradução de Fábio Cyrino. O livro traz o texto original correndo paralelamente à tradução, mas em fonte levemente menor, e ocupando o terço externo de cada página (ver Fig. 15).

FIGURA 15. Capa da edição bilíngue inglês-português da editora Landmark.

¹⁰⁵ Ilustrador e artista gráfico francês, autor de ilustrações para clássicos, livros humorísticos e alguns textos eróticos.

Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Após a história, são apresentadas “breves notas biográficas” de Stevenson, sem nenhuma referência a quem as escreveu. Chama a atenção nessa parte do livro o fato de o autor de *O Estranho Caso do Doutor Jekyll e do Senhor Hyde* ser apresentado com seu nome completo (Robert Louis Balfour Stevenson), com o sobrenome materno [Balfour], que raramente é citado. Até o momento, esta é a única edição bilíngue da obra disponível no Brasil, o que a torna especial.

- A quinta obra desta categoria de publicações especiais é *O Estranho Caso do Dr. Jekyll e Sr. Hyde* publicado pela Arte e Letra Editora em 2010. Com tradução de Lúcia Helena de Seixas Brito, a obra é apresentada em formato “enlatado”, ou seja, o livro é acondicionado em uma lata, com a mesma estampa da capa. Esta publicação vai ao encontro do que nos fala Milton (2002, p. 125), sobre a “embalagem” do “produto” livro: “Em qualquer produto comercial, a embalagem é muito importante.” Milton cita ainda diversos lançamentos que tiveram sua capa alterada, para estimular sua venda e aumentar a aceitação pelo público. Sendo os produtos enlatados sinônimo de praticidade e modernidade, “enlatar” um livro é torná-lo mais acessível e interessante, dando ainda um caráter lúdico. Além do formato “enlatado”, outro aspecto que torna essa publicação especial é sua capa. Embora nada seja citado nos créditos do livro, a capa lembra o cartaz da versão cinematográfica de *Dr. Jekyll and Mr. Hyde* de 1920, sugerindo que ela tenha sido inspirada em tal cartaz. A cor do fundo, a fumaça envolvendo a figura masculina, a

sombra à esquerda da imagem e a disposição das letras na diagonal, em linha ascendente, no terço inferior da capa são bastante parecidas (ver Fig. 16).

FIGURA 16. Capa do livro publicado pela Arte e Letra Editora em 2010 (à esq.) e cartaz de divulgação da versão cinematográfica de *Dr. Jekyll and Mr. Hyde* de 1920 (à dir.).

Fonte: Sobre Capas (<http://sobrecapas.blogspot.com.br/2010/11/colecao-em-conserva.html>) (esq.). Wikipedia [http://en.wikipedia.org/wiki/Dr._Jekyll_and_Mr._Hyde_\(1920_Haydon_film\)#mediaviewer/File:Jekyllhyde1920II.jpg](http://en.wikipedia.org/wiki/Dr._Jekyll_and_Mr._Hyde_(1920_Haydon_film)#mediaviewer/File:Jekyllhyde1920II.jpg) (dir.)

- A sexta obra desta categoria, entre as quase uma centena de traduções levantadas, é uma publicação disponível *online*. Os então alunos Claudio de Almeida Neri, Luiz Clóvis Leal Moraes, Paulo Afonso Leão de Lima, Samuel Rodrigues Santos e Valnei Ferreira de Oliveira da turma de Letras Tradutor Português-inglês (2010.2) do Instituto de Ensino Superior do Amapá (IESAP) realizaram sob a orientação da Prof. Esp. Carla Santos de Castro a tradução do texto de Stevenson e o disponibilizaram *online*, para *download* gratuito¹⁰⁶. Essa iniciativa, além de ajudar na divulgação do trabalho dos alunos (agora tradutores formados), também abre espaço para que os leitores possam conhecer a história original que deu origem a tantos desdobramentos.

4.3.6 Literatura erótica

Em relação às adaptações de *Dr. Jekyll and Mr. Hyde* classificadas na categoria “Literatura erótica”, a obra traduzida ao português que analisaremos foi lançada em 1989 pela editora Martins Fontes, para a série “Arte e fantasia”. Com tradução de Luis Lorenzo Rivera e o título de *Doutor Jekyll e Mister Hyde*, o que

¹⁰⁶ O link para acesso à obra traduzida é

<http://www.translationews.com/tradutor/conteudo/traducoes/item/5-o-medico-e-o-monstro-dr-jekyll-and-mr-hyde>.

torna esta edição especial são os desenhos do consagrado desenhista milanês Guido Crepax. Seu traço característico (ver Fig. 17), que reúne arte e erotismo, conta nesta publicação a história de Jekyll e Hyde, procurando seguir a narrativa original, inclusive na divisão de capítulos, e os principais fatos são os mesmos. Dirigido ao público adulto, esse trabalho de Crepax¹⁰⁷ também é encontrado em traduções para o alemão, o italiano, o finlandês, entre outros. A versão em português encontra-se atualmente esgotada, segundo pesquisa realizada no *website* da editora Martins Fontes.

Diversos pesquisadores da obra de Stevenson enfatizam a função das portas, como delimitadoras do que é privado e do que é público, mostrando que, em *Jekyll and Hyde*, a noção entre pureza e depravação pode ser delimitada pelas portas que separam as áreas internas das externas. Esse conceito foi revisitado por diversas das adaptações do texto, tanto para cinema e teatro, quanto nos célebres quadrinhos eróticos desenhados por Guido Crepax.

Um questionamento inevitável: se a trama segue a mesma sequência do texto original de Stevenson, como os mesmos capítulos e, em alguns trechos, até os mesmos diálogos, como Crepax conseguiu criar uma obra erótica?

As portas são a chave para entender o processo feito por Crepax para a “erotização” da obra, sem perder a sequência dos fatos nem alterar a trama central. Diferentemente das muitas adaptações para o cinema que acrescentaram uma namorada, noiva ou esposa para Jekyll, aqui ele continua sendo o celibatário idealizado por Stevenson. Entretanto, sua casa (e consequentemente a casa de Hyde) é povoada por figuras femininas, não nomeadas e que não têm voz na trama, mas que são mostradas em diversas páginas em poses sensuais, masturbando-se, ou em jogos sexuais entre si ou com Jekyll, Hyde ou mesmo o mordomo Poole.

Das personagens da trama original, a única que passa por uma sutil alteração é a empregada que presencia o assassinato de Carew, quando observava da janela de seu quarto a rua em uma noite enluarada. No original de Stevenson, lê-se:

A maid servant living alone in a house not far from the river, had gone up-stairs to bed about eleven. [...]. It seems she was romantically given, for she sat down upon her box, which stood immediately under

¹⁰⁷ Para obter mais informações sobre Guido Crepax, consulte <http://www.lambiek.net/artists/c/crepax.htm>.

*the
window,
and fell
into a
dream of
musing.
Never
(she
used to
say, with*

streaming tears, when she narrated that experience), never had she felt more at peace with all men or thought more kindly of the world. (PG, p. 28) [Uma criada, que vivia sozinha numa casa não muito longe do rio, havia subido para se deitar por volta das onze horas. [...]. Parece que a moça era um tanto romântica, pois sentou-se sobre seu baú, que ficava logo abaixo da janela, e entregou-se aos devaneios. Nunca (dizia ela, com lágrimas escorrendo, quando narrava o fato), nunca se sentira mais em paz com toda a humanidade ou tivera pensamentos mais gentis sobre o mundo.]

Nota-se que a criada era uma figura romântica e solitária, que ficou tão chocada com a cena que presenciou a seguir que acabou desmaiando. Na versão de Crepax, entretanto, a moça tem um olhar lânguido e está se despindo na frente da janela, quando presencia a cena entre Hyde e Carew. A Figura 17 reproduz a página que ilustra essa passagem.

FIGURA 17. Detalhe da página 19 da publicação ilustrada por Guido Crepax.

Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Além da adaptação com ilustrações de Crepax, há ainda mais duas publicações nacionais de *O Médico e o Monstro* classificadas na categoria erótica. Uma foi publicada pela editora Grafipar, de Curitiba, em 1979. A obra tem roteiro de Wilson Carlos Magno (cujo nome artístico é 'Aporeyma') e desenhos de Flavio Colin. Não tivemos acesso ao conteúdo dessa publicação e nem a sua capa. A única informação adicional que conseguimos foi que a edição era divulgada com o seguinte texto: "Dama gentil recebe anestesia e é devorada pelo zeloso doutor."

A outra publicação erótica é da editora Nova Sampa, de São Paulo. A revista em quadrinhos, editada e desenhada por Franco da Rosa foi publicada em 1990. Embora mais recente do que as outras duas, não temos mais nenhuma informação sobre ela.

4.3.7 Obras publicadas em Portugal

Por questões ligadas à falta de uma sistematização dos dados junto ao *síte* da Biblioteca Nacional de Portugal, nosso levantamento acabou sendo feito a partir da visita a diversas bases de dados das respectivas bibliotecas regionais daquele país¹⁰⁸. Em muitas, os dados eram incompletos, já que, provavelmente, são preenchidas por funcionários não especializados, sem o rigor científico que gostaríamos de obter. Sendo assim, nossa busca acabou sendo bastante exaustiva (no sentido de cansativa), sem contanto conseguir ser exaustiva (no sentido de completa).

Do mesmo modo que com as traduções publicadas no Brasil, entre os livros publicados em Portugal elencados nesta pesquisa provavelmente há lacunas, mas não temos como definir que outras editoras portuguesas publicaram o livro de Stevenson e nem quantas traduções mais há disponíveis¹⁰⁹.

Ao analisarmos as obras publicadas em Portugal que sejam traduções ou adaptações de *Dr. Jekyll and Mr. Hyde*, primeiramente notamos que elas são em

¹⁰⁸ Entre outras redes de bibliotecas de Portugal, foram consultadas a Rede Municipal de Bibliotecas de Lisboa (<http://catalogolx.cm-lisboa.pt/ipac20/ipac.jsp?profile=rbml&menu=search>); a Base Nacional de Dados Bibliográficos (PORBASE, <http://porbase.bnportugal.pt/>); a Biblioteca Municipal de Santo Tirso (<http://62.28.109.206/Opac/Pages/Search/SimpleSearch.aspx>); a Rede de Bibliotecas Escolares Porto (RBEP, <http://rbep.cm-porto.pt/rbep/catalogos.asp>) e a Biblioteca de Viana do Alentejo (http://biblioteca.cm-vianadoalentejo.pt/pmb/opac_css/index.php?lvi=index).

¹⁰⁹ Para maiores detalhes sobre as publicações de *Dr. Jekyll and Mr. Hyde* em Portugal, consulte o Apêndice A.

menor número do que as traduções publicadas no Brasil (21 portuguesas *versus* 74 publicadas no Brasil¹¹⁰). Essa diferença absoluta, se relativizada em função do tamanho de ambos os países, e em função do número de leitores, talvez nos leve a um valor relativo bastante aproximado em ambos. Assim, a principal diferença parece ser relacionada à variedade dos livros publicados no Brasil. As obras aqui são de gêneros variados, procurando atender a um público bem mais diversificado.

A análise do mercado de editoras de Portugal, embora não seja o objetivo desta tese, acabou acontecendo até por necessidade de entendermos um pouco melhor sobre as publicações de *Dr. Jekyll and Mr. Hyde* naquele país. Ao pesquisarmos referências das editoras portuguesas, percebemos que muitas delas não estão atuando mais no mercado editorial, tendo mudado de ramo de atuação profissional¹¹¹, ido à falência ou simplesmente fechado suas portas. Esse parece ser o caso da Livraria Minerva, de Lisboa, responsável pela publicação da primeira versão de *Dr. Jekyll and Mr. Hyde* em português. Outras editoras portuguesas que publicaram traduções da obra objeto desta tese, e que aparentemente fecharam suas portas são: Editorial Crisos (editora da região portuguesa de Lamego que foi atuante apenas nos anos 1940¹¹²), Amigos do Livro, Novaera e Quasi Edições¹¹³.

Algumas editoras tradicionais, como é o caso da Portugália, fundada em 1942, considerada, segundo a pesquisadora portuguesa Marta Susana Matos Oliveira, uma das editoras com maior impulso para publicar obras relevantes e “mais conceituada entre os círculos intelectuais não conotados com o regime ditatorial” [da época], também acabaram sucumbindo (OLIVEIRA, 2011).

Como já citado em outros pontos desta tese, algumas das traduções publicadas em Portugal são vendidas no Brasil, e mesmo entre os donos de lojas de livros usados e de segunda mão (sebos), muitas vezes as publicações portuguesas são tratadas como se fossem nacionais.

Das publicações portuguesas a primeira que chama a atenção é aquela publicada pela Relógio D'Água Editores em 1987. Com tradução do Professor

¹¹⁰ E uma publicada na Argentina.

¹¹¹ Algumas editoras de Portugal passaram a ser somente distribuidoras de livros publicados por outras editoras, outras se voltaram para outros ramos do comércio.

¹¹² Segundo informações do site Bibliowiki.

¹¹³ A Quasi Edições, fundada pelo escritor português Jorge Reis-Sá em 1999, foi à falência em outubro de 2009. Sua sede ficava em Vila Nova de Famalicão, no norte de Portugal.

Agostinho da Silva¹¹⁴, a narrativa de *O Estranho Caso do Dr. Jekyll e de Mr. Hyde* é seguida de um estudo do escritor russo Vladimir Nabokov (estudo este já citado nesta tese, no Capítulo 2). Embora seja em formato *pocket* e capa mole, a edição parece ter sido feita com bastante esmero, já que o tradutor escolhido é professor de literatura, estudioso da obra de Stevenson e a edição traduzida foi acrescida da famosa aula magistral proferida por Nabokov a alunos de uma universidade dos EUA.

Outra publicação portuguesa que comentaremos foi lançada em 2002, pela Witloof (de Coimbra). Esta é a única história em quadrinhos publicada em Portugal entre as que levantamos em nossa pesquisa. Intitulada *Doutor Jekyll & Mister Hyde*, a publicação tem roteiro do artista plástico Lorenzo Mattotti e seu colaborador Jerry Kramsky (ver Fig 18).

FIGURA 18. Detalhe das ilustrações de Lorenzo Mattotti (p.5)

Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

A versão portuguesa da obra de Lorenzo Mattotti que a Witloof lançou foi feita a partir da tradução da obra publicada em inglês em 2003 pela NBM Publishing, e esta foi obtida por tradução italiano-inglês da edição publicada em 2002 na Itália. Assim, neste caso podemos observar diversos processos de refração: a obra de Stevenson gerou os quadrinhos publicados originalmente em italiano, que depois

¹¹⁴ Tradução do posfácio: Paula Castro.

foram traduzidos para inglês, e do inglês foram traduzidos a português e publicados em Portugal.

4.4 TRADUÇÕES SELECIONADAS PARA A ANÁLISE CONTRASTIVA

No próximo capítulo faremos uma análise contrastiva de três traduções da obra em estudo. Aqui faremos uma apresentação inicial dos três livros em que tais traduções foram publicadas.

4.4.1 Tradução publicada pela Ediouro

Em 2001, a Ediouro publicou uma coletânea contendo *Frankenstein* (Mary Shelley), *Drácula* (Bram Stoker) e *O Médico e o Monstro* (RLS). As três narrativas têm tradução de Adriana Lisboa¹¹⁵. Uma publicação com quase 700 páginas, com capa em papel brilhante (ver Fig. 19) e o nome das histórias em letras metalizadas, com introdução de Stephen King (ver Cap. 2), escritor estadunidense, consagrado como um dos mais notáveis escritores de contos de terror. Com certeza, a Ediouro primou pela qualidade da edição.

FIGURA 19. Dados sobre o livro publicado pela Ediouro em 2001.

Título Original: *Frankenstein or The Modern Prometheus; Dracula; The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*

Ano da publicação da 1ª. Edição: 2001

Editora: Ediouro

Nº de páginas: 700

Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

¹¹⁵ A mesma tradução de *O Médico e o Monstro* foi publicada posteriormente, em 2011, em uma edição conjunta Saraiva / Nova Fronteira.

Do ponto de vista editorial, entre outros detalhes que enriquecem o livro, há folhas coloridas separando as três histórias, e em cada uma dessas folhas coloridas há o nome da próxima história e, logo abaixo, o de seu autor. A narrativa de *O Médico e o Monstro* é a terceira, e inicia-se na página 629 e vai até a página 697.

4.4.2 Tradução publicada pela L&PM Editores

Em 2010, a L&PM Editores publicou uma coletânea contendo *Drácula* (Bram Stoker), *Frankenstein* (Mary Shelley) e *O Médico e o Monstro* (RLS). As três narrativas têm tradução feita por diferentes tradutores. No caso do texto objeto de nossa análise, a tradução foi feita por uma equipe (José Paulo Golob, Maria Angela Aguiar e Roberta Sartori), durante uma Oficina de Tradução Literária de Beatriz Viégas-Faria¹¹⁶. Uma publicação com 680 páginas, com capa em papel fosco, e o nome das histórias com letras brilhantes em baixo relevo (ver Fig. 20). O tradutor literário gaúcho Guilherme da Silva Braga assina o texto introdutório, intitulado “Breve esboço sobre a vida literária dos monstros”.

FIGURA 20. Dados sobre o livro publicado pela L&PM Editores em 2010.

Título Original: Dracula; Frankenstein; The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde

Ano da publicação da 1ª. Edição: 2010

Editores: L&PM Editores

Nº de páginas: 680

Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

¹¹⁶ Para obter mais informações sobre a autora, tradutora e professora universitária que coordenou a tradução, consulte <http://www.studioclio.com.br/docentes/18090/beatriz-viegas-faria>.

Após o sumário, como já citado anteriormente, Guilherme da Silva Braga, tradutor e estudioso de Letras (cujo biodata resumido é apresentado ao leitor em nota de rodapé na edição da L&PM), escreve a introdução, na qual comenta sobre as três histórias, embasando suas opiniões em fatos e dados literários e científicos.

Certamente um dos livros mais caros no qual *O Médico e o Monstro* já foi publicado, esta edição foi impressa em papel de alta gramatura, de modo que o volume e o peso finais do livro são bastante expressivos. O texto de Stevenson encontra-se na segunda história do livro, começando na página 189 e estendendo-se até a página 249. A página inicial traz o nome do autor, do livro, dos tradutores e da coordenadora da tradução. Na página seguinte há uma biografia de Stevenson resumida em dois parágrafos e ainda suas principais obras publicadas e uma menção aos últimos momentos da vida do autor, em Samoa.

Desde a escolha do texto traduzido, passando pela concepção da capa, e concluindo com o rigor na seleção do papel de impressão, é possível notar que a editora procurou fazer desse lançamento uma obra de referência no gênero terror/horror.

4.4.3 Tradução publicada pela editora Cosac Naify

A premiada editora paulista Cosac Naify, especializada em livros de arte, publicou em 2011 um livro que nos surpreendeu. Pela primeira vez na história das publicações de obras de Stevenson em coletâneas, *O Médico e o Monstro* não é citado no título. *O Clube do Suicídio e outras histórias*, com tradução de Andréa Rocha traz, além da obra citada no título e de *O estranho caso de Dr. Jekyll e Mr. Hyde*, mais quatro textos de RLS: *Markheim*, *O demônio da garrafa*, *O ladrão de cadáveres* e *O vestíbulo*.

O livro, com capa dura e edição de luxo, contém 444 páginas. A publicação traz, ainda, a apresentação do ensaísta Davi Arrigucci Jr.¹¹⁷. (também responsável pela seleção dos textos) e, como apêndices, ensaios do escritor estadunidense

¹¹⁷ Para obter mais informações, consulte

http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_lit/index.cfm?fuseaction=biografias_texto&cd_verboete=14142&lst_palavras=&cd_item=35

naturalizado britânico Henry James e do romancista russo naturalizado estadunidense Vladimir Nabokov.

FIGURA 21. Dados sobre o livro publicado pela Cosac Naify em 2011.

Título Original: O Clube do Suicídio e outras histórias

Ano da publicação da 1ª. Edição: 2011

Editora: Cosac Naify

Nº de páginas: 444

Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

4.5 FENÔMENOS EDITORIAIS

As traduções de *Dr. Jekyll and Mr. Hyde* publicadas em português impressionam, antes de tudo, pela quantidade (95, levantadas até o momento) e pela criatividade das editoras ao tratar o texto de Stevenson. Entretanto, à medida que analisamos a listagem fornecida no Apêndice A, é possível observar outras curiosidades que tornam ainda mais peculiares as publicações dessas traduções no Brasil. A seguir, abordaremos em mais detalhes algumas dessas curiosidades das edições publicadas no Brasil.

4.5.1 Mesma tradução, diferentes editoras

Em 2001, a tradução de Adriana Lisboa foi publicada pela Ediouro em uma edição conjunta de *O Médico e o Monstro* com *Frankenstein* e *Drácula*. Dez anos depois, a editora Nova Fronteira¹¹⁸ associada à Saraiva lança o mesmo texto, da mesma tradutora, agora não mais em uma coletânea, e sim como título único, pela coleção *Saraiva de Bolso*.

4.5.2 Mesma tradução, dois formatos

Em 1971, a editora Tecnoprint lançou simultaneamente duas edições que continham exatamente a mesma tradução, de Marques Rebelo. A primeira, intitulada *Dr. Jekyll e Sr. Hyde - O Médico e o Monstro* e a segunda em formato *pocket*, com o título de *O Estranho Caso do Dr. Jekyll e do Sr. Hyde*. Além do tamanho, as capas também são diferentes, como é possível observar na Figura 22.

FIGURA 22. Edições da Tecnoprint lançadas em 1971

Formato *pocket*

Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

¹¹⁸ 100% do controle acionário da Editora Nova Fronteira foi adquirida pelo Grupo Ediouro no final de 2006.

4.5.3 Reimpressões sucessivas

Embora diversas editoras tenham feito reimpressões e reedições das traduções de *Dr. Jekyll and Mr. Hyde*, a editora Scipione parece ser a que mais publicou no Brasil os livros de *O Médico e o Monstro* traduzidos/adaptados pela escritora Edla Van Steen. Segundo pesquisa que realizamos anteriormente, a publicação pela editora Scipione, com adaptação de Van Steen, já estava na 12ª edição, em 2011. É importante salientar que, “embora na ficha catalográfica conste que a obra foi publicada pela primeira vez em 1997, tivemos acesso a uma publicação da mesma editora, com adaptação pela mesma profissional, de 1984, que consta como sendo 7ª edição” (PERROTTI-GARCIA, 2013, p. 58) Acrescentamos que, após novas pesquisas, foi adquirido um exemplar com data de publicação de 1987 no qual constava primeira edição e detectamos pelo *site* Estante Virtual¹¹⁹ a oferta de um exemplar de 1979.

QUADRO 3. Resumo das edições de *O Médico e o Monstro*, com tradução/adaptação de Edla Van Steen.

Ano de publicação	Edição	Obs.
1979		
1984	7ª.	ISBN 852621077-7
1987		
1988	1ª.	ISBN :852621077-7
1988	?	ISBNs: 8526210467 e 8526207504
1990	4ª.	Capa com bordas vermelhas
1991	5ª.	
1993	6ª.	
1994	7ª.	

¹¹⁹ Ao fazer uma busca no *site* da Estante Virtual, que indexa o conteúdo de centenas de livrarias e sebos do Brasil, embora não haja rigor científico na coleta de informações (os dados são preenchidos voluntariamente pelos livreiros ou pessoas interessadas em vender livros, o que, em alguns casos, pode levar a erros de catalogação ou falta de dados), encontram-se edições da Scipione desde 1979 (como já citado anteriormente).

1995	8 ^a .
1996	9 ^a .

QUADRO 3. Resumo das edições de *O Médico e o Monstro*, com tradução/adaptação de Edla Van Steen (cont.)

Ano de publicação	Edição	Obs.
1997	10 ^a .	Capa com bordas laranja
1998	10 ^a	Provável reimpressão
1999	10 ^a	Provável reimpressão
2000	10 ^a	Provável reimpressão
2001	10 ^a	Provável reimpressão
2002	10 ^a .	ISBN 852624617-8
2003	11 ^a	
2003	1 ^a .	ISBN 852627755-3
2004	11 ^a .	3 ^a impressão
2005	11 ^a .	Provável reimpressão
2006	11 ^a .	5 ^a . reimpressão
2008	11 ^a .	6 ^a . reimpressão
2009		
2010	12 ^a .	
2011	12 ^a .	Provável reimpressão
2012		
2013		

Os dados obtidos até o momento foram resumidos no Quadro 3. É importante lembrar que, desde 2003, a Scipione também publica com certa regularidade *O Médico e o Monstro* pela série *Reencontro Infantil*, com adaptação de João Anzanello Carrascoza e ilustrações de Alice Reiko Haga.

4.5.4 Novas publicações, novas traduções

Após um levantamento das novas edições de *O Médico e o Monstro*, ano a ano, desde a primeira catalogada (Quadro 4), nota-se que existe uma constância nas publicações, e que nos últimos anos estamos presenciando uma aceleração e um aumento no número de novas edições (salientando que não estamos considerando as reimpressões nem as reedições, que certamente aumentariam ainda mais estes números). Entretanto, embora a coleta de dados tenha se estendido até junho de 2014, nos últimos dois anos não foram registrados lançamentos de novos títulos.

QUADRO 4. Gráfico com resumo esquemático das novas edições de *O Médico e o Monstro*, ano a ano, no Brasil e em Portugal, desde 1933 até o presente momento.

Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Fica evidente, a partir da observação do Gráfico, que 2011 é o ano em que foi lançado o maior número de primeiras edições. Segundo nossas pesquisas, um dos motivos para o aumento do número de primeiras edições teria sido a previsão de lançamento de uma nova versão cinematográfica da história de Jekyll e Hyde (que acabou não se concretizando). Outro aspecto, que já vem influenciando há alguns anos, é a popularização dos filmes e séries televisivas com vampiros, monstros e

personagens sobrenaturais (para mais detalhes sobre as adaptações da obra para cinema e teatro, consulte o Capítulo 6). Em nossa opinião, o “fenômeno Harry Potter”¹²⁰ também teve influência nesse período, provocando o aumento do interesse do público por histórias de monstros e temas sobrenaturais, estimulando ainda mais o lançamento de traduções e adaptações de *Jekyll and Hyde*, como obra única ou em associação com outras histórias de terror em um mesmo volume.

E como explicar a cessação de novas edições publicadas em 2013 e 2014? Um dos fatos que parece ter influído (além do aprofundamento da crise econômica na Europa e seus reflexos no Brasil) foi o lançamento de diversas edições em formato eletrônico (sete títulos, como pode ser observado no Apêndice A), além do grande número de reimpressões e reedições nesses dois anos¹²¹. Ainda não é possível dizermos se essa tendência irá se perpetuar. Somente a observação continuada poderá confirmar se as editoras estão suspendendo a publicação de novos títulos e optando por manter as reimpressões e republicações de *O Médico e o Monstro*, ou se o livro voltará a ser lançado com outras traduções, como vinha acontecendo há diversas décadas.

4.5.5 Diferentes públicos, diferentes classificações

Ao observarmos a classificação das diversas publicações de *O Médico e o Monstro* em português, é possível notar que a obra já foi adotada como material didático por muitas prefeituras e governos do país. Além dessa faceta didática, a obra pode ser encontrada nas seguintes classificações (classificada em ordem decrescente de frequência, de acordo com os dados coletados no *site* Estante Virtual): “infanto-juvenil”, “literatura estrangeira”, “literatura inglesa”, “gibis”, “outros assuntos”, “coleções”, “literatura infantil”, “literatura escocesa”, “livros raros”, “clássicos da literatura”, “contos”, “literatura brasileira” (sic.), “cinema”, “artes”. Na

¹²⁰ Sobre a relação entre *Jekyll and Hyde* e as histórias sobre bruxos e vampiros, o *blogueiro*, escritor e publicitário Marcos H. de Oliveira afirma: “Piratas e monstros não seriam o que você acha que são sem Stevenson. [...] Em tempos de vampirinhos apaixonados e lobisomens com crise de consciência, este [*O Médico e o Monstro*] é um livro dos mais atuais, porque os “monstros” somos nós. Eu e você. Monstros e Humanos ao mesmo tempo.”

¹²¹ Segundo levantamento pelo *site* Estante Virtual, confirmado nos *websites* das respectivas editoras, em 2013 foram lançadas nove reimpressões (editoras L&PM, Martin Claret, Atual, um título cada; e Ática, Melhoramentos e Scipione, dois títulos diferentes cada) e em 2014, até o momento, duas reimpressões (Saraiva e Cia. das Letras).

livraria Saraiva, o livro publicado em 2011 pela Edições SM foi classificado na categoria “Artes, pintura, desenho”.

4.5.6 Mesma editora, duas traduções

Diversas editoras brasileiras publicam, ou já publicaram, mais de uma tradução de *Dr. Jekyll and Mr. Hyde*, entre elas podemos citar a editora Melhoramentos que em 1955 lançou a tradução de Joaquim Machado e em 2007 a de Marcos Marcionilo. A editora Ática lançou em 1995 a tradução de Heloisa Jahn (a qual vem sendo reeditada/ reimpressa com certa regularidade) e em 2005 a de Luciano Vieira Machado. Já a Scipione, que continua comercializando a tradução de Edla Van Steen pela série Reencontro, lançou em 2003 a adaptação de João Anzanello Carrascoza pela série Reencontro Infantil.

4.5.7 Mesma tradução, mesmo ISBN, diferentes formatos

A editora Hedra publicou, em dois anos sucessivos (2011 e 2012), uma mesma tradução, em dois livros bastante diferentes, do ponto de vista estético, mas que mantinham o mesmo ISBN (978-85-7715-262-9).

O primeiro, medindo 19,5 X 12,5 cm, 176 páginas, inicia-se por uma introdução contendo três parágrafos em que são apresentadas informações sobre Robert Louis Stevenson, *O estranho caso de Dr. Jekyll e Mr. Hyde*, e sobre Bráulio Tavares (o tradutor). Há, ainda, seis apêndices, relacionados a seguir: “Um capítulo sobre o sonho” e “Esse outro Eu, meu companheiro” (ambos de autoria de Stevenson); “Quando ocorreu o pesadelo de Mr. Hyde” (assinado por Lloyd Osbourne, enteado de Stevenson); “Recordações de Mr. Hyde” (de autoria de Fanny Van de Grift-Stevenson, esposa do escritor escocês); “A personalidade multiplex” (de Frederic Myers) e “As desintegrações do ego” (de Henry Maudsley). A capa, em tons sépia, reproduz um pôster para adaptação teatral da obra, de 1880.

Já o livro publicado no ano seguinte, pela mesma editora, com exatamente a mesma tradução de Bráulio Tavares, é de tamanho maior (22,5 X 13,5 cm) e contém 114 páginas. Embora as ilustrações internas do livro sejam reproduzidas de Charles Raymond de 1904, a capa do livro é bastante colorida e de traço mais atual.

4.5.8 Novas capas, miolo igual

Principalmente os textos sujeitos a reimpressões ou reedições (revisados ou não), acabam recebendo capas novas, como é o caso da tradução de Ligia Cademartori, para a coleção “Eu Leio” da editora FTD, cujas capas vêm sendo trocadas ao longo das publicações. E, não poderia deixar de citar, as quatro capas diferentes apresentadas pelas sucessivas reedições e/ou reimpressões da tradução de Edla Van Steen para a Scipione (Ver Apêndice A).

4.5.9 Traduções de outras línguas, mas a ficha catalográfica cita tradução do inglês

A editora Newton Compton publicou em 1996 um texto traduzido da edição italiana, provavelmente, já que a Newton Compton Brasil adquiriu os direitos de tradução da Newton Compton Editorial de Roma, Itália, e o livro foi impresso na *Legatoria del Sud* de Roma. Entretanto, consta na ficha catalográfica como sendo traduzido a partir de *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*. O mesmo acontece com a publicação da Melhoramentos em 2007. A tradução é de Marcos Marcionilo, que também foi o tradutor da edição Melhoramentos 2010. Embora conste no livro que a tradução foi feita a partir do “original inglês”, a Melhoramentos comprou os direitos de tradução da editora *Libro del Zorro Rojo e Brosquil Ediciones*.

4.5.10 Coletânea de obras de Stevenson ou de outros autores com Stevenson

Com relação às coletâneas que incluem livros de diferentes autores, em geral o ponto de união é o tema do terror, horror ou sobrenatural. Em 2001, a Ediouro lança *Frankenstein* (Mary Shelley); *Drácula* (Bram Stoker); *O Médico e o Monstro*, em uma edição de luxo. Já em 2007, a Atual Editora lançou o texto de Stevenson juntamente com *Drácula* (Bram Stoker) e *O Morto-Vivo da Colina Verde* (Leo Cunha), dirigido ao público adolescente. Em 2010, *Drácula* (Bram Stoker) e *Frankenstein* (Mary Shelley), juntamente com *O Médico e o Monstro*, são publicados em mais uma edição de luxo, da L&PM Editores. Em 2011, é lançada a coletânea da Martin Claret, com as mesmas três obras reunidas pela Ediouro.

Entre as coletâneas contendo somente obras de Stevenson, temos em 1955 a editora Melhoramentos lançando *O Médico e o Monstro* com *Markheim* e *A Porta de Sire de Maletroit*. Em 2011, como já citado anteriormente neste capítulo a Cosac Naify inova, e pela primeira vez *O Médico e o Monstro* não é a obra que dá título à coletânea. “*O Clube do Suicídio e outras histórias*” é lançado com capa dura e edição de luxo, talvez sinalizando que a editora pretende apostar que outra obra de Stevenson irá tornar-se popular nos próximos anos.

4.5.11 “O Médico e o Monstro” surge na capa, como se fosse o único texto, mas na realidade o livro é uma coletânea

Algumas edições antigas utilizaram o expediente de apresentar na capa apenas o título de *O Médico e o Monstro*, mesmo contendo outras histórias em seu interior (por ex., Saraiva, 1960; BUP, 1963). Mas o caso mais relevante é com certeza o da editora Universitária, que publica em 1942, aproveitando a popularização da versão cinematográfica de *O Médico e o Monstro*, um livro cuja capa só faz referência a esta obra, como se fosse o único título publicado no livro. Há desenhos, frases e ilustrações que lembram Jekyll e Hyde. Entretanto, ao folhear o livro percebemos que este está dividido em quatro partes. A primeira, com a história que dá título à edição; segunda parte “*O Exhumador*¹²²”, na terceira parte “*A Garrafa Diabólica*” e na quarta e última parte “*Na França ‘Medieval*¹²³”.

Conforme nos alerta o Prof. Dr. John Milton, da Universidade de São Paulo, “A comercialização não dispensa alguns truques – às vezes o leitor não é tratado com muito respeito. É comum as informações serem escamoteadas” (MILTON, 2002, p. 127).

Evidentemente que, para quem conhece a extensão da história original, e sabe que ela não costuma passar de 90 a 100 páginas, em uma impressão em folhas de tamanho médio (14 X 21 cm, por exemplo), encontrar um livro com 200 a 300 páginas em que se lê na capa apenas “*O Médico e o Monstro*” já seria bastante suspeito. Entretanto, temos de considerar que o leitor médio não tem essa informação. Além disso, os livros maiores (com mais páginas) costumam ser

¹²² Respeitaremos a ortografia da época.

¹²³ Reproduzido conforme grafado na publicação.

associados a preços mais elevados, o que pode aumentar o valor agregado do produto, conforme aumenta-se o número de páginas.

4.5.12 Diferentes traduções do título

No caso da obra objeto de nossa pesquisa, o título escolhido para a primeira tradução portuguesa documentada não foi tão literal como nos dois casos de publicações da Companhia Editora Nacional citados no início deste capítulo¹²⁴. Aqui, *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde* tornou-se “*O Médico e o Monstro*”. Muitas pessoas se perguntam qual é a origem do título tão “distante” do original. Isso ocorreu em parte por causa das primeiras traduções portuguesas, e em parte por causa do nome dado às primeiras versões cinematográficas que foram exibidas no país. Assim, no Brasil, o livro de Stevenson acabou sendo mais conhecido pelo título adotado pela maioria das editoras brasileiras (há, segundo nosso levantamento, até o momento, apenas oito publicações brasileiras com títulos diferentes de *O Médico e o Monstro* – ver Quadro 5).

QUADRO 5. Traduções de *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde* publicadas no Brasil, que não receberam o título “*O Médico e o Monstro*”.

Título (editora, ano de lançamento da primeira edição)

***Doutor Jekyll e Mister Hyde* (Martins Fontes, 1989)**

***Dr. Jekyll e Sr. Hyde - O Médico e o Monstro* (Tecnoprint Ltda., 1971)**

***O Doutor Jekyll e o Monstro* (Paulinas, 1968)**

***O Estranho Caso de Doutor Jekyll e Mister Hyde* (Edições SM, 2011)**

***O Estranho Caso do Doutor Jekyll e do Senhor Hyde* (Landmark, 2008)**

***O Estranho Caso do Dr. Jekyll e Mr. Hyde* (Newton Compton Brasil,**

¹²⁴ *O Clube dos Suicidas* (*The Suicide Club*) e *O Raptado* (*Kidnapped*), com tradução de Godofredo Rangel e Agripino Grieco, respectivamente, para a Companhia Editora Nacional.

1996)

***O Estranho Caso do Dr. Jekyll e do Sr. Hyde* (Tecnoprint Ltda., 1971)**

***O Estranho Caso do Dr. Jekyll e Sr. Hyde* (Arte e Letra Editora, 2010)**

Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Também é interessante observar que esses oito títulos são diferentes entre si, mesmo que sejam diferenças pequenas, de modo que nenhum deles é idêntico a outro da lista.

4.5.13 “Tradu’autor”

Ao contrário do fenômeno de “pseudotradução”, ou seja, “apresentar um trabalho original como [...] uma tradução fictícia” (MILTON, 2002, p. 127), a obra de Stevenson é sujeita ao que poderíamos chamar de “pseudoautoria”. Ao pesquisar nas bases de dados e nas livrarias, muitas vezes encontramos obras adaptadas de *O Médico e o Monstro*, cujo autor figura como sendo outra pessoa e/ou que fazem apenas uma referência breve a Stevenson (com expressões como “baseado na obra de” ou “adaptação da obra de”). Alguns gibis e histórias em quadrinhos, por exemplo, não citam na capa nem o tradutor, nem o autor do texto original (por ex., B.I.S. Editora, 1967; Abril Jovem, 1990; Panini Brasil Ltda., 2007; editora Abril, 2010). As peças de teatro e os filmes cinematográficos, mesmo quando conservam o nome original dado por Stevenson, sempre têm outros autores (sejam os roteiristas, adaptadores etc), e em alguns casos nem sequer informam que são baseados na obra de Stevenson. Além disso, como será mostrado no Capítulo 6 desta tese, há todo um “universo” de textos e produtos que gravitam mais ou menos próximos de *Dr. Jekyll & Mr. Hyde*, como refrações da obra analisada. Estes, quando mais distantes da obra original, não costumam citar Stevenson como autor.

4.5.14 Novas apresentações de um velho produto

Apenas para concluir este capítulo, são apresentados alguns produtos editoriais que incluíram a obra objeto desta tese, dando a ela destaque em suas campanhas de comercialização (os assim chamados “truques comerciais” a que Milton¹²⁵ se refere). Quero, com esta exposição final, reafirmar quanto o texto de Stevenson ainda é determinante e quanto influencia os leitores brasileiros, de modo que muitas editoras utilizam essa obra para alavancar as vendas e aumentar a visibilidade de outros títulos.

Como já citado anteriormente, a editora L&PM publicou recentemente uma nova edição de *O Médico e o Monstro*. Em novembro de 2011, foi lançada a “Caixa Especial Horror” (Fig. 23). Esse novo produto, na verdade, reúne cinco livros que já eram comercializados pela editora. Entretanto, agora com essa nova “roupagem” e com o *slogan* “cinco dos maiores clássicos da literatura de horror”, a editora

¹²⁵ Em MILTON, John (2002, p. 127).

comercializa simultaneamente *Drácula*, de Bram Stoker; *Frankenstein*, de Mary Shelley; *O Médico e o Monstro*, de Robert Louis Stevenson; *Contos de fantasmas*, de Daniel Defoe e *A tumba*, de H. P. Lovecraft.

FIGURA 23. “Caixa Especial Horror” lançada pela editora L&PM em novembro de 2011.

Fonte: L&PM Editores. Disponível em: <http://www.lpm.com.br/site/default.asp>. Acesso em: 15.mar.2014.

Com relação à obra que é objeto da nossa pesquisa, a inclusão de *O Médico e o Monstro* nesta caixa primeiramente revela a opinião da editora de que o livro é um dos “maiores clássicos da literatura de horror”. Além disso, mostra que esse livro ainda atrai o interesse dos leitores, já que a editora não incluiria na “Caixa Especial” um livro que não atraísse compradores.

FIGURA 24. Imagem de divulgação da série “É só o começo”, da editora L&PM.

Fonte: L&PM Editores. Disponível em: <http://www.lpm.com.br/site/default.asp>. Acesso em: 15.mar.2014.

O segundo produto, também da L&PM Editores, é uma peça publicitária de divulgação da coleção “É só o começo”, dedicada à neoleitores (adultos em fase de alfabetização, seja de português como língua materna ou estrangeira, conforme já citado anteriormente neste capítulo). A série conta com diversos livros (alguns clássicos nacionais e internacionais, como *O Alienista*, de Machado de Assis e *Hamlet*, de Shakespeare), mas, como é possível observar na Figura 24, *O Médico e o Monstro* aparece em destaque, o que reafirma quanto o livro ainda é relevante para o leitor brasileiro.

CAPÍTULO 5 DR. JEKYLL AND MR. HYDE X O MÉDICO E O MONSTRO: ANÁLISE DE TRÊS TRADUÇÕES CONTEMPORÂNEAS

A lenda de Jekyll e Hyde é conhecida mundialmente, mais por suas versões cinematográficas e por suas adaptações para quadrinhos do que pelo livro propriamente. Stevenson, já conhecido na época da publicação do original em 1886 por ser autor de ensaios e literatura de viagem, já era rotulado pelos críticos da época como “*a man to watch*”¹²⁶. Havia controvérsias, entretanto, já que alguns estudiosos duvidavam que um pequeno livro de suspense, com apenas 10 capítulos e um final discutível, pudesse fazer sucesso. Mas o “veredito do tempo” parece sugerir que tais questionamentos eram infundados. Autores como Henry James, Gerard Manley Hopkins, Vladimir Nabokov, John Fowles, Jorge Luis Borges, Stephen King, Joyce Carol Oates e Italo Calvino são apenas alguns que fizeram comentários ou prefaciaram edições da obra (LINEHAN, 2003).

E no Brasil, apesar de tantas traduções, será que o texto de Stevenson recebeu a atenção merecida? Muitas editoras publicaram a obra em formato e/ou com texto adaptado para crianças. Diversas escolas adotaram o livro como “leitura obrigatória” ou como “texto didático”, fazendo com que o texto fosse “facilitado”, encurtado ou reescrito. Por essa razão, ao analisarmos as traduções da obra em português, faremos uma seleção prévia (explicada detalhadamente mais adiante).

5.1 PROCESSO DE TRADUÇÃO – FLUXO DO TEXTO DENTRO DE UMA EDITORA

Sabemos que, após um texto sair das mãos do tradutor, este deixa de ter controle sobre o conteúdo do texto traduzido. A seguir, dependendo do porte da editora, o texto passará pelas mãos de diversos outros profissionais, sofrendo, invariavelmente, alterações maiores ou menores. Sabemos, de nossa experiência de quase duas décadas trabalhando com traduções para editoras do Brasil e do exterior, que o tradutor não pode ser responsabilizado inteiramente pelo conteúdo da tradução final. Por essa razão, nesta tese, trataremos as traduções como sendo pertencentes às editoras, e não aos tradutores. Evidentemente, **essa opção não**

¹²⁶ A expressão costuma ser usada para definir alguém em quem devemos ficar de olho, por ter um futuro promissor, e que provavelmente fará muito sucesso.

tem a intenção de minimizar a importância do tradutor na criação da obra traduzida. O que buscamos com essa posição é deixar claro que, caso haja omissões, inadequações e/ou erros, não poderão ser atribuídos diretamente ao tradutor, já que ele, ao entregar o texto traduzido, nem sempre voltará a ter qualquer outro contato com a tradução, antes que esta seja publicada.

5.2 SELEÇÃO DAS OBRAS A SEREM ANALISADAS E METODOLOGIA DE ANÁLISE

Após fazermos um levantamento de quase uma centena de obras publicadas em português, todas trazendo traduções, adaptações ou releituras do texto *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde* em português, passamos a definir quais seriam os critérios para determinar de quais obras seriam analisadas as traduções. O primeiro corte foi **linguístico**, as obras analisadas seriam todas traduzidas para o português em sua variante do Brasil. O segundo critério de seleção foi **cronológico**, as obras analisadas seriam de traduções atuais e contemporâneas, para que houvesse uma homogeneidade na época de produção das traduções. Do ponto de vista **literário**, optamos por traduções que não fossem classificadas como “literatura infantil” e nem como “livro didático”, para evitarmos textos simplificados ou resumidos. Em termos de **gêneros literários**, também eliminamos as traduções apresentadas na forma de histórias em quadrinhos e fotonovelas, pois nestes gêneros grande parte da narrativa e das descrições é substituída pela linguagem não verbal. Como a análise partiria do alinhamento dos textos, por questões **metodológicas**, também foram excluídas da análise as obras classificadas como “adaptações” e aquelas “inspiradas” no texto original de Stevenson, dada a dificuldade (ou impossibilidade) de alinhamento desses textos com o texto original em inglês.

Após esse processo de seleção, as três obras a seguir foram escolhidas para a análise contrastiva:

O Médico e o Monstro, com tradução de Adriana Lisboa, publicado pela Ediouro Publicações S.A. (EDI), em 2011 (uma edição conjunta, contendo ainda as traduções de *Drácula* e *Frankenstein*). A obra é classificada pela editora como “Literatura Estrangeira” e ainda traz na capa os dizeres “Os três maiores clássicos da literatura de terror reunidos em um só volume e com introdução de Stephen

King”. Para facilitar a leitura da análise, e o texto fluir mais livremente e sem tantas repetições, ao fazermos referências a esta obra neste capítulo, será utilizado o nome da editora ou a abreviatura aqui convencionada.

A segunda obra analisada foi publicada pela Cosac Naify (CSN) em 2011 com o título *O Clube do Suicídio e outras histórias*. A obra faz parte da “*Coleção Prosa do Mundo*”, sendo classificada pela editora como “ficção inglesa”. Além das obras de Stevenson, o livro conta com três apêndices (*Robert Louis Stevenson* por Henry James¹²⁷, *O estranho caso de Dr. Jekyll e Mr. Hyde* por Vladimir Nabokov¹²⁸ e uma lista com *Sugestões de leitura*¹²⁹).

A terceira e última obra analisada, *O Médico e o Monstro*, com tradução de José Paulo Golob, Maria Angela Aguiar e Roberto Sartori, sob a coordenação de Beatriz Viégas-Faria, publicado pela L&PM Editores (LPM) na Coleção Pocket em 2002 e republicado como parte do volume “*Clássicos do Horror*” (uma edição conjunta, contendo ainda as traduções de *Drácula* e *Frankenstein*) em 2010. Na quarta capa, a obra é classificada pela editora como “um clássico do horror” e ainda traz os dizeres “*Clássicos do Horror* reúne num só volume três das melhores histórias de terror psicológico já escritas”. Do mesmo modo que para a primeira obra analisada, para facilitar a leitura da análise, e deixar o texto com mais fluidez e menos repetitivo, ao fazermos referências à obra publicada pela L&PM neste capítulo, será utilizado o nome da editora ou a abreviatura aqui convencionada.

5.3 METODOLOGIA DE PREPARAÇÃO DOS TEXTOS

Após definir quais seriam os livros analisados, as três obras selecionadas foram escaneadas e os textos foram revisados, quanto à paragrafação, precisão de conteúdo e formatação. A ortografia foi mantida como em cada publicação, somente foram corrigidos os problemas oriundos do escaneamento (trocas de letras, acréscimos de sinais de pontuação inexistentes, separação indevida de palavras no meio da sentença, entre outros). Após as correções necessárias, cada um dos

¹²⁷ Considerado pelos especialistas como um “ensaio clássico” sobre o escritor escocês.

¹²⁸ Com o texto original da aula ministrada na Universidade de Cornell por Vladimir Nabokov.

¹²⁹ Citando ensaios, romances, relatos de viagem e poemas infantis de autoria de Stevenson, e indicando suas traduções mais conceituadas, segundo Arrigucci Jr.. A listagem também inclui obras clássicas que analisam a produção literária de Stevenson, ensaios sobre o autor, um pequeno parágrafo sobre as produções cinematográficas inspiradas em Jekyll e Hyde e, como não poderia faltar, algumas indicações de *websites* que contêm material de referência sobre o escritor escocês.

textos foi salvo em um arquivo tipo .txt (arquivo sem formatação), para poder ser alinhado adotando os princípios metodológicos da Linguística de *Corpus*.

Com relação à versão de *Dr. Jekyll and Mr. Hyde* em inglês, embora Dury (1993) alerte a respeito das variantes presentes em algumas publicações que são publicadas na atualidade, tais diferenças são bastante pequenas, e após analisarmos cada uma delas concluímos que não alterariam nossa análise. Sendo assim, o texto escolhido para ser considerado o “original” foi obtido do Projeto Gutenberg (ver referências), uma vez que os textos selecionados pelo referido projeto são escolhidos segundo análises criteriosas.

Após o alinhamento utilizando o alinhador *Plus Tools*¹³⁰, versão 4, os quatro textos alinhados (o original e mais as três traduções selecionadas) foram salvos no formato Tabela do programa MS Word, e a precisão do alinhamento foi mais uma vez revista atentamente. A paragrafação do texto original em inglês foi usada como referência para o alinhamento. Após revisar e corrigir todos os problemas de desalinhamento encontrados, foi iniciada a análise propriamente dita.

5.4 FONTES DE REFERÊNCIA PARA A ANÁLISE

As passagens contendo referências a trechos bíblicos foram analisadas a partir de informações adicionais obtidas pela busca nos sites *Bíblia Online* e *Bible Hub*.

O site *Bíblia Online* disponibiliza textos bíblicos em 27 idiomas. Este site apresenta o texto das seguintes bíblias, em português: Almeida Revisada e Corrigida Fiel; Almeida Revisada Imprensa Bíblica; Nova Versão Internacional; Sociedade Bíblica Britânica. Em inglês, o site contém o texto das seguintes bíblias: *American Standard Version*; *Basic English*; Darby, John Nelson; King James; *New International Version*; *Webster*.

O site *Bible Hub* disponibiliza apenas textos bíblicos em inglês, mas é possível pesquisar o mesmo trecho em diversas versões da bíblia simultaneamente. Entre outras, é possível ter acesso ao conteúdo das seguintes versões: *New International Version*; *New Living Translation*; *English Standard Version*; *New*

¹³⁰ Disponível em <http://www.wordfast.net/index.php?whichpage=downloadpage&lang=engb>

American Standard Bible; King James Bible; Holman Christian Standard Bible; International Standard Version e mais 12 outras versões. O site apresenta a contextualização da passagem bíblica, referências cruzadas para outras passagens, os termos mais relevantes da passagem bíblica procurada. Além disso, é possível fazer a busca em apenas uma versão, ou em diversas versões ao mesmo tempo.

A análise levou em consideração os aspectos levantados durante a leitura das edições anotadas, que trazem diversas notas explicativas de aspectos relevantes da trama, tanto do ponto de vista lexical e/ou sintático, quanto cultural, regional ou temporal (WOLF¹³¹, 2005, DAVIDSON¹³², 2003; LINEHAN¹³³, 2003; MIDDLETON¹³⁴, 1999; ROBERTS¹³⁵, 1989). Também foram consideradas informações procedentes de artigos que analisaram aspectos específicos da obra, como por exemplo, as noções de claro e escuro e as referências bíblicas, que serão retomadas ao longo da análise. Além disso, foram obtidas informações nos livros que abordam a biografia do autor, já citados no Capítulo 1 desta tese e referenciados ao longo desta análise.

No Apêndice B, encontra-se um quadro esquemático resumindo as principais informações e tópicos levantados, com a finalidade de criar uma base para futuras análises de outras traduções de *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*, além de servir de orientação para futuras traduções da obra analisada.

5.5 ANÁLISE DAS OPÇÕES DE TRADUÇÃO

Na análise das opções de tradução para cada item levantado nas obras anotadas e na literatura estudada, procuramos incluir, sempre que indicado, as seguintes informações:

¹³¹ Leonard Wolf é autor de edições anotadas de *Drácula* e *Frankenstein*. Ele foi consultor histórico e crítico do filme *Drácula de Bram Stoker*, de Francis Ford Coppola.

¹³² Jenny Davidson é professora assistente de Literatura e Cultura do século XVIII no Departamento de Inglês e Literatura Contemporânea da *Columbia University*, EUA. São de sua autoria a Introdução e as Notas do livro publicado pela série *Barnes and Noble Classics*.

¹³³ Katherine Linehan era professora de inglês na Oberlin College (Ohio, EUA) na época em que foi a editora da publicação anotada (*Norton Critical Edition*). Atualmente é professora emérita aposentada (desde 2007).

¹³⁴ Tim Middleton, da University College of Ripon and York (York, Inglaterra), redigiu a introdução e as notas para a edição Wordsworth Classics da editora Wordsworth Editions Limited (editora sediada na cidade inglesa de Hertfordshire).

¹³⁵ James L. Roberts é PhD e pertence ao Departamento de Inglês da *University of Nebraska*, EUA. O Prof. Roberts foi convidado pela editora Cliffs a escrever as notas para a edição especial sobre *Dr. Jekyll and Mr. Hyde*.

- Inicialmente, apresentamos um pequeno resumo do capítulo, para uma contextualização geral dos fatos ocorridos.
- A cada tópico analisado, forneceremos informações sobre as condições de produção da frase, expressão ou termo em questão, procurando citar quem, onde, quando e porque aquele elemento analisado foi dito no trecho da obra original (citado em cada quadro, precedido pela sigla OR).
- O segmento de partida (também chamado de “original”), para servir de elemento de partida da análise, com a sigla PG e a página em que ele se encontra na edição publicada pelo Projeto Gutenberg, entre parênteses.
- Os três segmentos das obras analisadas, precedidos pela sigla correspondente que indica a editora que publicou aquele texto (EDI, para Ediouro; CSN, para Cosac Naify; LPM para L&PM, como já citado anteriormente).
- Análise contrastiva das opções de tradução, com referências às obras consultadas, e a outras fontes de pesquisa.
- Embora o objetivo desta pesquisa não seja “eleger” a obra com “melhor” tradução, em alguns casos, há uma análise avaliativa, apontando os pontos que foram conflitantes com o texto original, quais aspectos levantados pelas edições anotadas foram ignorados ou levados em consideração, e uma impressão pessoal sobre o resultado final das três traduções. Esta análise avaliativa somente é feita em casos em que as edições anotadas citadas anteriormente deixam bem evidentes e são unânimes sobre qual deveria ser o entendimento de determinado termo, trecho ou frase.

Segundo Harman (2005, p. 302), a história de *Dr. Jekyll and Mr. Hyde* é definida como um dossiê com depoimentos de testemunhas, com três narrativas que se sobrepõem. A primeira é uma história de detetive (um termo que ainda não era usado quando Stevenson escreveu a narrativa, mas que este livro ajudou a formar), a segunda é a carta em que o Dr. Lanyon conta pela primeira vez sobre as experiências de seu colega Dr. Jekyll e informa que ele (Lanyon) concordou em fornecer certas substâncias para um desconhecido, amigo de Jekyll; e o último documento é uma longa nota de suicídio, que conta, nas palavras do próprio Jekyll, a natureza exata de suas experimentações e suas consequências. Essa é apenas

uma das muitas interpretações que a história pode ter, e diferentes partes do livro foram analisadas exaustivamente por pesquisadores, críticos e escritores.

A seguir, analisaremos, capítulo a capítulo, alguns trechos considerados relevantes do ponto de vista tradutório. Como já citado no Capítulo 2 desta tese, a intenção de Stevenson ao escrever o livro era que os capítulos não tivessem numeração, apenas títulos. Entretanto, com finalidade organizacional, esta pesquisa apresentará os títulos originais dos capítulos (em inglês) precedidos de sua numeração.

5.5.1 Capítulo 1. “Story of the door”

Resumo da narrativa: A história começa em um domingo, com o advogado Mr. Utterson e seu amigo Enfield dando sua caminhada costumeira pelas ruas de Londres. Enfield, em certo ponto da caminhada, aponta para uma porta e pergunta se Utterson já havia notado o local. Após a negativa de Utterson, Enfield conta que, certa madrugada de inverno, presenciou uma garotinha sendo pisoteada ali perto. Após agarrarem o pisoteador, que estava calmo e frio diante da multidão que se formou, e exigirem reparação, ele entrou exatamente por aquela porta e voltou com moedas de ouro e um cheque. Enfield disse não se lembrar de quem assinara o cheque, mas que o dono da conta era um cavalheiro de prestígio na cidade. Isso havia feito com que pensassem que o cheque era falsificado, mas todos aguardaram até o banco abrir e descobriram surpresos que o malfeitor realmente podia ser libertado, já que o cheque tinha fundos – o que os levou a pensar que o cheque tivesse sido obtido por chantagem. Utterson fica sabendo que Hyde era o nome da pessoa, que ele possuía a chave que abria aquela porta, e que Enfield já havia visto Hyde entrar outras vezes naquele mesmo lugar. Os dois selam um pacto, de não falar nunca mais sobre esse assunto. Assim termina o capítulo 1.

Análise contrastiva

a. “*I incline to*”

Logo na primeira página do texto, ao descrever o personagem Utterson, Stevenson cita o diabo (“*devil*”) (LINEHAN, 2003, p. 7), em uma fala de Caim,

personagem bíblico, filho de Adão e Eva, segundo a Bíblia, e irmão de Abel. No trecho *"I incline to Cain's heresy", [...] 'I let my brother go to the devil in his own way.'* Utterson faz referências à famosa pergunta de Caim: *"Am I my brother's keeper?"* (New King James Version [NKJV], Genesis, 4:5-9). Ao cotejar as três traduções analisadas (Quadro 6), nota-se que a primeira diferença entre as três foi como traduziram a expressão *"I incline to"*. Utilizando verbos e locuções verbais diferentes (ser favorável à, não condenar e inclinar-se por, respectivamente para EDI, CSN e LPM): as três opções levaram a resultados igualmente idiomáticos.

QUADRO 6. Opções de tradução para *"I incline to"* (p. 2* A numeração das páginas do livro em inglês é baseada no Ebook *Dr. Jekyll and Mr. Hyde* do Project Gutenberg [PG])

OR *"I incline to Cain's heresy", he used to say quaintly: 'I let my brother go to the devil in his own way.'*

EDI **"Sou favorável** à heresia de Caim", costumava dizer com frequência¹³⁶. "Deixo que meu irmão vá para o inferno à sua maneira."

CSN **"Não condeno** a heresia de Caim", costumava dizer, de um jeito peculiar, "deixo que meu irmão vá ao encontro do Diabo por conta própria."

LPM **"Eu me inclino** pela heresia de Caim", costumava dizer textualmente, "deixo que meu irmão encontre o Diabo por seus próprios meios."

Entretanto, a tradução da CSN levou a um resultado semanticamente menos próximo do original. O verbo *"to incline"* mostra uma tendência a fazer, uma propensão. Quando o personagem diz "não condeno", ele pode estar simplesmente mostrando que não é contrário, mas sem revelar uma propensão ou aceitação ativa. A tradução da EDI, por outro lado, ao invés de usar a palavra "diabo" na tradução, utiliza a expressão "ir para o inferno", que pode ser entendido pelo leitor no sentido mais popular do termo, como uma gíria (ou seja, como se o personagem estivesse

¹³⁶ Aqui, e nas demais frases retiradas dos livros traduzidos, foi mantida a grafia original, mesmo se houver eventuais erros de digitação presentes nos livros analisados.

dizendo que quer que seu irmão “se dane”). Assim, a tradução da LPM para esse trecho mostrou ser a mais adequada e idiomática.

b. “Juggernaut”

Ao relembrar a cena do ataque à garotinha, Utterson usa o termo *juggernaut* para referir-se a Hyde. Segundo Linehan (2003, p. 9), o termo pode ser usado como sinônimo de “força destrutiva inexorável”, pois deriva de relatos feitos pelos primeiros viajantes europeus à Índia. Eles contavam que os fanáticos religiosos eram esmagados ao se jogarem cegamente debaixo das gigantescas rodas das carruagens de procissão da entidade hindu Jagganath. No texto de Stevenson temos “*it was like some damned Juggernaut*”.

QUADRO 7. Opções de tradução para o termo “Juggernaut” (PG, p. 15).

OR *It wasn't like a man; it was like some damned Juggernaut.*

EDI Ele não parecia um homem; era mais como algum maldito **carro de Jagrená**.

CSN Não parecia um homem, e sim um **demônio** maldito.

LPM Não parecia ser um homem; era mais parecido com um **jaganata**.

A tradução da EDI (ver Quadro 7) utilizou o termo “carro de Jagrená”, com uma nota de rodapé explicativa¹³⁷. A tradução da LPM também acrescentou uma nota de rodapé¹³⁸ e traduziu o termo como “jaganata”. A tradução publicada pela CSN foi a mais livre, pois eliminou a referência à entidade hindu, e utilizou o termo “demônio”, e assim acabou perdendo o sentido de esmagamento e atropelamento que havia no original – que as notas de rodapé das duas outras edições recuperaram. Em um texto em que tantas vezes são feitas referências ao diabo, utilizar o termo “demônio” não representaria problema, a princípio. Mas, ao trocar uma referência religiosa hindu por um termo mais genérico e menos expressivo,

¹³⁷ Ver item **Notas de rodapé: a vez e a voz do tradutor**, mais adiante, neste capítulo.

¹³⁸ Idem acima.

existe uma perda substancial de expressividade, além do apagamento da informação cultural.

Embora *Dr. Jekyll and Mr. Hyde* não seja concebido para ser um livro didático, consideramos que seria importante informar ao leitor a origem e o significado do termo “*Juggernaut*”, para evitar que houvesse uma interpretação equivocada ou que o leitor não conseguisse depreender as relações de significado presentes nesse trecho da narrativa.

c. “to give a view-halloa”

A expressão “*to give a view-halloa*” representa o grito dado pelos caçadores ao avistarem uma raposa. (LINEHAN, 2003, p.9). No livro de Stevenson, ela foi usada por Mr. Enfield, quando estava descrevendo a cena do ataque à garotinha. A sequência de atos é bastante visual, Mr. Enfield diz: “*I gave a view-halloa, took to my heels, collared my gentleman, and brought him back*” (PG, p. 5). Entre as traduções analisadas (Quadro 8), tanto a da EDI quanto a da LPM não reproduziram o sentido da expressão em inglês, uma vez que o termo é usado quando se dá um alerta, para avisar outras pessoas sobre a presença de algo ou alguém que se está procurando ou que se queira prender ou capturar. As duas traduções passam a impressão que Mr. Enfield havia gritado para Hyde, quando na realidade ele gritou para as demais pessoas presentes. A opção da CSN mostra-se a mais aceitável, muito embora não seja possível definir com certeza se o tradutor levou em consideração o significado original do termo.

QUADRO 8. Opções de tradução para a expressão “*I gave a view-halloa*” (PG, p. 5)

OR *I gave a view-halloa, took to my heels, collared my gentleman, and brought him back [...].*

EDI **Gritei-lhe qualquer coisa**, saí correndo e agarrei o cavalheiro pelo colarinho, trazendo-o de volta [...]

CSN **Gritei na direção dele**, saí em disparada, agarrei o cavalheiro e levei-o

de volta.[...]

LPM **Gritei-lhe que parasse**, saí em seu encalço, apanhei o homem pelo pescoço e o trouxe de volta.[...]

d. “Sawbones”

O termo “Sawbones” é uma gíria usada para designar médicos (principalmente os cirurgiões) (DAVIDSON, 2003, p. 8) e o mesmo vale para “*apothecary*”, que embora seja um termo antigo para referir-se a recipientes para dispensação de medicamentos (LINEHAN, 2003, p. 9), também foi usado como sinônimo de médico nesta passagem. Sendo assim, em um mesmo parágrafo, Stevenson usou três termos diferentes para referir-se ao médico (*sawbones*, *apothecary* e *doctor*). O Quadro 9 traz as traduções do referido trecho.

QUADRO 9. Opções de tradução para os termos *Sawbones*, *apothecary* e *doctor*. (PG, p. 5-6)

OR *Well, the child was not much the worse, more frightened, according to the **Sawbones**; and there you might have supposed would be an end to it. [...]. But the **doctor's** case was what struck me. He was the usual cut-and-dry **apothecary**, of no particular age and colour, with a strong Edinburgh accent, and about as emotional as a bagpipe.*

EDI Bem, a criança não estava tão mal assim; havia sido sobretudo um susto, de acordo com o **médico**, e o esperável era que tudo fosse acabar ali. [...]. O que me intrigou, porém, foi o caso do **médico**. Ele era tipicamente maçante e não aparentava idade ou cor específicas; tinha um forte sotaque de Edimburgo, tão emotivo quanto uma gaita de foles.

CSN Pois bem, a criança até que não parecia tão mal. Segundo o **médico**, estava mais assustada do que qualquer outra coisa. E aqui o senhor poderia imaginar que a história chegou ao fim. [...] Mas o **médico** foi quem me impressionou. Não passava de um **profissional** como outro qualquer, sem idade ou cor bem definidas, com sotaque forte de Edimburgo, e tão emotivo quanto uma gaita de foles.

LPM Bem, segundo o **médico**, a criança não estava mal, apenas assustada, de forma que se poderia supor que fosse o fim da história. [...] Porém o caso do **médico** foi o que mais me chamou a atenção. Ele era um **prático** comum, pragmático, sem idade ou cor

definidas, com um forte sotaque de Edimburgo, e tão emotivo como uma gaita de foles.

A tradução de *Sawbones* foi a mesma nas três edições (ou seja, “médico”), perdendo-se as referências históricas e a gíria. As três optaram por uma tradução neutra, sem marcas de variantes linguísticas. O mesmo aconteceu com a tradução de *doctor*, que foi “médico” nas três versões. Com relação à *apothecary*, EDI optou por omitir o substantivo, CSN traduziu por “profissional” e LPM por “prático”. Comparando as duas últimas opções, percebemos que há uma divergência, pois “profissional” e “prático” apontam para situações praticamente opostas. Já nos tempos de Stevenson havia cursos de medicina na Inglaterra, e definitivamente alguém chamado de “médico” tinha de ter se formado nesses cursos, então o termo “prático” foi usado equivocadamente.

Essa tendência ao apagamento das variantes, bem ilustrada por John Milton (2002, p. 52), acaba eliminando o “colorido” do texto, e tornando a narrativa menos expressiva.

e. “Coutts”

Na história narrada por Stevenson, o cheque que Hyde deu para indenizar pela agressão à garotinha era do banco Coutts. Coutts era o banco mais elegante e da elite da Grã-Bretanha (MIDDLETON, 1999, p. 225). Sua clientela era constituída de cavalheiros da época, homens abastados e respeitáveis (WOLF, 2005, p. 38). Até a Família Real Britânica fez parte da carteira de clientes do banco. (LINEHAN, 2003, p. 10). O Quadro 10 mostra as opções de tradução encontradas nas obras analisadas para o trecho em que o nome do banco é citado. A expressão “*in gold*” refere-se a moedas de ouro que valiam 10 libras cada (WOLF, 2005, p. 38), e não a ouro em barra ou lingotes. Assim, Hyde teria retornado de dentro da casa com 100 libras em moedas de ouro e um cheque a ser descontado no banco Coutts.

QUADRO 10. Opções de tradução para as expressões “*in gold*” e “*Coutts's*” (PG, p. 6)

OR [...] *ten pounds in gold and a cheque for the balance on Coutts's [...]*

EDI [...] dez libras **em ouro** e um cheque **de Coutts [...]**

CSN [...] dez libras **em ouro** e um cheque do **Coutts Bank [...]**.

LPM [...] dez libras **em ouro** e um cheque [...] o **banco Coutts [...]**

As três traduções levam o leitor a pensar que Hyde saiu da casa com ouro, mas nenhuma delas especifica que eram moedas. Além disso, a tradução da EDI não é muito clara. O que seria um “cheque de Coutts”? Fica a impressão que Coutts seria uma cidade ou uma região. As outras duas traduções informam ao leitor que Coutts é um banco, mas sem fornecer mais informações. Ao escolher esse banco, a intenção de Stevenson provavelmente foi mostrar que Hyde tinha relações com algum cavalheiro, com alguém de posses, que havia lhe dado o cheque. Essa informação seria importante para o leitor da versão em português, que teria dificuldade de recuperá-la de outra maneira, já que está geograficamente e temporalmente distante da realidade da Londres vitoriana. Sendo assim, essa informação mereceria uma nota de rodapé.

f. “Queer Street”

Continuando a conversa, Mr. Enfield emprega a expressão “*Queer Street*”, que é uma gíria britânica usada no tempo de Stevenson para aludir às pessoas que viviam em circunstâncias tumultuadas (LINEHAM, 2003, p. 11), mais especificamente pessoas com problemas financeiros (WOLF, 2005, p. 40). Levando-se em consideração o contexto, seria importante que a tradução utilizasse um termo que fizesse referências aos problemas financeiros, uma vez que o tema da chantagem econômica irá permear todo o resto da conversa entre o advogado e seu amigo.

QUADRO 11. Opções de tradução para a expressão “*Queer Street*” (PG, p. 8).

OR *No, sir, I make it a rule of mine: the more it looks like **Queer Street**, the less I ask.*

EDI Não, senhor, essa é uma regra que sigo: quanto mais pareço estar caminhando em meio às **esquisitices**, menos perguntas faço.

CSN Não, senhor, faço disso uma regra: quanto mais tenho a impressão de

que a pessoa está na **rua da amargura**, menos pergunto."

LPM Não, senhor, fiz disso uma regra: quanto mais **estranho** parece o caso, menos pergunto.

Pela análise do Quadro 11, é possível notar que LPM optou por um termo afastado do contexto econômico ("estranho"); o mesmo pode-se dizer da versão publicada pela EDI, que usou o termo "esquisitices". Além disso, EDI, ao usar a expressão "caminhando em meio às" tenta recuperar a imagem de "*street*", dando ao texto uma força mais imagética. Das três traduções analisadas, CSN foi a que mais se aproximou do sentido apresentado no original de Stevenson, pois "na rua da amargura" é uma expressão antiga, que se refere a problemas financeiros e ainda tem a palavra "rua", que pode ser considerada como uma tradução equivalente à "*street*" em termos visuais e semânticos.

5.5.2 Capítulo 2. "Search for Mr. Hyde"

Resumo da narrativa: Naquela noite, Utterson resolveu analisar o testamento do doutor Henry Jekyll, guardado no cofre do advogado. O testamento deixava claro que Hyde era o beneficiário dos bens do médico em caso de "desaparecimento ou ausência inexplicável". Pensando na história contada por Enfield, Utterson fica preocupado e decide fazer uma visita ao seu ex-colega de escola e atualmente grande amigo, Dr. Lanyon, para tentar entender por que Hyde foi incluído no testamento. Lanyon não é de grande ajuda, já que anda afastado de Jekyll há quase uma década, por achar que o médico tem assumido uma postura que não lhe agrada. Após vigiar a porta por alguns dias, Utterson consegue encontrar Hyde e conversar com ele. Utterson, assim como já havia acontecido com Enfield ao ver Hyde, tem uma sensação ruim e passa a odiar Hyde e temer pela vida de Jekyll. Utterson vira a esquina e toca na casa principal, de Jekyll, sendo atendido por Poole, o mordomo. Jekyll não está em casa, mas Poole confirma para Utterson que o Sr. Hyde tem a chave da edícula dos fundos e que todos os criados são orientados a obedecê-lo. Utterson deixa a casa convencido de que Jekyll está sendo

chantageado por Hyde, talvez por coisas que tenha feito no passado. Extremamente preocupado com Jekyll, Utterson se vai. Assim termina o capítulo 2.

Análise contrastiva

a. “*holograph*”

Como é possível perceber pelo resumo do Capítulo 2, a análise do testamento de Jekyll é um ponto central da trama. Stevenson usa o termo “*holograph*” que significa “testamento escrito inteiramente pela mão do testador”, ou seja, escrito pela pessoa cujos bens serão partilhados no testamento.

QUADRO 12. Opções de tradução para o termo “*holograph*” (PG, p. 11)

OR *The will was **holograph**, for Mr. Utterson, [...].*

EDI O testamento era **hológrafo**, pois Mr. Utterson, [...].

CSN O testamento **fora escrito pelo doutor de próprio punho**, já que Mr. Utterson, [...]

LPM O testamento era **manuscrito**, pois Mr. Utterson, [...].

O Quadro 12 mostra o trecho em que o termo aparece, e as opções de tradução das três obras analisadas. Embora seja um termo técnico, traduzir *holograph* por hológrafo, como fez a edição da EDI, torna o texto mais difícil de compreender, já que *O Médico e o Monstro* não é um livro didático ou técnico da área de direito, e sim uma obra literária, na qual os termos técnicos, quando surgem, talvez mereçam uma nota explicativa. As duas outras publicações optaram por parafrasear a palavra “*holograph*”, traduzindo-a por “fora escrito pelo doutor de próprio punho” (CSN) e por simplificar para “manuscrito” (LPM). É importante salientar que o termo “manuscrito” escolhido pela tradução da LPM denota apenas o modo como o texto foi escrito, mas não deixa claro quem escreveu, que fez a escrita – um conhecimento que será muito importante durante o restante do livro. Portanto, esta última tradução não comunica o significado completo da palavra “*holograph*”. Se levarmos em consideração que, mais adiante na história, alguns personagens irão questionar a relação entre Jekyll e Hyde, seria importante que ficasse claro para

o leitor quem escreveu o testamento, e não apenas a maneira como ele foi escrito. Sendo assim, a tradução publicada pela CSN pode ser considerada a mais adequada e semanticamente completa em relação a esse termo.

b. “M.D., D.C.L., L.L.D., F.R.S.”

Nas primeiras linhas do testamento do Dr. Jekyll, que é transcrito no livro, temos o nome completo da pessoa a quem se refere o testamento e sua titulação (“*in case of the decease of Henry Jekyll, M.D., D.C.L., L.L.D., F.R.S., etc.,*”). Os títulos de Jekyll, todos na forma de siglas em geral conhecidas da maioria dos leitores anglófonos, representam a abreviatura de *Doctor of Medicine*¹³⁹, *Doctor of Civil Law*, *Doctor of Laws*, *Fellow of the Royal Society* (WOLF, 2005, p. 44), respectivamente. Os dois primeiros títulos mostram que Jekyll recebeu instrução e graduou-se em Medicina e Direito, respectivamente. O título “*Doctor of Laws*” era um título honorífico da sociedade vitoriana, e pertencer à *Royal Society* era algo que somente se atingia por convite, sendo somente 15 novos *fellows* admitidos a cada ano, após uma profunda análise das contribuições pessoais e profissionais às ciências naturais (LINEHAM, 2003, p. 13). Sendo assim, essa lista de titulações tem por objetivo enfatizar as excelentes credenciais de Henry Jekyll, tanto do ponto de vista profissional quanto acadêmico e social (DAVIDSON, 2003, p. 12).

QUADRO 13. Opções de tradução para “M.D., D.C.L., L.L.D., F.R.S.” (PG, p. 11)

OR [...] *in case of the decease of Henry Jekyll, M.D., D.C.L., L.L.D., F.R.S., etc.*[...]

EDI [...] em caso de falecimento de Henry Jekyll, ***medicinae doctor***, doutor em direito civil, ***Legum doctor***, membro da *Royal Society* etc.[...].

CSN [...] no caso do falecimento de Henry Jekyll, **doutor em medicina, doutor em direito, membro da Academia Real de Ciências** etc., [...].

LPM [...] no caso da morte de Henry Jekyll, **médico, doutor em Direito Civil, doutor em Leis, membro da Sociedade Real**, [...].

¹³⁹ MD é a abreviatura do termo latino *Medicinae doctor*, cujo correspondente em inglês é *Medical Doctor* ou *Doctor of Medicine* – o termo varia, dependendo da universidade que o outorga.

O Quadro 13 traz as opções de tradução para esses títulos, encontradas nas três obras analisadas. A publicação da LPM optou por traduzir e simplificar alguns termos (*M.D.*, por exemplo, foi traduzido apenas como “médico”). Além disso, a expressão “doutor em Direito Civil” foi uma tradução literal e *prima facie*, não refletindo exatamente o significado do termo. CSN traduziu apenas três dos títulos, omitindo a tradução de *L.L.D.* A opção tradutória de EDI foi igualmente questionável, pois “traduziu” dois dos títulos para o latim (*medicinae doctor* e *Legum doctor*), traduziu *D.L.C.* literalmente para “doutor em direito civil” e optou por manter *Royal Society* em inglês e traduzir *Fellow* para “membro”.

c. “*citadel of medicine*”

Ao descrever a rua em que Henry Jekyll morava, e tinha seu “laboratório”, Stevenson utiliza o termo “*Cavendish Square, that citadel of medicine*”. Cavendish é uma praça ao norte da Oxford Street, em Londres, cortada pela Harley Street, famosa no passado, e ainda nos dias atuais, por ter grande número de consultórios de médicos de grande prestígio (WOLF, 2005, p. 44). Nos tempos vitorianos, a praça era repleta de casas de aristocratas, que foram se mudando e cedendo lugar aos grandes cirurgiões, dentistas e médicos da época (LINEHAN, 2003, p. 13). Assim, essa referência é bastante importante no livro, para ajudar a caracterizar o Dr. Jekyll como um médico bem sucedido e conceituado. Sendo assim, é importante que essa referência seja recuperada de alguma maneira na tradução. O próprio Stevenson já lançou mão de um aposto (“*that citadel of medicine*”), para deixar clara a caracterização de Cavendish.

QUADRO 14. Opções de tradução para a expressão “*citadel of medicine*” (PG, p. 12)

OR [...] set forth in the direction of **Cavendish Square, that citadel of medicine** [...].

EDI [...] na direção de **Cavendish Square, aquela cidadela da medicina**, [...].

CSN [...] partiu em direção a **Cavendish Square, aquela cidadela da medicina** [...].

LPM [...] em direção a **Cavendish Square, aquela cidadela da medicina**,

[...].

Aparentemente, as três traduções entenderam que o aposto já era suficiente para situar o leitor e explicar que a praça era repleta de consultórios médicos. Como é possível observar no Quadro 14, as três publicações analisadas traduziram de maneira idêntica o trecho analisado (ou seja, “*Cavendish Square*, aquela cidadela da medicina”). Segundo a definição do Dicionário *Online* do Português (<http://www.dicio.com.br/cidadela/>), a palavra “cidadela” tem três acepções: “1 Fortaleza que domina e defende uma cidade. 2 Centro importante, reduto onde se reúnem e defendem os sectários de uma doutrina. 3 Arco, meta, retângulo, no futebol.” No livro de Stevenson, o significado pretendido refere-se à acepção 2. O termo “cidadela”, no entanto, segundo uma pesquisa no “*Corpus do Português*”, tem sido usado com o sentido de “pequena cidade”, mais do que como fortificação ou como centro em que se reúnem pessoas de mesmo interesse ou atividades afins.

QUADRO 15. Quarenta ocorrências do termo “cidadela” em textos do século XX, no *Corpus* do Português.

1	19Or:Br:LF:Recf	A B C	paliçada pra se defender. dos índios - vocês podem imaginar o embrião de uma <u>cidadela</u> - ou seja - uma área delimitada - onde vai haver um núcleo de vida
2	19Fic:Br:Comparato:Guerra	A B C	ditos estritamente masculinos. Que não eram poucos em se tratando do Vaticano, uma <u>cidadela</u> de homens. Embrulhada em monge, caminhando com as pernas m
3	19Fic:Br:Comparato:Guerra	A B C	. O capitão Ritter recebera ordens para distribuir soldados armados inclusive pelas muralhas externas da <u>cidadela</u> . Foi instaurado um aparato militar capaz de cont
4	19Fic:Br:Novaes:Mao	A B C	de dois pares de cavalos sadios como as ventas de Eolo. Assim como a <u>cidadela</u> do Porto é imensa a aldeia de Ovar c mínima. Chegamos enfeitados de poeira
5	19Fic:Br:Novaes:Mao	A B C	as ruínas. Ou seriam elas já outras, a dos Mouros, quando a <u>cidadela</u> foi destruída pelos Suevos. Quem sabe talvez o pó fosse o mesmo dessas culturas
6	19Fic:Br:Novaes:Mao	A B C	seus pés. Aut tunc aut nunquen, ou agora ou nunca. E a <u>cidadela</u> foi invadida ao meio da tarde. Não sei se o colidir no possível desloca
7	19Fic:Br:Verissimo:Resto	A B C	convicções, e, no sentido próprio, refugiar-se na sua casa, na sua <u>cidadela</u> particular, numa atitude de legítima defesa contra um mundo que se fazia cada vez
8	19Fic:Br:Verissimo:Resto	A B C	casa lhe parecia uma pessoa. Ela era ao mesmo tempo uma mãe e uma <u>cidadela</u> . Cada coisa no seu interior tinha uma história, falava dum mo-mento da vida
9	19Fic:Br:Verissimo:Resto	A B C	. A luta anunciava-se tremenda, porque havia inimigos até dentro dos próprios muros da <u>cidadela</u> de Deus. Eram eles os maus católicos como Aristides e tantos ou
10	19Fic:Br:Verissimo:Tempo	A B C	de onde uns três ou quatro revolucionários atiravam contra as janelas do segundo andar da <u>cidadela</u> do Madrugá, cujas vidraças se partiam em estilhaços. O inimi
11	19Fic:Br:Vieira:Mais	A B C	pois que cada qual de nós, quer na alma como no corpo, é <u>cidadela</u> sitiada, a render-se pouco a pouco. - Deixe-me ler. - Não entenderá
12	19Fic:Br:Amaral:Memorial	A B C	, para ir entretendo o inimigo enquanto ela conserva lá dentro, na intimidade da <u>cidadela</u> sacra, o seu tesouro e o seu altar. Não, a indumentária (
13	19Fic:Br:Cunha:Sertoos	A B C	; por fim, sabia-se que ele imperava sobre extensa zona dificultando o acesso à <u>cidadela</u> em que se entocara, porque a dedicação dos seus sequazes era incondici
14	19Fic:Br:Cunha:Sertoos	A B C	tinha ilusória fragilidade nos muros de taipa que o formavam. Era pior que uma <u>cidadela</u> inscrita em polígonos ou blindada de casamatas espessas. Largamente ab
15	19Fic:Br:Cunha:Sertoos	A B C	pouco e pouco, na claridade daquela hora matinal com a feição perfeita de uma <u>cidadela</u> de expugnação difícilíssima. Percebia-se que um corpo de exército ao cair n
16	19N:Br:Recf	A B C	no período greco-romano se chamava Philadelphia. O grupo pode conhecer, ainda, a <u>Cidadela</u> , o teatro romano e as ruínas do templo dedicado a Hércules. # Segu
17	19Ac:Br:Enc	A B C	permaneceu por seis anos. Mas Oxford não era, ainda naquela época, a <u>cidadela</u> do saber que mais tarde se tornou. Havia pouco ou nenhum ensino sistemático e
18	19Ac:Br:Enc	A B C	esse fim. Possui grandes portões aumentados com leões e longos corredores dão passagem à <u>cidadela</u> . Outra característica da cidade era seu complexo de paláci
19	19Ac:Br:Enc	A B C	1694. Em 3 de fevereiro chegaram seis canhões, em 6 de fevereiro a <u>cidadela</u> negra havia sido tomada, porém Zumbi conseguira escapar com vida. Em novemb
20	19Ac:Br:Enc	A B C	. Puseram-se em marcha em janeiro de 1694. Em 6 de fevereiro a principal <u>cidadela</u> de Palmares é tomada e incendiada. Contou, para isso, com o auxílio
21	19Fic:Pt:Melo:Autópsia	A B C	Não se tratava já de resistir organizadamente ao perigo que ameaçava destruir aquela espécie de <u>cidadela</u> de vício, onde o tédio dos dias, cada vez mais longos e
22	19Fic:Pt:Dantas:Abelhas	A B C	, negra, recortada na crosta de oiro do céu, a mole filipina da <u>cidadela</u> de Sagres. Insensivelmente, levei a mão ao chapéu e descobri-me. Dir-se-ia que
23	18:Queirós:Ramires	A B C	a estante de biologia, que o meu pobre Jacinto estarreceu, como ante uma <u>cidadela</u> inacessível! Rolou a es-cada - e, fugindo, trepou, até as alturas
24	19Fic:Pt:Queirós:Casa	A B C	, de entre a fenda das cortinas, como soldados na' fresta de uma <u>cidadela</u> , espreitavam o Largo, que o sol das quatro horas doirava, por sobre
25	19N:Pt:Público	A B C	, explica o cínico Ngua. Pressa, só quando o Presidente sai de a <u>cidadela</u> , situada em frente de a catedral, em um Chevrolet azul blindado de vidros
26	19Ac:Pt:Enc	A B C	costa, perto de Trujillo. Era uma cidade protegida por muralhas, sendo a <u>cidadela</u> o seu maior complexo. A lenda relata que o rei Tacayamo, que chegou
27	19Ac:Pt:Enc	A B C	coluna de cruzados francos foi atacada por um exército sarraceno quando marchava em socorro da <u>cidadela</u> de Tibérias que estava sob o cerco de Saladino. Força
28	19Ac:Pt:Enc	A B C	e conflitos ocorridos entre as várias cidades e estados existentes. Derivava a pólis da <u>cidadela</u> original, formada no rochedo ou monte, e que nos tempos clássicos
29	19Ac:Pt:Enc	A B C	dos séculos XVII-XIX, a igreja do Santo Sacramento. Ao entrar pela Porta da <u>Cidadela</u> , o primeiro local de interesse é a Rua dos Suspiros, que recorda tempos
30	19Ac:Pt:Enc	A B C	topográfica, quer pela sua construção com paredes duplas, instituiu-se, no conjunto da <u>cidadela</u> , como um lugar praticamente inexpugnável. Após a extinção da or
31	19Ac:Pt:Enc	A B C	a Curtea Veche (Igreja Velha), do século XVI. Foi originalmente uma <u>cidadela</u> construída por Vlad, o Empalador (ver Drácula) para deter o avanço da
32	19Ac:Pt:Enc	A B C	972); a mesquita de Muhammad Ali, (século XIX) que situa na <u>cidadela</u> do século XII; o antigo centro egípcio Mênfis, a 32 Km do Cairo
33	19Ac:Pt:Enc	A B C	Cairo foi a capital da dinastia ayyubid e, em 1100, a sua actual <u>cidadela</u> foi construída sob a direcção do sultão Saladino. A cidade foi ocupada pelos mamelucos
34	19Ac:Pt:Enc	A B C	junto à margem norte do rio Huong (rio dos Perfumes), localiza-se a <u>Cidadela</u> , que cerca a cidade imperial, onde se encontra o palácio do imperador.
35	19Ac:Pt:Enc	A B C	aviões e artigos eléctricos. Centro mercantil desde o século X, possui uma antiga <u>cidadela</u> , uma catedral do século XVI e uma universidade (fundada em 1918).
36	19Ac:Pt:Enc	A B C	eléctrico, têxteis, produtos químicos e muitos produtos alimentares. património: Kremlin (<u>Cidadela</u>) do século XII, no centro da cidade, é uma zona muralhada que
37	19Ac:Pt:Enc	A B C	e religiosa e numa estreita faixa de terra que rodeia o local defensivo. A <u>Cidadela</u> (Haute Ville) possui a forma de estrela e adapta-se ao relevo com construções
38	19Ac:Pt:Enc	A B C	o castelo do século XIII; a Grande Mesquita; as ruínas romanas e a <u>Cidadela</u> . encpt_27788 ##Saint_Augustine Porto e estância de férias na Florida, EUA, tem uma
39	19Ac:Pt:Enc	A B C	as muralhas de pedra da cidade, com oito portas; a medina; a <u>Cidadela</u> , as ruínas do forte e o museu de Dar-el-Saada. encpt_27966 ##Francisco_Sanches (1550-
40	19Ac:Pt:Enc	A B C	cimentos. Os locais mais interessantes de Tânger são o Palácio do Sultão, a <u>cidadela</u> , a Grande Mesquita do século XVII e as muralhas, sinal da ocupação portu

No Quadro 15, que mostra as 40 ocorrências do termo em textos coletados apenas do século XX, notamos que o termo “cidadela” não foi muito frequente (somente 40 ocorrências, sendo apenas as primeiras 20 publicadas no Brasil), e que, dessas 20 ocorrências, muitas fazem referências a grupos religiosos (como em 9 e 12), étnicos (como nas ocorrências 19 e 20) ou como um conceito abstrato (como nas ocorrências 11 e 17). Sendo assim, dizer “cidadela da medicina” não irá informar ao leitor que o bairro reúne os consultórios de diversos médicos conceituados. Portanto, seria necessário expandir essa tradução, colocar uma nota de rodapé ou explicitar melhor o aposto – estratégias essas que não se encontram na tradução desse trecho, em nenhuma das publicações analisadas. Nossa sugestão de tradução para essa expressão seria “reduto de médicos”, que é bem mais idiomático e usual, deixando de lado a palavra “cidadela”, pelos motivos apontados anteriormente.

d. Damon e Pythias

Ao conversar com Utterson, para falar sobre seu afastamento de Henry Jekyll (de quem antes era grande amigo, além de colega de profissão), Dr. Lanyon cita Damon e Pythias, na frase “*Such unscientific balderdash,*” [...] “*would have estranged Damon and Pythias.*” Damon e Pythias eram dois filósofos da Grécia Antiga (LINEHAN, 2003, p. 14). Segundo a lenda grega, Dionísio, o tirano de Siracusa, condenou Pythias à morte. Este último pediu ao tirano que lhe desse um tempo para resolver problemas familiares, e deixou seu amigo Damon como garantia de que voltaria (DAVIDSON, 2003, p. 14). Como Damon assumiu o papel de refém voluntário, e Pythias realmente voltou a tempo, apesar de diversos contratempos no caminho, Dionísio acabou poupando-os e tornaram-se amigos.

Essa história representa um “modelo de amizade entre homens”, segundo a tradição grega (WOLF, 2005, p. 45). Ao citar essa passagem histórica, Stevenson aparentemente procura salientar os laços de amizade que uniam os dois médicos na juventude de ambos e que foram rompidos pelo estranho comportamento que Jekyll passou a assumir. O Quadro 16 mostra as opções utilizadas por cada uma das obras analisadas.

QUADRO 16. Opções de tradução do trecho em que são citados Damon e Pythias. (PG, p. 13)

OR *Such unscientific balderdash," [...] "would have estranged **Damon and Pythias**.*

EDI Todo aquele palavrório nada científico [...] teria ofendido **Damon e Pítias**.

CSN "Tamanho palavrório pseudocientífico como o dele", [...], "teria afastado até mesmo **Damão e Pítias**".

LPM Um palavrório tão pouco científico [...] teria afastado **Damon de Pythias**. *

EDI e LPM mantiveram a grafia do nome de Damon como no original, e CSN optou por uma forma aportuguesada (Damão). Apenas LPM, entretanto, manteve o nome Pythias grafado como no texto de Stevenson, EDI e CSN optaram por aportuguesar (Pítias). Com relação ao significado da citação dos dois filósofos, apenas LPM acrescentou uma nota de rodapé para esclarecer os leitores sobre a origem das pessoas citadas. Além disso, EDI, ao optar por traduzir "*estranged*" como "ofendido", não deixa claro se o significado da citação de Stevenson foi entendido pelo tradutor.

e. "*blowing the key*"

Segundo nos informa Alan Johnson (1994)¹⁴⁰, muitos leitores se questionam a respeito do sentido pretendido por Stevenson ao dizer que Hyde estava "*blowing in the key*" - uma expressão usada para explicar um gesto que Hyde teria feito quando foi abordado por Mr. Utterson ao entrar em casa. O professor Richard Dury (1993a) é enfático ao dizer que Hyde estaria simplesmente tirando o pó do cilindro central da chave, ao soprar com força.

Katherine Linehan (2003, p.16), por sua vez, prefere não tomar partido sobre a referida expressão. Para a pesquisadora, a real explicação não seria importante, mas sim o fato que, ao voltar-se para a chave, Hyde estaria evitando encarar

¹⁴⁰ JOHNSON, Alan. Editing as a duet. In: **English Literature in Transition, 1880-1920**, v. 37, n. 3, p. 398-401, 1994.

Utterson, dissimulando sua aparência, e mantendo seu olhar para baixo. O Quadro 17 mostra como cada uma das obras analisadas traduziu este trecho.

QUADRO 17. Opções de tradução para a expressão “*blowing the key*” (PG, p. 18)

OR “*You will not find Dr. Jekyll; he is from home*”, replied Mr. Hyde, ***blowing in the key***.

EDI Não vai encontrar o Dr. Jekyll; ele não está em casa – replicou Mr. Hyde, **inserindo** a chave na fechadura.

CSN “Não vai encontrar o Dr. Jekyll. Ele não está em casa”, respondeu Mr. Hyde, **enfiando** a chave na fechadura.

LPM O senhor não vai encontrar o Dr. Jekyll. Ele não está em casa – respondeu Mr. Hyde, **colocando** a chave na fechadura.

As três traduções analisadas optaram por seguir a linha de *blow* com o sentido de “golpe, movimento forçado, soco”. Entretanto, na tradução da EDI utilizou-se o termo “inserindo”, que não implica necessariamente um movimento com força nem violência. Na versão da CSN foi utilizada a palavra “enfiando”, que já transmite um sentido um pouco mais agressivo. LPM utilizou “colocando”, que é bastante neutro. Sendo assim, a opção da CSN seria a mais adequada, se considerarmos o sentido de *blow* como melhor traduzido por “golpear” ou “socar”.

f. Dr. Fell

O significado de “Dr. Fell” entre os falantes de língua inglesa é o de uma pessoa que inspira repugnância inexplicável (LINEHAN, 2003, p. 17). Conforme relata Wolf (2005, p. 51), essa referência vem de um poema escrito pelo escritor satírico inglês Thomas Brown (1663-1704), que estudou na Universidade de Oxford. Segundo conta o estudioso de Stevenson, Dr. Fell, um bispo disciplinador, expulsou Brown da *Christ Church College*, e disse que somente o reintegraria à comunidade se ele traduzisse os versos do 32º epigrama do poeta latino Marco Valerio Marcial (“*Non amo te, Sabidi, nec possum dicere - quare; Hoc tantum possum dicere, non*

amo te¹⁴¹.”) Brown, na época um jovem contestador, rapidamente declamou a paródia “*I do not like thee, Doctor Fell, The reason why - I cannot tell; But this I know, and know full well, I do not love thee, Doctor Fell*”¹⁴² (DAVIDSON, 2003, p. 18). No livro de Stevenson, Mr. Utterson recorre à figura do Dr. Fell para mostrar a repugnância que sentia por Hyde.

QUADRO 18. Opções de tradução para o trecho que inclui referências a Dr. Fell (PG, p. 20)

OR [...] *can it be the **old story of Dr. Fell?***

EDI Ou será que é a **velha história do Dr. Fell?**

CSN Ou será a **velha história de Dr. Fell?**

LPM Ou seria a **velha história do dr. Fell?**

O Quadro 18 mostra as opções de tradução das três obras analisadas. Ao analisarmos as opções de tradução das três obras em português, observa-se que são muito semelhantes, pois as três traduziram “*old story*” por “velha história” e citaram o Dr. Fell, sem sequer fazer nenhuma explicação adicional. Thomas Brown, autor da paródia a que se refere Stevenson, atualmente é, segundo nos informa o professor de literatura Gordon Dickins, desconhecido da maioria dos leitores ingleses (DICKINS, 1987). Para os brasileiros que lerão o livro em português, que em sua maioria nunca ouviram referências a Brown, manter o nome do Dr. Fell, em um livro em que há tantos personagens médicos e advogados, pode ser confuso. O leitor, talvez, pode pensar que Dr. Fell seria algum profissional do círculo de amizades de Utterson, do Dr. Lanyon ou do Dr. Jekyll. Sendo assim, seria importante que fosse acrescentada uma nota explicativa, ou que a referência fosse trocada por alguma expressão ou termo equivalente, que expressasse a repugnância que Utterson estava sentindo por Hyde naquele momento, mas sem gerar confusões de entendimento.

¹⁴¹ Em uma tradução literal e livre, seria: “Eu não gosto de você, Sabidius, nem sou capaz de dizer por quê; Eu só posso dizer que não gosto de você”.

¹⁴² Em uma tradução literal e livre, seria: “Eu não gosto de ti, Doutor Fell, A razão pela qual - Eu não posso dizer; Mas isso eu sei, e sei muito bem, eu não te amo, Doutor Fell”

g. “without bowels of mercy”

Ao descrever a reação que Hyde provocava nas pessoas, Stevenson utiliza a expressão “*without bowels of mercy*”, em um trecho em que Utterson decide que precisa ver o rosto de Hyde, para entender a aversão que este provocava nas pessoas que tinham contato com ele. *Bowels*, em inglês arcaico, era um termo usado para referir-se ao local do corpo humano onde eram abrigados os sentimentos de piedade e perdão. Por essa razão, o termo “*bowels*”, com frequência coocorre com dois outros termos, perdão e compaixão, nos textos bíblicos (WOLF, 2005, p. 47). Stevenson, ávido leitor de textos bíblicos e profundo conhecedor das escrituras, certamente sabia o efeito de sentido que a referência a esses termos teria no leitor. A tradução, por sua vez, para manter o mesmo efeito, teria de optar por termos que guardassem essa aura de religiosidade, se possível, sendo termos utilizados em textos bíblicos em português. O Quadro 19 mostra as opções utilizadas nas três obras analisadas.

QUADRO 19. Opções de tradução para a expressão “without bowels of mercy” (PG, p. 16)

OR *At least it would be a face worth seeing: the face of a man who was **without bowels of mercy**. [...]* .

EDI Pelo menos, seria um rosto digno de nota: o rosto de um homem **que não conhecia a piedade** [...].

CSN E pelo menos seria um rosto que valeria a pena ver: o rosto de um homem **sem a menor compaixão**, [...].

LPM No mínimo, seria uma face digna de ser vista: a face de um homem **sem piedade**; [...].

As três traduções acabaram optando por traduzir apenas a palavra “*mercy*” isoladamente, e omitir a tradução de “*bowels of*”. Ao pesquisar os termos “piedade” e “misericórdia” na *Bíblia Online*, encontramos alguns termos que coocorrem frequentemente com eles. Para “piedade”, encontramos o verbo “ter”; já para “compaixão”, foram encontradas algumas ocorrências da expressão “íntima compaixão”. Por outro lado, ao pesquisarmos no *Corpus do Português*, das 66

ocorrências de “de piedade” encontradas nesse *corpus* para textos do século XX, 28 são em textos publicados no Brasil. Desses, encontramos uma ocorrência de “sentimentos de piedade” e uma ocorrência de “auréola de piedade”. Para “de compaixão”, das 21 ocorrências, 12 são de português brasileiro, e dessas encontramos uma ocorrência de cada uma das seguintes expressões: “sentido de compaixão”, “suspiro de compaixão”, “espírito de compaixão”, “impulso de compaixão” e “gesto de compaixão”. Dessas sete opções, aquela que mais se aproximaria do original de Stevenson, por ser encontrada em textos bíblicos, e por carregar a ideia de “interioridade”, seria, em nossa opinião, a que tem o termo “espírito”, ficando essa sugestão de tradução para “*bowels*” nesse contexto.

h. “hissing intake of the breath”

Logo no primeiro relato sobre Hyde, ao descrever a cena em que a criança é pisoteada, Stevenson já faz uma alusão indireta ao diabo, deixando implícito para o leitor da época (acostumado a relatos de imagens diabólicas associadas a chifres, patas fendidas e rabos, conforme relatado por Linehan, 2003, p. 11) que o “*strong feeling of deformity*” apontaria para uma aura demoníaca. No trecho “*Mr. Hyde shrank back with a hissing intake of the breath*” (Quadro 20), Stevenson deixa bem clara a relação entre Hyde e o diabo. A imagem da cobra sempre é apresentada como uma das incorporações do mal (WOLF, 2005, p. 48).

QUADRO 20. Opções de tradução para “*hissing intake of the breath*” (PG, p. 17)

OR *Mr. Hyde shrank back with a hissing intake of the breath.*

EDI Mr. Hyde recuou, inspirando por entre os dentes, o que resultava numa espécie de **sibilo**.

CSN Mr. Hyde recuou, *com a respiração ofegante*.

LPM Mr. Hyde assustou-se e *seu peito chiou* quando ele tentou **tomar fôlego**.

Nesse trecho, o autor aparentemente procura reforçar essa relação, e mostrar o quanto Hyde pode ser traiçoeiro. Entretanto, ao analisarmos o mesmo trecho nas

versões traduzidas, notamos que apenas EDI utilizou um termo que faz referências a um ofídio (“sibilo”). CSN utiliza “respiração ofegante”, que além de perder a referência ao som característico de uma serpente, também passa a errônea impressão de que Hyde estaria cansado ou assustado. No caso da tradução publicada pela LPM, o resultado foi ainda mais prejudicado, pois “seu peito chiou”, embora mantenha a ideia de que Hyde produziu um ruído, pode apontar para uma direção equivocada, uma vez que “chiado no peito” é um sintoma bastante característico de asma (uma doença pulmonar), ainda mais com a complementação da frase (“quando ele tentou tomar fôlego”), já que os asmáticos costumam queixar-se de chiado e de falta de ar. Sendo assim, a tradução mais adequada entre as analisadas seria a da EDI, que optou por um termo que passa uma sensação sonora e a ideia implícita de um animal peçonhento e traiçoeiro. Preservando, assim, a imagem da cobra, e sua relação direta com a imagem do diabo, tão frequente nos textos bíblicos.

i. “Satan’s signature”

Em alguns momentos da narração, a comparação entre Hyde e o diabo torna-se bem mais evidente, como no trecho em que Utterson diz: “*O my poor old Harry Jekyll, if ever I read Satan’s signature upon a face, it is on that of your new friend.*” Nas traduções analisadas (Quadro 21), foram usados termos diferentes para traduzir “Satan”: EDI, Satã; CSN, Satanás; LPM, diabo.

QUADRO 21 Opções de tradução para a expressão “Satan’s signature” (PG, p. 20)

OR *O my poor old Harry Jekyll, if ever I read **Satan’s signature** upon a face, it is on that of your new friend.*

EDI Ah, meu pobre é velho Harry Jekyll, se alguma vez li a **assinatura de Satã** sobre um rosto, foi sobre o de seu novo amigo.

CSN Porque, ah meu pobre, velho Harry Jekyll, se alguma vez li a **assinatura de Satanás** num rosto, foi no desse seu novo amigo!

LPM Ah, meu pobre Harry Jekyll, se alguma vez já consegui ler a **assinatura do diabo** numa face, foi na de seu novo amigo!

j. “familiar”

Em outros trechos, a referência ao demônio é bem mais elaborada. No Capítulo X, por exemplo, em que Jekyll toma a palavra para contar sua versão dos fatos, mais uma vez Stevenson faz um paralelo entre Hyde e o diabo, mas agora de modo mais alegórico. No folclore de bruxaria, toda bruxa tem um gato, corvo ou outro animal que é chamado de “familiar” (WOLF, 2005, p. 124). Esse animal, que vive com a bruxa, seria segundo o folclore um guia ou assistente demoníaco que a acompanha – em português, chamado por algumas pessoas de “demônio familiar”.

Um espírito ou divindade do mal supostamente associado a uma pessoa ou sob o poder dela também recebe essa denominação (LINEHAN, 2003, p. 53). O Quadro 22 apresenta as traduções de “familiar” no trecho em questão.

QUADRO 22. Opções de tradução para o termo “familiar” (PG, p. 91)

OR *This **familiar** that I called out of my own soul, [...].*

EDI Aquele ser **familiar**, que eu extraíra de minha própria alma [...].

CSN Aquele **íntimo** que eu convocava em minha própria alma [...].

LPM Esse **parente** que chamei das entranhas da minha própria alma, [...].

Nenhuma das traduções analisadas fez referências ao termo “familiar” com a acepção assinalada acima. Levando-se em consideração que Hyde não era parente nem familiar de Jekyll, a tradução da CSN seria a mais próxima da ideia de um ser que convive com outro em bastante proximidade, embora a noção de bruxaria e a relação demoníaca tenham sido perdidas nas três traduções.

k. “Pede clauda”

Utterson, refletindo sobre qual seria a motivação de Jekyll para aceitar as “chantagens” de Hyde, imagina que, na juventude do médico, ele cometeu pecados e que a justiça divina estaria chegando “*pede clauda*” para cobrar seu preço.

O uso de *pede claudo*, a expressão latina para “a passos trôpegos”, segundo Linehan (2003, p.19) seria uma referência ao verso final de uma ode à virtude masculina do poeta romano Horácio (65-8 a.C.) em sua obra *Odes* 3.2.32. O verso completo a que Stevenson estaria fazendo referência é: “*Raro antecessum scelestumdeseruit pede poena claudo*” que seria, uma expressão equivalente ao ditado “A justiça tarda, mas não falha”. Essa observação parece fazer sentido, se analisarmos o contexto em que ela é usada no livro. Ou seja, o advogado está preocupado, achando que Hyde saberia alguma coisa do passado de Jekyll, e que os “pecados” que Jekyll teria cometido na mocidade estariam sendo “cobrados” dele agora, como que em um ato de “justiça divina”. Desse modo, segundo Jenny Davidson, a expressão significaria que a punição vem se rastejando, ou seja, ocorre de forma lenta e constante (DAVIDSON, 2003, p. 20).

O Quadro 23 mostra as opções de tradução das três obras analisadas.

QUADRO 23. Opções de tradução para a expressão “*pede claudo*” (PG, p. 22)

OR *Ay, it must be that; the ghost of some old sin, the cancer of some concealed disgrace: punishment coming, **PEDE CLAUDO**, years after memory has forgotten and self-love condoned the fault.*

EDI Sim, deve ser isto: o fantasma de algum antigo pecado, o câncer de alguma desgraça oculta. A punição chega, **pede claudo**, anos depois que a memória já esqueceu e o amor próprio perdoou a falta.

CSN Ah, deve ser isto, o fantasma de algum pecado antigo, o câncer de alguma desgraça oculta: a punição se aproxima, **claudicante**, anos depois de a memória já haver esquecido e o amor-próprio ter perdoado a falta.

LPM Ah, deve ser isto, o fantasma de algum velho pecado, o câncer de alguma desgraça escondida; o castigo que chega, **pede claudo**, anos depois da falta ter sido esquecida pela memória e perdoada pelo amor-próprio. <RODAPÉ> Com passos trôpegos. (N.T.)</RODAPÉ>

EDI e LPM optaram por manter a expressão em latim, sendo que esta última acrescentou uma nota de rodapé, com uma tradução aproximada do termo – uma informação que ajuda o leitor a compreender a frase. Já CSN optou por trocar a expressão latina pela palavra “claudicante” que, segundo o Dicionário *Online* de Português significa “adj. Que claudica, coxeia. Que falta a seus deveres; que comete erro de ofício.” E no sentido figurado “Incerto; duvidoso; vacilante.” Percebemos que a tradução da CSN pode ter acabado invertendo o significado da expressão “*pede claud*”, pois o leitor do texto em português tendo sido privado da referência à Ode, talvez não consiga entender a ideia de “tarda, mas não falha”. Ao ler que a justiça está “claudicante”, o leitor entenderá que ela é incerta, duvidosa ou vacilante, e essa opção acabará induzindo o leitor a pensar que a justiça, segundo Utterson, não se concretizaria. Essa conclusão seria inversa daquilo que o personagem está tentando dizer, segundo a história.

A opção da EDI, que manteve a expressão em latim, sem qualquer explicação, deixa ao leitor a tarefa de tentar entender o significado. A LPM, ao acrescentar uma nota de rodapé com a expressão equivalente (“a passos trôpegos”), seria a mais completa, por não induzir o leitor a uma interpretação equivocada nem inverter o sentido da expressão. Se adotarmos uma postura tradutória em que o tradutor procura dar o máximo possível de informações culturais ao leitor, a tradução da LPM poderia ser entendida como a mais completa e precisa, principalmente se acrescentassem na nota alguns comentários sobre a obra *Odes* de Horácio e sua relação com o desenrolar da narrativa de *Jekyll and Hyde*.

5.5.3 Capítulo 3. “Dr. Jekyll was quite at Ease”

Resumo da narrativa: Duas semanas mais tarde, Dr. Jekyll convida uns amigos para jantar. Entre eles está Mr. Utterson, que propositadamente é o último convidado a ir embora. Utterson aproveita para perguntar a Jekyll sobre o testamento e expressar sua insatisfação e desaprovação quanto aos termos do documento. Utterson diz que, depois que ficou sabendo algumas coisas sobre Hyde, é mais contrário ainda ao testamento. Jekyll empalidece ao ouvir o nome de Hyde e diz que sua relação com Hyde é “estranha” e “dolorosa”. Quando Utterson insiste, Jekyll se retrai e diz que pode “se livrar” de Hyde quando quiser, e que Utterson não

deve se preocupar mais. Depois de assegurar-se de que o testamento será respeitado, Jekyll conclui dizendo que ele não pede que Utterson goste de Hyde, apenas que faça justiça, se for necessário. Utterson conclui a conversa prometendo que os termos do testamento serão respeitados. Assim termina o capítulo 3.

Análise contrastiva

a. “hide-bound”

Ao conversar com Utterson, Jekyll utiliza a expressão “*hide-bound*”¹⁴³ duas vezes em um mesmo parágrafo, para referir-se a Lanyon. Segundo William Veeder (1988), haveria aí um jogo de palavras, aproveitando mais uma vez a homofonia entre Hyde e hide – segundo o estudioso, neste ponto Stevenson estaria procurando “ligar” Lanyon e Hyde. A tradução da EDI para esse termo foi “tacanho” em ambas as ocorrências, da CSN foi “inflexível” em ambas as ocorrências e da LPM foi “intratável” em ambas as ocorrências. Portanto, nenhuma das versões usou um termo que levasse em consideração a sonoridade do nome Hyde, de modo a recuperar esse jogo de palavras. Sabemos que nem sempre é possível para o tradutor conseguir recuperar a sonoridade da língua de partida, como parece ter sido o caso neste trecho.

QUADRO 24. Opções de tradução para a expressão “hide-bound” (PG, p.25)

*OR I never saw a man so distressed as you were by my will; unless it were that **hide-bound** pedant, Lanyon, at what he called my scientific heresies. Oh, I know he's a good fellow—you needn't frown—an excellent fellow, and I always mean to see more of him; but a **hide-bound** pedant for all that; an ignorant, blatant pedant.*

EDI Nunca vi um homem tão angustiado quanto você ficou com relação ao meu testamento. A menos que se tratasse daquele pedante **tacanho**, Lanyon, diante daquilo que chama minhas heresias científicas. Ah, sei que ele é um bom sujeito, não precisa fazer essa carranca. Um sujeito excelente, que gostaria de ver com mais frequência, mas ainda assim um pedante **tacanho**. Um pedante espalhafatoso e ignorante.

CSN Nunca vi um homem ficar tão angustiado como você com o meu testamento; a não ser aquele pedante **inflexível** do Lanyon, por causa do que ele chama de minhas

¹⁴³ Que pode significar “tacanho”, “pequeno”, “acanhado”, “obsuro”.

heresias científicas. Ah, eu sei que ele é um bom sujeito — não precisa fechar a cara —, um excelente sujeito, e eu bem que desejaria vê-lo com mais frequência, mas ainda assim é um pedante **inflexível**, um inegável e tosco pedante. .

LPM Nunca vi um homem ficar tão preocupado como você ficou com meu testamento; com exceção, talvez, daquele **intratável** pedante, o Lanyon, com o que ele costumava chamar de minhas heresias científicas. Oh, sei que ele é um bom sujeito, não precisa franzir a testa, um sujeito excelente, e eu sempre procuro encontrar-me com ele mais vezes. Mas um **intratável** pedante de qualquer forma, um ignorante e espalhafatoso pedante.

5.5.4 Capítulo 4. “The Carew Murder Case”

Resumo da narrativa: O capítulo começa quase um ano mais tarde e apresenta o assassinato de Sir Danvers Carew. A morte do respeitado cavalheiro londrino foi presenciada por uma empregada, que olhava pela janela em uma noite de outubro. Como já havia visto Mr. Hyde em outra ocasião, ela reconheceu-o como o assassino de Carew. A empregada desmaiou ao presenciar tamanha agressão. No bolso da vítima, a polícia encontrou uma carta endereçada ao advogado Utterson que, ao ser chamado, identificou a vítima. Utterson também reconheceu uma bengala quebrada, que foi usada como a arma do crime, como pertencendo ao Dr. Jekyll.

Utterson leva os policiais até a casa de Hyde. Após revistarem tudo, percebem que Hyde saiu às pressas, e atrás de uma porta encontram a outra metade da bengala usada no crime. O inspetor decide colocar cartazes de “Procurado” pela cidade, com o rosto de Hyde estampado neles. Entretanto, descobre que isso seria impossível, já que Hyde nunca foi fotografado e dos poucos que o viram, ninguém é capaz de descrevê-lo. Assim termina o capítulo 4.

Análise contrastiva

a. “gin palace”

Mais adiante, ao descrever as ruas de Londres, Stevenson utilizou a expressão *gin palace* (Quadro 25). Na era vitoriana, período em que se passa *Dr.*

Jekyll and Mr. Hyde, *gin palace* era uma expressão usada para referir-se aos bares que vendiam bebidas baratas e de má qualidade (LINEHAN, 2003, p. 23).

QUADRO 25. Opções de tradução para o termo “*gin palace*” (PG, p.32)

OR [...] *the fog lifted a little and showed him a dingy street, a gin palace, a low French eating-house* [...]

EDI [...] uma rua lúgubre, **um bar**, uma casa de refeições [...]

CSN [...] uma rua suja, **um bar sórdido**, um restaurante francês ordinário [...]

LPM [...] uma rua suja, **um bar**, um restaurante francês decaído [...]

Nas traduções analisadas, EDI e LPM abandonaram o significado expressivo do termo, e optaram por traduzir pelo termo superordenado (“bar”), sem qualquer adjetivação, perdendo assim a especificidade e a expressividade. Já CSN traduziu o termo como “bar sórdido”, ficando mais próximo do significado provavelmente pretendido por Stevenson. Desse modo, a tradução da CSN recupera melhor o clima empobrecido e a ideia da venda de bebidas de baixa qualidade.

b. “*Penny numbers*”

Mais adiante, nesse mesmo parágrafo da narrativa, continuando a descrever as ruas de Londres, Stevenson utiliza a expressão “*a shop for the retail of penny numbers and two-penny salads*”. *Penny numbers* era um termo usado a princípio apenas para as revistas baratas e que traziam histórias em capítulos, que eram compradas semanalmente (MIDDLETON, 1999, p. 225). Em pouco tempo, segundo Michael Anglo, o termo passou a referir-se às revistas de ficção científica, baratas e de baixa qualidade, muito populares na sociedade inglesa vitoriana (ANGLO, 1977).

QUADRO 26 Opções de tradução para “*penny numbers*” (PG, p. 32)

OR [...] *a shop for the retail of penny numbers and two-penny salads* [...]

EDI [...] uma loja onde se vendiam **alimentos** variados [...]

CSN [...] uma quitanda que vendia livros **por um tostão** e hortaliças por dois [...]

LPM [...] uma casa vendendo **bilhetes de loteria por um pêni** e saladas por dois [...]

O Quadro 26 mostra as opções de tradução das três publicações estudadas. A opção encontrada na tradução da LPM (bilhetes de loteria) está bastante afastada do significado do termo. O mesmo ocorre na publicação da EDI, que agrupou “*penny numbers and two-penny salads*” e substituiu os dois núcleos pela expressão “alimentos variados”, bastante imprecisa e que omite a informação sobre as revistas.

A tradução da CSN ficou mais próxima do significado provavelmente pretendido por Stevenson. Além disso, CSN traduziu *penny* como “tostão” (uma antiga moeda brasileira equivalente a cem réis e, segundo o Dicionário *Online* de Português, um termo que pode ser usado como gíria para dinheiro), dando ao texto uma referência mais antiga e fugindo do termo mais preciso e literal, porém de uso menos frequente, escolhido pela LPM (“pêni”).

c. “*napery elegant*”

Ao descrever a casa em que Hyde morava, tão discrepante em relação à sua aparência, Stevenson fala dos móveis elegantes, da prataria, das louças finas e cita a expressão “*napery elegant*”. *Napery* é um termo usado para referir-se às toalhas de mesa e guardanapos, geralmente de linho (LINEHAN, 2003, p. 24).

Nas três traduções analisadas (Quadro 27), foram utilizados equivalentes que se aproximaram bastante do significado do original.

QUADRO 27. Opções de tradução para o termo “*napery elegant*” (PG, p. 33)

OR *A closet was filled with wine; the plate was of silver, the **napery elegant**;*
[...].

EDI Havia um armário cheio de garrafas de vinho; os pratos e as baixelas

eram de prata, e a **roupa de mesa, elegante**; [...].

CSN Um armário estava repleto de vinhos, a baixela era de prata, e **as toalhas de mesa, muito elegantes**;[...].

LPM Uma pequena adega estava cheia de vinhos, a baixela era de prata, **os guardanapos, elegantes**.

A edição da EDI utilizou “a roupa de mesa, elegante”, a CSN empregou “as toalhas de mesa, muito elegantes” e por fim a LPM optou por traduzir a expressão como “os guardanapos, elegantes”. O termo “roupa de mesa”, embora de uso mais restrito, passa a sensação de antiguidade, o que pode ser bastante interessante para ajudar a compor o clima vitoriano. A opção da LPM, embora mais restritiva, pois cita apenas os guardanapos, também pode ser considerada adequada, já que as toalhas de mesa costumam acompanhar o nível de qualidade dos guardanapos. Assim o tradutor pode ter optado por citar a parte pelo todo, deixando ao leitor a tarefa de imaginar que as toalhas também seriam elegantes.

d. “*handbills*”

Quando Utterson e o inspetor de polícia estão revistando a casa de Hyde, o policial diz ao advogado que eles deveriam esperar Hyde no banco e, se ele não aparecesse, distribuiriam “*handbills*”. Segundo Lineham (p. 24), *handbills* é um termo usado para referir-se aos cartazes de “Procurado” afixados nos postes e muros, que traziam imagens de criminosos procurados (conhecidos como “foras-da-lei”).

QUADRO 28. Opções de tradução para a palavra “*handbills*” (PG, p. 34)

OR *We have nothing to do but wait for him at the bank, and get out the handbills.*

EDI Nada mais temos a fazer além de esperar por ele no banco e distribuir os **impressos dizendo que é procurado**.

CSN Não temos o que fazer senão esperá-lo no banco e distribuir **folhetos com seu retrato**.

LPM Nada mais precisamos fazer, senão esperar por ele no banco, e apresentar-lhe o **mandado**.

Entre as traduções de “*get out the handbills*”, a que ficou mais afastada do sentido foi a da LPM, que utilizou a expressão “apresentar-lhe o mandado”. Esta opção passa a impressão que já existe um mandado de prisão e que eles estão esperando Hyde chegar para apresentar o documento a ele. A tradução da CSN (“folhetos com seu retrato”) é imprecisa, pois não deixa claro que esses “folhetos” seriam os cartazes de “Procurado”. Além disso, a narrativa a seguir, ainda no mesmo parágrafo, realça a dificuldade que Utterson e o inspetor teriam, se quisessem fazer os “*handbills*”, já que poucas pessoas conseguiam descrever a fisionomia de Hyde. Desse modo, torna-se supérfluo que a tradução de “*handbills*” passe a informação que são folhetos com uma imagem que reproduz o rosto da pessoa procurada, já que na frase seguinte esse dado será retomado. A tradução da EDI (“impressos dizendo que é procurado”) aproximou-se mais do sentido original, já que utiliza a palavra “procurado”.

5.5.5 Capítulo 5. “Incident of the Letter”

Resumo da narrativa: Mr. Utterson é recebido por Poole na casa do Dr. Jekyll. O advogado é levado pelo mordomo até a sala de dissecação/laboratório, do lado de fora da casa, onde encontram Jekyll bastante doente. Utterson quer saber se Jekyll está escondendo Hyde. Jekyll garante que nunca mais vai por os olhos em Hyde. Utterson continua preocupado com os termos do testamento e o que podem representar para a segurança de Jekyll. Utterson parte, levando um bilhete que recebeu de Jekyll, supostamente escrito por Hyde, dizendo que este não causará mais problemas ao doutor.

Ao chegar em casa, Utterson mostra o bilhete para Mr. Guest, seu contador, que é especialista em grafologia. Guest acha que o bilhete foi escrito de modo estranho. Nesse momento, um empregado traz um convite de Jekyll para Utterson. Analisando ambas as caligrafias, e comparando-as, Guest conclui que são bastante similares, com muitos pontos em comum, mas com inclinação oposta. Após ficar sozinho, Utterson guarda o bilhete no cofre, certo de que seu amigo Jekyll forjou a mensagem, para encobrir Edward Hyde.

Assim termina o capítulo 5.

Análise contrastiva

a. “imperial dye”

A substância utilizada no passado para pigmentar as roupas dos nobres, um corante de tom arroxeado ou púrpura, recebe em inglês o nome de *imperial dye*. Stevenson usa o termo para descrever a coloração dos restos de líquidos que foram deixados na garrafa sobre a mesa da sala de Hyde.

QUADRO 29. Opções de tradução para o termo “imperial dye” (PG, p. 39)

OR *In the bottle the acids were long ago resolved; **the imperial dye** had softened with time [...]*

EDI Na garrafa, toda a acidez já havia desaparecido; **a forte coloração original do vinho** tornara-se mais suave com o tempo [...]

CSN Na garrafa, a acidez havia muito fora abrandada, **a pigmentação púrpura** suavizara com o tempo [...]

LPM Na garrafa, os ácidos já há muito tinham se dissolvido; **a cor imperial** já fora suavizada pelo tempo, [...]

Entre as traduções analisadas (Quadro 29), a da LPM foi a mais literal (“cor imperial”), deixando ao leitor a tarefa de imaginar qual seria a cor desse corante. A tradução da EDI explicita que o líquido seria vinho (“a forte coloração original do vinho”), enquanto o texto da CSN opta por salientar a cor, e não a composição do líquido (“a pigmentação púrpura”). Levando-se em consideração que Stevenson costumava salientar os aspectos visuais de suas narrativas, mas também considerando que o vinho é considerado um elemento bastante importante na história de Jekyll e Hyde, a tradução da EDI apresentou a solução mais adequada.

b. “crying the news”

Quando Utterson pergunta a Jekyll se ele já sabe das novidades sobre o assassinato de Carew, este responde: “*They were crying it in the square*” A expressão “*cry the news*” é bastante pictórica, e refere-se aos jornalheiros que saíam gritando as manchetes sensacionalistas. A imagem desses jornalheiros está bastante

presente na mente dos leitores brasileiros, graças aos filmes de cinema e televisão que mostram garotos gritando “Extra, extra”, quando algum crime ou evento importante acontece, e os jornais lançam uma edição extraordinária no meio do dia. Sendo assim, a expressão, embora não se refira a uma prática comum no Brasil, aponta para uma ação conhecida da maioria dos leitores. Para recuperar o significado expressivo da frase, seria importante que a tradução fizesse referência aos jornaleiros, para que o leitor não tivesse a equivocada impressão que as pessoas comuns estavam gritando na praça. Entretanto, como podemos ver no Quadro 30, as três traduções analisadas não utilizaram os termos “jornaleiros”, “garotos vendedores de jornal” ou outra equivalente. Também podemos concluir que os tradutores não consideraram o significado evocado da expressão *crying the news*, ao não detectarem a variação dialetal (temporal) presente na expressão.

QUADRO 30. Opções de tradução para a expressão “*crying the news*” (PG, p. 39)

OR “They were **crying it** in the square” [...].

EDI Estavam **gritando as notícias** na praça [...].

CSN “Estavam sendo **anunciadas aos gritos** lá na praça” [...].

LPM Estão **gritando as notícias** na praça [...].

EDI e LPM utilizaram a expressão “gritando as notícias”, que é bastante incomum. Mesmo a opção de CSN (“anunciadas aos gritos”), não deixa claro quem estava realizando a ação, podendo passar a impressão de que as pessoas na praça estavam anunciando as notícias, o que não parece ser o sentido pretendido pelo texto em inglês.

5.5.6 Capítulo 6. “Remarkable Incident of Doctor Lanyon”

Resumo da narrativa: Ninguém deu à Scotland Yard informações sobre o assassinato de Carew. Hyde, cujo passado tem sido muito comentado pela cidade, nunca mais foi visto. Coincidindo com esse desaparecimento de Hyde, Jekyll voltou a receber amigos, sentir-se saudável e a gostar da vida. Entretanto, de uma hora para outra, Poole passa a impedir Utterson de visitar Jekyll. Preocupado com a saúde do médico, Utterson resolve visitar o Dr. Lanyon, amigo em comum de ambos.

Lanyon está terrivelmente doente, não fisicamente, mas em profundo estado de terror, segundo observa Utterson. Lanyon diz que nunca mais quer ouvir falar de Jekyll, e que o considera “morto”. Já em casa, Utterson escreve uma carta para Jekyll, querendo saber o que houve entre os dois ex-amigos. A resposta vem no dia seguinte, na forma de uma carta enigmática, em que Jekyll afirma que também não quer ver Lanyon nunca mais.

Lanyon morre três semanas depois. Voltando para casa, Utterson abre uma carta endereçada a ele. Dentro dela há um segundo envelope, com instruções para ser aberto somente após a “morte ou desaparecimento” de Henry Jekyll. Fiel ao pedido, Utterson recoloca o envelope no cofre. A partir desse dia, tenta diversas vezes reencontrar Jekyll, mas o mordomo Poole não permite sua entrada na casa. Jekyll está vivendo sozinho em seu laboratório e não quer ver ninguém. Assim termina o capítulo 6.

Análise contrastiva

a. “chief of sinners”

Na carta que Jekyll escreve para Utterson, para explicar por que o médico anda afastado dos amigos, na frase *“If I am the chief of sinners, I am the chief of sufferers also”*, Stevenson utiliza a expressão *chief of sinners* que, segundo Katherine Linehan (2003, p. 30), seria um eco de um trecho da primeira epístola de Paulo a Timóteo, em que se lê, em inglês, *“Christ Jesus came into the world to save sinners; of whom I am chief.”*

Em português, a tradução dessa passagem bíblica varia bastante, dependendo da publicação em que se pesquise. A palavra que sofre maior variação, em função das diferentes posturas religiosas, é *“chief”*. As três traduções mais recorrentes nos textos bíblicos em português para a palavra *“chief”* nesse versículo são *“principal”*, *“pior”* e *“primeiro”*, nessa ordem de ocorrência. Portanto, encontramos esse trecho da epístola traduzido em maior frequência das seguintes maneiras: *“dos quais eu sou o principal”* (como em <http://www.harpacrista.org/sobre/>); *“dos quais eu sou o pior”* (como em http://www.bibliaon.com/versiculos_para_pecadores/, por exemplo) e *“dos quais eu sou o primeiro”* (como em books.google.com.br/books?isbn=8576773589).

Com relação ao livro de Stevenson, as opções de tradução da frase que faz referências à carta de Paulo são mostradas no Quadro 31.

QUADRO 31. Opções de tradução da frase que faz referências à carta de Paulo (PG, p. 45)

OR *If I am the chief of sinners, I am the **chief** of sufferers also [...].*

EDI Se eu for o maior dos pecadores, então sou também o **maior** dos sofredores.

CSN Sendo talvez o maior dos pecadores, sou também o **maior** dos sofredores.

LPM Se sou o maior dos pecadores, sou também o **maior** dos sofredores.

Como notamos pela análise do Quadro, as três versões ficaram idiomáticas, mas nenhuma delas parece ter levado em consideração a referência ao texto bíblico, já que as três traduziram a palavra “*chief*” conforme seu significado proposicional e, portanto, não recuperaram o mesmo linguajar das escrituras, ao optarem pela palavra “maior”, ao invés das outras três opções mais utilizadas nas traduções atuais da referida epístola de Paulo.

Em nossa opinião, quando o tradutor detecta uma referência bíblica, e quer manter essa referência no texto traduzido, o procedimento mais indicado é procurar reproduzir a linguagem encontrada nas traduções mais consagradas para o versículo em questão. No caso de *Dr. Jekyll and Mr. Hyde*, em que consideramos a religiosidade referida como sendo um traço característico do autor (embora seja sutil), nossa opinião é que as traduções deveriam procurar deixar visíveis e perceptíveis as referências aos trechos bíblicos.

5.5.7 Capítulo 7. “Incident at the Window”

Resumo da narrativa: Assim como no começo do livro, é domingo e o advogado Mr. Utterson e seu amigo Enfield estão dando sua caminhada costumeira

pelas ruas de Londres. Eles passam novamente pela porta de Hyde – aquela que haviam combinado de nunca mais citar. Os dois amigos voltam a falar sobre Hyde e sobre a inevitável repulsa que se sente ao olhar para ele. Ambos decidem virar a esquina e tentar mais uma vez conversar com Jekyll. O encontro dos três é bastante dramático: Jekyll à janela, doentio e desanimado, diz aos dois que sente que sua morte está próxima, e que isso será um grande alívio para ele mesmo. Jekyll se recusa a dar uma caminhada com os dois, e diz que os convidaria a subir, se o local não estivesse tão desorganizado. Após dar um rápido sorriso aos amigos, Jekyll sofre uma mudança em sua fisionomia. Sua face torna-se aterrorizada e desesperada, o que deixa os observadores atônitos. Jekyll fecha a janela violentamente e os dois partem, pálidos e bastante perturbados. Assim termina o capítulo 7.

Análise contrastiva

Segundo Roberts (p. 34), o capítulo mais curto do livro (com cerca de duas páginas, apenas) é também aquele que narra um acontecimento fundamental: o passeio de Mr. Utterson e seu amigo Enfield, e o encontro deles com Dr. Jekyll. A narrativa estabelece uma ligação com os eventos do Capítulo 1 do livro, cita as três janelas do laboratório de Jekyll, descritas no Capítulo 5. Neste capítulo, o leitor é apresentado à arquitetura da casa, em L, com entradas por duas ruas distintas, com aparência e vizinhança igualmente distintas, uma abrigando o corpo principal da construção, elegante e requintado, e a outra que contém os aposentos utilizados por Hyde¹⁴⁴. Esta última, além de ter cômodos imundos e desorganizados, é acessada pela rua a partir da famosa “porta”, tanto citada no livro e alvo de diversos estudos, nas mais diversas áreas¹⁴⁵.

5.5.8 Capítulo 8. “The Last Night”

¹⁴⁴ Entre os estudos que analisaram a arquitetura da casa de Dr. Jekyll, destaca-se o Apêndice C de *The Essential Dr. Jekyll and Mr. Hyde*, de autoria de Glen Montag, que reproduz uma planta baixa do primeiro andar, e duas projeções horizontais (“vistas de cima”) da fachada e dos fundos da casa (MONTAG *apud* WOLF, 2005, p. 249-251).

¹⁴⁵ Por exemplo, SCARLETT, E. P. The Infernal Door (Medical and Literary Notes on "Dr. Jekyll and Mr. Hyde"). In: *Canadian Medical Association Journal*, v. 48, n. 3, p. 243-9, mar. 1943; WILLIAMS, M. Kellen. 'Down With the Door, Poole': Designating Deviance in Stevenson's Strange Case of Dr Jekyll and Mr Hyde. In: *English Literature in Transition – 1800-1920*, v. 39 n. 4, p. 412-429, out. 1996, entre outros.

Resumo da narrativa: Mr. Poole, o mordomo de Jekyll, visita Mr. Utterson certa noite. Poole está extremamente preocupado com Jekyll. Então, ambos vão até a casa do médico. Ao chegarem lá, Utterson vê que todos os empregados do Dr. Jekyll estão reunidos e agitados, tentando falar ao mesmo tempo. O mordomo leva Utterson até o laboratório, para tentarem contato com Jekyll. De dentro do laboratório, uma voz estranha os manda embora.

Poole conta que Jekyll, trancado no laboratório, havia lhe passado bilhetes com listas de compras a serem feitas nas lojas de produtos químicos da cidade. Depois de alguns dias, sua voz mudou, e passou a gritar, pedindo um determinado remédio. Poole afirma que chegou a ver a “criatura” andando pelo jardim, que era deformado e emitia sons assustadores. Utterson tenta convencer Poole de que ele havia visto o próprio Jekyll, talvez deformado por alguma doença, mas Poole diz que isso seria impossível.

Batem novamente à porta do laboratório, mas quem responde é Hyde, o que leva Utterson a mandar Poole arrombar a porta. Ao entrarem, encontram Hyde se contorcendo, mas vestindo as roupas de Jekyll. Hyde morre, segurando um frasco em suas mãos, o que faz com que Utterson classifique o óbito como suicídio.

A seguir, saem à procura do corpo de Henry Jekyll, mas não o encontram em nenhum lugar. Ao revistarem os pertences do médico, encontram um envelope endereçado a Utterson. Ao abri-lo, ele encontra um testamento no qual o beneficiário foi mudado de Hyde para Utterson; o segundo papel, manuscrito por Jekyll, é datado daquele mesmo dia, o que leva Utterson a achar que o médico ainda está vivo. Mas na nota há dois pedidos claros: que ele leia o primeiro bilhete de Lanyon, guardado em seu cofre, que será bastante elucidativo. E que, se ainda restarem dúvidas, que leia o conteúdo do envelope grande, com a “confissão” de Jekyll. Utterson decide ir para casa, ler calmamente todas as mensagens, e voltar em duas horas, para então chamarem a polícia. Assim termina o capítulo 8.

Análise contrastiva

a. “beetles”

A Londres dos tempos de Stevenson, por problemas de falta de saneamento básico e de recursos sanitários, era infestada por baratas. Entretanto, na época, os

londrinos tinham o hábito de chamar as baratas de “besouros pretos” (*black beetles*), segundo Brewer (1978 *apud* WOLF, 2005, p. 116). Para recuperar o significado expressivo do termo, e caracterizar as condições de falta de higiene, tão marcantes do período vitoriano, seria importante que a tradução deixasse claro ao leitor que os insetos eram baratas (já que os besouros não são animais que comumente vivem em ambientes sujos). Como é possível verificar no Quadro 32, EDI traduziu literalmente, segundo o significado proposicional de “*beetles*”, sem levar em consideração o contexto histórico da narrativa. CSN optou pelo superordenado “insetos”. LPM traduziu utilizando o termo com significado expressivo que mais se aproximou do sentido exposto no texto em inglês.

QUADRO 32. Opções de tradução para a palavra “*beetles*” (PG, p. 55)

OR [...] *and taking up his candle, he led Mr. Utterson back across the yard and into the great kitchen, where the fire was out and the **beetles** were leaping on the floor.*

EDI Apanhando a vela, conduziu Mr. Utterson de volta através do pátio até a grande cozinha, onde o fogo estava apagado e os **besouros** corriam pelo chão.

CSN [...] pegando a vela, conduziu Mr. Utterson de volta pelo quintal e para dentro da grande cozinha, onde o fogo estava apagado e os **insetos** se agitavam pelo chão.

LPM [...] levou Mr. Utterson de volta, através do jardim, para dentro da grande cozinha, onde o fogo estava apagado, e **baratas** moviam-se pelo chão.

b. “*kernels*”

Ao entrarem no laboratório, Mr. Utterson e Poole encontram o corpo de Edward Hyde, e sentem um forte cheiro de “*kernels*” no ambiente. Segundo Wolf (2005, p. 100), *kernels* é o odor característico de cianeto. O cianeto é um veneno de ação muito rápida, e seu odor característico lembra o de amêndoas amargas (LINEHAN, 2003, p. 39). Uma vez que Mr. Utterson passou grande parte da trama preocupado se Hyde iria assassinar Dr. Jekyll, para herdar sua fortuna, é importante que o leitor entenda o caráter venenoso da substância que está exalando odores no laboratório, cujo cheiro levou Mr. Utterson a concluir que Hyde havia se suicidado.

QUADRO 33. Opções de tradução para a palavra “*kernels*” (PG, p. 65)

OR [...] *and by the crushed phial in the hand and the strong smell of **kernels** that hung upon the air, Utterson knew that he was looking on the body of a self-destroyer.*

EDI A tomar pelo pequeno frasco quebrado em sua mão e pelo forte cheiro de **química** que havia no ar, Utterson sabia estar olhando para o corpo de um suicida.

CSN [...] e pelo pequeno frasco que apertava numa das mãos e pelo forte cheiro de **amêndoas** no ar, Utterson sabia que olhava para o corpo de um suicida.

LPM [...] e, pelo frasco quebrado em sua mão e pelo forte cheiro de **amêndoas** que havia no ar, Utterson soube que estava olhando para o corpo de um suicida.

O Quadro 33 mostra as opções de tradução encontradas nas três obras analisadas. As publicações de LPM e CSN optaram pela palavra “amêndoas” que não carrega o mesmo significado expressivo do termo de partida. Para que o sentido fosse completo, uma opção seria a tradução por “amêndoas amargas”, para que o leitor tivesse a noção de que o cheiro era de algo venenoso. A opção feita por EDI (“química”) pode ser considerada a mais adequada entre as três obras analisadas, embora o termo seja abrangente e inespecífico.

Consideramos, portanto, que este trecho mereceria uma nota de rodapé, explicando sobre a semelhança entre o odor de amêndoas amargas e o do veneno cianeto, principalmente por causa dos leitores mais jovens, que talvez desconheçam essa questão.

5.5.9 Capítulo 9. “Doctor Lanyon’s Narrative”

Resumo da narrativa: Segundo Lanyon escreve, Jekyll mandou a ele uma carta pedindo-lhe um grande favor. Lanyon teria de ir à casa de Jekyll, entrar no laboratório e pegar todo o conteúdo de uma determinada gaveta. De posse desse conteúdo, Lanyon devia levar tudo para casa, e entregar a uma pessoa que iria buscar.

Um pouco contrariado, Lanyon resolveu fazer o que lhe foi pedido pelo amigo Jekyll. Um homem pequenino e deformado foi à casa de Lanyon buscar o conteúdo da gaveta. A figura deformada, usando roupas que ficavam muito grandes para ele, pegou o frasco que veio do laboratório e perguntou se Lanyon queria presenciar o que iria acontecer. Amedrontado, mas curioso, Lanyon disse que sim. Ao beber a poção, a figura deformada deu um grito, contorceu-se e seu corpo como que derreteu, dando lugar à figura esguia e alta que Lanyon reconheceu ser Henry Jekyll.

Presenciar essa transformação, e ouvir os relatos de Jekyll logo após, fizeram com que Lanyon ficasse totalmente descrente da medicina, da humanidade e de seus conhecimentos científicos. A criatura que havia entrado em sua casa, e que depois se transformara em Jekyll, era Edward Hyde, o assassino de Sir Carew. Assim termina o capítulo 9.

Análise contrastiva

a. “*story that is told*”

Em alguns trechos, Stevenson parece fazer jogos de palavras com alguns textos bíblicos – ele faz referência a eles, mas utilizando-os no sentido oposto ao que foi pretendido nas Escrituras. Um exemplo desse tipo de “eco às avessas” (LINEHAN, 2003, p. 43) é encontrado na carta que Jekyll escreve para Lanyon em “*my troubles will **roll away** like a **story that is told***” [meus problemas vão passar como uma história que é narrada].

Para os estudiosos de *Jekyll and Hyde* que consideram que há uma referência bíblica nessa parte da narrativa, esse trecho faria referência à passagem bíblica que fala da responsabilidade moral eterna de devotar-se a Deus: “*For all our days are **passed away** in your wrath: we spend our years as a **tale that is told**.*” [Pois todos os nossos dias vão passando na tua indignação; acabam-se os nossos anos como um suspiro¹⁴⁶.] (Salmos, 90:9; *King James Bible*) [grifo nosso]. Contudo, na carta de Jekyll, a ideia é de isentar-se da responsabilidade. Este trecho da carta,

¹⁴⁶ In Almeida Atualizada.

portanto, se realmente fizer referência à passagem bíblica, poderia ser considerado como mais uma prova da ironia que tantos críticos atribuem à escrita de Stevenson.

QUADRO 34. Opções de tradução para a expressão “*story that is told*” (PG, p. 72)

OR [...] *my troubles will roll away like a story that is told* [...].

EDI [...] meus problemas vão **desaparecer sem deixar rastros** [...].

CSN [...] meus problemas **terem o desfecho** de uma simples **história narrada** [...].

LPM [...] minhas preocupações **irão se desenrolar** como uma **história ao ser contada** [...].

O Quadro 34 mostra as opções de tradução do trecho. Para os tradutores que reconhecem a presença de uma referência bíblica, nos parece indicado reproduzi-la, ou pelo menos sinalizá-la, no texto traduzido. Para tanto, o procedimento mais indicado é procurar trazer a linguagem bíblica para o texto traduzido.

Nas traduções dos Salmos para a língua portuguesa, encontramos muitas variações, versões adaptadas, versões em linguagem popular, traduções “na linguagem de hoje” etc. Sendo assim, não parece tarefa fácil perceber se os tradutores detectaram que havia essa referência bíblica e se levaram isso em consideração ao escolher suas traduções. Entretanto, a tradução da EDI (“desaparecer sem deixar rastros”) eliminou a voz passiva que havia no original, o que deixou o texto mais fluente, por um lado, mas também com um estilo mais distante dos textos bíblicos. Além disso, a expressão “sem deixar rastros”, em português, carrega uma noção de inconsequência, como se os problemas fossem sumir e tudo voltasse ao normal.

Essa noção de impunidade não nos parece presente no texto original e, assim, esta tradução estaria alterando o sentido expressivo da frase do original.

Entre a tradução da CSN (“terem o desfecho de uma simples história narrada”) e a da LPM (“se desenrolar como uma história ao ser contada”), a segunda

manteve-se mais próxima do estilo bíblico e não acrescentou palavras (como foi o caso de “simples”, acrescentado na tradução da CSN).

Aparentemente, nenhum dos tradutores levou em consideração a referência bíblica, por não ter notado sua presença, ou por não considerar que essa referência fosse importante. Em nossa opinião, entretanto, como a religiosidade é um aspecto marcante da biografia do autor, sempre que presentes, as referências bíblicas deveriam ser recuperadas e, quando possível, explicitadas no texto traduzido.

b. “bull’s eye”

No período vitoriano, os policiais costumavam fazer sua ronda noturna segurando nas mãos uma espécie de lamparina que tinha uma portinhola anterior que podia ser mais aberta ou mais fechada, para regular a luminosidade. Essa portinhola tinha um vidro arredondado na frente, por isso ela era chamada de “*bull’s eye*” [“olho de boi”] (DAVIDSON, 2003, p. 56). Sendo assim, ao descrever a aproximação do policial, Stevenson diz que este estava “*advancing with his bull’s eye open*”, ou seja, com a portinhola da lamparina aberta, para que iluminasse seu caminho (LINEHAN, 2003, p. 44).

QUADRO 35. Opções de tradução para a expressão “*advancing with his bull’s eye open*” (PG, p. 75)

OR There was a policeman not far off, ***advancing with his bull’s eye open***; and at the sight, I thought my visitor started and made greater haste.

EDI Havia um policial não muito distante, **avançando com sua lanterna acesa**; quando meu visitante viu-o, tive a impressão de que se alarmou e apressou-se ainda mais.

CSN Não muito longe dali, um policial **avançava com sua lanterna aberta** e, diante disso, tive a impressão de que meu visitante se assustou e se apressou ainda mais.

LPM Havia um policial não muito longe, **avançando com a lanterna acesa**, e achei que com aquela visão meu visitante assustou-se e apressou-se em entrar.

Como é possível observar no Quadro 35, as traduções da EDI (“avançando com sua lanterna acesa”) e da LPM (“avançando com a lanterna acesa”) transmitem a mensagem, mas apagam a referência histórica, perdendo o significado expressivo do termo. Além disso, usam a palavra “lanterna”, que pode levar o leitor a pensar nas lanternas modernas, que usam pilhas.

A tradução da CSN, entretanto, é ainda mais distante do significado possivelmente pretendido por Stevenson. Ao empregar a tradução “avançava com sua lanterna aberta”, além de usar a palavra “lanterna” ainda traduz “*open*” literalmente como “aberta”, modificando a imagem apresentada no original. É possível argumentar que, ao “abrir” a lamparina, ela ficaria mais iluminada, mas ao usar a palavra “lanterna”, essa noção fica prejudicada, já que as lanternas modernas não são “abertas” e sim “ligadas” ou “acesas”.

c. “graduated glass”

Quando Hyde está preparando sua poção, na frente de Lanyon, ele pergunta ao dono da casa se este tem um “*graduated glass*”. Esse tipo de equipamento, que compõe a chamada vidraria dos laboratórios, é um copo de vidro alto, com pé, que tem marcações volumétricas, usado para medir volumes com precisão (DAVIDSON, 2003, p. 58).

O Quadro 36 traz as opções de tradução para esse termo.

QUADRO 36. Opções de tradução para o termo “*graduated glass*” (PG, p. 78)

OR “*Have you a **graduated glass**?*” he asked.

EDI O senhor tem um **copo graduado**?

CSN “O senhor teria um **copo graduado**?”.

LPM O senhor tem uma **proveta**?

Caso o texto fosse técnico, ou seja, se o termo fosse encontrado em um catálogo de equipamentos para laboratório de análises químicas, por exemplo, a

tradução apresentada na edição da LPM (“proveta”) seria a mais indicada. Os termos “proveta” e “copo graduado” pertencem ao mesmo campo semântico e, portanto, o significado pressuposto de *graduated glass* estaria bem traduzido com ambos. Contudo, por uma questão de registro, e para atender ao significado evocado do termo, o termo “copo graduado” pode ser considerado como a opção de tradução mais adequada.

Assim, nas circunstâncias apresentadas por Stevenson, e por ser esta uma obra literária e não um livro técnico ou científico, o termo “copo graduado” (encontrado nas traduções da EDI e CSN) é o que consideramos mais indicado.

d. “incipient rigour”

O termo “*rigour*” em inglês é usado na área médica para significar um rápido calafrio. Há uma segunda acepção, que se refere ao enrijecimento do cadáver logo após a morte. No trecho analisado, Lanyon está descrevendo a sensação de encontrar-se frente a frente com Hyde pela primeira vez. Ele usa a expressão “*incipient rigour*” (grafado aqui como no original, mas encontrado nas edições americanas como *rigor*) para referir-se à sensação física que ele teve nesse encontro. Ambas as acepções de *rigour* são aceitáveis no contexto: o encontro com Hyde pode ter provocado calafrios, mas também pode apontar para uma situação de morte iminente.

No Quadro 37 encontram-se as opções de tradução para o termo em questão.

QUADRO 37. Opções de tradução para a expressão “*incipient rigour*” (PG, p. 76)

OR *This bore some resemblance to **incipient rigour**, and was accompanied by a marked sinking of the pulse.*

EDI Isso guardava certa semelhança com um **rigor incipiente** e era acompanhado por uma acentuada diminuição do pulso.

CSN Era algo como- o **início de um calafrio** acompanhado de uma queda de pulsação.

LPM Isso tinha alguma semelhança com um **incipiente estado de rigor** e

trouxe-me o que parecia um calafrio acompanhado por forte queda de pulsação.

A tradução da LPM utilizou a palavra “rigor”, mas acabou criando uma frase longa e pouco idiomática, ao deixar o adjetivo anteposto ao substantivo (“um incipiente estado de rigor”). A tradução da EDI também usou a palavra “rigor”, mas ao traduzir “*incipient rigour*” por “rigor incipiente”, acabou optando pela tradução prima fáscie e literal, que pode empobrecer o texto final. Já CSN utilizou a tradução mais idiomática, “o início de um calafrio”, transmitindo a sensação de que Hyde inspirava um misto de temor e nervosismo, com o resultado final mais próximo do significado expresso no original, com base nas informações obtidas nas traduções anotadas (LINEHAN, 2003, p. 44).

5.5.10 Capítulo 10. “Jekyll’s Full Statement”

Resumo da narrativa: Em um relato em primeira pessoa, Jekyll fala de sua infância, de como se tornou um médico famoso e distinto, e de suas primeiras experiências tentando estudar a natureza dual do ser humano. Jekyll afirma que estudou e refletiu muito, antes de começar seus primeiros experimentos. Ele diz ter tomado a poção pela primeira vez e ter experimentado a sensação de ser uma pessoa totalmente má. Ele afirma, ainda, que sua aparência física ficou mudada, coisa que ele confirmou ao olhar-se no espelho.

Ao voltar a ser Jekyll, ele passa a sentir a necessidade de tomar novamente a poção, para poder vivenciar a liberdade de estar no corpo de Hyde, que era jovem e vigoroso. Além disso, Jekyll sentia que, mesmo se Hyde fizesse coisas erradas, ele estaria isento de culpa, já que eram duas pessoas diferentes.

Aos poucos, a transformação de Jekyll em Hyde passou a fugir do controle do médico, e Jekyll começou a temer o contato com as pessoas, e a possibilidade de feri-las sem querer, caso se transformasse em Hyde subitamente. Jekyll afirma que tentou abandonar Hyde para sempre, principalmente após descobrir que Hyde havia assassinado uma pessoa, mas não conseguiu manter sua decisão. Hyde começou a lutar para assumir a vida de Jekyll. E aconteceu: certo dia, mesmo sem tomar a poção, Jekyll se transformou em Hyde e teve de pedir a seu amigo Lanyon para ir ao laboratório pegar o antídoto. Naquela noite, Lanyon presenciou a transformação de

Hyde em Jekyll, e isso foi demais para o pobre homem, que veio a morrer em pouco tempo.

Jekyll não era mais capaz de controlar Hyde, que assumia seu corpo quando bem quisesse. Assim, Jekyll planeja eliminar Hyde da maneira mais drástica possível: cometendo suicídio.

Análise contrastiva

a. “pavilion”

Pavilion é um termo que pode referir-se basicamente a dois tipos de edificações. Em primeiro lugar, pode ser um tipo de edícula ou coreto, construído fora da casa principal ou ao ar livre, utilizado com finalidade de lazer e repouso. Se estiver em uma área com paisagens, também pode ser sinônimo de gazebo. A outra acepção de *pavilion* refere-se às diferentes alas de hospitais, edificações e prisões, geralmente ligadas a uma construção central por longos corredores (Random House Webster's).

Em português, a palavra “pavilhão”, embora possa ser usada com a acepção de “gazebo” ou “edícula”, é mais comumente usada com a segunda acepção (como “ala”). Ao pesquisar a palavra no *Corpus* do Português, o colocado de maior frequência da palavra “pavilhão” é “central”, sendo muitas das demais ocorrências relacionadas a hospitais, prisões e campos de concentração.

No livro de Stevenson, a palavra *pavilion* é usada por Jekyll para descrever os efeitos das formulações químicas sobre o corpo humano.

O Quadro 38 apresenta as opções de tradução para o trecho analisado.

QUADRO 38. Opções de tradução para a expressão “*toss the curtains of a pavilion*” (PG, p. 85)

OR *Certain agents I found to have the power to shake and to pluck back that fleshly vestment, even as a wind might **toss the curtains of a pavilion**.*

EDI Descobri que certos reagentes tinham o poder de abalar e fazer recuar essa vestimenta de carne, como o vento **agita as cortinas de um pavilhão**.

CSN Descobri que certas substâncias tinham o poder de sacudir e arrancar

essa vestimenta carnal, da mesma forma como um vento é capaz de **agitar as cortinas de uma tenda**.

LPM Descobri que certos agentes têm o poder de abalar e arrancar esse invólucro de carne, assim como uma ventania pode **tirar as cortinas de um pavilhão**.

Nas traduções analisadas, tanto EDI quanto LPM utilizaram a palavra “pavilhão”, criando uma imagem bastante estranha, principalmente porque se referiram às “cortinas de um pavilhão”. Ao pesquisarmos o termo no *Corpus* do Português, temos 597 ocorrências da palavra pavilhão nos *subcorpora* dos séculos XIX e XX. Dessas, 147 são de textos brasileiros, das quais temos como os oito colocados mais frequentes os seguintes (número de ocorrências):

pavilhão de Exposições (5)

pavilhão de observação (3)

pavilhão do Centro (de Convenções) (3)

pavilhão da orelha (2)

pavilhão das latrinas (2)

pavilhão japonês (2)

Pavilhão da (Bienal) (2)

Pavilhão, Parque (do Ibirapuera) (2)

Quando foi pesquisado apenas o *subcorpus* de português do Brasil, não houve ocorrências da palavra pavilhão com o sentido de “bandeira”. Ao ser adicionada a variante de Portugal, os resultados se mantiveram, e também não houve ocorrências de “pavilhão” com o sentido de bandeira. Por outro lado, CSN optou por traduzir como “tenda”, o que deu ao trecho uma fluência maior e “fugiu” da tradução *prima facie* e pouco idiomática.

b. “*mystic* and the *transcendental*”

No momento em que Jekyll toma a palavra para explicar os fatos ocorridos (lembrando que ele, e apenas ele até esse momento, tinha conhecimento de toda a “verdade”), Stevenson passa a discorrer sobre os acontecimentos, fazendo uma série de referências a outras obras literárias e religiosas.

No trecho “*And it chanced that the direction of my scientific studies, which led wholly toward the **mystic** and the **transcendental**, re-acted and shed a strong light on this consciousness of the perennial **war among my members**.”*”, ao usar as palavras “*mystic*” e “*transcendental*” e tratar da dualidade entre espírito e matéria, o autor poderia estar, segundo Wolf (2005, p. 116-117), fazendo referências a *Patience; or, Bunthorne's Bride*. *Patience* é uma ópera cômica em dois atos, cuja parte que estaria sendo referida por Stevenson transcrevemos a seguir [grifos nossos]:

*“If you’re anxious for to shine in the high æsthetic line as a man of culture rare,
You must get up all the germs of the **transcendental** terms, and plant them ev’rywhere.
You must lie upon the daisies and discourse in novel phrases of your complicated state of mind,
The meaning doesn’t matter if it’s only idle chatter of a **transcendental** kind! And anyone will say
As you walk you **mystic** way
If this young man expresses himself in terms too deep for me, Why, what a very singularly deep young man must be.”*

—Bunthorne

(The Gilbert & Sullivan Very Light Opera Company, 2002)

Mas a presença da referência à *Patience* não é unanimidade entre os estudiosos da obra de Stevenson. Segundo Linehan (2003, p. 48), esse mesmo trecho, seria na realidade uma referência a Tiago 4:1, onde se lê: *From whence come wars and fightings among you? come they not hence, even of your lusts that **war in your members**?* [De onde vêm as guerras e pelejas entre vós? Porventura não vêm disto, a saber, dos vossos deleites, que nos vossos membros guerreiam?]¹⁴⁷ (*King James Bible*) [grifo nosso]. O Quadro 39 mostra as opções tradutórias das três obras analisadas.

¹⁴⁷ De: Almeida Corrigida Revisada Fiel. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/tg/4>. Acesso em: 15.ago.2013.

QUADRO 39. Opções tradutórias para as expressões “*mystic and the transcendental*” e “*war among my members*” (PG, p. 85)

OR *And it chanced that the direction of my scientific studies, which led wholly toward the **mystic** and the **transcendental**, re-acted and shed a strong light on this consciousness of the perennial **war among my members**.*

EDI Quis o acaso que meus estudos científicos, inteiramente dedicados **ao terreno do místico e do transcendental**, passassem a derramar uma luz profusa sobre essa consciência da eterna **guerra entre meus dois componentes**.

CSN E aconteceu por acaso que o direcionamento de meus estudos científicos, que tendiam **para o místico e o transcendental**, fez efeito e lançou luz forte nessa consciência da permanente **guerra entre minhas partes**.

LPM . E, aconteceu que a direção de meus estudos científicos, a qual era completamente voltada **para o místico e o transcendental**, reagiu, e iluminou essa consciência da perene **guerra entre minhas partes**.

As três optaram por “místico” e “transcendental” como traduções de *mystic* e *transcendental*, embora EDI tenha acrescentado a palavra “terreno”, deixando a frase mais idiomática. Com relação ao trecho “*war among the members*”, se considerarmos que há uma referência a Tiago 4:1, conforme afirma Linehan (p. 48), as palavras encontradas no *site Bíblia Online* para a tradução de *members* são: “membros” (Almeida Corrigida e Revisada Fiel, Almeida Revisada Imprensa Bíblica, Sociedade Bíblica Britânica e Versão Católica) e “paixões” (Nova Versão Internacional).

Como visto no Quadro, nenhuma das edições analisada traduziu a palavra *members* dessas maneiras. Ao analisarmos o *Corpus* do Português (Quadro 40), temos apenas três ocorrências de “minhas partes”, das quais duas referem-se aos órgãos sexuais. Assim, levando-se em consideração que o uso da expressão “minhas partes” pode evocar um significado sexual (aparentemente não pretendido por Stevenson nesse trecho), as traduções de CSN e LPM podem ser consideradas inadequadas, já que a expressão “minhas partes” pode fazer uma referência às partes íntimas da pessoa.

QUADRO 40. Ocorrências da expressão “minhas partes”, *Corpus do Português*

Os vestidos levantados, gritavam: Olha debaixo **minhas partes** meu ardente amor E quando alguém propunha o

E, no final, era muito doloroso juntar as **minhas partes** e como se eu me tivesse fragmentado em mil pedaços e

O João, ele, Ela, Eles pegam as **minhas partes** e na frente e atrás. Acordo, ela me masturba

c. “*independent denizens*”

No trecho seguinte, em que Jekyll fala de “*multifarious, incongruous, and independent denizens*”, Stevenson está fazendo inferências aos muitos estudos sobre personalidades múltiplas que estavam amplamente disseminados em sua época, e que o autor certamente leu e pelos quais se interessava. As traduções analisadas expressam bem essa ideia. Como é possível observar no Quadro 41, EDI optou por traduzir “*independent denizens*” como sendo “habitantes independentes”. Já CSN traduziu o termo como “indivíduos [...] e independentes”. Por fim, na tradução da LPM lê-se “[estado] [...] independente de vários alienígenas”.

QUADRO 41. Opções de tradução para a expressão “*independent denizens*” (PG, p. 83)

OR [...] *mere polity of multifarious, incongruous, and independent denizens*
[...]

EDI [...] uma mera sociedade organizada de **habitantes independentes**,
variados e incongruentes [...]

CSN [...] uma, sociedade onde convivem **indivíduos** múltiplos, contraditórios e
independentes [...]

LPM [...] um mero estado multifacetado, incongruente e independente de
vários **alienígenas** que nele fixam residência [...]

As duas primeiras traduções reforçaram a noção de que o corpo seria um mero recipiente que abrigaria diferentes personalidades, indivíduos com vontades e

crenças diferentes e não necessariamente relacionadas. A tradução da LPM, por outro lado, ao optar pelo termo “alienígenas”, parece querer expressar que as personalidades seriam “visitantes”, “estrangeiras”, ou seja, vindas de fora, para dominar e habitar o corpo. Esta interpretação está bastante alinhada com a corrente que afirma que este texto de Stevenson estaria fazendo inferências ao alcoolismo¹⁴⁸.

d. “polar twins”

Mais adiante, Jekyll cita os dois irmãos gêmeos brigando no ventre de sua mãe (*“in the agonised womb of consciousness, these polar twins should be continuously struggling”*). Segundo Wolf (2005, p. 117), o autor poderia estar aludindo ao trecho bíblico que fala de Esaú e Jacó (Gênesis 25, 22-23), onde se lê: *“The children struggled together within her [Rebeca]”*. Essa possibilidade de referência torna-se ainda mais concreta se lembrarmos de que Stevenson viveu cercado de leituras bíblicas, não apenas de seus pais, como também de sua babá.

O termo “polar twins” contém as duas ideias centrais da frase: o fato de serem “irmãos gêmeos” e, portanto, serem originados da mesma “mãe” e o fato de, ao contrário do que se costuma esperar de gêmeos, não serem iguais, nem pouco diferentes, mas opostos.

QUADRO 42. Opções de tradução para a expressão “polar twins” (PG, p. 84)

OR *It was the curse of mankind that these incongruous fagots were thus bound together that in the agonised womb of consciousness, these **polar twins** should be continuously struggling.*

EDI A maldição da humanidade era o fato de aqueles dois lados incongruentes estarem unidos — que no útero angustiado da consciência aqueles **duplos polarizados** tivessem que ficar continuamente lutando.

CSN Foi a maldição da humanidade que esses dois ramos incompatíveis tivessem sido amarrados juntos dessa maneira — que no agoniado ventre da consciência aqueles **gêmeos de características opostas** deversem estar em luta permanente.

¹⁴⁸ Para maiores detalhes sobre essa interpretação da história de Jekyll e Hyde, consulte REED Jr., T. L., 2006. e/ou sua resenha em LILIENFELD, J. p. 136-138, outono 2007.

LPM A maldição do gênero humano foi a de que esses ramos incompatíveis ficassem fortemente amarrados um ao outro — que esses **gêmeos polares** vivessem em luta contínua no angustiado útero da consciência.

O Quadro 42 mostra as opções de tradução encontradas nas obras analisadas. A tradução mais literal, da LPM, não esclarece muito ao leitor sobre a dualidade e as diferenças entre ambos os “irmãos”. O termo “polares” acaba criando uma expressão ambígua, que pode ser entendida como se ambos morassem nos polos, fossem de uma região fria, ou que ambos estivessem em polos opostos.

CSN optou por fazer uma tradução parafraseando o significado de “*polar*”, enquanto EDI utiliza a palavra “polarizados”. Esta última opção, ao ser pesquisada em sua forma lematizada (polarizad*), embora seja utilizada em língua portuguesa com a ideia de “oposto” (como em “politicamente polarizado”), aparece em diversas ocorrências de textos de física (como em “luz polarizada”) e com a noção de “concentrada”, como em “uma geração que acabou polarizada em...”. A tradução da EDI optou pela palavra “duplo”, para a tradução de “*twins*”. Segundo Linehan (p. 49), Stevenson teve diversas influências que podem tê-lo levado a se interessar por esse tema. A primeira delas, já citada, foi sua criação em meio a um ambiente de fé religiosa estrita, onde “céu” e “inferno”, “pecador” e “inocente”, “culpa” e “perdão” eram temas bastante frequentes nas histórias infantis e nos textos bíblicos. Além disso, podem ter influenciado Stevenson a escrever sobre o tema do “duplo” a lenda escocesa de Deacon Brodie¹⁴⁹; e o romance de James Hogg (*The Private Memoirs and Confessions of a Justified Sinner*, de 1824)¹⁵⁰.

O Quadro 43 ilustra as ocorrências do termo “polares” em textos escritos em português do Brasil, entre os anos 1800 e 1900, segundo pesquisa no *Corpus* do Português. Das 86 ocorrências, 39 eram de textos brasileiros. Nestas, os principais termos que coocorreram com a palavra “polares” foram relacionados ao campo semântico da geografia (por exemplo, “coordenadas polares”, “regiões polares” e “calotas polares”), da química (como em “grupos polares”, ocorrências números 37 e 38, Quadro. 43). Há apenas duas ocorrências do termo “polares” com a acepção

¹⁴⁹ Um artesão que trabalhava como mestre durante o dia e cometia furtos e roubos durante a noite.

¹⁵⁰ No qual um jovem calvinista escocês encontra o diabo e, sem reconhecê-lo como tal, sente-se como um dos “Eleitos” e fica fascinado pela entidade maligna.

apresentada na tradução da LPM (linhas 34 e 35), o que comprova o uso do termo nesse contexto, mas revela sua baixa ocorrência no *corpus* em questão. .

QUADRO 43. Ocorrências do termo “polares”, *Corpus* do Português

CORPUS DO PORTUGUÊS			ACCESS: 3/5
MILLION WORDS, 1300s-1900s			history lists profile logout
SEE CONTEXT: CLICK ON WORD OR SELECT WORDS + [CONTEXT] [HELP...]			COMPARE ? SIDE BY SIDE
		CONTEXT	FREQ
KEYWORD IN CONTEXT DISPLAY			Help / information / contact
SECTION: 1800s,1900s (86)			
CLICK FOR MORE CONTEXT [?] SAVE LIST CHOOSE LIST CREATE NEW LIST [?]			
1 19N:Br:Recf	A B C	, mas os cientistas acreditam que ela tenha evaporado ou esteja congelada sobre as calotas polares . " O fato de um dilúvio ter ocorrido significa que já houve muita água	
2 19Ac:Br:Enc	A B C	seria responsável pelo descongelamento das calotas polares e conseqüente aumento do nível do mar, além, é claro, do grande	
3 19Ac:Br:Enc	A B C	a irradiação do calor da atmosfera para o espaço. Com o degelo das calotas polares , algumas cidades litorâneas podem desaparecer sob o nível dos oceanos. Tais idéias	
4 19Ac:Br:Enc	A B C	do homem, hoje são encontrados em quase todo o mundo, exceto nas regiões polares . As espécies selvagens habitavam as florestas abertas e pradarias. A atividade é	
5 19Ac:Br:Enc	A B C	todos os oceanos e em todas as latitudes e longitudes. Muitas habitam as regiões polares , outras vivem nos trópicos. Diversas espécies migram constantemente entre os	
6 19Ac:Br:Enc	A B C	das baleias está intimamente relacionada ao ciclo reprodutivo. No verão concentram-se nos mares frios polares e subpolares, onde encontram alimento em abundância,	
7 19Ac:Br:Enc	A B C	elefantes marinhos Estas três famílias agrupam trinta e uma espécies, distribuídas principalmente nas regiões polares e sub-polares dos hemisférios norte e sul. Poucas	
8 19Ac:Br:Enc	A B C	, sendo mais conhecido o Krill (Euphausia superba). É abundante nas águas polares , sendo um elo fundamental na cadeia trófica destas regiões. O Krill	
9 19Ac:Br:Enc	A B C	oceanos e mares do planeta, desde as águas quentes do equador até as regiões polares ártica e antártica. O formato do corpo é extremamente variado, dependendo do	
10 19Ac:Br:Enc	A B C	a pele fornece isolamento térmico a estas aves que vivem nos ambientes gelados das regiões polares e subpolares do hemisfério sul. Os olhos são protegidos por uma r	
11 19Ac:Br:Enc	A B C	Alimentam-se principalmente de pequenos peixes e de Krill, um crustáceo abundante nas águas frias polares , similar a um pequeno camarão. São capazes de mergulhar	
12 19Ac:Br:Enc	A B C	os dois núcleos polares ou com o núcleo secundário, fusão esta que dá origem ao núcleo triplóide do	
13 19Ac:Br:Enc	A B C	linha do Equador) e zonas onde os raios solares atuam menos efetivamente (regiões polares). A explicação simples para tal diferenciação baseia-se no fato da forma cu	
14 19Ac:Br:Enc	A B C	, conseqüentemente, em muitos aspectos da vida humana. O degelo acelerado das calotas polares causará um aumento no nível médio dos oceanos. Este aumento já es	
15 19Ac:Br:Enc	A B C	, a temperatura da Terra voltou a subir, gerando o derretimento progressivo das calotas polares e do gelo presente nas regiões circumpolares. Como conseqüência do d	
16 19Ac:Br:Enc	A B C	correntes marinhas superficiais, verdadeiros oásis, cercadas por águas tropicais pobres. Nos mares polares do hemisfério sul, na Antártica, a ressurgência é um fenôme	
17 19Ac:Br:Enc	A B C	uma região de pouca vegetação, constituída geralmente de musgos e líquens. Nas áreas polares , a região é coberta de neve. Embora as condições de vida não sejam	
18 19Ac:Br:Enc	A B C	para que as correntes marítimas se mantenham em atividade constante. Na trajetória das correntes polares para as regiões mais aquecidas ocorre a mistura da água fri	
19 19Ac:Br:Enc	A B C	, são aracnídeos. São animais cosmopolitas, podendo ser encontrados até mesmo nas regiões polares , desertos e fontes de águas termais (onde a temperatura pode fa	
20 19Ac:Br:Enc	A B C	de um grande lago. Em lugares muito gelados, tendo por exemplo as regiões polares , ocorre o inverso, já que o ar quente se encontra em grandes alturas	
21 19Ac:Br:Enc	A B C	elas se tornam um tanto complicadas, sendo melhor introduzir então o conceito de coordenadas polares . Diferentemente das coordenadas cartesianas, em que são defin	
22 19Ac:Br:Enc	A B C	como as distâncias entre o centro das coordenadas e os próprios pontos, as coordenadas polares são definidas por meio de um ângulomedido em radianos e que se inici	
23 19Ac:Br:Enc	A B C	uma distânciaentre o centro do sistema e o ponto em questão. São denominadas coordenadas polares , então, o conjunto de pontos determinados pela dupla ordenada V	
24 19Ac:Br:Enc	A B C	dupla ordenada Vamos ver alguns exemplos de como se indicar um ponto através de coordenadas polares : imagine o ponto (0,1) em coordenadas cartesianas. Este pon	
25 19Ac:Br:Enc	A B C	ponto (0,1) em coordenadas cartesianas. Este ponto é definido em coordenadas polares como já que a distância entre o ponto (0,1) e o centro	
26 19Ac:Br:Enc	A B C	é saber qual é a transformação entre o sistema cartesiano e o sistema de coordenadas polares . Utilizando a noção que temos de trigonometria, podemos facilmente ass	
27 19Ac:Br:Enc	A B C	. Vamos ver agora como é fácil o estudo de uma função dada em coordenadas polares : vamos imaginar o gráfico da função em que vale uma constante r. Neste	
28 19Ac:Br:Enc	A B C	ainda uma incrível quantidade de gráficos curiosos que podem ser esboçados a partir de coordenadas polares , como cardioides (formato de coração), espirais etc. A	
29 19Ac:Br:Enc	A B C	componentes ou então por um ângulo e um módulo, que neste caso chamaremos de coordenadas polares . Podemos indicar a direção de vetores através dos chamados v	
30 19Ac:Br:Enc	A B C	, em um dielétrico. Os dielétricos podem ser divididos em duas categorias: dielétricos polares e não-polares. Os dielétricos polares possuem um momento de dipolo per	
31 19Ac:Br:Enc	A B C	dielétricos podem ser divididos em duas categorias: dielétricos polares e não-polares. Os dielétricos polares possuem um momento de dipolo permanente, ou seja, eles	
32 19Ac:Br:Enc	A B C	), o maior entre os ursos das demais espécies, que habita as regiões polares , e o urso panda,	
33 19Ac:Br:Enc	A B C	da intensidade da incidência de partículas positivas provenientes do Sol é o surgimento das auroras polares mais duradouras e intensas: as partículas positivas provenien	
34 19Ac:Br:Lac:Misc	A B C	criadora e que elimine o acaso: Meu solitário jogo está governado por duas leis polares . A primeira permite-me ensaiar variantes de tipo formal ou psicológico; a segund	
35 19Ac:Br:Lac:Jml	A B C	e estilos políticos vigentes na Primeira República. Quando se pensa em termos de classes polares -burguesia e proletariado- não tem sentido falar em vencedores e ven	
36 19Ac:Br:Lac:Thes	A B C	quais são mais pronunciadas nesta região do que em regiões de baixas-latitudes. Nas calotas polares onde o ângulo horizontal do Sol é relativamente pequeno e pratica	
37 19Ac:Br:Lac:Thes	A B C	simplificado e um aumento de estabilidade do íon molecular. Compostos que contêm muitos grupos polares podem apresentar baixa volatilidade (p.e. açúcares, peptíde	
38 19Ac:Br:Lac:Thes	A B C	condutividade elétrica, por sua vez, ocorre devido à presença de umidade ou grupos polares na cadeia ou ainda pela incorporação de negro-de-fumo condutivo e/ou par	

Se Stevenson estava realmente abordando o tema do “duplo” em seu texto, ainda é um tópico discutido pelos estudiosos do autor. Desse modo, traduzir “*twins*” por “duplo” pode ser uma opção bastante questionável, já que não deixaria ao leitor a possibilidade de refletir, dando-lhe uma interpretação já “pré-fabricada” da dualidade entre Jekyll e Hyde.

Com relação ao “duplo” e sua visão maniqueísta, o pesquisador brasileiro Alfredo Luiz Paes de Oliveira Suppia conclui:

Embora Stevenson tenha de fato optado pela simplificação do dualismo, a novela como um todo acena fortemente, isto sim, para uma recusa do maniqueísmo. Conforme o próprio Dr. Jekyll relata em sua carta confessional, no início seu propósito era o de aprimorar a espécie humana por meio da separação definitiva entre as supostas porções boa e má que compõem o indivíduo. Contudo, com o decorrer de suas experiências, o médico admite que **Hyde sempre fora parte indissociável de sua existência**, bem como levanta a hipótese de que **todo homem haveria de ser duplo, triplo, ou melhor, multifacetado**. Fica claro então, pela carta confessional de Henry Jekyll, o colapso da crença maniqueísta. Em síntese, a obra de Stevenson investe contra o maniqueísmo, e não em sua defesa (SUPPIA, 2006, pp. 139-140) [grifos nossos].

Se pensarmos que é exatamente essa interpretação do “duplo” que o cinema muitas vezes adotou como “oficial” na grande maioria de suas adaptações, utilizar o termo “duplo” pode fazer com que o livro traduzido fique alinhado às versões cinematográficas, criadas para prestigiar pontos que nem todos os críticos consideram que estejam presentes na história original.

Sendo assim, das três traduções apresentadas no Quadro 42, a da CSN parece ser a mais adequada e que menos altera o significado que nos parece ser o pretendido por Stevenson, com base na interpretação da história.

e. “*immaterial tabernacle*”

Prosseguindo em sua narrativa, Stevenson volta a fazer referências bíblicas, ao citar “*that immaterial tabernacle which I looked to it to change*”.

O Quadro 44 mostra as opções de tradução para o referido trecho.

QUADRO 44. Opções de tradução para o termo “*immaterial tabernacle*” (PG, p. 85)

OR *I knew well that I risked death; for any drug that so potently controlled and shook the very fortress of identity, might by the least scruple of an overdose or at the least inopportunity in the moment of exhibition, utterly blot out that **immaterial tabernacle** which I looked to it to change.*

EDI Hesitei muito antes de fazer com que essa teoria fosse posta em prática. Bem sei que me arrisquei a morrer, pois qualquer droga capaz de controlar de forma tão poderosa e abalar os próprios pilares da identidade poderia, no caso de uma overdose ou da menor inconveniência no momento da administração, destruir completamente aquele **tabernáculo incorpóreo** que eu, a ela recorria para modificar.

CSN Eu sabia muito bem que arriscaria a vida; já que qualquer droga que controlasse e abalasse de maneira tão poderosa a própria fortaleza da identidade poderia, com apenas um grama a mais da dosagem correta, ou diante de qualquer erro na escolha do momento apropriado para administrá-la, destruir por completo essa **moradia temporária** e imaterial que eu pretendia modificar..

LPM Eu sabia da existência de riscos fatais, uma vez que qualquer droga tão potente que pudesse abalar a fortaleza da identidade poderia, mesmo por uma pequeníssima overdose, ou por um pequeno erro no momento de ser administrada, destruir aquele **tabernáculo imaterial** que eu procurava modificar.

No trecho em questão, segundo Wolf (2005, p. 118), Stevenson estaria fazendo uma referência aos trechos bíblicos encontrados em Coríntios 3: 16-17 e Coríntios 6: 19, em que se lê, respectivamente:

"...Não sabeis vós que sois o templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós? Se alguém destruir o templo de Deus, Deus o destruirá; porque o templo de Deus, que sois vós, é santo..." (I Coríntios 3:16-17).

" Ou não sabeis que o vosso corpo é o templo do Espírito Santo, ... (Coríntios 6:19).

Mas nem todos os pesquisadores são unânimes quanto a indicar a presença dessa referência. Katherine Linehan cita Pedro 1:13-14 como sendo a passagem bíblica que estaria sendo referida. Nesses dois versículos, temos que o corpo é um envoltório perecível da alma (LINEHAN, 2003, p. 50), o “tabernáculo” seria então, segundo a estudiosa da obra de Stevenson, entendido como o santuário usado nos tempos bíblicos durante as caminhadas dos israelitas em celebrações religiosas pelas áreas campestres.

Independentemente de qual passagem bíblica esteja presente, as versões anotadas concordam que há uma referência bíblica nesse trecho. Assim, ao analisarmos as traduções, nos parece necessário levar essa informação em consideração. EDI e LPM utilizaram a palavra “tabernáculo” na tradução desse trecho. Esse termo é bastante frequente nos textos bíblicos. Já a opção de CSN (moradia), não é tão frequente, podendo inclusive ser encontrada em textos técnicos e comerciais. Caso a tradução tivesse optado pelo termo “morada”, entretanto, o resultado seria bem mais próximo do significado pretendido.

f. “good pleasure”

Mais adiante nessa narrativa, Stevenson usa a expressão “*good pleasure*”, na frase “*sent forth alone to do his good pleasure*”, que descreve as atitudes de Hyde, quando “liberto” de Jekyll. Essa expressão é bastante comum nos textos bíblicos em inglês (LINEHAN, 2003, p. 53) (por ex., em *Psalms* 51:18; *Luke* 12:32; *Philippians* 2:13, todos na versão da *King James Bible*).

QUADRO 45. Opções de tradução para o termo “*good pleasure*” (PG, p. 91)

OR *This familiar that I called out of my own soul, and sent forth alone to do his **good pleasure**, was a being inherently malign and villainous.*

EDI Aquele ser familiar, que eu extraíra de minha própria alma e que soltara no mundo sozinho para fazer **o que lhe aprofesse** [sic.], era um ser de malignidade e vilania inerentes; [...]

CSN Aquele íntimo que eu convocava em minha própria alma e deixava partir sozinho em busca **de seu prazer** era um ser maligno e perverso; [...]

LPM Esse parente que chamei das entranhas da minha própria alma, e permiti

que saísse sozinho para **satisfazer seus próprios desejos**, era um ser inerentemente maligno e torpe.

O Quadro 45 traz as opções tradutórias das três publicações analisadas. Nas traduções analisadas, foram utilizados “o que lhe afovesse” (EDI), “seu prazer” (CSN) e “seus próprios desejos” (LPM). Na busca realizada no *site Bíblia Online*, “desejo” aparece diversas vezes como verbo, mas muito poucas como substantivo. Já a busca por “prazer” retorna trechos que utilizam as palavras “gozo” e “regozijo”. Desse modo, das três traduções analisadas, a que mais se assemelharia a uma passagem bíblica é a da EDI, que utiliza um verbo mais formal e com maior ocorrência em textos mais antigos.

g. “*the Babylonian finger*”

Mais adiante nesse capítulo, Stevenson cita “*the Babylonian finger on the wall, to be spelling out the letters of my judgment*” que faz uma clara referência ao episódio bíblico em que o Rei Belshazzar da Babilônia vê que “*Suddenly the fingers of a human hand appeared and wrote on the plaster of the wall, near the lampstand in the royal palace.*” (NKJV, Daniel 5:5). Na passagem bíblica, o que está escrito na parede é revelado pelo profeta Daniel como sendo sinal da punição iminente de Deus, pois o Rei tinha se levantado contra as vontades divinas (LINEHAN, 2003, p. 54). A imagem a que Stevenson se refere também foi objeto de grandes pintores como Rembrandt (em 1635) (ver Fig. 25), John Martin (em 1820), entre outros (DAVIDSON, 2003, p. 69).

FIGURA 25. Belshazzar’s Feast, Rembrandt (1635).

Fonte: *National Gallery*, Londres.

O Quadro 46, a seguir, mostra as opções de tradução para esse trecho.

QUADRO 46. Opções de tradução para “*the Babylonian finger on the wall*” (PG, p. 94)

OR *This inexplicable incident, this reversal of my previous experience, seemed, like the **Babylonian finger on the wall**, to be spelling out the letters of my judgment; [...]*

EDI Aquele incidente inexplicável, aquela reversão de minha experiência prévia parecia estar, como **o dedo que na Babilônia apontava para o muro**, dizendo em voz alta o resultado de meu julgamento; [...]

CSN Aquele incidente inexplicável, a reversão da minha experiência anterior, parecia, como **o dedo babilônico na parede**, estar soletrando, letra por letra, a minha sentença [...]

LPM Aquele incidente inexplicável, a inversão de minha experiência anterior, começou a me parecer com **o dedo no muro da Babilônia**, desenhando cada letra do meu julgamento; [...]

Das traduções analisadas, EDI ficou bastante distante da passagem bíblica (“como o dedo que na Babilônia apontava para o muro”), pois afirma que o dedo

“apontava” para o muro. A tradução de CSN também ficou bastante questionável (“o dedo babilônico na parede, estar soletrando, letra por letra”), já que utilizou a tradução literal de “*Babylonian finger*” e ainda incorreu em um vício de linguagem (pleonasma) ao traduzir “*spelling out the letters*” como “soletrando, letra por letra”. A tradução da LPM (“o dedo no muro da Babilônia”) também ficou bastante afastada do sentido da passagem bíblica, já que passa ao leitor a impressão de que há um dedo no muro, uma imagem bastante estranha e difícil de ser relacionada com a situação bíblica, em que o dedo escreve no muro.

Desse modo, neste trecho, acreditamos que nenhuma das três traduções conseguiu aproximar o leitor do significado pretendido, já que as três acabaram distorcendo a imagem narrada. Talvez fosse uma estratégia interessante o tradutor ter optado por alguma outra imagem que fosse mais familiar ao leitor, já que essa referência não parece ser relacionada ao restante da narrativa. O uso de alguma outra passagem bíblica, que passasse a noção de algo que estivesse apontando que ele era culpado.

h. “city of refuge”

A seguir, enquanto fala sobre os fatos passados, em seu relato, Jekyll diz que vivia “refugiado” em si mesmo, procurando evitar que Hyde voltasse a se manifestar. A frase que Stevenson utiliza é: *Jekyll was now my city of refuge; let but Hyde peep out an instant, and the hands of all men would be raised to take and slay him*. Nessa frase há duas referências bíblicas: “city of refuge” e “the hands of all men”.

City of refuge é uma região afastada, criada para dar abrigo para as pessoas que tenham cometido crimes, mas não sejam culpadas (assassinatos acidentais, por exemplo). Tal expressão encontra-se, entre outras, em *Numbers* 35:9-34; *Deuteronomy* 4:41; *Joshua* 20:1-9 (LINEHAN, 2003, p. 57). Em português, analisando os textos disponibilizados no site *Bíblia Online*, a tradução mais recorrente para *city of refuge* nas referidas passagens bíblicas foi: “cidades de refúgio”.

QUADRO 47. Opções de tradução para “city of refuge” e “hands of all men” (PG, p. 99)

OR *Jekyll was now my **city of refuge**; let but Hyde peep out an instant, and **the hands of all men** would be raised to take and slay him.*

EDI Jekyll era agora meu **local de refúgio**; mas se Hyde aparecesse, por um instante que fosse, **as mãos de todos os homens** estariam a postos para apanhá-lo e dar-lhe um fim.

CSN Agora Jekyll era para mim a **cidadela onde eu me refugiava**; bastava que Hyde espiasse do lado de fora por um instante sequer, e **as mãos de todos os homens** se ergueriam para capturá-lo e matá-lo.

LPM Jekyll era agora **meu refúgio**; bastava deixar que Hyde escapasse por um instante para que **todos os homens** se levantassem para pegá-lo e matá-lo.

No Quadro 47 observam-se as opções de tradução para “city of refuge”. Nas traduções analisadas, EDI optou por traduzir como “local de refúgio”, CSN como “cidadela onde eu me refugiava” e LPM como “meu refúgio”. Todas conseguiram exprimir a ideia de que ele estava querendo isolar-se em si mesmo, mas as três

deixaram de lado a palavra “cidade” na tradução. Não é possível inferir se isso foi feito por desconhecimento da referência bíblica ou se foi proposital. Afinal, o tradutor pode ter percebido que havia uma referência bíblica. Contudo, por considerar que o termo “cidades de refúgio” não seria conhecido dos leitores, pode ter optado por fazer uma tradução mais idiomática, deixando de lado o significado expressivo do termo.

i. “the hands of all men”

No mesmo trecho, contudo, com a expressão “*the hands of all men*” é feita referência à profecia que se encontra em Gênesis 16:12 (LINEHAN, 2003, p. 57). Na versão da King James, lê-se “*his hand will be against every man, and every man's hand against him*”. A tradução desse trecho, segundo o *site Bíblia Online*, é: “sua mão será contra todos, e a mão de todos contra ele”. Com relação à tradução da obra analisada, EDI e CSN traduziram *the hands of all men* como “as mãos de todos os homens” e LPM como “todos os homens”. Como esta referência bíblica é bastante sutil, e sua tradução não tem marcas muito características, não é possível inferir se as traduções foram feitas levando em consideração o texto bíblico ou não.

j. “least scruple”

Em sua narrativa, Stevenson utiliza alguns termos polissêmicos, como a palavra *scruple*. *Scruple*, segundo o *Webster's Revised Unabridged Dictionary*, é uma unidade de peso que equivale a 20 grãos (aproximadamente 1,3 gramas) e também pode ter um sentido de “preocupação moral ou ética que impede ou age como força restritiva de certas ações”. Stevenson pode ter escolhido essa palavra pelo seu duplo sentido, pela possibilidade de interpretarmos a frase de duas maneiras. O sentido físico, ou seja, como “*scruple*” sendo uma pequena quantidade, ou com o sentido de “pedregulho”, ou como um impedimento ético ou moral. O Quadro 48 mostra as três opções de tradução para a expressão.

QUADRO 48. Opções de tradução para a expressão “*least scruple*” (PG, p. 85)

OR [...] *might by the least scruple of an overdose* [...].

EDI [...] no caso de uma **overdose** [...].

CSN [...] com **apenas um grama** a mais da dosagem correta [...].

LPM [...] mesmo por **uma pequeníssima** overdose [...].

Nenhuma das traduções utilizou termos polissêmicos. EDI optou por traduzir o termo por omissão. LPM criou um termo bastante paradoxal (“pequeníssima overdose”), uma vez que *overdose* sempre implica uma dose excessiva, uma dose muito grande. Sendo assim, é conflitante imaginar que possa ser uma dose muito grande e ao mesmo tempo pequeníssima. Já CSN, acabou ficando mais próximo do significado pretendido, embora tenha optado por parafrasear o segmento, e tenha trocado para “grama”. Em português, a palavra “escrúpulo” tem diversos significados, mas não guarda a ideia de unidade de medida.

k. “captives of Philippi”

Mais adiante, Stevenson volta a fazer referências a trechos bíblicos. O trecho “*like the captives of Philippi, that which stood within ran forth*” é claramente uma referência ao trecho bíblico narrado em Atos 16:26, em que Deus visitou uma prisão em Filipos onde o apóstolo Paulo e seu companheiro de cela Silas estavam presos (LINEHAN, 2003, p. 52). O trecho bíblico original (DAVIDSON, 2003, p. 65) seria: “*And suddenly there was a great earthquake, so that the foundations of the prison were shaken: and immediately all the doors were opened, and every one's bands were loosed*” (NKJV, Acts, 16:26).

QUADRO 49. Opções de tradução para “*captives of Philippi*” (PG, p. 89)

OR [...] *and like the **captives of Philippi**, that which stood within ran forth.*

EDI [...] como os **prisoneiros de Filipos**, o que estava do lado de dentro correu para fora.

CSN [...] como os **prisoneiros de Filipos**, quem se encontrava do lado de dentro corria para fora.

LPM [...] como **cativos de Phillipi**, aquele que estava dentro correu para fora.

Como é possível observar no Quadro 49, a tradução da LPM é literal e *prima facie*. Conforme a pesquisa feita no *Corpus* do Português (Quadro 50), das 26 ocorrências de “cativos”, notamos que o termo pode referir-se a pessoas aprisionadas, mas em maior frequência refere-se a animais enjaulados, escravos ou, no sentido figurado, a pessoas que foram cativadas por algo, que tem uma afinidade e constância de uso ou acesso a algo (como em “leitores cativos”, ocorrência 1 da figura abaixo). A opção por usar a palavra “prisioneiros” é mais adequada, entretanto, para o leitor brasileiro, acreditamos que a expressão “prisioneiros de Filipos” não seja suficientemente clara. Por ocasião da redação deste capítulo, fizemos uma busca na internet, utilizando a expressão entre aspas. Tivemos como resultado 39 ocorrências. Já seria um número baixíssimo, mas temos de descontar ainda todas as ocorrências em que a expressão aparece por ser um *site* em que foi publicada a tradução do texto de Stevenson. Assim, restou-nos apenas uma ocorrência (no *site* Yahoo Respostas). Nela, um leitor pergunta qual seria o significado de “prisioneiros de Filipo”, mas não obtem resposta exata, apenas um leitor que aparentemente também não sabe o significado¹⁵¹.

Sendo assim, levando em consideração as informações obtidas nas versões anotadas, seria indicado que a tradução desse trecho fosse acrescida de uma nota de rodapé, para explicar aos leitores o significado do termo usado para traduzir “***captives of Philippi***”, de modo a manter no texto traduzido a referência bíblica ou pelo menos informar sua existência no texto original.

Assim encerramos a análise contrastiva das três traduções. A seguir, abordaremos uma das estratégias usadas para esclarecer aspectos que o autor ou o tradutor achem importantes: as notas de rodapé.

¹⁵¹ Transcrevo a resposta “Como os prisioneiros foram todos mortos, não sobrou nenhum prá contar a história real. Só permaneceu a lenda”. (Disponível em <https://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20080815130506AA4ProH>. Acesso em: 10.jan.2014)

QUADRO 50. Ocorrências da palavra “cativos”, *Corpus do Português*.

CORPUS DO PORTUGUÊS

45 MILLION WORDS, 1300s-1900s

ACCESS: 3/5

history | lists | profile | logout

DISP

SEE CONTEXT: CLICK ON WORD (ALL SECTIONS) OR NUMBER (SPECIFIED SECTION)

[HELP...]

SEC 1: 30,000,736 WORDS

SEC 2: 2,189,415 WORDS

WORD/IMAGE

TOKENS 1

TOKENS 2

PM 1

PM 2

RATIO

WORD/IMAGE

TOKENS 1

TOKENS 2

PM 1

PM 2

RATIO

KEYWORD IN CONTEXT DISPLAY

Help / information / contact

CLICK FOR MORE CONTEXT

[?]

SAVE LIST

CHOOSE LIST

CREATE NEW LIST

[?]

19Or:Br:Intrv:Web

A B C

que faço - - isso é uma prova de que é possível sim conseguir leitores **cativos** para nossos quadrinhos. O Henrique Magalhães tem feito um belo trabalho com a Marc

19Or:Br:Intrv:Web

A B C

A colônia foi transformando e crescendo e diversificou as atividades. Você tem histórias de **cativos**, de escravos, de negros escravizados que já podiam comprar sua

19:Fic:Br:Abreu:Santa

A B C

a primeira das fazendas fora um presente do pai, comerciante abonado no comércio de **cativos** e maldizente da sina de jamais ter sido aceito pelos grandes do lugar

19:Fic:Br:Dantas:Cartilha

A B C

, não pensar no marido nem no filho - ali sujeitos à mesma desgraça, **cativos** da fúria do destino - senão como pessoas que podiam socorrê-la, ajudá-la a se

19:Fic:Br:Gomes:Rios

A B C

não o eram, de modo que os nossos haviam também feito certo número de **cativos**, e como sói acontecer co' os gentios, que se acometem e,

19:Fic:Br:Gomes:Rios

A B C

tamoyo prisioneiro, o que haveria de me granjear fama entre os maracajás, aqueles **cativos** poriam tudo a perder, contando de minha ingloria captura de Nheengata

19:Fic:Br:Penna:Menina

A B C

consolo. Quando se aproximou das escadas o humilde cortejo, com estranha confusão de **cativos** e de senhoras envoltas em sedas negras, ele não o esperou no por

19:Fic:Br:Penna:Menina

A B C

colunas de madeira feitas de tronco de árvores enormes apenas desbastadas pela enxó dos carpinteiros **cativos** e que formavam a varanda do lado da senzala das r

19:Fic:Br:Queirós:Galo

A B C

. Tão diferente de todo homem que havia na Ilha: ou soldado, tudo **cativos** da farda, ou trabalhador desses que pegam na enxada de sol a sol,

19:Fic:Br:Resende:Braco

A B C

. Correntes se arrastam de madrugada e por estes montes gemem as almas dos negros **cativos**. Se essa velha do xale é a avó da baronesa, deve aparecer é

19:Fic:Br:Faras:Mestre

A B C

, e que doutra ilha vêm aqui almadias a pelejar com eles e os levam **cativos**. Quanto, Senhor, ao outro ponto, saberá Vossa Alteza que, acerca

19:Fic:Br:Lopes:Lendas

A B C

dos.. E aí parou, porque os olhos de amor, tão soberanos e **cativos**, em mil vidas de homem outros se não viram.. Parou.. e a

19:Fic:Br:Lopes:Lendas

A B C

teiniaguá, onde reinavam os olhos dela, olhos de amor, tão soberanos e **cativos** como em mil vidas de homem outros se não viram.. E por certo por

19:Fic:Br:Neto:Mano

A B C

ferida em um ponto, pela flor decídua. NA JAULA Sentem-na os míseros leões **cativos**; sentem-na nos eflúvios; sentem-na no aroma que lhes chega com a aragem;

19:Fic:Br:Neto:Mano

A B C

festa, na era de maior ventura para os livres, é que os leões **cativos** atroam as noites indo e vindo na jaula em fúria desesperada. Melhor seria que

19:Fic:Br:Neto:Mano

A B C

lembrança constante do bem que se me foi, como chega ao faro dos felinos **cativos** a fragrância das florestas? E agora, mais do que nunca, punge-me a

19:Fic:Br:Neto:Mano

A B C

. E ele? Assim como o aroma das brenhas irrita, enfurece os leões **cativos**, assim essa alegria da vida aumenta o meu desespero. Fora melhor para as

19:Fic:Br:Rio:Momento

A B C

, abri a porta das gaiolas, e deixei ganharem o espaço livre aqueles outros **cativos**. Desde aquele momento fui abolitionista de coração. No curso de preparatórios o

19:Fic:Br:Rocha:Dusa

A B C

, e depois da apuração, em que, por ironia da sorte, encontrou **cativos** e ferragens, no fundo da bateia, voltou à lapa, inteiramente desanimado.

19:Fic:Br:Cunha:Sertoos

A B C

Garcia de Resende, são um documento: " Vemos no reino meter, Tantos **cativos** crescer, Irem-se os naturais, Que, se assim for, serão mais Eles

19N:Br:Cur

A B C

, nem antes, nem muito menos depois da emancipação política em 1853. os **cativos**, escreve Magnus Roberto de Mello Pereira, " não eram percebidos como integran

19N:Br:PA

A B C

, no último instante, preferiu desobedecer a ordem de matar o maior número de **cativos** em caso de ataque. E pouco depois acabou morrendo. Após sair da residênc

19N:Br:SCat

A B C

peruano La República. Durante o treinamento, os rebeldes ordenaram que alguns de seus **cativos** - incluindo o embaixador japonês, Morihisa Aoki - entrassem num c

19N:Br:SP

A B C

Revolucionário Tupac Amaru (MRTA). # Há quatro meses, os rebeldes mantêm 72 **cativos** na residência do embaixador japonês em Lima. " Estamos considerando co

19Ac:Br:Enc

A B C

, o que acarretou a ruína política do herói. Teseu e seu amigo tornaram-se **cativos** de Hades e somente quando Héacles realizou sua célebre decida aos Infernos é c

19Ac:Br:Lac:Thes

A B C

instituição escravista já estava arruinada. A Inglaterra pressionava o Império contra o tráfico de **cativos** africanos através do Atlântico. Não tendo outro recurso, o In

5.6 USO DE VARIANTES DA NORMA CULTA NAS FALAS DE CERTOS PERSONAGENS

Stevenson procura marcar as classes sociais e/ou o nível de instrução dos personagens através de sua fala (WOLF, 2005, p. 67). Ele revela propositalmente alguns desvios da norma culta (“erros” de gramática) nas falas de Poole, o mordomo, e do policial, procurando reforçar linguisticamente a separação entre os cavalheiros que protagonizam a trama e os subalternos que servem de apoio ou são personagens coadjuvantes. A seguir, veremos três exemplos dessas ocorrências de variantes dialetais sociais, e como cada publicação lidou com esses aspectos na tradução.

a. “*He don’t*”

No Capítulo 4 do livro *Dr. Jekyll and Mr. Hyde*, em uma conversa entre Mr. Utterson e o inspetor de polícia, no texto original em inglês, o inspetor de polícia utiliza o auxiliar “do” com a terceira pessoa do singular “he”, quando, segundo a gramática normativa da língua inglesa, deveria ter usado o auxiliar “does”.

QUADRO 51. Opções de tradução para a estrutura “*He don’t*” (PG, p. 33)

OR- *Mr. Utterson and the inspector exchanged glances. “He don’t seem a very popular character,” observed the latter.*

EDI Mr. Utterson e o inspetor se entreolharam. **Ele não parece** um homem muito popular — observou o segundo.

CSN Mr. Utterson e o inspetor trocaram olhares. “**Ele não parece** uma figura muito popular”, observou o último.

LPM Mr. Utterson e o inspetor trocaram um olhar. **Ele não parece** ser um tipo muito popular — observou este último.

A intenção de Stevenson, segundo os críticos e as edições anotadas, foi marcar a fala do inspetor com uma variante popular, comum entre os ingleses com nível de escolaridade mais baixo. O esperado seria que, de alguma maneira, as traduções recuperassem esse efeito de sentido.

O Quadro 51 mostra as opções de tradução das três obras pesquisadas.

b. “*he do indeed*”

Nenhuma das traduções utilizou estruturas gramaticais que refletissem a variante linguística utilizada pelo inspetor de polícia na versão original de Stevenson. Esse mesmo apagamento da variante não padrão ocorreu com a fala de Poole no capítulo 2.

QUADRO 52. Opções de tradução para a estrutura “*he do indeed*” (PG, p.21)

OR “Yes, sir, ***he do indeed***,” said Poole. “We have all orders to obey him.”

EDI Sim, senhor; **de fato** — disse Poole. — E temos ordens para obedecê-lo.

CSN “Sim, senhor, **de fato deposita**”, concordou Poole. “Todos nós temos ordens de obedecê-lo.”

LPM Sim, senhor, **isso lá ele tem** - disse Poole. - Todos temos ordens para obedecer-lhe.

O Quadro 52 apresenta as opções de tradução encontradas para o trecho em questão. Neste trecho, a tradução das três editoras não só não utilizou estruturas que evidenciassem que Poole tinha um nível de instrução mais baixo do que Utterson, mas as três optaram por utilizar, logo na frase seguinte, verbos com o pronome em posição de ênclise (pós-posto ao verbo), que são marcas da norma padrão culta. Como o verbo “obedecer” é transitivo indireto, a tradução da LPM (“obedecer-lhe”) é a mais correta, do ponto de vista gramatical. EDI e CSN tendo optado por usar o pronome em ênclise acabaram utilizando uma forma que não seria esperada na fala de uma pessoa com baixo nível de instrução. Sendo assim, nenhuma das três traduções analisadas levou em consideração a estrutura do original para compor o texto traduzido, no trecho em questão.

c. “*main angry*”

Além do uso de variantes da norma culta, representadas por “erros” gramaticais, Stevenson também marca a fala do personagem Poole com alguns

traços de dialetos utilizados na época pelas pessoas de classes sociais mais baixas. Como é o caso da frase “*The man at Maw’s was main angry, sir, and he threw it back to me like so much dirt,*” na fala de Poole para Mr. Utterson no Capítulo 8. Utilizar a palavra *main* com o sentido de “excessivamente” era marca dialetal das classes trabalhadoras de Londres (LINEHAN, 2003, p. 35).

QUADRO 53. Opções de tradução para a expressão “*main angry*” (PG, p. 57)

OR *The man at Maw’s was **main angry**, sir, and he threw it back to me like so much dirt [...].*

EDI O homem do laboratório ficou **bastante irritado**, senhor, e jogou o papel de volta em mim como se fosse lixo [...].

CSN O sujeito lá no Maw **ficou furioso**, senhor, e me jogou o bilhete de volta, como se fosse lixo [...].

LPM O homem da firma Maw ficou **muito irritado**, senhor, e atirou-a em mim, como se fosse lixo [...].

Como vemos no Quadro 53, a tradução da LPM, além de não utilizar expressões que pudessem fazer alusão ao dialeto das classes trabalhadoras, ainda utiliza estruturas bastante elaboradas, mais características da escrita do que da oralidade, como “atirou-a”. A tradução da EDI também utiliza estruturas de linguagem mais formal, como “bastante irritado”. A tradução da CSN parece ter optado por termos mais adequados (“furioso”) e a próclise em “me jogou”, que é uma característica da oralidade. Embora nenhuma das três tenha recuperado o uso de *main* com a marca dialetal que Stevenson havia utilizado no original, a tradução da CSN foi a que mais se aproximou da intenção expressa por Stevenson, de caracterizar Poole como um personagem de classe social mais baixa.

Como já abordado no Capítulo 2, os dialetos são sempre um desafio para o tradutor. Não importa qual seja a decisão tomada, “será sempre um desacerto, um disparate” (MILTON, 2002, p. 52). As opções de tradução, segundo Milton, seriam usar (a) um termo mimético (neste caso, alguma variante da norma culta da língua portuguesa que se aproximasse da fala de um “serviçal”), (b) análogo (“imaginário”, cunhando um termo que carregasse a mesma estrutura variante encontrada no

original) ou (c) pertencente à norma culta (que foi a opção dos três tradutores aqui analisados). Essa opção, embora contestável, parece levar ao mesmo fim que se os tradutores tivessem optado por alguma das outras duas, já que “nenhuma delas teria a autenticidade do original” (p. 52). Sendo assim, nos três casos acima, quaisquer que fossem as opções feitas pelo tradutor, sempre haveria perdas de autenticidade.

Contudo, em nossa opinião, optar pela norma culta leva a um apagamento das marcas que o autor colocou propositadamente no texto. É possível argumentar que esse apagamento não irá provocar uma modificação no entendimento da história. Sim, isso é verdade. Mas também é verdade que esse apagamento provoca perdas, por menores que sejam. Entretanto, como em qualquer tradução, sempre haverá alterações e sempre poderá haver perdas.

5.7 NOTAS DE RODAPÉ: A VEZ E A VOZ DO TRADUTOR

Há quem diga que as notas de rodapé “cortam” o texto, tornam a leitura truncada e que alguns leitores não gostam de ler essas notas, e simplesmente as ignoram. Por outro lado, algumas editoras que se dirigem a um público mais erudito e/ou acadêmico têm produzido diversas obras com muitas notas de rodapé¹⁵². Em nossa opinião, as notas de rodapé são sempre um acréscimo de informações que ajudam a compreender melhor o livro que está sendo lido. Quando acrescentadas pelo tradutor, além de servirem de canal de comunicação entre o tradutor e o leitor, são o momento em que as pesquisas realizadas durante o processo tradutório podem ser explicitadas, ajudando a aumentar o entendimento da obra que está sendo lida, recuperando as referências, revelando traços de intertextualidade e, inegavelmente, fazendo a voz do tradutor ser ouvida.

A obra *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde* tem diversos termos que mereceriam ser explicados em mais detalhes. Sendo assim, chama a atenção o número relativamente pequeno de notas de rodapé nas traduções analisadas. Em

¹⁵² Entre as editoras que têm publicado obras com um número significativo de notas de rodapé contendo observações feitas pelos tradutores, podemos citar a Editora 34, com diversas publicações contendo mais de duas centenas de notas de rodapé escritas por literatos e acadêmicos especialistas na obra e/ou no autor publicado; e a própria Editora Ediouro, que utiliza notas de rodapé principalmente nos livros mais recentes e naqueles cuja cultura do texto original seja muito diferente tornando, portanto, as notas mais necessárias.

geral, o leitor acostumado aos livros traduzidos, sabe que essas notas não costumam ser um achado frequente, infelizmente. Nas traduções analisadas, a realidade não foi diferente. No total, somando todas as notas das três edições, encontramos apenas cinco notas de rodapé.

A tradução publicada pela EDI apresenta apenas duas notas (assinaladas no rodapé do texto como N. do T.). A primeira foi usada para explicar o significado de “*Juggernaut*”¹⁵³. A tradução da LPM, “jaganata”, também foi acrescida de uma nota de rodapé¹⁵⁴. Em ambas as notas são dadas informações sobre o local de uso do termo (“Índia”), e ambas citaram o fato de os “fiéis” (EDI)/“fanáticos” (LPM) se atirarem sob as rodas desse “carro”. Como já comentado anteriormente, consideramos essas informações importantes para a compreensão do trecho e para que o leitor tenha a imagem expressa no original.

A segunda nota de rodapé da obra publicada pela EDI foi usada para explicar o trocadilho contido na frase “*If he be Mr. Hyde,*” [...], “*I shall be Mr. Seek.*”, cuja tradução foi “Se ele é Mr. Hyde”, [...], “então serei Mr. Seek.” E a nota explica “Trocadilho com as palavras homófonas ‘Hyde’ e ‘hide’ (esconder-se), opondo-se a ‘seek’ (procurar)” (EDI, p. 638). Para esse trocadilho, as opções das outras duas traduções foram “‘Se Mr. Hyde quer se esconder’, pensava, ‘não me importo em procurar’”, na tradução da CSN, e “‘Se esse Hyde gosta de brincar de esconde-esconde’, pensou, ‘eu posso contar até cem’.” (LPM). Ambas acabaram abrindo mão de tentar fazer um trocadilho com o nome Hyde, e optaram por introduzir uma referência à brincadeira de “esconde-esconde”. Aos leitores que sabem inglês, e estão atentos à sonoridade do nome Hyde, e ao significado da palavra *hide* usar a brincadeira de esconde-esconde pode ter um resultado interessante. Por outro lado, para o leitor desatento, ou que não saiba inglês, o trocadilho fica perdido.

A LPM acrescentou, no total, três notas de rodapé. Somente essa editora acrescentou uma nota para explicar a citação de “*Damon and Pythias*” (PG, p. 14). Além de fazer menção à grafia correta do nome do segundo deles (“A forma correta seria Damon e Phintias.”; [LPM, p. 201]), a nota fornece informações que procuram

¹⁵³ Nessa nota, lê-se: “Na tradição hindu, carro ‘conduzido’ pela imagem de Krishna sob cujas rodas atiravam-se os fiéis, que morriam esmagados”.

¹⁵⁴ Nela lê-se: “Ídolo da Índia, levado em procissão num carro, sob o qual fanáticos se atiravam”.

explicar a citação¹⁵⁵. As outras duas notas de rodapé da tradução da LPM foram usadas para explicar o significado da expressão latina *pede claudo* (“Com passos trôpegos”; [LPM, p. 206]) e a tradução de M.P. (“Membro do Parlamento”; [LPM, p. 214]). A tradução publicada pela CSN não tem notas de rodapé.

Concluindo a análise, observamos uma semelhança entre as três traduções: com relação aos nomes dos personagens, as três optaram por manter *Mr.* como pronome de tratamento para, por exemplo, Mr. Einfeld, ao invés de trocarem para Sr. Einfeld. Com relação aos demais aspectos textuais, como foi possível observar acima, raramente houve coincidências entre as três, ou mesmo entre duas obras traduzidas. Para facilitar a análise de outras traduções da história de Jekyll e Hyde, bem como para orientar futuras traduções, no Apêndice B apresentamos um quadro resumido e esquemático dos termos, expressões e referências, procurando incluir principalmente as informações coletadas nas obras anotadas, mas também alguns aspectos relevantes levantados nos artigos que tratam do livro analisado (abordados em mais detalhes no Capítulo 2) e nas biografias de Stevenson que comentam pontos interessantes de *Dr. Jekyll and Mr. Hyde*.

5.8 CONCLUSÕES DA ANÁLISE CONTRASTIVA DAS TRÊS TRADUÇÕES

Uma vez que o objetivo desta análise não foi avaliar as obras, mas sim refletir sobre o processo tradutório de cada uma delas, analisando as opções de tradução à luz dos termos, expressões e referências considerados importantes na literatura estudada, e comparar o significado do original com os efeitos de sentido apresentados nas obras publicadas em português, este texto não visou apontar melhores nem piores, nem graduar, classificar ou atribuir pontos ou notas aos textos traduzidos.

A análise teve por objetivo inicial esclarecer certos pontos específicos de cada capítulo do livro, refletindo sobre eles. A partir dessa análise, passaremos a responder algumas das perguntas de pesquisa. Para tanto, teremos como base a

¹⁵⁵ Nessa nota, lê-se: “Presos por Dionísio, impressionaram-no de tal forma com uma demonstração de amizade, que este os libertou e livrou da pena de morte.”

análise, mas também levaremos em consideração todas as informações que foram reunidas nos capítulos anteriores.

5.8.1 O texto de *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde* é “para crianças”, é “simples” e, portanto, “fácil de traduzir”?

Realmente, a obra de Stevenson ganhou notoriedade entre diferentes grupos de leitores. As versões para o público infantil são numerosas e muitas são reimpressas constantemente, sempre com edições esgotadas. As adaptações para quadrinhos, tanto as coloridas quanto as mais “escuras” e com traços fortes, também são uma prova de que o texto agrada às crianças, aos jovens e aos adultos. Entretanto, com base no levantamento feito a partir das obras anotadas e dos demais textos de referência, é possível perceber que o texto tem muitas referências históricas, bíblicas e culturais, não podendo ser considerado “simples” e muito menos “fácil de traduzir”.

5.8.2 Há no texto termos e expressões que merecem ser pesquisados durante a tradução?

Não apenas por causa das referências já citadas, mas também pelo estilo literário rebuscado, irônico e muitas vezes datado, existem termos e expressões que merecem ser pesquisados durante a tradução. Além disso, não podemos nos esquecer de que há mais de um século separando o leitor e o autor, e que a história se passa na era vitoriana, na Europa, mais precisamente em Londres, onde o clima, a vegetação, os costumes, a política e os hábitos eram bastante diferentes da realidade do tradutor contemporâneo e do leitor brasileiro. Como já foi dito anteriormente, o Apêndice B apresenta um quadro resumido dos principais pontos que merecem uma reflexão e uma pesquisa mais aprofundada da parte daqueles que pretendam traduzir a obra analisada. Todos esses aspectos foram levantados em detalhes na análise apresentada anteriormente, o resumo que se encontra no apêndice servirá apenas para uma consulta mais ágil de algum ponto que se queira analisar.

5.8.3 Em caso afirmativo, os tradutores das versões ditas “para adultos”, “sérias”, “não adaptadas”, pesquisaram termos e expressões para fazer a tradução?

Com base no levantamento realizado, e na análise contrastiva das três obras traduzidas, podemos concluir que os tradutores fizeram pesquisas para chegarem aos equivalentes que utilizaram em suas traduções. Entretanto, muitas das referências foram perdidas. Não é possível afirmar que todas as referências não explicitadas nos textos traduzidos fossem desconhecidas dos tradutores. Também não temos como afirmar que eles as tivessem detectado e tivessem decidido omiti-las. Entretanto, uma conclusão pode ser tirada com certeza: os leitores teriam se beneficiado muito mais se as traduções tivessem deixado mais claras as referências culturais, bíblicas e históricas presentes na obra.

O argumento que o leitor brasileiro “não gosta de notas de rodapé” não é mais válido, uma vez que temos editoras no país que fazem edições bilíngues, edições com traduções comentadas e também traduções com diversas notas do tradutor. Muitos dos termos, expressões e referências levantados nesta pesquisa mereciam ser explicados aos leitores, e estes certamente iriam entender muito melhor não apenas “a história do bom médico que tomou uma poção e transformou-se em uma figura malévola”, mas todas as dezenas de releituras e interpretações que a obra permite.

CAPÍTULO 6 – O UNIVERSO EM EXPANSÃO: REFRAÇÕES E ADAPTAÇÕES TEATRAIS E CINEMATOGRAFICAS

6.1. INTRODUÇÃO

Desde que foi publicado pela primeira vez, o pequeno texto de R.L. Stevenson vem despertando fascínio em todo o mundo. Considerada pelo escritor e biógrafo Irving Saposnik como “*the most sophisticated of Stevenson's narratives*” [a mais sofisticada das narrativas de Stevenson] (SAPOSNIK, 1971, p. 715), *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde* é também a mais popular de suas histórias. Os personagens centrais da trama, o pacato Dr. Jekyll e o diabólico Mr. Hyde, são utilizados como complemento, como objeto de adaptação e como fonte de inspiração para obras literárias, cinematográficas, teatrais, televisivas e até mesmo para produtos de higiene, alimentos, brinquedos, entre outros.

Este capítulo traz um resumo de algumas obras (livros, peças de teatro, filmes, programas de televisão) que são consideradas refrações da obra de Stevenson. Os produtos encontrados ao longo desta pesquisa (jogos, objetos colecionáveis, bens de consumo) que fazem referência à *Jekyll and Hyde*, bem como os livros e filmes com personagens inspirados em *Jekyll and Hyde* serão elencados no Apêndice E.

Evidentemente, é praticamente impossível incluir todos os livros, filmes e produtos produzidos, mas a intenção é dar um panorama geral, para que o leitor possa, a partir destas informações, procurar se aprofundar nos aspectos que considerar mais adequados às suas necessidades.

Sendo assim, optamos por dar prioridade para as refrações publicadas no Brasil, bem como às peças de teatro e aos filmes de TV e cinema que tenham sido exibidos neste país. As produções que não foram apresentadas no Brasil somente são citadas quando for considerado que sejam relevantes para a historiografia das refrações de *Jekyll and Hyde* que foram traduzidas ao português.

6.2 TIPOS DE REFRAÇÕES

Após realizarmos uma pesquisa das refrações de *Jekyll and Hyde*, percebemos que são inúmeras e sua classificação é complexa, já que alguns aspectos se sobrepõem. Portanto, as categorias da divisão abaixo não são estanques, e podem existir intersecções e limites não muito nítidos. Nosso objetivo é criar uma classificação inicial, que possa ser expandida à medida que novas obras refratadas sejam detectadas.

a. histórias que seguem basicamente a trama, em alguns casos, acrescentando ou eliminado algum personagem

Dos grupos citados anteriormente, este primeiro é certamente o mais numeroso, já que existe quase uma centena de livros do *Dr. Jekyll and Mr. Hyde* traduzidos para o português. Essas obras publicadas já foram analisadas e/ou citadas em outros pontos desta tese (ver Capítulo 4 e Apêndice A). Nem sempre, entretanto, para seguir a trama de Stevenson a obra tem de ser apresentada na forma de livro. Segundo Carlos Eduardo Brefore Pinheiro (2008), por exemplo, o musical *Jekyll and Hyde*, criado pela dupla Leslie Bricusse e Frank Wildhorn, “revisita a obra de Stevenson e a adapta para os palcos do teatro, mantendo a problemática do livro escrito por Stevenson e incorporando a ele novos personagens e novos conflitos interligados à ação central”. Nas palavras de Brefore Pinheiro:

Ao contrário da novela de Stevenson, que inicia seu enredo já com os fatos bem adiantados, preservando até os momentos finais da narrativa a verdade sobre o caso de Jekyll e Hyde, a trama do musical caminha de forma linear, dando a público o processo de crise em que o médico se encontra, até a criação da fórmula fantástica que o transforma na figura de Edward Hyde, não deixando nenhum enigma para a *plateia* desvendar, visto a transmutação do médico no monstro acontecer em cena, caminhando, assim, até o final trágico de Henry Jekyll, porém antes passando pelo fim não menos trágico da personagem Lucy, inexistente na obra [original] de Stevenson. (PINHEIRO, 2008, p. 52)

b. histórias que transportam um ou mais personagens de Jekyll and Hyde para outros ambientes

Em 1890, Francis H. Little escreveu um livro¹⁵⁶ que trazia o que ele chamou de “sequência secreta” de *Dr. Jekyll and Mr. Hyde*. A história é narrada pelo advogado Utterson e, em alguns casos, é considerada como uma continuação do livro original. Na trama criada por Little, Hyde é um ator viciado em ópio, que mata o Dr. Jekyll e assume seu lugar. Esta refração não agradou os críticos. A escritora Renata Kobetts Miller dá sua opinião sobre o livro: “[it] closes the frame narrative left open by Stevenson and, in doing so, closes all interpretative possibilities’ [fecha a estrutura narrativa que Stevenson havia deixado aberta, e assim suprime todas as possibilidades de interpretação] (MILLER, 2005, p. 27).

The League of Extraordinary Gentlemen (em português, lançado com o título de “A Liga Extraordinária”) é uma obra composta por uma série de histórias em quadrinhos lançadas a partir de 1999, escritas por Allan More e ilustradas por Kevin O’Neill. Segundo a professora da UNICSUL Marcela Silvestre, os personagens foram retirados de diversos romances da Era Vitoriana como *Drácula* (de Bram Stoker), *The Invisible Man* e *The War of the Worlds* (de H. G. Wells), *Twenty Thousand Leagues Under the Sea*, (de Julio Verne) e *King Solomon’s Mine* (de H. Rider Haggards) e *Dr. Jekyll and Mr. Hyde* (SILVESTRE, 2008). Em 2003, o roteirista James Robinson assina uma adaptação dos quadrinhos para o cinema.

Segundo Silvestre, nos quadrinhos criados pela dupla More e O’Neill, há a preservação dos principais traços físicos e da personalidade do Dr. Jekyll (“um homem alto e elegante, vestindo roupas impecavelmente cortadas, que demonstram grande cuidado e asseio”), enquanto Mr. Hyde “é representado por um ser exageradamente monstruoso e de tamanho desproporcional”. Por outro lado, na versão cinematográfica, “o dilema dos personagens aparece de maneira frequente em diálogos entre Jekyll e Hyde”. Além disso, no filme, as

¹⁵⁶ *The Untold Sequel of The Strange Case of Dr Jekyll and Mr Hyde*. Boston: Pinckney Publishing Company, 1890.

características físicas de Hyde se mostram um pouco amenizadas em relação à figura monstruosa dos quadrinhos.

Mas nem sempre os personagens são transportados e mantidos exatamente como na história original. Em alguns casos, ao serem transpostos, eles também são transformados. Em 1997, Dan Greenburg lançou dois livros com o personagem Dr. Jekyll, um dentista muito estranho. Em “*Dr. Jekyll, my dentist*”, o paciente Zack fica muito desconfiado de seu novo dentista. Ao invés de melhorarem, os pacientes só ficam piores, e o dentista tem um líquido bastante estranho, que ele diz ser usado para bochechos. No segundo livro da série, “*Dr. Jekyll, Orthodontist*” (veja as capas na Fig. 26), o velho Dr. Silver é substituído pelo Dr. Jekyll, um cientista maluco, com dentes saltados, que usa um líquido estranho para bochechos e faz experiências com seus pacientes. Na versão em português, Dr. Jekyll é chamado de “dentista”, e não mais de ortodontista, como na publicação em inglês.

FIGURA 26. Capas dos livros de Dan Greenburg publicadas nos EUA (esq.) e no Brasil (dir.).

Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Em outros casos, um novo personagem é introduzido na trama original, passando a interagir com alguns dos personagens originais. É isso que ocorre na história narrada no livro *O Segredo de Mary Reilly* de autoria de Valerie Martin. O filme conta a história de Mary Reilly, uma moça de origem humilde que foi vítima de abusos durante a infância, e que vai trabalhar na casa do tímido Dr. Jekyll. Ela conhece o assistente do médico - Mr. Hyde - e acaba descobrindo o segredo que

envolve o Dr. Jekyll e seu assistente. Para não trair a confiança do patrão, Mary guarda o segredo, pois acaba se apaixonando por ele.

Após o sucesso do livro, é feita uma versão cinematográfica, com Julia Roberts, John Malkovich e Glenn Close. A versão cinematográfica segue basicamente a mesma trama do livro de Martin.

c. histórias em que um personagem externo “transforma-se” em “Hyde” ou em “monstro”

Muitas vezes, os próprios personagens originais tornam-se monstros. O primeiro desenho animado a apresentar um personagem tendo esse tipo de mudança foi *Dr. Jekyll and Mr. Mouse* (Fig. 27), produzido pelos estúdios MGM, em 1947 e dirigido pela dupla Hanna e Barbera. O desenho, com duração de sete minutos, conta que Tom (o gato), na eterna tentativa de matar o rato Jerry, faz uma poção venenosa, a partir de diversas substâncias químicas. Entretanto, ao invés de morrer, ao tomá-la, Jerry fica extremamente forte e passa a enfrentar Tom.

FIGURA 27. Cena de *Dr. Jekyll and Mr. Mouse*, de 1947.

FONTE: Ov Guide. Disponível em: <http://www.ovguide.com/dr-jekyll-and-mr-mouse-9202a8c04000641f8000000000b72759>. Acesso em: 07.jun.2014.

Nessa história de Tom e Jerry, mais uma vez, notamos que o personagem transformado torna-se maior do que era originalmente, uma característica que vai contra a transformação criada para Hyde na narrativa original de Stevenson.

Em 1954, Frajola tranforma-se em um monstro, no episódio *Dr. Jerkyl's*¹⁵⁷ *Hide*, produzido pela Looney Tunes. Seis anos depois, em 1960, no episódio *Hyde and Go Tweet*, o gato Frajola e o passarinho Piu-Piu vivem uma aventura sinistra no consultório do Dr. Jekyll. O cientista toma uma poção inventada por ele mesmo, tornando-se uma figura monstruosa. A seguir, Piu-Piu toma a mesma poção e também sofre uma mutação: torna-se um imenso pássaro amarelo assustador e maldoso. A Figura 28 mostra Piu-Piu após sua transformação, que o deixou maior até mesmo que o gato Frajola.

FIGURA 28. O passarinho Piu-Piu após a transformação sofrida por tomar uma poção misteriosa.

Fonte: Blog Alpha Reader. Disponível em <http://alphareader.blogspot.com.br/2013/11/interview-with-jon-skovron-author-of.html>. Acesso em: 23.jan.2013.

d. histórias que usam os nomes “Jekyll”, “Hyde”, “médico” e/ou “monstro”, mas abordam apenas aspectos muito superficiais da trama de Stevenson

O livro *Médicos ou Monstros?* de Mauricio Peregrino, publicado no Brasil em 2008, trata da “alma humana, com suas múltiplas facetas” e aborda diversas dessas facetas, como “a hipocrisia, a ganância, a inescrupulosidade e a sordidez” que, segundo o autor “convivem lada a lado com sentimentos maiores de altruísmo, abnegação, companheirismo, camaradagem e amor”. Aqui, as palavras “médico” e “monstro” no título justificam-se pelo livro tratar da vida de médicos em hospitais, e pelo fato de o autor procurar abordar duas situações opostas. Além dessa dualidade, não há mais nenhum traço que nos remeta à

¹⁵⁷ Neste episódio, o gato Tom encontra dois cães com sotaque “cockney”, por essa razão o médico se chama “Jekyll” (com “r”), para evidenciar a fala com sotaque dos personagens.

obra de Stevenson, embora também não possamos dizer que ambas estejam totalmente desconectadas (confirmando o que já foi comentado no Capítulo 3, a respeito da relação existente entre as refrações e a obra que lhes dá origem).

A classificação acima procura apenas organizar as refrações encontradas, e aponta para um *continuum*, começando por refrações bastante próximas da narrativa original (como as da categoria “a” desta listagem), e distanciando-se, até chegar a obras tão afastadas do original quanto as da categoria “d”. Não esperamos conseguir incluir nesta classificação todas as refrações existentes, mas procuramos conseguir organizar e caracterizar o maior número possível das refrações encontradas em nossa pesquisa.

6.3 REFRAÇÕES AUDIOVISUAIS

Não só livros foram produzidos a partir da história de *Dr. Jekyll and Mr. Hyde*, há também uma série de obras audiovisuais. Logo após o lançamento do livro de Stevenson, foram montadas as primeiras peças de teatro, e algumas delas, anos depois, foram filmadas para dar origem aos primeiros filmes para cinema. Tanto para cinema e televisão quanto para teatro foram criadas histórias que, em maior ou menor proximidade, tem a narrativa de Stevenson em suas raízes, sendo assim consideradas refrações de *Dr. Jekyll and Mr. Hyde*.

6.3.1 Adaptações para o teatro

As adaptações teatrais de uma narrativa em geral são mais numerosas do que as versões cinematográficas desse mesmo texto. Estas últimas, entretanto, estão documentadas com mais precisão e, portanto, são mais fáceis de determinar. No caso de *Dr. Jekyll and Mr. Hyde*, elencar as adaptações cinematográficas já é uma tarefa bastante complexa, uma vez que este foi um dos textos com maior número de versões para o cinema. Levantarmos quantas e quais são as adaptações do texto para o teatro é uma tarefa praticamente impossível, pois existem diversas montagens pequenas, mesmo que de grupos profissionais, que não têm qualquer documentação (seja um folheto, livreto ou pôster).

Sendo assim, abordaremos apenas as primeiras adaptações teatrais em língua inglesa, por serem representativas do grande interesse que o livro despertou entre os leitores. A seguir, apresentaremos duas adaptações encenadas em língua portuguesa, uma de autoria de Georg Osterman e outra adaptada pelo escritor Mario Vianna. A peça escrita por Osterman é a que possui documentação mais farta, já que seu livreto acabou ganhando *status* de livro literário, sendo vendido regularmente nas lojas de livros usados do Brasil. A peça de Mario Vianna foi selecionada por ter reunido elementos de diferentes adaptações para criar um novo texto.

6.3.1.1 As primeiras adaptações para o teatro

The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde foi rapidamente adaptado para o palco, com grande sucesso da peça escrita por Thomas Russel Sullivan para Richard Mansfield, encenada pela primeira vez em 1887 (AMBROSINI & DURY, 2009, p. 243). O sucesso da versão teatral de Sullivan foi baseado no fato de que Mansfield fazia ambos os papéis, de Jekyll e de Hyde. Tudo corria bem nas encenações, até que, dois anos após a publicação de *Jekyll and Hyde*, os assassinatos selvagens de Whitechapel por “Jack, o Estripador”¹⁵⁸ começaram a assustar a população londrina. Segundo Claire Harman, a relação entre os assassinatos e o livro de Stevenson parecia tão próxima que a versão teatral de *Dr. Jekyll and Mr. Hyde* foi retirada imediatamente de cartaz. (HARMAN, 2005, p. 305)

No final da década seguinte, em 1897, três anos após a morte de Stevenson, os dramaturgos e atores Luella Forepaugh e George F. Fish apresentaram sua versão do texto em quatro atos. A peça fez grande sucesso e foi encenada muitas vezes, percorrendo Europa e EUA por aproximadamente 20 anos. Em 1908, a trupe estava em turnê pelos EUA quando o coronel William Selig da Polyscope Film Company participou de uma das apresentações da peça em Chicago. Selig perguntou se o elenco poderia representar diante das câmeras, condensando assim todos os quatro atos em um filme de cerca de duas horas. Desse modo, surgia a

¹⁵⁸ Como o assassino nunca foi capturado, as lendas envolvendo seus crimes, ocorridos no distrito londrino de Whitechapel na segunda metade de 1888, tornaram-se um emaranhado complexo de teorias conspiratórias e histórias duvidosas, em meio à investigação policial real (MAYNARD, 2004).

primeira versão cinematográfica do livro de Stevenson, que será comentada com mais detalhes no próximo item.

Desde então, nos EUA e na Europa, foram encenadas muitas peças baseadas na história de *Dr. Jekyll and Mr. Hyde*, entretanto, em sua maioria, baseando-se na adaptação cinematográfica, mais do que no texto original de Stevenson. Essa opção por privilegiar a história como apresentada classicamente no cinema provoca uma distorção na história original escrita por Stevenson, deslocando o foco central da trama.

A pesquisadora Renata Kobetts Miller, professora de literatura da City University de New York, ao entrevistar as romancistas Emma Tennant¹⁵⁹ e Valerie Martin¹⁶⁰, e o dramaturgo David Edgar¹⁶¹, percebeu que esses escritores revelavam o desejo de recuperar a “*Stevenson's structure*” [estrutura original do texto de Stevenson] (MILLER, 2005). Entretanto, fica a pergunta: qual seria a “estrutura original”? Mas, como saber exatamente quais elementos podem ser alterados e quais precisam ser mantidos, para que se preserve a “originalidade”? Neste ponto, detectamos um paradoxo interessante: o mesmo dramaturgo David Edgar alegou na entrevista à Renata Miller que deveriam “*recover Stevenson's structure*” “recuperar a estrutura [original] de Stevenson”. Entretanto, Edgar é acusado pelos críticos de ser “*counter-productive*” [contraproducente] ao escalar Simon Russell Beale para fazer o papel de Hyde e o ator Roger Allan para encenar Jekyll, rompendo assim uma das principais premissas de Stevenson (segundo o crítico Paul Taylor da coluna *Arts + Ents* do jornal britânico *The Independent*) (TAYLOR, 1996).

6.3.1.2 Adaptações teatrais em língua portuguesa

A seguir, abordaremos algumas adaptações teatrais nacionais que foram baseadas em *Jekyll and Hyde*. Como já citamos anteriormente, analisaremos apenas duas montagens nacionais, a que utilizou o texto de Georg Osterman e a peça encenada pelo grupo La Mínima, cujo texto é de Mario Viana.

¹⁵⁹ Autora de *Two Women of London: The Strange Case of Ms. Jekyll and Mrs. Hyde*.

¹⁶⁰ Autora de *Mary Reilly* (ver item 6.2 b, neste capítulo).

¹⁶¹ Autor da versão teatral britânica lançada em 1991.

a. O texto de Georg Osterman

Entre as adaptações encenadas em língua portuguesa, a de autoria de Georg Osterman é a que possui documentação mais farta. Como já citamos anteriormente, seu libreto acabou ganhando *status* de livro literário, podendo ser adquirido em lojas de livros usados do Brasil. Outros aspectos que contribuíram para o sucesso e longevidade desse libreto são o fato de ele trazer na capa a imagem do popular ator Ney Latorraca, e a peça ser dirigida pelo também famoso ator e diretor Marco Nanini¹⁶².

Na peça, Jekyll, descrito no libreto como “um cientista brilhante e um marido dedicado” é casado com Mary Jekyll, e “amigo íntimo” da cientista Dra. Berenice. Jekyll transforma-se em Eddie Hyde (descrito como “o homem mais malvado de Escrotópolis”). O texto é do dramaturgo estadunidense Georg Osterman e a versão nova-iorquina estreou em 1989. A peça tem tradução de Roberto Athayde, com músicas de Claudio Botelho.

Um aspecto que chamou nossa atenção é que, no laboratório do Dr. Jekyll, existe um grande macaco preto, peludo, enjaulado. Esse macaco, chamado Coco (interpretado por Dedé Pacheco), é apresentado no libreto como um dos personagens da peça. De fato, Coco em certo momento da peça, se solta e ataca uma das personagens (Lily Gay, “cantora de boate e professora de ópera”). Não há como afirmar ao certo, mas a imagem desse gorila enorme, no laboratório de um cientista, nos faz lembrar um episódio de *Os três patetas*¹⁶³ em que um cientista maluco tem um gorila enjaulado.

Outro aspecto que chama a atenção na peça é o grande número de personagens femininas. No núcleo central da história, além de Jekyll, Hyde e o gorila Coco, teremos mais cinco personagens principais: as já citadas Mary Jekyll, Dra.

¹⁶² Em um país onde muitos atores de televisão, independentemente de sua qualidade cênica e preparo profissional, são vistos pelos espectadores como “super estrelas”, e a maioria dos excelentes atores de teatro é desconhecida do grande público, a estratégia de escalar atores de novelas de televisão para estelar peças de teatro, em geral, funciona muito bem, aumentando a visibilidade da peça e garantindo seu sucesso de público e crítica.

¹⁶³ Temporada 13, episódio 2, intitulado *In A Bird In The Head*. Disponível em http://www.dailymotion.com/video/x2nfm_c_three-stooges-a-bird-in-the-head_fun. Acesso em: 28.abr.2013.

Berenice e Lily Gay, e ainda a empregada Minerva e a dona da boate Aculine. Portanto, dos oito personagens, cinco são mulheres. Para uma peça que se diz “baseada” na obra de Stevenson, essa feminização da trama é significativa. Além disso, Osterman aborda abertamente outros temas contemporâneos, como o lesbianismo (Aculine é amante de Berenice).

b. O texto de Mario Viana

Outra versão teatral, adaptada pelo escritor Mario Vianna, e encenada pelo grupo La Mínima, reuniu elementos de diferentes adaptações para criar um novo texto. Segundo nos informou o dramaturgo e escritor em uma mensagem eletrônica, quando perguntado sobre suas fontes de inspiração e pesquisa para escrever a peça *O médico e os monstros*: “não usei a peça inglesa, só os textos do romance. E assisti aos desenhos, filmes etc.” (VIANA, 2011). Ao observar o *script* (VIANA, 2008), e um pequeno *trailer* disponibilizado pela companhia teatral¹⁶⁴, podemos detectar alguns aspectos interessantes. A sinopse disponível na página da Cia. La Mínima¹⁶⁵ revela que a essência da história é que “mal e bem coexistem em todo ser humano”, entretanto, diferentemente da peça dirigida por Nanini, nesta peça Jekyll e Hyde são representados por dois atores diferentes (ver Fig. 29). Além disso, ao recriar o texto a partir de tantas outras adaptações, para diferentes mídias (livros, quadrinhos, cinema, conforme nos informou Viana), temos uma “refração das refrações”, que produz um texto novo, revivido, mas mantendo traços característicos do original. Segundo informações obtidas na página da Cia. La Mínima, a montagem aborda o “conflito pagão entre o bem e o mal”, o homem e seus desejos mais perversos. O grupo faz uso de elementos circenses, referências ao cinema de horror e releituras que vão de “Jerry Lewis ao coelho Pernalonga, passando por Scooby Doo”. Para ampliar o repertório de “ambiguidades morais”, *O Médico e os Monstros* inclui personagens que se consagraram nas versões para o cinema, como a noiva de Jekyll e as dançarinas de cabaré. O fato de Jekyll apresentar uma tendência para conduta homossexual (ou bissexual) torna o texto ainda mais questionador e o

¹⁶⁴ Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=eU74nr_E_yY.

¹⁶⁵ “O respeitado médico Henry ‘Jekyll’ [sic.] procura a fórmula que isola o mal da alma e, sem querer, deixa vir à tona Edward Hyde, um ser repulsivo, que não hesita em praticar as piores maldades. Entre o médico e o monstro, circulam a doce Emily, a assanhada Charlotte, o criado Poole, o advogado Utterson e o político Lanyon, que também acabam revelando seu lado oculto mostrando que mal e bem coexistem em todo ser humano.” FONTE: <http://www.laminima.com.br/site/repertorio/o-medico-e-os-monstros1/>

reaproxima do dilema que muitos críticos detectam nas páginas de *Dr. Jekyll and Mr. Hyde* de Stevenson, como já abordado no Capítulo 2 desta tese.

FIGURA 29. Hyde e Jekyll, personagens de *O médico e os monstros*, Cia. La Mínima (SP).

Fonte: Edison Paes de Melo Assessoria de Imprensa. Disponível em: <http://www.editorweb.com.br/v2010/fotos-do-banco-de-imagens/o-medico-e-os-monstros/>. Acesso em: 15.ago.2013.

Certamente há outras adaptações teatrais de *Dr. Jekyll and Mr. Hyde* em português, tanto em montagens realizadas por grupos teatrais profissionais quanto amadores, mas não dispomos de listagens completas desses trabalhos, ficando aí um espaço para novas pesquisas.

6.3.2 Adaptações para o cinema e televisão

É interessante notar como muitos dos romances de Stevenson se prestaram tão bem à adaptação para o cinema. Em mais de um sentido, ele era um homem à frente de seu tempo (CAIRNEY, 2004, p. 108). As primeiras adaptações cinematográficas de *Dr. Jekyll and Mr. Hyde* surgiram no início do século XX. A primeira delas, já citada anteriormente, foi feita em 1908 por Willian N. Selig, a partir da filmagem de uma peça de teatro que vinha sendo encenada há quase duas décadas. Não há cópias desse filme, nem da maioria dos filmes realizados nessa época, já que muitas das tiras de celulose sofriam degradação, corrosão, ou eram recicladas, para retirada da prata contida nos fotogramas.

Entre 1908 e 1939, segundo nos informa a historiadora Jenny Davidson, foram produzidas dezenas de filmes baseados no texto de Stevenson (DAVIDSON, 2003, p. xv). O clássico da MGM lançado em 1941 e estrelado por Spencer Tracy e

Ingrid Bergman, *Dr. Jekyll and Mr. Hyde*, é importante na historiografia da obra de Stevenson, pois foi o primeiro filme a usar a pronúncia “Jé-kil”, para o nome do médico, abandonando a recomendação deixada por Stevenson (que havia solicitado aos artistas que fizessem adaptações teatrais que adotassem a pronúncia afrancesada, “Jê-kil”). A partir dessa versão de 1941, nunca mais foram seguidas as orientações originais de pronúncia do nome de Jekyll. O filme foi um grande sucesso. Os papéis de Jekyll e Hyde, entretanto, não eram encenados por atores especialistas em filmes de terror. O primeiro filme que teve atores especializados nesse gênero de filmes foi *Abbot and Costello Meet Dr. Jekyll and Mr. Hyde* que contou com a participação do então consagrado ator de filmes de terror Boris Karloff (ver Fig. 30) (AMBROSINI & DURY, 2009, p. 244).

FIGURA 30. Cartaz promocional do filme *Abbot and Costello Meet Dr. Jekyll and Mr. Hyde*.

Fonte: Blog *The Stalking Moon*. Disponível em: <http://thestalkingmoon.weebly.com/the-stalking-moon/13-for-halloween-7-abbott-and-costello-meet-dr-jekyll-and-mr-hyde-1953>. Acesso em: 11.fev.2013.

Em 1960 é lançado o longa-metragem *The Two Faces of Dr. Jekyll*. Um filme que mostra cenas de consumo de ópio, sexo, estupro, assassinatos e corpos caindo de telhados de vidro. Entretanto, o que torna esse filme especial é o fato de, ao contrário de outras versões cinematográficas, Dr. Jekyll ser uma pessoa bastante comum e desinteressante, enquanto Mr. Hyde é apresentado como encantador e bonito. A essa característica, os críticos chamaram de “*the charm of evil*” [o encanto

do mal]. O filme também é incomum, pois é um dos poucos em que o personagem Jekyll/Hyde não morre no final da história.

A lista de filmes se estende, e adentra o século XXI (ver listagem completa no Apêndice D), e as adaptações, tanto para o cinema quanto para exibição na televisão, vão se afastando cada vez mais do original, recriando narrativas, introduzindo e eliminando personagens, ou criando novos protagonistas, apenas inspirados no texto original.

Em geral, a adaptação de um livro para o cinema implica alterações, maiores ou menores. Com *Dr. Jekyll and Mr. Hyde*, a diferença entre o livro e a versão cinematográfica é ainda maior do que costumamos encontrar nas adaptações para o cinema em geral, porque, de 1920 até os dias atuais, a cada nova versão da história, o envolvimento de Jekyll/Hyde com as mulheres tem se tornado uma parte mais essencial da trama (WOLF, 1995, p. 2).

Entre as muitas modificações que a narrativa sofreu ao longo das diversas adaptações, tanto para cinema, quanto para a televisão, Ed Cohen salienta que a maneira de representar as cenas de horror nas produções do século XX incluía a dramatização dos *“Hyde’s late night attacks on women wandering through London’s streets, attacks that are most notable for their absence in the book.”* [ataques de Hyde contra mulheres caminhando pelas ruas de Londres durante a madrugada, ataques esses que são mais notáveis por sua ausência no livro.] (COHEN, 2002, p. 184). Afinal, o único “ataque” contra mulheres narrado no livro refere-se a Hyde pisotear uma garotinha na rua.

Segundo o escritor Stephen King salientou na introdução da obra publicada pela Ediouro em 2001

[...] os filmes funcionam mais como um obstáculo do que um auxílio à compreensão da verdadeira natureza desta novela. O cinema tem insistido em ver *O Médico e o Monstro* como pouco mais do que uma genial história de lobisomem. Dr. Jekyll, o médico, bebe a poção borbulhante e fumegante, ganha um bocado de cabelo, algumas verrugas e um sorriso sarcástico e malévolo, e sai pelas ruas de Londres, cobertas pela neblina, para farrear e matar (KING, 2001, p.12).

6.3.2.1 Adaptações cinematográficas em língua portuguesa

Em termos de produções nacionais, para o cinema, encontramos apenas *O Incrível Monstro Trapalhão*, filme brasileiro de 1980 (ver fig. 31). Uma paródia realizada pelo grupo denominado *Os Trapalhães*, liderado pelo comediante Renato Aragão. Didi (personagem interpretado por Aragão) vive o Dr. Jegue, cujo sonho é ser um super-herói. O cientista descobre a fórmula “que o transforma em um homem monstruoso, com uma força descomunal”¹⁶⁶.

FIGURA 31. Cartaz de divulgação do filme *O Incrível Monstro Trapalhão* (1980).

Fonte: Os Trapalhães. Disponível em: <http://www.ostrapalhoes.net/filmografia/anos-80/a1981%20-%20o%20incrivel%20monstro%20trapalh%C3%A3o/>. Acesso em: 22.abr.2014.

Notamos, pela análise da obra acima, que *O Incrível Monstro Trapalhão* apresenta “traços” da história original de Stevenson (a sonoridade do nome Jegue, o fato de o cientista tomar uma fórmula e se transformar). Contudo, após a transformação, Dr. Jegue passa a assumir características que lembram mais o personagem *Hulk* (aleadamente inspirado em Hyde).

¹⁶⁶ Sinopse disponível em <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-202155/>. Acesso em: 20.fev.2014

6.4 INFLUÊNCIA DAS ADAPTAÇÕES TEATRAIS E CINEMATOGRAFICAS DE *DR. JEKYLL AND MR. HYDE* SOBRE A PUBLICAÇÃO E VENDA DE LIVROS

Do ponto de vista do número de leitores, as sucessivas adaptações para o teatro e cinema acabam servindo para estimular o interesse pela obra original. Muitas vezes, ao longo de quase um século de publicações de *The Strange Case* em português, percebemos que há um impulso na publicação de novas traduções, e esse impulso pode ser relacionado ao lançamento de certos filmes no cinema, como foi o caso do filme da MGM lançado no Brasil em 1942, dirigido por Victor Fleming. Os atores Spencer Tracy, Ingrid Bergman e Lana Turner foram inclusive incorporados como imagens de capa do livro publicado pela editora Universitária naquele mesmo ano (ver Fig. 32).

FIGURA 32. Primeira e quarta capas da edição de *O Médico e o Monstro*, publicado pela editora Universitária em 1942.

Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Editada em papel jornal, tanto na capa quanto nas primeiras páginas é citado apenas o título *O Médico e o Monstro*. Na página 5, onde há a descrição do conteúdo, nota-se que o livro possui quatro histórias. Entretanto, na primeira capa lê-se apenas “A famosa história que a Metro-Goldwyn Mayer filmou, apresentando Spencer Tracy, Ingrid Bergman e Lana Turner”.

Fica evidente que as imagens e atores do filme (ver Fig. 33) foram incluídos nas capas do livro publicado pela Universitária para alavancar as vendas do livro. E a estratégia de divulgação parece ter sido planejada de modo a ter “mão dupla”, uma vez que a capa do livro também foi idealizada de modo a estimular a ida ao cinema. O texto da quarta capa procura induzir os leitores a acharem que o filme irá ajudá-los a “reviver as emoções” que tiveram no livro. Na quarta capa lê-se: “Reviva as emoções melodramáticas desta famosa obra, assistindo a magistral interpretação do grande ator SPENCER TRACY no duplo papel: Dr. JEKYLL e o Sr. HYDE. Numa superprodução de 1942 da marca Leão: Metro Goldwyn Mayer.” Tanto o livro publicado pela Universitária quanto o filme produzido pela MGM são refrações da obra original de Stevenson, mas o livro de 1942 apresenta características que revelam a presença de refração, cuja fonte é a versão cinematográfica.

FIGURA 33. Capa do DVD do filme *O Médico e o Monstro* com Spencer Tracy, Lana Turner e Ingrid Bergman.

Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Essa relação estreita entre a produção de filmes cinematográficos e o lançamento de livros pode ser observada em outros momentos. Nos anos 1970, por exemplo, acompanhando um “pico” nos lançamentos de livros traduzidos contendo a história de *O Médico e o Monstro*, observa-se o lançamento de diversas adaptações/recriações cinematográficas baseadas ou inspiradas em *Dr. Jekyll and Mr. Hyde* (ver Fig 34). Entre elas, temos *Adult Version of Jekyll & Hide* (lançado em 1971), que, como o título sugere, é uma versão pornô-erótica da história de Stevenson, e *Dr. Jekyll and Sister Hyde* (também de 1971), uma versão britânica

que tem o mérito de ser a primeira adaptação que traz Hyde como sendo uma figura feminina. A trama mistura horror, erotismo e ficção científica¹⁶⁷.

No mesmo ano, é lançado o filme *I, monster*¹⁶⁸. Esse filme chama a atenção por ser um dos poucos que reproduz trechos e diálogos exatamente como foram escritos por Stevenson. De certo modo, é interessante notar que uma refração, em alguns casos, acaba ficando “famosa” por estar reproduzindo parte da obra que lhe deu origem. Isso mostra o quanto os leitores, espectadores e a crítica em geral estão preparados para as mudanças que podem surgir em uma refração (mesmo se eles nunca tiverem tido contato com os textos sobre o tema).

FIGURA 34 Cartazes dos filmes lançados nos anos 1970 contendo referências a *Jekyll and Hyde*.

Adult version of Jekyll and Hyde (1971)¹⁶⁹

Dr. Jekyll and Sister Hyde (1971)¹⁷⁰

I, monster (1971)¹⁷¹

Dr. Black, Mr. Hyde (1976)¹⁷²

¹⁶⁷ Resumo da trama: Enquanto procurava por um elixir da vida, Dr. Henry Jekyll começa a usar hormônios femininos retirados de cadáveres femininos frescos. Segundo sua expectativa, esses hormônios iriam ajudá-lo a prolongar sua vida, já que as mulheres tradicionalmente vivem mais que os homens. Ao tomar a mistura de hormônios femininos, Jekyll se transforma em uma mulher atraente e malévola. Para explicar a súbita aparição de seu alter ego feminino, ele a chama de Sra. Edwina Hyde, dizendo que ela é sua irmã viúva. Dr. Jekyll se apaixona pela vizinha do andar de cima, e Hyde desenvolve um desejo incontrolável pelo irmão dessa vizinha.

¹⁶⁸ O filme relata a história do psicólogo Charles Marlowe, que inventa uma droga que vai liberar as inibições de seus pacientes. Ao testar a droga em si mesmo, ele se torna Edward Blake. Blake passa a cometer crimes comuns e assassinatos. Como na trama original de Stevenson, Utterson, o advogado de Marlowe, acredita que Blake esteja chantageando seu amigo até que descobre a verdade.

¹⁶⁹ Fonte: Oldies.com. Disponível em <http://www.oldies.com/product-view/1019GD.html> Acesso em: 15.mar.2012.

¹⁷⁰ Fonte: IMDb.com. Disponível em <http://www.imdb.com/title/tt0068502/>. Acesso em: 15.mar.2012.

¹⁷¹ Fonte: The celluloid Highway. Disponível em http://sonofcelluloid.blogspot.com.br/2010/06/i-monster-1971_06.html Acesso em: 15.mar.2012.

¹⁷² Fonte: Wikipedia. Disponível em http://en.wikipedia.org/wiki/Dr._Black,_Mr._Hyde.

Também dos anos 1970, o filme *Dr. Black, Mr. Hyde*, lançado em 1976, mistura horror, sexo e questões sociais como prostituição e cafetinagem. Nele, o cientista Dr. Jekyll faz experiências com medicamentos para cura de doenças hepáticas, e acaba injetando a substância em si mesmo e sofrendo mutações que o levam a cometer crimes, quando transformado em Hyde, uma figura branca, imensa e violenta.

Em 1979, é lançado o filme *Dottor Jekyll e gentile signora*, uma comédia, estrelando Paolo Villaggio and Edwige Fenech. Na trama, uma poção transforma Dr. Jekyll; um homem cínico e malicioso, a serviço de uma multinacional sinistra e sem escrúpulos, em uma pessoa angelical. Essa transformação, incompatível com os valores do mundo corporativo, tem efeitos catastróficos sobre a vida de Jekyll. O filme, produzido na Itália, leva Jekyll para o século XX, submetendo-o aos problemas e prazeres de uma sociedade capitalista.

O filme *Docteur Jekyll et les femmes*, é uma produção francesa em cuja história se passa antes, durante e imediatamente após a festa de noivado de Dr. Henry Jekyll e Miss Fanny Osborne, com a presença de inúmeros convidados altamente respeitáveis. Um advogado presente na festa informa a todos que uma criança foi assassinada na rua da frente. Durante a festa, Dr. Jekyll instrui o advogado a alterar seu testamento, deixando tudo a um “certo Mr. Hyde”. O filme apresenta personagens e alguns pontos em comum com a narrativa do livro *Dr. Jekyll and Mr. Hyde*. Além disso, o filme traz alguns aspectos bastante interessantes: Fanny Osborne (como vimos no Cap. 1) é o nome da esposa de Stevenson. Sendo assim, estamos diante de um caso de “criatura” relacionando-se com a esposa do “criador”. Outro aspecto interessante é a manutenção de diversos diálogos do livro e a manutenção de alguns tópicos relevantes à trama original (como o testamento, a amizade de Jekyll e Utterson, entre outros). O filme estreou nos cinemas do Brasil e de Portugal em 1981, o mesmo ano em que foi lançado nos EUA e na França¹⁷³.

¹⁷³ Fonte: Toca dos cinéfilos. Disponível em <http://tocadoscinefilos.com.br/dr-jekyll-e-as-mulheres/>. Acesso em: 27.jun.2013

6.5 EPÍLOGO

Como foi possível observar neste capítulo, a obra *Dr. Jekyll and Mr. Hyde* tem refrações no cinema, teatro e televisão, além é claro dos livros e revistas. Tais refrações começaram a ocorrer quase simultaneamente ao lançamento da primeira versão da história, na forma de livro, e perduram até os dias atuais. No Apêndice E apresentamos mais algumas refrações da obra objeto desta tese, mas sempre certo que nenhuma lista criada será completa, nem definitiva, nem final, já que novos títulos podem surgir a qualquer momento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando uma obra literária alcança certo renome, é muito provável que ela passe a existir em muitas formas diferentes daquela que seu autor lhe “impôs” antes que ela saísse de suas mãos e fosse publicada (LEFEVERE, 1984, p. 217). Uma vez publicado, o texto também pode ser transposto novamente, em mais de uma forma, de uma cultura para outra. Segundo Lefevere, é mais provável que uma obra seja conhecida por quem terá contato com suas refrações do que na forma “original”, conforme concebida pelo autor. Em outras palavras, há um vasto processo de transformações, resultando no que podemos chamar de refração de textos literários.

É exatamente esse fenômeno que observamos ao analisar a trajetória de *Dr. Jekyll and Mr. Hyde*, desde seu lançamento em 1886 até os dias atuais. Todas as refrações que detectamos ao longo de nossa pesquisa deixam claro que, embora exista um texto “original”, existem também diversas “camadas” de refração, que ora se distanciam e ora se reaproximam desse “original”. Essas refrações, como originais que são, passam a gerar outras refrações, que podem afastar-se ainda mais, ou reaproximar-se das obras refratadas, em um movimento constante, de maior ou menor velocidade, que leva à evolução e ao enriquecimento da literatura de determinada cultura.

DE PESQUISADORA A REFRATORA

Ao longo deste quase cinco anos de pesquisas e estudos sobre *Dr. Jekyll and Mr. Hyde*, lentamente, também fomos colaborando para o aumento do número de refrações da obra estudada. Foram palestras, artigos, publicações e eventos dos quais participamos, que nos ajudaram a refletir e amadurecer o caminho a ser trilhado para a construção desta tese. Conforme íamos estudando o assunto, e localizando novas refrações, simultaneamente iam sendo geradas novas refrações.

A seguir, ilustramos algumas das refrações que produzimos ao longo desses quase cinco anos de pesquisas:

Pôster:

III Simpósio Profissão Tradutor (PROFT 2013)
Os médicos e os monstros: as muitas facetas de
Dr Jekyll and Mr Hyde

Ana Julia Perrotti-Garola
 Doutoranda do DLM FFLCH USP SP
 Orientadora: Profa. Dra. Lenita M. Rimoli Esteves
 Universidade de São Paulo- SP- São Paulo- SP

INTRODUÇÃO
 Desde a publicação da obra do escritor escocês Robert Louis Stevenson, em 1886, a história do conceituado médico Dr. Henry Jekyll, e de sua "cara metade" Edward Hyde vem atraindo a atenção de leitores em diferentes países.

OBJETIVO
 Esta pesquisa procura inicialmente traçar um panorama geral das obras existentes em língua portuguesa, publicadas entre 1913 e 2013, com enfoque especial para as adaptações do original de Stevenson, adaptadas para outros gêneros textuais ou para diferentes públicos.

CONCLUSÕES
 Pela análise dos dados obtidos, concluímos que as múltiplas adaptações publicadas nos anos 1913 a 2013 refletem o vigor da obra estudada, o interesse que ainda desperta no público e no mercado editorial, e aponta para probabilidade de novas traduções e adaptações serem lançadas nos próximos anos (além das reimpressões e reedições).

OBRA ORIGINAL:
 "Livro de ficção científica"
 publicado originalmente em 1886
 Vendeu 40.000 cópias nos primeiros seis meses, só na Inglaterra.

AUTOR:
 Nascimento: 13 de novembro de 1850 em Edimburgo, Escócia
 Falecimento: 3 de dezembro de 1894 em Vailima, Samoa

PÚBLICO INFANTIL

NEOLEITORES

QUADRINHOS

COLETÂNEAS DE TERROR

Apresentado durante o III Simpósio Profissão Tradutor (PROFT 2013) dias 21-22 de junho de 2013.

Comunicação Oral ABRALIC 2011:

Comunicação Oral FMU 2011:

Comunicação Oral PROFT 2011:

Comunicação Oral EPOG 2012:

Comunicação Oral ABRALIN 2013:

Comunicação Oral UNSW 2013:

Artigo TradTerm 2013:

Comunicação Oral GEL 2014:

PERROTTI-GARCIA, A.J. Os médicos e os

monstros: *Dr. Jekyll and Mr. Hyde* em versão brasileira. **Trad Term** v. 21 (2013)

CONCLUSÕES

Ao iniciar esta pesquisa, interessava-nos, acima de tudo, entender quantas e quais eram as traduções de *Dr. Jekyll and Mr. Hyde* que circulavam no Brasil, em língua portuguesa. Aos poucos, pelo contato com as bases teóricas, fomos percebendo que havia outras formas de refração que precisariam ser consideradas (adaptações, obras e personagens inspirados, produtos relacionados etc.). Após finalizar a pesquisa, concluímos que a tradução é uma forma pela qual uma obra literária se mantém “vida” e “saudável”. Segundo constatamos, as adaptações, mesmo aquelas que guardam pouca similaridade com a obra de partida, podem ajudar a enriquecer o universo de textos que gravitam ao redor de um ponto de partida. E, por fim, mas não menos importante, concluímos que as refrações de uma obra refletem sua relevância e importância em determinada cultura.

Concluímos a presente tese, mas ainda resta um enorme terreno a ser explorado no futuro. O material contido nos Apêndices desta tese, por exemplo, embora tenha sido organizado e classificado, ainda pode ser considerado como “pedra bruta”, que poderá ser lapidado por aqueles que tiverem interesse em prosseguir com as pesquisas.

O Apêndice A traz informações sobre quase uma centena de traduções e adaptações de *Dr. Jekyll and Mr. Hyde* cujos textos podem ser analisados, e as

opções de tradução cotejadas utilizando o quadro esquemático apresentado no Apêndice B. Além disso, já nos foi solicitado pelo Prof. Richard Dury que façamos a tradução para o inglês desse quadro esquemático, para que possa ser disponibilizado aos demais membros da comunidade de estudiosos da obra de Stevenson, para uso na análise de traduções de *Dr. Jekyll and My Hyde* para outros idiomas.

Os artigos científicos elencados no Apêndice C podem ser reavaliados segundo uma abordagem interdisciplinar, por profissionais de áreas como a Medicina, Biologia e Engenharia, procurando analisar o uso dos termos Jekyll e Hyde nas respectivas áreas. Com relação às informações contidas no Apêndice D, ao reunir os diversos filmes contidos na listagem, percebemos que a produção cinematográfica e televisiva de obras relacionadas, refratadas ou adaptadas de *Dr. Jekyll and Mr. Hyde* parece apresentar fenômenos muito semelhantes aos levantados no item 4.5 FENÔMENOS EDITORIAIS. Fica aqui uma sugestão de objeto de pesquisa. Outra abordagem que poderia ser feita aos filmes elencados no Apêndice D seria analisar alguns filmes específicos e as supressões e inclusões que eles sofreram, em relação à narrativa original de Stevenson.

O Apêndice E, que mostra os personagens inspirados e as demais refrações da obra analisada, pode servir de base para futuras pesquisas relacionadas ao autor escocês, reunindo as refrações de outras obras (como *A Ilha do Tesouro*, *O Clube dos Suicidas*, entre outras). Também pode ser útil para uma abordagem transversal do tema, do ponto de vista do Marketing, ou das Artes Plásticas.

Sendo assim, longe de fazermos um fecho e de decretarmos que o assunto foi esgotado, estas Considerações Finais procuram deixar sementes para novas pesquisas, artigos e trabalhos acadêmicos.

E a história de *Dr. Jekyll and Mr. Hyde* continuará a ser escrita e reescrita, graças às traduções, adaptações e demais refrações que tornam a obra original apenas mais um ponto, ora central, ora periférico, ora originado, ora originando, no universo de obras escritas, audiovisuais, musicais e plásticas que se formou desde aquele dia em que Stevenson resolveu colocar no papel um sonho/pesadelo estranho que teve em mais uma de suas muitas noites mal dormidas.

Esperamos que este trabalho venha preencher uma lacuna importante ao organizar alguns dados da historiografia das traduções ao português e demais refrações de *Dr. Jekyll and Mr. Hyde* e possa colaborar para um melhor conhecimento e para a revalorização da obra do escritor escocês Robert Louis Stevenson.

REFERÊNCIAS

ALEXANDER, Christine. **Robert Louis Stevenson- First Writings**. University of New South Wales. Sydney: Juvenilia, 2013.

AMBROSINI, Richard & DURY, Richard. **Robert Louis Stevenson, writer of boundaries**. Estados Unidos: The University of Wisconsin Press, 2006.

ANGLO, Michael. **Penny Dreadfuls and Other Victorian Horrors**. Londres: Jupiter, 1977. ISBN 0-904041-59-X.

Arquivos de Rick Hautala, disponível em <http://www.rickhautala.com/>. Acesso em: 15.fev.2014.

AXELROD, Lloyd. Strange case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde--and John Hunter. **The American Journal Of Medicine** [Am J Med], v. 125, n. 6, p. 618-620, jun. 2012.

BAKER, Mona. **In Other Words: A Coursebook on Translation**. 2ª. Ed. Londres: Routledge, 1992, 2011.

BALFOUR, Graham. The Life of Robert Lous Stevenson. 2 vols. Londres: Methuen, 1901. Apud WOLF, Leonard, ed. **The Essential Dr. Jekyll and Mr. Hyde: The Definitive Annotated Edition**. [Nova York]: Ibooks, Inc.; 2005.

BATMAN Extra, "Os dois lados da mesma moeda". (quadrinhos) Barueri (SP): Panini Brasil, 2007.

BEATTIE, Hilary J. Father and Son. **Psychoanalytic Study of the Child**, v. 56, p, 317-361, 2001.

BEETON, Isabella. **The Book of Household Management**. Londre: S. O. Beeton, 1861.

BERBER SARDINHA, A. P. O que é um *corpus* representativo? **DIRECT Papers**, São Paulo, 2000. Disponível em <<http://www.direct.f2s.com>>, Acesso em 23.mar.2012.

BERBER SARDINHA, T. **Linguística de Corpus**. São Paulo: Manole 2004.

BOTTMANN, Denise. **As traduções especiais do clube do livro**. Blog Eu Não Gosto de Plágio, publicada em 06.nov.2011. Disponível em <<http://naogostodeplagio.blogspot.com.br/2011/11/as-traducoes-especiais-do-clubedo.html> > Acesso em: 20.jan.2012.

BOTTMANN, Denise. **Mais um da galeria claretiana**. Blog Eu Não Gosto de Plágio, publicada em 24.abr.2009. Disponível em <<http://naogostodeplagio.blogspot.com.br/2009/04/mais-uma-da-galeria-nassettiana.html>> Acesso em: 26.mar.2013.

BREWER, E. Cobham, **The Dictionary of Phrase and Fable**, Classic Edition. New York: Avenel, 1978.

BRILL, Arden. Scientist raps procedure in Lincoln psychoanalysis. (1931). Washington Post, p. 2. apud McNally, Kieran. Schizophrenia as split personality/Jekyll and Hyde: The origins of the informal usage in the English language. **Journal of the History of the Behavioral Sciences**, v. 43, n. 1, p. 69-79, inverno de 2007.

BRYK, Marta. "The Maidservant in the Attic: Rewriting Stevenson's "Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde" in Valerie Martin's "Mary Reilly". **Women** v. 15, n. 2, p. 204-216 (Summer 2004 2004).

BUTLER, Lisa. "that damned old business of the war in the members": The Discourse of (In)Temperance in Robert Louis Stevenson's The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde. Edição Université de Montréal. **Romanticism on the Net. The Gothic: from Ann Radcliffe to Anne Rice**, n. 44, Nov. 2006. ISSN: 1467-1255.

CADNUM, Michael. Notas introdutórias, p. 55. In: WOLF, Leonard, ed. **The Essential Dr. Jekyll and Mr. Hyde: The Definitive Annotated Edition**. [Nova York]: Ibooks, Inc., 2005.

CAIRNEY, John. **The quest for Robert Louis Stevenson**. Edimburgo: LUATH Press, 2004.

CALLEN, Anthea. Doubles and Desire: anatomies of masculinity in the later nineteenth century. **Art History**, v. 26, n. 5, p.669-699, Nov. 2003.

CALLOW, Philip. **Louis – a life of Robert Louis Stevenson**. Estados Unidos: Ivan R. Dee, 2001.

CAPITANIO, Adam. "The Jekyll and Hyde of the Atomic Age": The Incredible Hulk as the Ambiguous Embodiment of Nuclear Power. **Journal of Popular Culture** v. 43, n. 2, p. 249-270, abril 2010.

CASTRICANO, Jodey. Much Ado about Handwriting: Countersigning with the Other Hand in Stevenson's *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*. Edição Université de Montréal. **Romanticism on the Net. The Gothic: from Ann Radcliffe to Anne Rice**, n. 44, novembro 2006. Disponível em <http://www.erudit.org/revue/ron/2006/v/n44/014001ar.html>. Acesso em: 25.mar.2013.

CAVE, Hugh Barnett. Notas introdutórias, p. 60. In: WOLF, Leonard, ed. ***The Essential Dr. Jekyll and Mr. Hyde: The Definitive Annotated Edition***. [Nova York]: Ibooks, Inc., 2005.

CLEMENS, Valdine. *The Return of the Repressed: Gothic Horror from The Castle of Otranto to Alien*. New York: State University of New York Press, 1999.

COHEN, Edward. Hyding the Subject?: The Antinomies of Masculinity in *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*. **Novel: A Forum on Fiction**, v. 37, n. 1/2, p. 181-199, Spring 2004.

CURRAN, D., & Partridge, M. **Psychological medicine: A short introduction to psychiatry**. (4a ed.). Londres: E. & S. Livingstone Ltd, 1955.

DAICHES, David. **Robert Louis Stevenson: A Revaluation**. Glasgow/Norfolk, Conn.: MacLellan/New Directions, 1947 In: DURY, Richard. Stevenson in Italy and in Italian. **Scottish Studies Review**, v. 9, n. 1, p. 61-78, Spring 2008.

DALRYMPLE, Theodore (a.k.a. Anthony Daniels). Mr. Hyde & the epidemiology of evil. **New Criterion** v. 23, n. 1, p. 24-28, September 2004.

D'AMATO, Barbara. Jekyll and Hyde: A Literary Forerunner to Freud's Discovery of the Unconscious. **Modern Psychoanalysis**, v. 30, n. 1, p. 92-106, January 2005.

DANTA, Chris. Two versions of death: the transformation of the literary corpse in Kafka and Stevenson. **Textual Practice**, v. 20, n. 2, p. 281-299, 2006.

DAVIDSON, Jenny. **Introductory notes to The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde and other stories**. Barnes and Noble Classics. New York: Fine Creative Media, 2003.

DAVIS, Michael. Incongruous Compounds: Re-reading Jekyll and Hyde and Late-Victorian Psychology. **Journal of Victorian Culture (Edinburgh University Press)**, v. 11, n. 2, p. 207-225, Sep. 2006.

DICKINS, Gordon. **An Illustrated Literary Guide to Shropshire**. Michigan: Shropshire Libraries, 1987.

DOYLE, Brian. A head full of swirling dreams. **Atlantic Monthly**, v. 288, n. 4, p. 147, nov. 2001.

DURY, Richard (Ed.) & STEVENSON, Robert Louis. The Strange Case of Dr, Jekyll and Mr. Hyde (annotated edition). Edimburgo: EUP, 2004.

DURY, Richard. Ed. **The Annotated Dr. Jekyll and Mr. Hyde**. Milão: Guarini Studio, 1993a.

DURY, Richard. Stevenson in Italy and in Italian. **Scottish Studies Review**, v. 9, n. 1, p. 61-78, Spring 2008.

DURY, Richard. Stevenson's Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde: Textual variants. **Notes & Queries**; v. 40, n. 4, p. 490-3, dec. 1993b.

EIGNER, Edwin M. **Robert Louis Stevenson and Romantic Tradition**. Princeton: Princeton UP, p. 148, 1966 *apud* MILLS, Kevin. The Stain on the Mirror: Pauline Reflections in 'The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde' **Christianity & Literature** v. 53, n. 3, p. 337-348, Primavera 2004 2004.

ELBARBARY, Samir. Heart of Darkness' & late-Victorian fascination with the primitive and the double. Academic Search Premier. Twentieth Century Literature, v. 39, n. 1, p. 113, 1993. Disponível em: [http://jessbarga.escuelacampoalegre.wikispaces.net/file/view/HOD+and+Late-Victorian+Fascination+with+the+Primitive+and+the+Double,+1993+\(Twentieth+Century+Literature,+15p\).pdf](http://jessbarga.escuelacampoalegre.wikispaces.net/file/view/HOD+and+Late-Victorian+Fascination+with+the+Primitive+and+the+Double,+1993+(Twentieth+Century+Literature,+15p).pdf). Acesso em: 21.jun.2014.

FAGUNDES NETTO, Marcus Vinícius Rezende. O médico o analista e o monstro. **Psicanálise & Barroco em revista**, v.9, n.1, p. 94-114, jul. 2011.

FERGUSON, Delancey, & WAINGROW, Marshall eds. **RLS: Stevenson's Letters to Charles Baxter**. New Haven: Yale University Press, 1956.

FERGUSON, Delancey. Notas introdutórias, p. x-xi. In: WOLF, Leonard, ed. ***The Essential Dr. Jekyll and Mr. Hyde: The Definitive Annotated Edition***. [Nova York]: Ibooks, Inc., 2005.

FERNANDEZ, Jean. "Master's Made Away With ...": Servant Voices And Narrational Politics In The Strange Case Of Dr. Jekyll And Mr. Hyde. **Literature Interpretation Theory**, v. 15, n. 4, p. 363-387, out 2004.

GERMANÀ, Monica. Becoming Hyde: Excess, Pleasure and Cloning. **Gothic Studies**, v. 13, n. 2, p. 98-115, nov. 2011.

GILBERT, W. S. **Plays and Poems of W S Gilbert**. New York: Random House, 1932.

GILBERT, W.S. **Patience or Bunthorne's Bride** (2002). Website de divulgação da produção de The Gilbert & Sullivan Very Light Opera Company. Disponível em <http://gsvloc.org/2002/04/patience/>. Acesso em 21.jan.2014.

GIVNER, Jessie. The Revolutionary Turn: Mary Shelley's Frankenstein. **Gothic Studies**, v. 2, n. 3, p. 274-291, Dec. 2000.

GONZÁLEZ, Antonio Ballesteros. Doppelgänger. In: MULVEY-ROBERTS, Marie. (Ed.). **The handbook to gothic literature**. New York: NY University Press, 1998.

GREENBURG, Dan. **Cara! Meu dentista vira monstro!** Tradução Heloisa Prieto. São Paulo: Ática, 2000.

GREENBURG, Dan. & DAVIS, Jack E. **Dr. Jekyll, Orthodontist**. ISBN-0448413388. EUA: Grosset & Dunlap, 1997, 57 p.

GREENBURG, Dan. **Dr. Jekyll, My Dentist** (Zack Files) ISBN 13: 9780330353564 . EUA: Macmillan Children's Books, 1997, 64 p.

GUIGUENO, Vincent. Engineering the Words: Robert Louis Stevenson and the Bell Rock Lighthouse. **Yale University Library Gazette**, v. 80, n. 1/2, p. 57-64, Oct. 2005.

GURFINKEL, Decio. O episódio de Freud com a cocaína: o médico e o monstro. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 11, n. 3, p. 420-436, set. 2008.

HARMAN, Claire. **Myself & the other fellow: a life of Robert Louis Stevenson**. Estados Unidos: Harper Collins Publishers, 2005.

HAUTALA, Rick. . Notas introdutórias, p. 30. In: WOLF, Leonard, ed. **The Essential Dr. Jekyll and Mr. Hyde: The Definitive Annotated Edition**. [Nova York]: Ibooks, Inc., 2005.

HE calls it schizophrenia and places blame on war. Washington Post, EUA, 16.Jul. 1916, p. A5. Disponível em: <http://www.newspapers.com/newspage/28846518/>. Acesso em: 25.jun.2014.

HEATH, Stephen. Psychopathia Sexualis: Stevenson's Strange Case,' **Critical Quarterly**, v. 28, n.1-2, p. 93-107, Spring, Summer, 1986.

HOGLE, Jerrold. The Struggle for a Dichotomy: Abjection in Jekyll and His Interpreters. In: **Dr. Jekyll and Mr. Hyde After One Hundred Years**, William Veeder and Gordon Hirsch, eds. Chicago: University of Chicago Press, 1988.

HUBBARD, Tom. Dva brata: Robert Louis Stevenson in translation before 1900. **Scottish Studies Review**, v. 8, n. 1, p. 17-26, 2007.

JAKOBSON, Roman (1959/2004) 'On linguistic aspects of translation', In: Lawrence Venuti (ed.), **The Translation Studies Reader**, 2 ed., p. 138–43, 2004.

JEFFORD, Andrew. Dr. Jekyll and Professor Nabokov: Reading a Reading. In: **Robert Louis Stevenson (critical essays)**, ed. Andrew Noble. Londres: Vision Press, 1983.

JELLINEK, E. H. Dr. H. C. Bastian, scientific Jekyll and Hyde. **Lancet**, v. 356, n. 9248, p. 2180-2184, 23.dez.2000.

JOHNSON, Alan. Editing as a Duet. **English Literature in Transition, 1880-1920**, v.

37, n. 3, p. 398-401, junho 1994.

JOLLY, Roslyn. **'Introduction' to Robert Louis Stevenson, *South Sea Tales***. Oxford: Oxford University Press, p. xxxii-xxxiii, 1996.

JOLLY, Roslyn. The Ebb-Tide and The Coral Island. **Scottish Studies Review**, v. 7, n. 2, p. 79-91, 2006.

JONES Jr., William B. **Robert Louis Stevenson Reconsidered: new critical perspectives**. North Carolina: Mc Farland & Company, Inc. Publishers, 2003.

KING, Charles. Dr. Jekyll and Mr. Hyde: A filmography. **Journal of Popular Film & Television**, v. 25, n. 1, Spring 1997.

KIRKLAND, Chris. A Time of Terror: England's Social Conditions in the Late Nineteenth Century and the Rise of the Novel of Terror. **Gateway. An Academic History Journal on the Web**, v. 2, n. 3, Summer 2001. Disponível em < <http://grad.usask.ca/gateway/archive7.htm> > Acesso em: 13.jun.2011.

KOCH, Ingedore V. & ELIAS, Vanda Maria. **Ler e Compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2006.

KOESTENBAUM, Wayne. The shadow on the bed: Dr. Jekyll, Mr. Hyde, and the Labouchère Amendment. P. 31-55. **Critical Matrix** (Special Issue 1), Spring 1988.

LAW, Jules. There's Something about Hyde. **Novel: A Forum on Fiction** v. 42, n. 3, p. 504-510, Spring 2009.

LAWLER, Donald. Reframing Jekyll and Hyde: Robert Louis Stevenson and the Strange Case of Gothic Science Fiction. p. 247-61. In **Dr. Jekyll and Mr. Hyde After One Hundred Years**, William Veeder and Gordon Hirsch, eds. Chicago: University of Chicago Press, 1988.

LEFEVERE, André & BASSNETT, Susan. Introduction: Proust's Grandmother and the Thousand and One Nights: The 'Cultural Turn' in Translation Studies. p.1-13. In: BASSNETT, S. & LEFEVERE, A. (ed.), **Translation, History and Culture**. Londres: Pinter Publishers, 1990.

LEFEVERE, André. Introduction: **Comparative. Literature and Translation.. Comparative Literature**, v. 47, n. 1. P. 1-10. Winter 1995.

LEFEVERE, André. Literary Theory And Translated Literature. **Dispositio**. Vol. VII, No. 19-20; p. 3-22. Department of Romance. Languages, University of Antwerp, 1982.

LEFEVERE, André. Mother Courage's cucumbers: text, system and refraction in a theory of literature. In: Lawrence Venuti (ed.), **The Translation Studies Reader**, 2a ed., p. 233–49, 2004.

LEFEVERE, André. On the Refraction of Texts. In: SPARIOSU, Mihai (ed.), **Mimesis in Contemporary Theory: An interdisciplinary approach**: V. 1: The literary and philosophical debate, p. 217-287, Amsterdam: John Benjamins, 1984.

LEFEVERE, André. **Translating Literature: Practice and Theory in a Comparative Literature Framework**. New York: MLA, 1992a.

LEFEVERE, André. **Translation, Rewriting, and the Manipulation of Literary Fame**. Londres: Routledge, 1992b.

LEFEVERE, André. Translation: its genealogy in the West. In: BASSNETT, Susan & LEFEVERE, André (ed.), **Translation, History and Culture**. Londres e Nova York: Routledge, p.14-28, 1990.

LEPINE, Anna. Hyde and Seek in an Age of Surveillance: Stevenson's The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde and the BBC's Jekyll. **Neo-Victorian Studies**. Edição especial: "Swing Your Razor Wide...": Sweeney Todd and Other (Neo)Victorian Criminalities. v. 1, n. :2, p. 78-102, inverno 2008/2009. Disponível em http://www.neovictorianstudies.com/past_issues/Winter2008-2009/NVS%202-1-5%20A-Lepine.pdf Acesso em: 15.mar.2012.

LEPS, Marie-Christine. **Apprehending the Criminal: The Production of Deviance in Nineteenth-Century Discourse**. Durham: Duke University Press, 1992.

LILIENFELD, Jane. The Transforming Draught: Jekyll and Hyde, Robert Louis Stevenson and the Victorian Alcohol Debate (Review). **Victorian Studies** v. 50, n. 1, p. 136-138, outono 2007.

LINEHAN, Katherine, ed. **Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde: An Authoritative Text, Backgrounds and Contexts, Performance Adaptations, Criticism**. Norton critical edition. Nova York: Norton, 2003. 222 p.

LINEHAN, Katherine. Revaluing Women and Marriage in Robert Louis Stevenson's Short Fiction. **English Literature in Transition, 1880-1920**, v. 40, n. 1, p. 34-59, Jan. 1997.

LINEHAN, Katherine. Taking Up With Kanakas: Stevenson's Complex Social Criticism in *The Beach of Falesá*. In **ELT** v. 33, n. 4, p. 407-22, 1990.

LITTLE, Francis H. **The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde - Including The Untold Sequel**. [primeira edição em 1890], [online]:Innuendo Books, 2011.

LIVESEY, Margot. The Double Life of Robert Louis Stevenson. **The Atlantic Montly**, n.5, p. 140-146. Nov.1994.

MacDUFFIE, Allen. Irreversible Transformations: Robert Louis Stevenson's "Dr. Jekyll and Mr. Hyde" and Scottish Energy Science. **Representations**, v. 96, n. 1, p.1-20, Fall, 2006.

MAIA, Belinda. Corpora for terminology extraction – the differing perspectives and objectives of researchers, teachers and language services, Portugal, 2002. Disponível em: <www.linguateca.pt/EscolaVerao2006/Corpora/ModuloCorpora.html>. Acesso em: 24 fev 2012.

MARTIN, Valerie. **O Segredo de Mary Reilly**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

MASSIE, Eric. Stevenson, Conrad and the Proto-Modernist Novel, **Phd Thesis**. University of Stirling, 2002.

MAYNARD, Dilton. Imagens da ciência no conto O Estranho Caso do Dr. Jekyll e Mr. Hyde, de Robert Louis Stevenson. **História Hoje**. v. 2, n. 5, nov.2004. Disponível em <<http://www.anpuh.uepg.br/historia-hoje/vol2n5/vol2n5.htm>> Acesso em: 22.jan.2012.

McLYNN, Francis James (Frank). **Robert Louis Stevenson: A Biography**. Nova York: Random House, 1994.

McNALLY, Kieran. Schizophrenia as split personality/Jekyll and Hyde: the origins of the informal usage in the english language. **Journal of the History of the Behavioral Sciences**, Canadá, v. 43, n. 1, p. 69–79, inverno 2007.

MENIKOFF, Barry. New Arabian Nights: Stevenson's Experiment in Fiction, **Nineteenth-Century Literature**, v. 45, n. 3, p. 353, Dec. 1990.

MENIKOFF, Barry. **Robert Louis Stevenson and "The Beach of Falesá"**. Stanford: Stanford University Press, 1984.

MENON, Maurício Cesar. A questão do duplo em duas narrativas brasileiras. In: CELLI – **Colóquio de Estudos Linguísticos e Literários**. v.3, p. 732-739, Maringá: 2007.

MIDDLETON, Tim. **Introduction and notes to The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde, The Merry Man and other Tales and Fables**. Londres: Wordsworth Editions Limited, 1999.

MILLER, Karl. **Doubles: Studies in Literary History**, p. 216. Oxford: Oxford University Press, 1985.

MILLER, Renata Kobetts. **Recent Reinterpretations of Stevenson's Dr. Jekyll And Mr. Hyde: Why and How This Novel Continues to Affect Us (Studies in British Literature)**. Lewiston, NY: Edwin Mellen Press, 2005.

MILLS, Kevin. The Stain on the Mirror: Pauline Reflections in 'The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde'. **Christianity & Literature** v. 53, n. 3, p. 337-348, Spring 2004.

MILTON, John. **O Clube do Livro e a tradução**. Bauru (SP): EDUSC, 2002.

MILTON, John. **Tradução. Teoria e prática. Leitura e crítica**. São Paulo: Martins Fontes. 3ª ed., 2010.

MONTAG, Glenn. Apêndice C. p. 249-251. In: WOLF, Leonard, ed. **The Essential Dr. Jekyll and Mr. Hyde: The Definitive Annotated Edition**. Nova York: Ibooks, Inc.; 2005.

MOTA, Maurício Jorge Pereira da. O crime segundo lombroso (Texto Complementar), 2007. Disponível em: <<http://criminologiafla.wordpress.com/2007/08/20/aula-2-o-crime-segundo-lombroso-texto-complementar/>>. Acesso em: 14 jan. 2014.

NABOKOV, Vladimir. Ex Libris de Dr. Jekyll and Mr. Hyde (de "Lectures on

Literature"). In STEVENSON, Robert Louis. **O estranho caso do Dr. Jekyll e de Mr. Hyde, seguido de um estudo de V. Nabokov**. Lisboa: Relógio D'água, 1987.

NORLIE, Louise. James Hogg, The Private Memoirs and Confessions of a Justified Sinner. Resenha. In. **Bewildering Stories**, v. 262, 2007. Disponível em <http://www.bewilderingstories.com/issue262/justified_sinner_rev.html> Acesso em: 12.mai.2012.

O médico e os monstros. Direção de Fernando Neves. Texto de Mario Viana. Peça teatral apresentada pela Cia. LaMínima, 2010.

OATES, Joyce Carol. . **Notas introdutórias, p. 140. In: WOLF, Leonard, ed. *The Essential Dr. Jekyll and Mr. Hyde: The Definitive Annotated Edition***. [Nova York]: Ibooks, Inc., 2005.

OLIVEIRA JUNIOR, Juarez Monteiro de. Direito e Intolerância em "O Médico e o Monstro", de Robert Louis Stevenson. Anais do XVI Congresso Nacional do CONPEDI. p. 4980-91. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2007. Disponível em http://www.conpedi.org.br/manaus/arquivos/anais/bh/juarez_monteiro_de_oliveira_junior.pdf. Acesso em: 21.jan.2013.

OLIVEIRA, Marly Amarilha de. Quatro variações sobre o tema do duplo: Poe, Stevenson, Conrad & Rubião. **Travessia – Publicação do Programa de Pós-Graduação em Literatura**. v. 5, n. 12, p. 184-195, 1986.

OLIVEIRA, Marta Susana Matos. Livraria Sá da Costa – Uma Livraria e Editora Através da História (1913-2011). Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Estudos Editoriais, realizada sob a orientação científica da Doutora Maria Teresa Marques Baeta Cortez Mesquita, Professora Associada do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, Portugal, 2011.

PEARSON, Nels C. The Moment of Modernism: Schopenhauer's "Unstable Phantom" in Conrad's Heart of Darkness and Stevenson's The Master of Ballantrae. **Studies in Scottish Literature**, n. 31, p.182-202, 1999.

Pequena Biografia de Theodore Dalrymple. **Manhatan Institute for Policy Research**. Disponível em <<http://www.manhattan-institute.org/html/dalrymple.htm>> Acesso em: 12.mai.2012.

PEREGRINO, Mauricio. **Médicos ou Monstros?** Florianópolis: Insular, 2008.

PERROTTI-GARCIA, A. J. De Médico e Monstro todo mundo tem um pouco. In: SEMANA INTERCURSOS, 23.nov.2011, **Caderno de Resumos**. São Paulo: Letras FMU, 2011.

PERROTTI-GARCIA, A.J. Artigos Médicos em Inglês, Publicados em Periódicos do Brasil e do Exterior: uma análise a partir de corpora comparáveis. Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de mestre em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, sob orientação do Prof. Dr. Antonio Paulo Berber Sardinha, São Paulo, 2009.

PERROTTI-GARCIA, A.J. Encontros e desencontros de Dr. Jekyll e Mr. Hyde. In: ENCONTRO DE PÓS-GRADUANDOS (EPOG), 08.nov.2012, **Caderno de Resumos**. São Paulo:FFLCH USP, 2012.

PERROTTI-GARCIA, A.J. Historiography of Dr. Jekyll and Mr. Hyde in Portuguese In: RLS 213, STEVENSON TIME AND HISTORY, 08.jul.2013, **Caderno de Resumos**. Sydney, Australia: UNSW, 2013.

PERROTTI-GARCIA, A.J. Muitos Médicos, Muitos Monstros: trajetória literária de Dr. Jekyll e Mr. Hyde no Brasil. In: III SIMPÓSIO PROFISSÃO TRADUTOR (PROFT 2011) 18-19. Nov.2011, **Caderno de Resumos**. São Paulo: Disal, 2011.

PERROTTI-GARCIA, A.J. O estranho caso de Robert Louis Stevenson: luz e sombra na obra de um construtor de faróis. In: 62º. SEMINÁRIO DO GEL, 02.jul.2014, **Caderno de Resumos**. Campinas:IEL UNICAMP, 2014.

PERROTTI-GARCIA, A.J. O universo de Jekyll e Hyde: traduções, adaptações e recriações em histórias em quadrinhos. In: VIII CONGRESSO INTERNACIONAL ABRALIN, 31.jan.2013, **Caderno de Resumos**. Natal, RN:UFRN, 2013.

PERROTTI-GARCIA, A.J. Os médicos e os monstros: as muitas faces de Dr. Jekyll and Mr. Hyde. Pôster apresentado durante o III SIMPÓSIO PROFISSÃO TRADUTOR (PROFT 2013) 21-22 jun.2013, **Caderno de Resumos**. São Paulo: Club Homs, 2013.

PERROTTI-GARCIA, A.J. Os médicos e os monstros: Dr. Jekyll and Mr. Hyde em versão brasileira. **XII Congresso Internacional da ABRALIC: Centro, Centros – Ética, Estética**. UFPR – Curitiba, Brasil. 18 a 22 de julho de 2011.

PERROTTI-GARCIA, A.J. Os médicos e os monstros: Dr. Jekyll and Mr. Hyde em versão brasileira. In: XXII CONGRESSO INTERNACIONAL ABRALIC. Simpósio Tradução E Adaptação: Entrecruzamentos e Limites, 20.jul.2011. Curitiba: UFPR, 2011.

PERROTTI-GARCIA, A.J. Os médicos e os monstros: *Dr. Jekyll and Mr. Hyde* em versão brasileira. **Trad Term**, v. 21, p. 51-70, 2013.

PHELPS, William Lyon. **Introduction and Notes to Essays of Robert Louis Stevenson**. Local não indicado: Book Jungle, Dezembro 2009.

PINHEIRO, Carlos Eduardo Brefore. Da Literatura ao Teatro: A Eterna Luta entre o Bem e o Mal nas Figuras do Dr. Jekyll e de Mr. Hyde. XI Congresso Internacional da ABRALIC, USP – São Paulo, Brasil, Tessituras, Interações, Convergências 13 a 17 de julho de 2008. Publicação online 2009. Disponível em http://www.abralic.org.br/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/013/CARLOS_PINHEIRO.pdf. Acesso em: 09.jan.2012.

Quirino, Maria Teresa. Uma odisseia tradutória do *Ulysses* – Análise das traduções da obra de James Joyce. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos e Literários em Língua Inglesa, do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de mestre. 2007. Disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-06112007-112007/pt-br.php>; Acesso em: 13.jan.2013.

RANKIN, N. **Dead Man's Chest**. Boston: Faber & Faber, 1987.

REED Jr., Thomas L. **The Transforming Draught: Jekyll and Hyde, Robert Louis Stevenson and the Victorian Alcohol Debate**. EUA: McFarland & Company, Incorporated Publishers, 2006, 258 p.

REMBRANDT. **Belshazzar's Feast**. 1635. Quadro, 167.6 x 209.2cm, National Gallery, Londres. Disponível em <http://www.nationalgallery.org.uk/paintings/rembrandt-belshazzars-feast>. Acesso em 21.jun.2014.

ROBERTS, James L. Notas e introdução *In Cliff Notes on Stevenson's Dr. Jekyll and Mr. Hyde*. New York: Wiley Publishing, 1989.

SALEM, Robert Eli. **Oliver Twist no Brasil: a Tradução do Anti-Semitismo de Machado de Assis a Will Eisner**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, da Universidade Federal da Bahia – UFBA, sob orientação da Profa. Dra. Sílvia Maria Guerra Anastácio. Salvador: 2010.

SANDISON, Alan. **Robert Louis Stevenson and the Appearance of Modernism**. Londres: Macmillan, 1996.

SAPOSNIK, Irving S. The Anatomy of Dr. Jekyll and Mr. Hyde. *Nineteenth Century. Studies in English Literature, 1500-1900*, v. 11, n. 4, p. 715-731, 1971.

SCHOLAR, Richard. Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde: A Case-Study in Translation? **Translation & Literature** v. 7, n. 1, p. 42-55, mai 1998.

SCIENTIST raps procedure in Lincoln psychoanalysis. *Washington Post*. 06.Jun.1931, p. 2.

SHAKESPEARE, W. Hamlet. **Hamlet**: Act 1, Scene 2, Page 5 Disponível em: http://nfs.sparknotes.com/hamlet/page_26.html. Acesso em: 12.jun.2014.

SHAKESPEARE, W. King Lear. **Act 3, Scene 4, lines 98-105** Disponível em: http://nfs.sparknotes.com/lear/page_166.html. Acesso em: 12.jun.2014.

SHELLEY, M. Frankenstein. Cap 5 Disponível em: <http://www.boutell.com/frankenstein/chapter5.html>. Acesso em: 12.jun.2014.

SHELLEY, Mary; STEVENSON, Robert Louis; STOKER, Bram. **Frankenstein; O Médico e o Monstro; Drácula**. Títulos originais *Frankenstein; Dr. Jekyll and Mr. Hyde; Dracula*. . Porto Alegre: L&PM, 2010a.

SHELLEY, Mary; STEVENSON, Robert Louis; STOKER, Bram. **Frankenstein: ou o Prometeu Moderno; O Médico e o Monstro; Drácula**. Tradução Pietro Nassetti. Títulos originais *Frankenstein; Dr. Jekyll and Mr. Hyde; Dracula*. São Paulo: Martin Claret, 2011.

SHELLEY, Mary; STOKER, Bram; STEVENSON, Robert Louis. **Frankenstein; Drácula; O Médico e o Monstro**. Títulos originais *Frankenstein; Dracula; Dr. Jekyll and Mr. Hyde*. Tradução de Adriana Lisboa. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

SHOWALTER, Elaine. **Sexual Anarchy: Gender, and Culture at the Fin de Siècle**,

p. 107-110. Nova Londres: Virago, 1991.

SILVA, Alexander Meireles da. *Elementos decadentistas em o estranho caso de Dr. Jekyll e Mr. Hyde*. **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades**, v. IV, n. XV, Setembro - Agosto 2005. Disponível em <http://publicacoes.unigranrio.com.br/index.php/reihm/article/viewFile/487/478>. Acesso em: 23.jan.2013.

SILVESTRE, Marcela. "A Liga Extraordinária" e o diálogo entre personagens de Literaturas de Língua Inglesa e a contemporaneidade. XI Congresso Internacional da ABRALIC Tessituras, Interações, Convergências 13 a 17 de julho de 2008 USP – São Paulo, Brasil. Disponível em http://www.abralic.org.br/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/026/MARCELA_SILVESTRE.pdf . Acesso em: 09.jan.2012.

SMITH, Andrew. **Victorian Demons: Medicine, Masculinity, and the Gothic at the Fin-de Siècle**. Manchester: Manchester University Press, 2004.

SOUSA, Francina Evaristo de. Entre o bem e o mal: O mal-estar na obra O médico e o monstro, [2008]. Disponível em http://agorainsti.dominiotemporario.com/doc/artigo_francina_a_obra.pdf. Acesso em: 20.abr.2012.

SPANGENBERG, Edward. The doctor was Jekyll one minute, Hyde the next. A professional code of conduct helped these nurses work with a volatile chief resident. **Nursing**, Professional Growth Section, novembro 1992.

STEFAN, Edwin S. A Psychological walk with Robert Louis Stevenson. **Journal of Religion & Psychical Research**. v. 16, n. 4, p. 212-217, out. 1993. Disponível em < <http://khs.kearnyschools.com/download.axd?file=8c4f75fb-8496-464c-8805-68d7f9ad823b&dnldType=Resource>> Acesso em: 30.jun.2011.

STERN, Simon. Stevenson's 'The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde' as a Criminal Law Text. **Law & Policy Book Review**, v. 18, p. 356, 2008.

STEVENSON, Lionel ed., **Victorian Fiction: A Guide to Research**. Cambridge, Mass.: Harvard University Press), (1964) In: DURY, Richard. Stevenson in Italy and in Italian. **Scottish Studies Review**, v. 9, n. 1, p. 61-78, Spring 2008.

STEVENSON, Robert Louis. & WOLF, Leonard, ed. **The Essential Dr. Jekyll and Mr. Hyde: The Definitive Annotated Edition of Robert Louis Stevenson's**

Classic Novel. ISBN-13: 978-0452269699. EUA: Plume, 1995. 304 p.

STEVENSON, Robert Louis. Chapter on dreams. In *The Works of Robert Louis Stevenson-Swanston Edition Vol. 16* (de 25), 2010, p. 177 Disponível em <http://www.gutenberg.org/files/30990/30990-h/30990-h.htm>. Acesso em: 12.jun.2014.

STEVENSON, Robert Louis. **Doutor Jekyll e Mister Hyde.** Título original *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*. Ilustrações de Guido Crepax. Tradução de Luis Lorenzo Rivera. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

STEVENSON, Robert Louis. **Dr. Jekyll e Mr. Hyde.** Título original *The Strange Case of Doctor Jekyll and Mister Hyde*. Tradução de Mario Fondelli. Rio de Janeiro: Newton Compton Brasil, 1996.

STEVENSON, Robert Louis. **Dr. Jekyll e Sr. Hyde. O Médico e o Monstro.** Coleção Elefante. Título original *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*. Tradução de Marques Rebelo. São Paulo: Tecnoprint, 1971.

STEVENSON, Robert Louis. **O Clube do Suicídio e outras histórias.** Tradução Andréa Rocha. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

STEVENSON, Robert Louis. **O Doutor Jekyll e o Monstro (e outros contos).** Título original *The strange case of Dr. Jekyll and M. Hyde; Will o' the Mill, Markheim, Thrawn Janet e Olalla*. Tradução de E. Jacy Monteiro. São Paulo: Edições Paulinas, 1968.

STEVENSON, Robert Louis. **O Estranho Caso de Doutor Jekyll e Mister Hyde .** Roteiro Santiago García. Ilustrações Javier Olivares. (quadrinhos) São Paulo: Edições SM, 2011.

STEVENSON, Robert Louis. **O estranho caso de Dr. Jekyll e Mr. Hyde.** Título original *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*. Tradução de Braulio Tavares. São Paulo: Hedra, 2011. ISBN: 978-85-7715-262-9

STEVENSON, Robert Louis. **O Estranho Caso do Doutor Jekyll & do Senhor Hyde/ *The Strange Case of Doctor Jekyll and Mister Hyde*.** Edição bilíngue. Tradução de Fabio Cyrino. São Paulo: Landmark, 2008.

STEVENSON, Robert Louis. **O Estranho Caso do Dr. Jekyll e do Sr. Hyde.** Formato *pocket*. Título original *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*. Tradução de Marques Rebelo. São Paulo: Tecnoprint, 1971.

STEVENSON, Robert Louis. **O Estranho Caso do Dr. Jekyll e do Sr. Hyde.** Coleção “Clássicos em conserva” Tradução de Lúcia Helena de Seixas Brito. Curitiba: Arte e Letra, 2010.

STEVENSON, Robert Louis. **O médico & o monstro.** Título original *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Melhoramentos, 2007.

STEVENSON, Robert Louis. **O Médico e o Monstro - Dr. Jeckyl e Mr. Hyde.** Título original *Dr. Jekyll and Mr. Hyde*. Tradução de José Paulo Golob, Maria Ângela Aguiar e Roberta Sartori. Coordenação Beatriz Viégas-Faria. Porto Alegre: L&PM, 2002.

STEVENSON, Robert Louis. **O Médico e o Monstro - Dr. Jekyll e Mr. Hyde.** Título original *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*. Tradução de A. Victor Machado. Lisboa: Livraria Minerva, 1933.

STEVENSON, Robert Louis. **O Médico e o Monstro - O estranho caso do Dr. Jekyll e Mr. Hyde.** Título original *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*. Tradução de José Maria Machado. São Paulo: Clube do Livro, 1951.

STEVENSON, Robert Louis. **O Médico e o Monstro (Dr. Jekyll e Mr. Hyde).** Título original *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*. Tradução de Luzia C. Machado da Costa. São Paulo: Edibolso, 1977.

STEVENSON, Robert Louis. **O Médico e o Monstro (e outras histórias).** Biblioteca Universal Popular (BUP), v. 27. Título original *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde; Markheim; The bootle imp*. Tradução de Helena Pessôa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.

STEVENSON, Robert Louis. **O Médico e o Monstro e ourtas histórias.** Série Clássicos Saraiva. Título original *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde; The bootle imp; Markheim*. Tradução de Nair Lacerda. São Paulo: Saraiva, 2010.

STEVENSON, Robert Louis. **O Médico e o Monstro e outras histórias.** Título original *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*. Tradução de Nair Lacerda. São Paulo: Edição Saraiva, 1960.

STEVENSON, Robert Louis. **O Médico e o Monstro.** Adaptação Carl Bowen, Série Clássicos em Quadrinhos. Ilustrações Daniel Perez. (quadrinhos) São Paulo: Instituto Brasileiro de Cultura, 2009.

STEVENSON, Robert Louis. **O Médico e o Monstro**. Adaptação Fiona Macdonald. Tradução Maria Ângela A. de Paschoal. (quadrinhos) São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2009.

STEVENSON, Robert Louis. **O Médico e o Monstro**. Clássicos do Pavor no. 3 (quadrinhos). Rio de Janeiro: Bloch Editores S.A., 1977.

STEVENSON, Robert Louis. **O Médico e o Monstro**. Coleção Crimes N. 1 (quadrinhos). Tradução Luzia C. Machado da Costa. São Paulo: EBAL, 1977.

STEVENSON, Robert Louis. **O Médico e o Monstro**. Coleção Crimes N. 1 (quadrinhos). [??]: B.I.S, 1967.

STEVENSON, Robert Louis. **O Médico e o Monstro**. Coleção É só o Começo. Adaptação para neoleitores Pedro Gonzaga. Porto Alegre: L&PM, 2011.

STEVENSON, Robert Louis. **O Médico e o Monstro**. Coleção Encontro com os Clássicos. Título original *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*. Adaptação de Douglas Tufano e Renata Siqueira Tufano. São Paulo: Paulus, 2010.

STEVENSON, Robert Louis. **O Médico e o Monstro**. Coleção Eu Leio. Título original *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*. Tradução de Heloisa Jahn. São Paulo: Ática, 2008.

STEVENSON, Robert Louis. **O Médico e o Monstro**. Coleção O Tesouro dos Clássicos. Título original *L'Étrange cas du Dr. Jekyll et de M. Hyde*. Adaptação de Luc Lefort. Tradução de Luciano Vieira Machado. São Paulo: Ática, 2005.

STEVENSON, Robert Louis. **O Médico e o Monstro**. Coleção Recontar Juvenil antiga Reviver. **Adaptação:** Ronaldo Antonelli. São Paulo: Escala Educacional, 2012.

STEVENSON, Robert Louis. **O Médico e o Monstro**. Coleção: A Obra-Prima de Cada Autor. Tradução Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2000.

STEVENSON, Robert Louis. **O Médico e o Monstro**. Desenhos Franco da Rosa. (quadrinhos eróticos) São Paulo: Nova Sampa, 1990.

STEVENSON, Robert Louis. **O Médico e o Monstro**. Edição Maravilhosa, série

Clássicos Ilustrados (quadrinhos). Rio de Janeiro: Brasil-América, 1951.

STEVENSON, Robert Louis. **O Médico e o Monstro**. Roteiro Wilson Carlos Magno (aka 'Aporeyma'). Desenhos Flavio Colin. (quadrinhos eróticos) Curitiba: Grafipar, 1979.

STEVENSON, Robert Louis. **O Médico e o Monstro**. Série Clássicos da Literatura. Título original *Dr. Jekyll and Mr. Hyde*. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Melhoramentos, 2010.

STEVENSON, Robert Louis. **O Médico e o Monstro**. Série *Grandes Foto-romances inéditos de Capricho*. (fotonovela) São Paulo: Abril, 1964.

STEVENSON, Robert Louis. **O Médico e o Monstro**. Série HQ Clássicos. Tradução Érico Assis. (quadrinhos) São Paulo: DCL - Farol Literário, 2012.

STEVENSON, Robert Louis. **O Médico e o Monstro**. Série Literatura em Desfile (quadrinhos), v. 4. Rio de Janeiro: Garimar, 1958.

STEVENSON, Robert Louis. **O Médico e o Monstro**. Série Pateta faz história (quadrinhos), v. 18. Tradução José Fiorini Rodrigues. São Paulo: Abril, 2011.

STEVENSON, Robert Louis. **O Médico e o Monstro**. Série Reencontro infantil. Adaptação de João Anzanello Carrascoza. São Paulo: Scipione, 2003.

STEVENSON, Robert Louis. **O Médico e o Monstro**. Série Reencontro literatura. Adaptação de Edla Van Steen. São Paulo: Scipione, 1997.

STEVENSON, Robert Louis. **O Médico e o Monstro**. Título original *Dr. Jekyll and Mr. Hyde*. Tradução e adaptação de Lígia Cademartori. São Paulo: FTD, 1989.

STEVENSON, Robert Louis. **O Médico e o Monstro**. Título original *Dr. Jekyll and Mr. Hyde*. Tradução de Hildegard Feist da adaptação de Michael Lawrence. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1998.

STEVENSON, Robert Louis. **O Médico e o Monstro**. Título original *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*. Tradução de José Maria Machado. São Paulo: Estação Liberdade - Clube do Livro, 1986.

STEVENSON, Robert Louis. **O Médico e o Monstro**. Título original *The Strange*

Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde. Tradução de Heloisa Jahn. São Paulo: Ática, [1989].

STEVENSON, Robert Louis. **O Médico e o Monstro**. Título original *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*. Tradução e posfácio de Rodrigo Lacerda. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

STEVENSON, Robert Louis. **O Médico e o Monstro**. Título original *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*. Tradução de Humberto Pires. Rio de Janeiro: Tecnoprint Gráfica, [??].

STEVENSON, Robert Louis. **O Médico e o Monstro**. Título original *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*. Coleção Saraiva de Bolso. Tradução de Adriana Lisboa. São Paulo: Edição conjunta Saraiva/Nova Fronteira, 2011.

STEVENSON, Robert Louis. **O Médico e o Monstro**. Título original *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*. Tradução de Braulio Tavares. São Paulo: Hedra, 2012. ISBN: 978-85-7715-262-8

STEVENSON, Robert Louis. **O Médico e o Monstro**. Tradução Claudio de Almeida Neri, Luiz Clóvis Leal Moraes, Paulo Afonso Leão de Lima, Samuel Rodrigues Santos e Valnei Ferreira de Oliveira. Publicação *online*, 2010. Disponível em <http://www.translationews.com/tradutor/conteudo/traducoes/item/5-o-medico-e-o-monstro-dr-jekyll-and-mr-hyde>. Acesso em: 23.jun.2014.

STEVENSON, Robert Louis. **O Médico e o Monstro**. Tradução de Ivone Tupinambá Pereira Lima; adaptação de Jorge Aulicino. Buenos Aires: Arte Gráfico Editorial Argentino S.A, 2005.

STEVENSON, Robert Louis. **O Médico e o Monstro**. Tradução José F. Rodrigues. edição bilíngue (Inglês e Português) (quadrinhos). São Paulo: Abril Jovem, 1990.

STEVENSON, Robert Louis. **O Médico e o Monstro**. Tradução Luciana Garcia. Adaptação Jason Ho. Ilustrações Jason Ho. (quadrinhos) Rio de Janeiro: Prumo, 2011.

STEVENSON, Robert Louis. **O Médico e o Monstro**. Tradução Orlando Rocha. São Paulo: Universitária, 1942.

STEVENSON, Robert Louis. **O Médico e o Monstro; Markheim; A porta de Sire de Maletroit**. Título original *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde; Markheim; The Sire de Maletroit's Door*. N. 4; série Novelas de Mistérios. Tradução de Joaquim

Machado. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1955.

STEVENSON, Robert Louis; SHELLEY, Mary; STOKER, Bram. **O Médico e o Monstro, Frankenstein e Drácula** (quadrinhos) Coleção Clássicos da Literatura. Tradução Clene Salles, Isney Savoy, Júlio de Andrade Filho. São Paulo: Abril, 2010.

STIRLING, Kirsten Anne. "Dr. Jekyll and Mr. Jackass": Fight Club as a Refraction of Hogg's Justified Sinner and Stevenson's Dr. Jekyll and Mr. Hyde. **Postmodern Studies, Refracting the Canon in Contemporary British Literature and Film**, Amsterdam, v. 12, p. 83-94, 2004.

STODDART, Helen. The Demonic. In: MULVEY-ROBERTS, Marie. (Ed.). **The handbook to gothic literature**. New York: NY University Press, 1998. p. 43-45.

STOKER, Bram; STEVENSON, Robert Louis; CUNHA, Leo. Clássicos Juvenis- Três por Três. **Drácula; O Médico e o Monstro; O Morto-Vivo da Colina Verde**. Título original *Dracula; The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde; O Morto-Vivo da Colina Verde*. Tradução de Leo Cunha. São Paulo: Atual Editora, 2007.

STRICKLAND, William Bradley. . Notas introdutórias, p. 70. In: WOLF, Leonard, ed. **The Essential Dr. Jekyll and Mr. Hyde: The Definitive Annotated Edition**. [Nova York]: Ibooks, Inc., 2005.

SUPPIA, Alfredo Luiz Paes de Oliveira. O estranho caso do livro que inspirou uma infinidade de filmes: breve análise de O Médico e o Monstro no cinema. **Argumento (Revista das Faculdades de Educação, Ciências e Letras e Psicologia Padre Anchieta)**, v. VIII, n. 14, p. 137-150, maio 2006.

SYMONDS, J. A. **The Letters of J. A. Symonds**. Herbert M. Schueller e Robert L. Peters (ed.) v. 3. Detroit: Wayne State University Press, 1969.

TAYLOR, Paul. Theatre Dr. Jekyll and Mr. Hyde Birmingham Rep. Notícia publicada na Coluna Arts+Ents do Jornal The Independent. Londres, 09.jul.1996. Disponível em <http://www.independent.co.uk/arts-entertainment/theatre-dr-jekyll-and-mr-hyde-birmingham-rep-1327914.html>. Acesso em: 12.mar.2014.

TOURY, Gideon. **In search of a theory of translation**. Tel Aviv: Porter Institute for Poetics and Semiotics, Tel Aviv University, 1980.

TOURY, Gideon. The Nature and Role of Norms in Translation. 1995. In: VENUTI, Lawrence (ed.). **The translation Studies Reader**. Londres: Routledge, 2000.

VEEDER, William. Children of the Night: Stevenson and Patnarchy. In **Dr. Jekyll and Mr. Hyde After One Hundred Years**, William Veeder and Gordon Hirsch, eds. Chicago: University of Chicago Press, 1988.

VENUTI, Lawrence (ed.). **The Translation Studies Reader**. Londres: Routledge, 2000.

VIANA, Mario. O médico e os monstros. Script da peça, baseado no romance *Doctor Jekyll & Mister Hyde*, de Robert Louis Stevenson. São Paulo, 2008.

VIANA, Mario. Re: Peça da Cultura Inglesa (adap Mario Viana) na Irlanda [mensagem pessoal] Mensagem recebida por <drajulia@gmail.com> em 31.jan.2011.

VILLACAÑAS, Beatriz. De doctores y monstruos: la ciencia como transgresión en Dr. Faustus, Frankenstein y Dr. Jekyll and Mr. Hyde. **Asclepio** v. LIII, n. 1, p. 197-211, 2001.

WAGNER, Karl Edward. Notas introdutórias, p. 42. In: WOLF, Leonard, ed. **The Essential Dr. Jekyll and Mr. Hyde: The Definitive Annotated Edition**. [Nova York]: Ibooks, Inc., 2005.

WALKER, Richard J. "He, I say — I Cannot Say I": Modernity and the Crisis of Identity in Robert Louis Stevenson's *Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*, **Journal of Stevenson Studies** I, p. 76—102, 2004.

WALKER, Richard J. Pious Works: Aesthetics, Ethics, and the Modern Individual in Robert Louis Stevenson's *Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*, p. 265-274. In: **Robert Louis Stevenson. Writer of Boundaries**. Madison, WI: The University of Wisconsin Press, 2006.

WATSON, Roderick. You cannot fight nie with a word: The Master of Ballantrae and the wilderness beyond dualism, **Journal of Stevenson Studies** I, p. i-23, 2004.

WEBB, Jean. Conceptualising Childhood: Robert Louis Stevenson's *A Child's Garden of Versed*, **Cambridge Journal of Education** v. 32, n. 3, p. 359—65, 2002.

WILLIAMS, M. Kellen. 'Down With the Door, Poole': Designating Deviance in Stevenson's Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde. **English Literature in Transition – 1800-1920**, v. 39 n. 4, p. 412-429, out. 1996.

WOLF, Leonard, ed. **The Essential Dr. Jekyll and Mr. Hyde: The Definitive Annotated Edition**. ISBN-13: 978-1596871052. [Nova York]: Ibooks, Inc.; 2005.

WRIGHT, Daniel L. The prisonhouse of my disposition': A study of the psychology of addiction in Dr. Jekyll and Mr. Hyde. **Studies in the Novel**, v. 26, n. 3, p. 254-268, outono de 1994. Disponível em: <http://mural.uv.es/agipe/psychologicalstudyjekyll.html> >. Acesso em: 20.jan.2012.

WEBSITES

Acervo de Fotonovelas. Disponível em: <http://acervodefotonovelas.blogspot.com.br/2012/08/o-medico-e-o-monstro.html>. Acesso em: 28.mar.2012.

Answers. The Annotated Strange Case Of Dr. Jekyll And Mr. Hyde. Disponível em: <http://www.answers.com/topic/the-annotated-strange-case-of-dr-jekyll-and-mr-hyde>. Acesso em: 23.abr.2012.

AntConc. Disponível em: http://www.antlab.sci.waseda.ac.jp/antconc_index.html. Acesso em: 15.jan.2014.

Bible Hub. Disponível em: <http://biblehub.com/>. Acesso em: 22.jan.2014.

Bíblia Almeida Atualizada. Disponível em: <http://www.biblestudytools.com/aa/>. Acesso em: 15.mar.2014.

Bíblia Online. Disponível em: <http://www.bibliaonline.com.br/> Acesso em: 15.jan.2014.

Biblioteca da University of South Carolina. Disponível em: <http://library.sc.edu/spcoll/britlit/rls/rls.html>. Acesso em: 15.jan.2014.

Cliffs Notes. Literature. Dr. Jekyll and Mr. Hyde. Disponível em: http://www.cliffsnotes.com/study_guide/literature/doctor-jekyll-and-mister-hyde/character-analysis/edward-hyde.html. Acesso em: 23.abr.2012.

Corpus do Português. Disponível em:
<http://www.corpusdoportugues.org/x.asp>. Acesso em: 15.jan.2014.

Editora Record. Disponível em: <http://www.record.com.br/grupoeditorial.asp>.
 Acesso em: 15.jan.2012.

Fundação Biblioteca Nacional do Brasil. Disponível em:
http://acervo.bn.br/sophia_web/index.html. Acesso em: 21.jun.2014.

Guia dos Quadrinhos. Disponível em: <http://www.guiadosquadrinhos.com>.
 Acesso em: 21.fev.2014.

HQ Memória. Disponível em: <http://hqmemoria.quadrinho.com/?paged=3>.
 Acesso em: 20.ago.2012.

Journal of Stevenson Studies. Disponível em: <http://www.robert-louis-stevenson.org/rls-journal>. Acesso em: 15.jan.2014.

L&PM Editores. *Website* da editora, com informações sobre a série para neoleitores. Disponível em: http://www.lpm-editores.com.br/site/default.asp?TroncoID=805133&SecaID=816261&SubsecaID=935305&Template=../artigosnoticias/user_exibir.asp&ID=228061. Acesso em: 12.set.2013.

Livros publicados em Portugal. Disponível em:
http://bibliowiki.com.pt/index.php/O_M%C3%A9dico_e_o_Monstro. Acesso em: 15.jan.2014.

Projeto Gutenberg. Disponível em:
http://www.gutenberg.org/wiki/PT_Principal. Acesso em: 13.jun.2014.

RLS *Website*. Disponível em: <http://www.robert-louis-stevenson.org/>. Acesso em: 15.jan.2014.

Robert Louis Steveson Museum. Disponível em:
http://www.rlsmuseum.com/ln_oth.htm. Acesso em: 15.jan.2014.

SparkNotes. Literature Study Guides. Dr. Jekyll and Mr. Hyde. Disponível em: <http://www.sparknotes.com/lit/jekyll/>. Acesso em: 12.jan.2013.

The Skeptical Doctor (website dedicado ao trabalho de Theodore Dalrymple). Disponível em: <http://www.skepticaldoctor.com/Life.html>. Acesso em: 15.jan.2014.

Webster's Revised Unabridged Dictionary. Disponível em <http://machaut.uchicago.edu/websters>. Acesso em: 30.nov.2013.

Wordfast. Disponível em: <http://www.wordfast.net/index.php?whichpage=downloadpage&lang=engb>. Acesso em: 15.jan.2014.

WorldWebSize.com. Disponível em: <http://www.worldwidewebsize.com/>. Acesso em: 20.jun.2014.

APÊNDICE A - Relação das traduções de *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde* para o português¹⁷⁴.

ANO (1ª Edição)	TÍTULO DO LIVRO	EDITORIA (sede)	TRADUTOR	CAPA	OBSERVAÇÕES
1. 1933	<i>O Médico e o Monstro</i>	Livraria Minerva (Portugal)	A. Victor Machado		A Livraria Minerva era uma casa editora de Lisboa, Portugal. Poderá tratar-se da antecessora da Editorial Minerva, que existe na Europa ainda hoje.
2. 1938	<i>O Diabo no Colégio</i>	Livraria do Globo (Rio de Janeiro)	Orlando Maia		“A Novela Revista mensal de literatura editada pela Livraria do Globo”
3. 1942	<i>O Estranho caso do Dr. Jekyll e do Sr. Hyde</i>	Portugália Editora (Portugal)	Cabral do Nascimento		Editora portuguesa que publicava literatura fantástica e ficção científica.

¹⁷⁴ Todas as ilustrações deste Apêndice pertencem ao acervo pessoal da pesquisadora.

4. 1942	<i>O Médico e o Monstro</i>	Editorial Inquérito (Portugal)	Agostinho da Silva		Parte da Coleção Os Melhores Romances dos Melhores Romancistas.
5. 1942	<i>O Médico e o Monstro</i>	Editora Universitária (São Paulo)	Orlando Rocha		Contém ainda “O Exhumador” (respeitaremos a grafia da época), “A Garrafa Diabólica” e “Na França ‘Medieval’” (sic.)
6. 1945	<i>O Médico e o Monstro</i>	Editorial Crisos (Portugal)	não encontrado nas pesquisas		
7. 1951	<i>O Médico e o Monstro (Dr. Jekyll e Mr. Hyde)</i> <i>Edição Maravilhosa n. 34</i>	Editora Brasil-América (Rio de Janeiro)	Não consta		Quadrinhos

8. 1951	<i>O Médico e o Monstro</i>	Clube do Livro (São Paulo)	José Maria Machado
9. 1955*	<i>O Médico e o Monstro</i> Contém ainda: Markheim; A Porta de Sire de Maletroit	Melhoramentos (São Paulo)	Joaquim Machado Ilustrações: Eugênio Garcia- Ruiz Alarnes.		*Como era costume da Edições Melhoramentos da época, não consta a data de publicação (que recuperamos pelos dados da Biblioteca Nacional associados a contatos com o atendimento ao consumidor da Editora)

10.1955	<p>O Ladrão de Milhões (Ewger Seeliger) e O Médico e o Monstro.</p> <p>Coleção “Aventura e Mistério”. n. 13</p>	Melhoramentos (São Paulo)	Joaquim Machado	<p>Acervo da pesquisadora Reprodução Proibida</p> <p>Capa dura</p>	<p>Na primeira página constam as publicações de O Ladrão de Milhões (de Ewger Seeliger) e O Médico e o Monstro. Entretanto, ao chegar à segunda parte, percebe-se que há também Markheim e A Porta de Sire de Maletroit. Com selo da Livroluz, Divulgadora Cultural S.A..</p>
11.1958	<p>Literatura em Desfile apresenta</p> <p><i>O Médico e o Monstro</i></p>	Editora Garimar	Tradutor não citado	<p>Acervo da pesquisadora Reprodução Proibida</p>	<p>Em 1967 a editora B.I.S. fez uma nova publicação deste texto, mantendo uma capa bastante semelhante.</p>

12.1960	<i>O Médico e o Monstro</i>	Saraiva (São Paulo)	Nair Lacerda (1903-1996)	<p>Acervo da pesquisadora Reprodução Proibida</p>	Embora na capa conste apenas <i>O Médico e o Monstro</i> , na primeira capa lê-se “ <i>O Médico e o Monstro e Outras Histórias</i> ”. As outras duas histórias são <i>O Diabrete na Garrafa</i> e <i>Markheim</i> .
13.1960 (aproximado)	<i>O Médico e o Monstro</i> Série OURO n. 714”	Tecnoprint Gráfica	Humberto Pires	<p>Acervo da pesquisadora Reprodução Proibida</p>	Não apresenta data de publicação, mas pela ortografia utilizada e pelo fato de não citarem mais o Estado da Guanabara no endereço, foi estabelecida a data aproximada.

14.1961	<i>O Médico e o Monstro</i>	Civilização Editora (Portugal)	Maria Benilde Oliveira e Silva e Álvaro Garcia Fernandes	<p>Acervo da pesquisadora Reprodução Proibida</p>	A Civilização Editora ainda atua em Portugal, estando situada Rua Alberto Aires de Gouveia nº27.
15.1963	<i>O Médico e o Monstro</i>	: Biblioteca Universal Popular (BUP)	Helena Pessôa	<p>Acervo da pesquisadora Reprodução Proibida</p> <p>*Note o erro na grafia do segundo nome do autor: "Robert Luis Stevenson"</p>	Livro em formato de bolso (<i>pocket</i>). Na capa, lê-se apenas o nome da primeira história, mas já na página 2 pode-se ler o título completo (<i>O Médico e o Monstro e outras histórias</i>). <i>Markheim</i> e <i>O Demônio da Garrafa</i> são as narrativas que compõem o livro. A quarta capa faz menção às três histórias.

16.1964*	<i>O Médico e o Monstro</i>	Editora Abril (São Paulo)	Tradutor não citado	<p>Acervo da pesquisadora Reprodução Proibida</p>	*A data da publicação foi obtida no site Acervo de Fotonovelas, já que na revista não há essa informação, assim como não é citado quem fez a tradução.
17.1965	<i>O Médico e o Monstro</i>	Portugália Editora (Portugal)	Cabral do Nascimento		Coleção O livro de bolso
18.1967	<i>O Médico e o Monstro</i> Coleção Crimes N. 1	B.I.S. Editora	Tradutor não citado	<p>Acervo da pesquisadora Reprodução Proibida</p>	Revista em quadrinhos, preto e branco, papel jornal, diferentes histórias vendidas quinzenalmente nas bancas de jornal da época.

19.1968	<i>O médico e o monstro e outras histórias</i>	Civilização (Porto, Portugal)	Maria Benilde Oliveira e Silva, Álvaro Garcia Fernandes		Edição contendo o texto publicado em 1961 e outras histórias.
20.1968	<i>O Doutor Jekyll e o Monstro</i>	Paulinas	E. Jacy Monteiro	<p>Acervo da pesquisadora Reprodução Proibida</p>	Contém ainda: <i>Will do moinho</i> ; <i>Markheim</i> ; <i>Janet do pescoço torcido</i> ; e <i>Olallá</i> .
21.1971	<i>O Médico e o Monstro</i> Livros de bolso Europa-América	Publicações Europa-América (Portugal)	Tradutor não citado	<p>Acervo da pesquisadora Reprodução Proibida</p>	Na contracapa encontra-se a seguinte frase “A publicação desta obra em ‘Livros de Bolso Europa-América’ foi possível graças à colaboração da Portugália Editora”.

22.1971	<p><i>Dr. Jekyll e Sr. Hyde</i> O Médico e o Monstro</p> <p>Coleção Elefante.</p>	<p>Editora Tecnoprint Ltda.</p>	<p>Marques Rebelo</p> <p>CAPA: “Recontado em português por Marques Rebelo”</p>		<p>Embora a capa e o formato deste livro sejam diferentes do exemplar publicado pela Tecnoprint no mesmo ano, em formato “pocket”, o conteúdo interno é idêntico.</p>
23.1971	<p><i>O Estranho Caso do Dr. Jekyll e do Sr. Hyde</i></p>	<p>Editora Tecnoprint Ltda.</p>	<p>Marques Rebelo</p> <p>CAPA: “Texto em português de Marques Rebelo</p> <p>Recontado da obra original de R. L. Stevenson”</p>		<p>Como já citado anteriormente, embora a capa e o formato deste livro sejam diferentes do exemplar publicado pela Tecnoprint no mesmo ano, conteúdo interno é idêntico.</p>

24.1972	<i>O Médico e o Monstro</i> - <i>O pavilhão à beira-mar - Pousada noturna</i>	Cedibra	Cezar Tozzi	<p>Depois de morte de seu pai num desastre aéreo no Brasil, muda para grande Anna Freixo o turbulento vida londrina. Seria secretária no castelo dos Duval, numa pitoresca aldeia do sul da França onde passa sua infância. Mas o castelo era sombrio e amaldiçoado. E mais ameaçadoras ainda eram as crias de M. Duval, a repulsiva serpente que nos olhos mirava, e as sombras de Gaston — homem ou fantasma?</p> <p>Cr\$ 3,50</p> <p>Acesso da pesquisadora bruguera Reprodução Proibida</p>	Coleção Trevo negro; 29
25.1972	<i>O Médico e o Monstro</i> - <i>O pavilhão à beira-mar - Pousada noturna</i> + <i>Assim na terra como no céu</i> “2 livros num só”	Nautilus Ficção 10 “O romance contemporâneo, o gótico, o clássico da literatura numa seleção feita especialmente para você.”	Cézar Tozzi		<i>O Médico e o Monstro - O pavilhão à beira-mar - Pousada noturna</i> + <i>Assim na terra como no céu</i> “2 livros num só”
26.1975	<i>Doutor Jekyll e Senhor Hyde e Outros Contos</i>	Amigos do Livro (Portugal)	M. C. Gago da Silva		Esta editora aparentemente já encerrou suas atividades.

27.1975	O Médico e o Monstro O Estranho Caso do Dr. Jekyll e Mr. Hyde	Scipione	Edla Van Steen Capa 2010	<p>Robert Louis Stevenson O médico e o monstro Edla Van Steen</p> <p>Acervo da pesquisadora Reprodução Proibida</p>	A escritora e tradutora Edla Van Steen (nascida em Florianópolis, SC, em 1963) certamente produziu o texto mais reimpresso e reeditado entre todas as traduções de <i>Dr. Jekyll and Mr. Hyde</i> para o português publicadas no Brasil.
		Capa 2005	Capa em 2000	Lançada em 1997	Anterior a 1985
	<p>Robert Louis Stevenson O médico e o monstro Edla Van Steen</p> <p>Acervo da pesquisadora Reprodução Proibida</p>	<p>ROBERT LOUIS STEVENSON O médico e o monstro Edla Van Steen</p> <p>Acervo da pesquisadora Reprodução Proibida</p>	<p>ROBERT LOUIS STEVENSON O médico e o monstro Edla Van Steen</p> <p>Acervo da pesquisadora Reprodução Proibida</p>	<p>ROBERT LOUIS STEVENSON O médico e o monstro Edla Van Steen</p> <p>Acervo da pesquisadora Reprodução Proibida</p>	

<p>28.1975* (anterior a)</p>	<p><i>O Médico e o Monstro</i> (<i>Dr. Jekyll e Mr. Hyde</i>)</p> <p>“Uma obra-prima de terror e ‘suspense’”</p>	<p>Distribuidora Record</p> <p>(Impressão: Estabelecimento Gráfico Borsoi)</p>	<p>Luzia C. Machado da Costa</p>	<p>Acervo da pesquisadora Reprodução Proibida</p>	<p>: * embora não haja data de publicação, no endereço da gráfica é citado o Estado da Guanabara, que deixou de existir em 1975.</p>
<p>29.1977</p>	<p><i>O Médico e o Monstro</i> (<i>Dr. Jekyll e Mr. Hyde</i>)</p> <p>“O máximo em terror e suspense”</p>	<p>Edibolso (Distribuidora Record)</p> <p>(Impressão e Acabamento Círculo do Livro)</p>	<p>Luzia C. Machado da Costa</p>	<p>Acervo da pesquisadora Reprodução Proibida</p>	<p>Chama à atenção do leitor contemporâneo a semelhança acentuada que existe entre o “<i>Doctor House</i>” (personagem do ator <i>Hugh Calum Laurie</i> da série de TV estadunidense “<i>House</i>” dos anos 2010) e o “médico/monstro” retratado na capa desta edição.</p>

30.1977	Pancada nº 2 (S.U.V.A.C)	Abril	Licenciador: Major Magazines	<p>Acervo da pesquisadora Reprodução Proibida</p>	Entre outras histórias, apresenta O Médico e o Monstro
31.1977	“Clássicos do Pavor” <i>O Médico e o Monstro</i> (<i>Dr. Jekyll e Mr. Hyde</i>)	Bloch Editores S.A.* Publicada originalmente em Marvel Classics Comics (1976) nº 1/1976	Tradutor não citado	<p>Acervo da pesquisadora Reprodução Proibida</p>	Quadrinhos coloridos, Formatinho (13,5 x 20,5 cm). Com ficha técnica do filme de 1941 e um texto sobre o autor.

32.1977	<i>O Médico e o Monstro</i>	EBAL (Editora Brasil-América S.A.)	: Luzia C. Machado da Costa		História em quadrinhos adaptada a partir da trama original de Stevenson.
33.1978	O médico e o monstro	Círculo de Leitores (Lisboa, Portugal)
34.1979	<i>O Médico e o Monstro</i> Quadrinhos Eróticos (Eros) n° 9	Grafipar (Curitiba)	Roteiro: Wilson Carlos Magno - 'Aporeyma' Desenho: Flavio Colin Editor: Rogerio Dias	A edição era divulgada com o seguinte texto: "Dama gentil recebe anestesia e é devorada pelo zeloso doutor. Pode?"	Quadrinhos eróticos

35.1978	O Médico e o Monstro	Novaera (Portugal)	João Alves da Costa		A editora portuguesa Novaera aparentemente não está mais atuando com publicações de livros.
36.1986	<i>O Médico e o Monstro</i>	Clube do Livro	José Maria Machado	<p>Acervo da pesquisadora Reprodução Proibida</p>	
37.1986	<i>O Médico e o Monstro</i>	Estação Liberdade	José Maria Machado	<p>Acervo da pesquisadora Reprodução Proibida</p>	

38.1987	<p><i>O Estranho Caso do Dr. Jekyll e de Mr. Hyde</i></p> <p>Seguido de um Estudo de V. Nabokov</p>	<p>Relógio D Água Editores (Lisboa, Portugal)</p>	<p>Agostinho da Silva</p> <p>Tradução do posfácio: Paula Castro</p>		<p>A obra pertence à coleção Crime Imperfeito</p>
39.1989	<p><i>Doutor Jekyll e Mister Hyde</i></p>	<p>Martins Fontes</p>	<p>Luis Lorenzo Rivera</p> <p>Ilustrações: Guido Crepax</p>		<p>Livro de conteúdo erótico, com ilustrações do desenhista Crepax. A história procura seguir a narrativa original, inclusive na divisão de capítulos, e os principais fatos são os mesmos.</p>

40.1989	<p><i>O Médico e o Monstro</i> “Texto Integral”</p>	<p>FTD “Selo Negro - Suspense”</p>	<p>Lígia Cademartori</p>		<p>Com ilustrações de Gennaro Urso, o livro recebeu o Prêmio FNLIJ de 1989, outorgado pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, sendo classificado como “Tradução altamente recomendável”</p>
OUTRAS CAPAS		<p>1997</p>	<p>2004</p>

41.1990	<i>O Médico e o Monstro</i>	Ática	Heloisa Jahn	<p>Acervo da pesquisadora Reprodução Proibida</p> <p>1996</p>	A numeração das edições deste livro, pela Editora Ática, é bastante confusa. Em um exemplar, lê-se “2008 1ª edição 1ª. Reimpressão” Em outro, com capa e miolo idênticos, lê-se “3a. edição, 1993”.
42.	OUTRAS CAPAS	<p>Acervo da pesquisadora Reprodução Proibida</p> <p>(1993, 3a. edição; 4ª. Ed. 1996, 7ª, de 1998 e 2008, 1ª. Ed)</p>	<p>Acervo da pesquisadora Reprodução Proibida</p> <p>(2011, 8ª. Ed, 2012.)</p>		A edição de 1996 ainda não fazia parte da série Eu Leio, mas contém uma introdução assinada por Eliane Robert Moraes, intitulada “Robert Louis Stevenson, Um viajante nos mares da aventura”, que ocupa nove páginas do livro, conta a biografia do autor, com fotos de época e de filmes dos anos 1920.

43.1990	: <i>Pateta é... Dr. Jekyll</i>	Abril Jovem	José F. Rodrigues	<p>Acervo da pesquisadora Reprodução Proibida</p>	Edição em formato americano, colorida e em inglês com encarte anexo em papel jornal, preto-e-branco em português.
44.1990	<i>O Médico é um Monstro</i> Arte Erótica nº 3	Nova Sampa (São Paulo)	Roteiro: Jorge Fischer Desenho: Franco de Rosa Editor: Franco de Rosa		Quadrinhos eróticos

45.1992	<i>O Médico e o Monstro</i>	Nova Fronteira	Rodrigo Lacerda	<p>Acervo da pesquisadora Reprodução Proibida</p>	<p>O posfácio, que se inicia na página 111 e vai até a 177, também é de Rodrigo Lacerda. Nele, o tradutor reflete sobre a trama e personagens, fala sobre período em que a obra se passa, e aborda a noção vitoriana de individualidade, traçando um paralelo entre Macbeth e Jekyll/Hyde</p>
46.1992	Cascão n° 143 (Relógio à prova d'água)	Globo	Licenciador: Mauricio de Sousa	<p>Acervo da pesquisadora Reprodução Proibida</p>	<p>Entre outras histórias (À prova d'água; O olho roxo do dragão; Rasgos e remendos), traz O Médico e o Monstro.</p>

47.1995	O Médico e o Monstro Olalla O Tesouro de Franchard Coleção: Grandes Génios da Literatura Universal	Ediclube (Amadora, Portugal)	Jorge Pinheiro	<p>Acervo da pesquisadora Reprodução Proibida</p>	
48.1995	<i>O Médico e o Monstro e Outras Histórias</i>	Publicações Europa-América (Portugal)	Cabral do Nascimento	<p>Acervo da pesquisadora Reprodução Proibida</p> <p>CAPA de 1995</p>	<p>Reimpressão: 1999</p> <p>Acervo da pesquisadora Reprodução Proibida</p>

49.1995	<p><i>O Médico e o Monstro</i></p> <p><i>Dr. Jekyll e Mr. Hyde</i></p>	Paz e Terra	Flavia Villas Boas	<p>Acervo da pesquisadora Reprodução Proibida</p> <p>1ª. Ed.</p>	<p>Acervo da pesquisadora Reprodução Proibida</p> <p>2ª. Ed, de 1996, com selo do Programa Nacional Salas de Leitura..</p>
50.1996	<p><i>O Estranho Caso do Dr. Jekyll e Mr. Hyde</i></p> <p>"Clássicos Econômicos Newton"</p>	Newton Compton Brasil	Mario Fondelli	<p>Acervo da pesquisadora Reprodução Proibida</p>	<p>Com introdução de Vieri Razzini (traduzida da edição italiana, provavelmente, já que a Newton Compton Brasil adquiriu os direitos de tradução da Newton Compton Editorial de Roma, Itália, e o livro foi impresso na Legatoria del Sud de Roma).</p>

51.1998	O Médico e o Monstro Coleção: Descobrir os Clássicos	Livraria Civilização Editora (Portugal)	Ilustrações: Ian Andrew Adaptação: Michael Lawrence	<p>Acervo da pesquisadora Reprodução Proibida</p>	Publicado no mesmo ano no Brasil, pela Cia Letrinhas.
52.1998	<i>O Médico e o Monstro</i> “Um clássico da literatura de terror”	Companhia das Letrinhas	Hildegard Feist Ilustrações: Ian Andrew Adaptação: Michael Lawrence	<p>Acervo da pesquisadora Reprodução Proibida</p> <p>Publicado no mesmo ano em Portugal, pela editora Livraria Civilização Editora.</p>	Literatura infanto-juvenil Apresenta dados científicos e culturais, ilustrações grandes e coloridas, fotografias de cenas dos filmes para cinema, mapas e informações para situar o leitor no contexto sócio-histórico do período vitoriano inglês.

53.2000	<p><i>O Médico e o Monstro</i></p> <p>“Coleção: A Obra-Prima de Cada Autor”</p>	Martin Claret	Pietro Nassetti	<p>Acervo da pesquisadora Reprodução Proibida</p>	<p>Em 2011, a editora publica o mesmo texto, com capa idêntica, em formato menor.</p> <p>2011</p> <p>Acervo da pesquisadora 3ª reimpressão Reprodução Proibida</p>
54.2001	<p><i>Frankenstein</i> (Mary Shelley); <i>Drácula</i> (Bram Stoker); <i>O Médico e o Monstro</i></p>	Ediouro	<p>Adriana Lisboa</p> <p>A mesma tradução de <i>O Médico e o Monstro</i> foi publicada posteriormente, em 2011, em uma edição conjunta Saraiva / Nova Fronteira.</p>	<p>Acervo da pesquisadora Reprodução Proibida</p>	<p>Uma publicação com quase 700 páginas, com capa em papel brilhante e o nome das histórias em letras metalizadas. Com introdução de Stephen King, escritor estadunidense, consagrado como um dos mais notáveis escritores de contos de terror.</p>

55.2002	<i>O Médico e o Monstro</i> “Dr. Jekyll e Mr. Hyde” L&PM Pocket	L&PM Editores (Porto Alegre)	José Paulo Golob, Maria Ângela Aguiar e Roberta Sartori. Oficina de Tradução Literária de Beatriz Viega		O mesmo texto foi reimpresso em formato “pocket” em 2011. Em 2010, o texto foi publicado juntamente com <i>Frankenstein e</i> <i>Drácula</i> , pela mesma editora.
56.2002	Doutor Jekyll & mister Hyde	Witloof (Coimbra, Portugal)	Argumento: Lorenzo Mattotti & Jerry Kramsky		História em quadrinhos

57.2002	Almanacão de Férias nº 36	Globo	Licenciador: Mauricio de Sousa	<p>Acervo da pesquisadora Reprodução Proibida</p>	Entre outras histórias, reproduz <i>O Médico e o Monstro</i> publicado originalmente em Cascão 143 (de 1992)
58.2003	<i>O Médico e o Monstro</i> “Reencontro Infantil”	Scipione	Adaptação de João Anzanello Carrascoza Ilustrações: Alice Reiko Haga	<p>Acervo da pesquisadora Reprodução Proibida</p>	As ilustrações de Alice Reiko Haga (composta de figuras modeladas em massa colorida, interpostas a cenários com miniaturas e maquetes) dão ao livro um carisma que atrai o leitor mais jovem.

59. 2003	<i>O Médico e o Monstro</i> “Coleção Aventuras Grandiosas”	Editora Rideel	Ana Carolina Vieira Rodriguez		Embora classificado pela editora como “Literatura infantil”, o livro não tem ilustrações. O texto é bastante simples, com letra em fonte relativamente grande, acompanha uma Ficha de Leitura com 25 perguntas reflexivas sobre o livro e seus personagens e uma breve biografia superficial de Robert Louis Stevenson.
60. 2005	<i>O Médico e o Monstro</i> “Coleção Grandes Clássicos. Gênios”	Arte Gráfico Editorial Argentino (Buenos Aires, Argentina)	Ivone Tupinambá Pereira Lima		Segundo a ficha catalográfica, a tradução foi feita a partir do texto em espanhol.

61.2005	<i>O Médico e o Monstro</i>	Ática	<p>Luciano Vieira Machado</p> <p>Adaptação de Luc Lefort para a versão francesa intitulada <i>L'Étrange cas du Dr. Jekyll et de M. Hyde.</i></p>		<p>Com ilustrações dirigidas ao público adulto, lembrando pinturas em tinta óleo sobre tela; há informações sobre o escritor, alguns personagens inspirados no livro; sobre a Londres vitoriana, dados científicos sobre a grafologia e uma galeria de dez cientistas famosos do século XIX.</p>
62.2006	<p>O Estranho Caso do Dr. Jekyll e de Mr. Hyde</p> <p>Coleção Pequenas Grandes Histórias; vol. 5.</p>	Jornal Expresso (Lisboa, Portugal)	Agostinho da Silva		

63.2007	<i>Drácula</i> (Bram Stoker); <i>O Médico e o Monstro</i> ; <i>O Morto-Vivo da Colina Verde</i> (Leo Cunha) “Clássicos juvenis. Três por Três. Três terrores.”	Atual Editora	Leo Cunha Ilustrações: Cesar Landucci		Leo Cunha também é autor do terceiro (<i>O Morto-Vivo da Colina Verde</i>). O prefácio, intitulado “Três Terrores Clássicos”, é de autoria de Marcia Kupstas, que também é citada como Coordenadora.
64.2007	<i>Batman: Jekyll & Hyde</i> “Panini Comics n. 7” “BATMAN Extra” “Os dois lados da mesma moeda”	Panini Brasil Ltda. (Barueri, SP)	Tradutor não citado		Narra a saga de Bruce Wayne (e seu duplo Batman) em Gotham City, quando uma onda de crimes é provocada por um homem aparentemente pacífico. Por traz dele, há um médico fazendo experiências genéticas para testar o “Fenômeno Jekyll e Hyde”.

65.2007	<i>O Médico e o Monstro</i>	Melhoramentos	Marcos Marcionilo Ilustrações: Mauro Cascioli	<p>Acervo da pesquisadora Reprodução Proibida</p>	Embora conste no livro que a tradução foi feita a partir do “original inglês”, a Melhoramentos comprou os direitos de tradução da editora argentina <i>Libro del Zorro Rojo e Brosquil Ediciones</i>
66.2007	<i>O Estranho Caso do Dr. Jekyll e do Sr. Hyde e outros contos*</i> <i>Coleção Beltenebros</i> (Contém ainda <i>O Furta-Defuntos e Olalla</i>)	Editora Assirio e Alvim (Portugal)	Jorge Pereirinha Pires	<p>Acervo da pesquisadora Reprodução Proibida</p>	Pereirinha Pires também assina o prefácio e as notas

67.2008	<p><i>O Estranho Caso do Doutor Jekyll e do Senhor Hyde</i></p> <p>“The Strange Case of Doctor ‘Jekyll’¹⁷⁵ and Mister Hyde”</p>	Editora Landmark	Fábio Cyrino		Edição bilingue, inglês – português.
68.2008	<p><i>O Estranho Caso do Dr. Jekyll e do Sr. Hyde</i></p>	Quasi Edições (Portugal)	Fernando Dias Antunes		A Quasi Edições foi uma editora portuguesa, fundada no ano de 1999 pelo escritor Jorge Reis-Sá, e que fechou as portas em Outubro de 2009. Tinha sede em Vila Nova de Famalicão, no norte de Portugal.

¹⁷⁵ Note o erro de digitação no nome de Jekyll

69. 2009	<p><i>O Estranho Caso do Dr. Jekyll e Mr. Hyde</i></p> <p>Biblioteca António Lobo Antunes</p>	<p>Editora Dom Quixote (Portugal) ¹⁷⁶</p>	<p>Cabral do Nascimento</p>	<p>Acervo da pesquisadora Reprodução Proibida</p>	<p>A Biblioteca António Lobo Antunes é uma coleção de livros escolhidos e prefaciados pelo escritor português que deu nome à coleção.</p>
----------	---	--	-----------------------------	---	---

¹⁷⁶ *Não confundir com a Editora Dom Quixote de Porto Alegre, Brasil, são duas empresas diferentes.

70. 2009	<i>O Médico e o Monstro</i>	Companhia Editora Nacional (São Paulo)	Maria Ângela A. de Paschoal Adaptação: Fiona Macdonald	<p>Acervo da pesquisadora Reprodução Proibida</p>	A história é apresentada em quadrinhos coloridos. O texto foi adaptado; os nomes dos capítulos foram eliminados, sendo substituídos por títulos descritivos, situados acima de cada página da história.
71. 2009	<i>O Médico e o Monstro</i> Clássicos em Quadrinhos “Um cientista. Um lado bom. Um lado mau. Qual vai prevalecer?”	IBC (Instituto Brasileiro de Cultura Ltda.) (São Paulo)	Tradutor não citado Adaptação: Carl Bowen	<p>Acervo da pesquisadora Reprodução Proibida</p>	A história é apresentada em quadrinhos coloridos, bastante escuros. A história é dividida em cinco capítulos, alguns guardando semelhança com os capítulos do texto original.

72.2010	O Médico e o Monstro Coleção Biblioteca de Verão	QuidNovi (Lisboa, Portugal)
73.2010	<i>O Médico e o Monstro</i>	publicação online ^{*177}	Claudio de Almeida Neri, Luiz Clóvis Leal Moraes, Paulo Afonso Leão de Lima, Samuel Rodrigues Santos, Valnei Ferreira de Oliveira		Tradução realizada produzida pela turma de Letras Tradutor Português-inglês (2010.2) sob a orientação da Prof. Esp. Carla Santos de Castro, no Instituto de Ensino Superior do Amapá (IESAP)

¹⁷⁷ *Link para acesso à obra traduzida: <http://www.translationews.com/tradutor/conteudo/traducoes/item/5-o-medico-e-o-monstro-dr-jekyll-and-mr-hyde>

74.2010	: <i>O Médico e o Monstro e outras histórias</i>	Saraiva	Nair Lacerda	<p>Acervo da pesquisadora Reprodução Proibida</p>	<p>Nesta republicação da tradução feita por Nair Lacerda em 1960, pode-se ler “1ª edição- Texto Revisado”</p> <p>Ao final do livro, há um roteiro com explicações sobre todos os apêndices e instruções sobre o “Projeto Leitura e Didatização”.</p>
75.2010	<i>O Médico e o Monstro</i> “Coleção Encontro com os Clássicos”	Paulus	Adaptação: Douglas Tufano e Renata Siqueira Tufano Ho	<p>Acervo da pesquisadora Reprodução Proibida</p>	

76.2010	<i>Drácula</i> (Bram Stoker) <i>Frankenstein</i> (Mary Shelley) <i>O Médico e o Monstro</i> (Robert Louis Stevenson) “L&PM Série Ouro” “Clássicos do Horror”	L&PM Editores (Porto Alegre)	José Paulo Golob, Maria Ângela Aguiar e Roberta Sartori. Oficina de Tradução Literária de Beatriz Viega		A tradução de <i>O Médico e o Monstro</i> que figura neste livro foi fruto de uma oficina de tradução literária que os três tradutores fizeram com a Prof. ^a Beatriz Viega, e já havia sido publicada em 2002, pela mesma editora, em formato “pocket”.
77.2010	<i>O Médico e o Monstro</i> “Clássicos da Literatura”	Melhoramentos	Marcos Marcionilo		Livro em formato “pocket”, grafado de acordo com o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

78.2010	<i>O Estranho Caso do Dr. Jekyll e Sr. Hyde</i>	Arte e Letra Editora	Lúcia Helena de Seixas Brito	<p>Acervo da pesquisadora Reprodução Proibida</p>	<p>A obra é apresentada em formato “enlatado” (ver abaixo), ou seja, o livro é acondicionado em uma lata, com a mesma estampa da capa.</p> <p>Acervo da pesquisadora Reprodução Proibida</p>
79.2010	<p><i>O Médico e o Monstro</i></p> <p>“Disney Clássicos da Literatura”</p> <p>“Volume 24”</p>	Editora Abril	Clene Salles, Isney Savoy, Júlio de Andrade Filho	<p>Acervo da pesquisadora Reprodução Proibida</p>	<p>Detalhe superior da página inicial da história editada originalmente em janeiro de 1984:</p> <p>Acervo da pesquisadora Reprodução Proibida</p>

80.2011	<i>Frankenstein: ou o Prometeu Moderno</i> (Mary Shelley); <i>O Médico e o Monstro</i> ; <i>Drácula</i> (Bram Stoker)	Martin Claret	Cabral do Nascimento	<p>Acervo da pesquisadora Reprodução Proibida</p>	534 páginas; a introdução, assinada por Vicente Cechelero, poeta e crítico literário brasileiro , intitula-se “O Médico e o Monstro: um estranho caso”. Aborda o fascínio de Jorge Luiz Borges pelo texto de Stevenson e os aspectos psicológicos da trama.
81.2011	<i>O Médico e o Monstro</i> “Texto Integral” “Saraiva de Bolso”	Saraiva / Nova Fronteira	Adriana Lisboa	<p>Acervo da pesquisadora Reprodução Proibida</p>	Formato de bolso. A mesma tradução havia sido publicada em 2001, em uma edição conjunta com <i>Frankenstein</i> e <i>Drácula</i> , pela Editora Ediouro.

82.2011	<i>O Médico e o Monstro</i> “Dr. Jekyll e Mr. Hyde” L&PM Pocket	L&PM Editores (Porto Alegre)	José Paulo Golob, Maria Ângela Aguiar e Roberta Sartori. Oficina de Tradução Literária de Beatriz Viega	Acervo da pesquisadora Reprodução Proibida	Formato “pocket”.
83.2011	<i>O Médico e o Monstro</i> “COLEÇÃO: A Obra-Prima de Cada Autor”	Martin Claret	Pietro Nassetti	Acervo da pesquisadora Reprodução Proibida	Formato pocket
84.2011	<i>O Médico e o Monstro</i>	RAI Editora	Mariana Varella	Acervo da pesquisadora Reprodução Proibida	O prefácio de Alexandre Soares Silva, fala sobre a vida de Stevenson, os personagens, fazendo comentários breves sobre algumas adaptações do texto.

85.2011	<i>O Clube do Suicídio e outras histórias</i>	Cosac Naify	Andréa Rocha	<p>Arquivo da pesquisadora Reprodução Proibida</p>	<p>O Médico e o Monstro, não é o texto que dá título à coletânea (e nem é citado no título). As histórias que compõem este volume são O Clube do Suicídio, O Estranho caso de Dr. Jekyll e Mr. Hyde, Markheim, O demônio da garrafa, O ladrão de cadáveres e O vestibulo.</p>
86.2011	<p><i>O Médico e o Monstro</i></p> <p>(Graphic Chillers)</p>	Prumo (Rio de Janeiro)	<p>Luciana Garcia</p> <p>Adaptação e Ilustração Jason Ho</p>	<p>Arquivo da pesquisadora Reprodução Proibida</p>	<p>Quadrinhos em tons de cinza e amarelo sombreado, com fundo bastante escuro.</p>

87.2011	<p><i>O Médico e o Monstro</i></p> <p>“Pateta faz história” “Rei Midas”.</p>	<p>Editora Abril (São Paulo)</p>	<p>José Fiorini Rodrigues</p>	<p>Acervo da pesquisadora Reprodução Proibida</p>	
88.2011	<p><i>O Médico e o Monstro</i></p>	<p>L&PM (Porto Alegre)</p>	<p>Pedro Gonzaga Ilustrações: Gilmar Fraga.</p>	<p>Acervo da pesquisadora Reprodução Proibida</p>	<p>Versão adaptada para neoleitores, parte da coleção É só o Começo. Vocabulário com aproximadamente 1.500 palavras.</p>

89.2011	<i>O Estranho Caso de Doutor Jekyll e Mister Hyde</i>	Edições SM (São Paulo)	Ronald Polito Roteiro: Santiago García Ilustrações: Javier Olivares		<p>Historia adaptada para quadrinhos.</p> <p>Do original em espanhol <i>El extraño caso del Doctor Jekyll y Mister Hyde</i></p>
90.2011	<i>O Médico e o Monstro</i>	Hedra	Braulio Tavares		<p>O livro inclui diversos apêndices, tem traz o mesmo texto da edição publicada no ano seguinte pela mesma editora.</p>

91.2012	<i>O Médico e o Monstro</i>	Hedra	Braulio Tavares Ilustrações: Charles Raymond Macauley		A capa traz o nome do tradutor. As ilustrações reproduzidas nesta edição foram feitas para a obra publicada em 1904, em Nova York, pela editora Scott-Thaw Company.
92.2012	<i>O Médico e o Monstro</i> “Coleção a Obra – Prima de Cada Autor”	Martin Claret	Cabral do Nascimento

93.2012	O Médico e o Monstro HQ Clássicos	Editora DCL (São Paulo) Farol Literário	Érico Assis Adaptação: C.E.L. Welsh Desenhos: Lalit Kumar Sharma Licenciador: Campfire	<p>Acervo da pesquisadora Reprodução Proibida</p>	
94.2012	O Médico e o Monstro Coleção Recontar Juvenil antiga Reviver	Escala Educacional (São Paulo)	Adaptação: Ronaldo Antonelli	<p>Acervo da pesquisadora Reprodução Proibida</p>	Contém Suplemento de atividades e de informações

95.	O Médico e o Monstro	Melhoramentos		<p>Acervo da pesquisadora Reprodução Proibida</p>	
-----	----------------------	---------------	--	---	--

DIGITAIS, lançados entre 2012 e 2014:

<p>Nova Fronteira (edição Digital)</p>	<p>Paulus Editora (edição Digital)</p>	<p>Rai (edição Digital)</p>	<p>L&PM Editores (edição Digital)</p>
<p>Melhoramentos (edição Digital)</p>	<p>Editora Saraiva (edição Digital)</p>	<p>Saraiva de Bolso (edição Digital)</p>	

APÊNDICE B Quadro esquemático resumido dos aspectos de análise das traduções de *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*

CAPÍTULO 1	
“Story of the door”	
“I incline to” (PG, p. 2)	Refere-se a ‘ <i>I incline to Cain's heresy, he used to say quaintly: ‘I let my brother go to the devil in his own way.’</i> Genesis, 4:5-9 (LINEHAN, 2003, p. 7)
“Juggernaut” (PG, p. 15)	Os fanáticos religiosos eram esmagados as se jogarem cegamente debaixo das gigantescas rodas das carruagens de procissão da entidade hindu Jagganath. (LINEHAN, 2003, p. 9)
“to give a view-halloa” (PG, p. 5)	Representa o grito dado pelos caçadores ao verem uma raposa se expondo. (LINEHAN, 2003, p.9).
“sawbones” (PG, p. 5)	Gíria usada para designar médicos (principalmente os cirurgiões) (DAVIDSON, 2003, p. 8)
“Coutts” (PG, p. 6)	O banco mais elegante e da elite da Grã-Bretanha (MIDDLETON, 1999, p. 225).
“in gold” (PG, p. 6)	Moedas de ouro que valiam 10 libras cada (WOLF, 2005, p. 38)
“Queer Street” (PG, p. 8)	Gíria britânica usada no tempo de Stevenson para aludir às pessoas que viviam em circunstâncias tumultuadas (LINEHAM, 2003, p. 11), mais especificamente por “problemas financeiros” (WOLF, 2005, p. 40).
CAPÍTULO 2	
“Search for Mr. Hyde”	
“holograph” (PG, p. 11)	Termo que significa “testamento escrito inteiramente pela mão do testador”, ou seja, escrito pela pessoa cujos bens serão partilhados no testamento.
“M.D., D.C.L., L.L.D., F.R.S.” (PG, p.11)	<i>Doctor of Medicine, Doctor of Civil Law, Doctor of Laws, Fellow of the Royal Society</i> (WOLF, 2005, p. 44)
“citadel of medicine” (PG, p. 12)	Cavendish é uma praça ao norte da Oxford Street, em Londres, cortada pela Harley Street, famosa no passado, e ainda nos dias atuais, por ter grande acúmulo de consultórios de médicos de grande prestígio (WOLF, 2005, p. 44).

<i>Damon e Pythias</i> (PG, p. 13)	Segundo a lenda grega, Dionísio, o tirano de Siracusa, condenou Pythias à morte. Este último pediu ao tirano que lhe desse um tempo para resolver problemas familiares, e deixou seu amigo Damon como garantia de que voltaria (DAVIDSON, 2003, p. 14). Essa história representa um “modelo de amizade entre homens”, segundo a tradição grega. (WOLF, 2005, p. 45).
<i>“blowing the key”</i> (PG, p. 18)	Ao voltar-se para a chave, Hyde estaria evitando encarar Utterson, dissimulando sua aparência, e mantendo seu olhar para baixo (LINEHAN, 2003, p.16).
<i>Dr Fell</i>	Uma pessoa que inspira repugnância inexplicável (LINEHAN, 2003, p. 17). Referência ao poema do escritor satírico inglês Thomas Brown (1663-1704) (WOLF, 2005, p. 51).
<i>“without bowels of mercy”</i> (PG, p. 16)	Em inglês arcaico, termo usado para referir-se ao local do corpo humano onde eram abrigados os sentimentos de piedade e perdão (WOLF, 2005, p. 47).
<i>“hissing intake of the breath”</i> (PG, p.17)	Stevenson deixa bem clara a relação entre Hyde e o diabo. A imagem da cobra sempre é apresentada como incorporação do mal. (WOLF, 2005, p. 48).
<i>“Satan’s signature”</i> (PG, p. 20)	Trecho da narração em que a comparação entre Hyde e o diabo torna-se mais evidente.
<i>“he do indeed”</i> (PG, p. 21)	Stevenson procura marcar as classes sociais e/ou o nível de instrução das personagens através de sua fala (WOLF, 2005, p. 67).
<i>“Pede claudo”</i> (PG, p. 22)	Expressão latina para “a passos trôpegos” (LINEHAN, 2003, p.19); A expressão significa que a punição vem se rastejando, lentamente e constante (DAVIDSON, 2003, p. 20).

CAPÍTULO 3

“Dr. Jekyll was quite at Ease”

<i>“hide-bound”</i> (PG, p.25)	Um jogo de palavras, aproveitando a homofonia entre Hyde e hide. Assim, Stevenson estaria procurando “ligar” Lanyon e Hyde. (VEEDER, 1988).
---------------------------------------	---

CAPÍTULO 4

“The Carew Murder Case”

“He don’t” (PG, p. 33)	Stevenson procura marcar as classes sociais e/ou o nível de instrução das personagens através de sua fala (WOLF, 2005, p. 67).
“gin palace” (PG, p.32)	Na era vitoriana, uma expressão usada para referir-se aos bares que vendiam bebidas baratas e de má qualidade (LINEHAN, 2003, p. 23).
“Penny numbers” (PG, p. 32)	A princípio, termo usado apenas para as revistas baratas e que traziam histórias em capítulos que eram comprados semanalmente (MIDDLETON, 1999, p. 225). Em pouco tempo, o termo passou a referir-se às revistas de ficção científica, baratas e de baixa qualidade, muito populares na sociedade inglesa vitoriana (ANGLO, 1977).
“napery elegante” (PG, p. 33)	Termo usado para referir-se às toalhas de mesa e guardanapos, geralmente de linho (LINEHAN, 2003, p. 24).
“handbills” (PG, p. 34)	Termo usado para referir-se aos cartazes de “Procurado” afixados nos postes e muros, que traziam imagens de criminosos procurados (LINEHAN, 2003, p. 24).

CAPÍTULO 5

“Incident of the Letter”

“Imperial dye” (PG, p. 39)	Substância utilizada no passado para pigmentar as roupas dos nobres, um corante de tom arroxeado ou púrpura.
“crying the news” (PG, p. 39)	A expressão refere-se aos jornaleiros que saíam gritando as manchetes sensacionalistas.

CAPÍTULO 6

“Remarkable Incident of Doctor Lanyon”

“chief of sinners” (PG, p. 45)	Eco de um trecho da primeira epístola de Paulo a Timóteo, em que se lê “ <i>Christ Jesus came into the world to save sinners; of whom I am chief.</i> ” (LINEHAN, 2003, p. 30)
---------------------------------------	--

CAPÍTULO 7

“Incident at the Window”

CAPÍTULO 8

“The Last Night”

“beetles” (PG, p. 55)	Os londrinos tinham o hábito de chamar as baratas de “besouros pretos” (<i>black beetles</i>) (BREWER 1978 <i>apud</i> WOLF, 2005, p. 116).
“main angry” (PG, p. 57)	Stevenson procura marcar as classes sociais e/ou o nível de instrução das personagens através de sua fala (WOLF, 2005, p. 67).
“kernels” (PG, p. 65)	O cheiro característico de cianeto (WOLF, 2005, p. 100); O cianeto é um veneno de ação muito rápida, e seu cheiro característico lembra o de amêndoas amargas (LINEHAN, 2003, p. 39).

CAPÍTULO 9

“Doctor Lanyon’s Narrative”

“story that is told” (PG, p. 72)	Referência à passagem bíblica sobre responsabilidade moral eterna de devotar-se a Deus: “ <i>For all our days are passed away in your wrath: we spend our years as a tale that is told.</i> ” (<i>Salmos, 90:9; NKJB</i>).
“bull’s eye” (PG, p. 75)	No período vitoriano, os policiais costumavam fazer sua ronda noturna segurando uma espécie de lanterna com uma portinhola anterior que podia ser aberta ou fechada, para regular a luminosidade. Essa portinhola tinha um vidro arredondado na frente, por isso ela era chamada de “ <i>bull’s eye</i> ” [“olho de boi”] (DAVIDSON, 2003, p. 56).
“incipient rigour” (PG, p. 76)	Termo usado na área médica para significar um rápido calafrio. Há uma segunda acepção, que se refere ao enrijecimento do cadáver logo após a morte (LINEHAN, 2003, p. 44).
“graduated glass” (PG, p. 78)	Equipamento que compõe a vidraria dos laboratórios, é um copo de vidro alto, com pé, que tem marcações volumétricas, usado para medir volumes com precisão (DAVIDSON, 2003, p. 58).

CAPÍTULO 10

“Jekyll’s Full Statement”

“ <i>pavilion</i> ” (PG, p. 85)	<p>Um tipo de edícula ou coreto, construído fora da casa principal ou ao ar livre, utilizado com finalidade de lazer e repouso. Se estiver em uma área com paisagens, também pode ser sinônimo de gazebo.</p> <p>As diferentes alas de hospitais, edificações e prisões, geralmente ligadas a uma construção central por longos corredores (Random House Webster’s).</p>
“ <i>mystic and the transcendental</i> ” (PG, p. 85)	<p>Ao tratar da dualidade entre espírito e matéria, o autor poderia estar fazendo referências a <i>Patience; or, Bunthorne's Bride</i>. (WOLF, 2005, pp. 116 e 117).</p>
“ <i>war among my members</i> ” (PG, p. 85)	<p>Referência a Tiago 4:1 onde se lê: <i>From whence come wars and fightings among you? (...), even of your lusts that war in your members?</i> (King James Bible) [grifo nosso]. (LINEHAN, 2003, p. 48).</p>
“ <i>independent denizens</i> ” (PG, p. 83)	<p>Inferências aos muitos estudos sobre personalidades múltiplas que estavam amplamente disseminados em sua época, e que o autor certamente leu e pelos quais se interessava.</p>
“ <i>polar twins</i> ” (PG, p. 84)	<p>Referência ao trecho bíblico que fala de Esaú e Jacó (Gênesis 25, 22-23), onde se lê: “<i>The children struggled together within her</i> [Rebeca]”. (WOLF, 2005, p. 117).</p>
“ <i>immaterial tabernacle</i> ” (PG, p. 85)	<p>Referência a Coríntios 3: 16-17 e Coríntios 6: 19 (WOLF, 2005, p. 117);</p> <p>Referência a Pedro 1:13-14 (LINEHAN, 2003, p. 50).</p>
“ <i>good pleasure</i> ” (PG, p. 91)	<p>Expressão comum em textos bíblicos como em <i>Psalms</i> 51:18; <i>Luke</i> 12:32; <i>Philippians</i> 2:13 (King James Bible) (LINEHAN, 2003, p. 53).</p>
“ <i>familiar</i> ” (PG, p.91)	<p>No folclore de bruxaria, toda bruxa tem um gato, corvo ou outro animal que é chamado de “familiar” (WOLF, 2005, p. 124); Um espírito ou divindade do mal supostamente associado a uma pessoa ou sob o poder dela também recebe essa denominação (LINEHAN, 2003, p. 53).</p>

<i>“the Babylonian finger”</i> (PG, p. 94)	Referências ao episódio bíblico em que o Rei Belshazzar da Babilônia vê que <i>“Suddenly the fingers of a human hand appeared and wrote on the plaster of the wall, near the lampstand in the royal palace.”</i> (NKJV, Daniel 5:5). Na passagem bíblica, o que está escrito na parede é revelado pelo profeta Daniel como sendo sinal da punição iminente de Deus por o Rei ter se levantado contra as vontades divinas. (LINEHAN, 2003, p. 54).
<i>“city of refuge”</i> (PG, p. 99)	Região afastada, criada para dar abrigo para as pessoas que tenham cometido crimes, mas não sejam culpadas (assassinatos acidentais, por exemplo). Tal expressão encontra-se, entre outras, em <i>Numbers</i> 35:9-34; <i>Deuteronomy</i> 4:41; <i>Joshua</i> 20:1-9 (LINEHAN, 2003, p. 57).
<i>“the hands of all men”</i>	Referência à profecia que se encontra em Gênesis 16:12, onde se lê: <i>“his hand will be against every man, and every man's hand against him”</i> (King James Bible) (LINEHAN, 2003, p. 57) .
<i>“scruple”</i> (PG, p.85)	Uma unidade de peso que equivale a 20 grãos (aproximadamente 1,3 gramas); “preocupação moral ou ética que impede ou age como força restritiva de certas ações” (WRUD).
<i>“captives of Philippi”</i> (PG, p. 89)	Referência ao trecho bíblico narrado em Atos 16:26, em que Deus visitou uma prisão em Filipos onde o apóstolo Paulo e seu companheiro de cela Silas estavam presos. No trecho bíblico lê-se: <i>“And suddenly there was a great earthquake, so that the foundations of the prison were shaken: and immediately all the doors were opened, and every one's bands were loosed”</i> (NKJV, Acts, 16:26). (DAVIDSON, 2003, p. 65; LINEHAN, 2003, p. 52)

APÊNDICE C – Ecos de Jekyll e Hyde na literatura científica

Os personagens Jekyll e Hyde são muitas vezes utilizados como elementos de comparação ou de análise de fenômenos em diversas áreas do conhecimento humano (tanto nas ciências humanas e biológicas, como já era esperado, dado o tema do livro, quanto nas ciências exatas e tecnológicas). Este apêndice apresenta uma bibliografia comentada, com diversos artigos científicos, de divulgação científica, jornalísticos e capítulos de livros que citam os personagens Jekyll e Hyde e estabelecem uma relação metafórica entre suas condutas e/ou personalidades e diferentes elementos analisados.

Ao pesquisar a literatura científica e os textos de divulgação de informações (jornais e revistas), os personagens principais do livro *Dr. Jekyll and Mr. Hyde* aparecem centenas de vezes. Basicamente, as citações são de dois tipos: textos que se referem ao livro ou a alguma de suas adaptações (para cinema, teatro, musicais, etc.), procurando analisar algum aspecto relacionado à trama; ou textos que utilizam a história metaforicamente, seja abordando a dualidade ou as transformações que o personagem Jekyll sofre, para Hyde, e vice-versa. Assim, temos duas vertentes bastante claras, mas que muitas vezes acabam se confundindo, uma que enfoca o texto como um objeto a ser explicado/analizado, e uma segunda que utiliza subsídios da história para explicar/analisar fenômenos de outras áreas do conhecimento.

Referências a *Jekyll and Hyde* na Literatura Científica:

ALTER, Jonathan. The two Mr. Clintons. *Newsweek*, v. 132 n. 8, p. 20-5, 24.ago.1998. [Compara os comportamentos responsáveis e irresponsáveis do então presidente dos EUA Bill Clinton, respectivamente, com os personagens Dr. Jekyll e Mr. Hyde.]

ARENDT, T. Synaptic plasticity and cell cycle activation in neurons are alternative effector pathways: the 'Dr. Jekyll and Mr. Hyde concept' of Alzheimer's disease or the yin and yang of neuroplasticity. *Progress in Neurobiology* v. 71, p. 83-248, 2003. [Arendt, pesquisador da área de neurociências, desenvolveu o conceito de vias neuronais alternativas na plasticidade sináptica e na ativação do ciclo celular, relacionando-as com o desenvolvimento de doença de Alzheimer.]

ASFAR, P.; CALZIA, E.; HUBER-LANG, M.; IGNATIUS, A.; RADERMACHER, P. Hyperoxia during septic shock--Dr. Jekyll or Mr. Hyde? *Shock* (Augusta, Ga.) [Shock], v. 37, n. 1, p. 122-3, jan. 2012. [Estudando o metabolismo pulmonar, os pesquisadores usaram a imagem de Jekyll e Hyde para refletir sobre o uso de oxigênio (em condições de hiperóxia)

para o manejo do choque séptico. Com essa metáfora, os pesquisadores buscaram mostrar a dualidade de efeitos, benéficos e maléficos, que tal estratégia pode adquirir.]

BARAKAT, Monique T.; HUMKE, Eric W.; SCOTT, Matthew P. Learning from Jekyll to control Hyde: Hedgehog signaling in development and cancer. *Trends in Molecular Medicine*, v. 16, n. 8, p. 337-348, ago. 2010. [Estudando pacientes oncológicos, os pesquisadores afirmaram que a chamada cascata Hedgehog (Hh) controla a proliferação e a diferenciação celular durante a formação do embrião humano, mas encontra-se bastante suprimida no indivíduo adulto. Conforme pesquisa realizada pelo grupo, a Hh teria um papel sobre o desenvolvimento de câncer, assim, conhecer seu funcionamento fisiológico (a face “Jekyll”, conforme os pesquisadores chamaram) pode ajudar a tratar o aspecto patológico da cascata (sua “faceta Hyde”).]

BARTUSIAK, Marcia. Cosmic Jekyll & Hyde. *Astronomy*, v. 26, n. 5, p. 50-55, maio 1998. [Bartusiak utilizou a imagem da transformação de Jekyll em Hyde para comentar sobre as diferentes aparências que uma galáxia adquire ao ser observada sob luz ultravioleta.]

BERNARD J.L.& BERNARD M.L. The Abusive Male Seeking Treatment: Jekyll and Hyde. *Family Relations*, v. 33, n. 4, p. 543-47, out. 1984. [Trata da violência conjugal e dos fatores associados a esse fenômeno. Segundo os pesquisadores, o paciente que procura atendimento (“Jekyll/Hyde”), sente-se vítima do cônjuge que ele agride.]

BETSCH, C.; SACHSE, K. Dr. Jekyll or Mr. Hyde? (How) the Internet influences vaccination decisions: recent evidence and tentative guidelines for online vaccine communication. *Vaccine*, v. 30, n. 25, p. 3723-3726, maio 2012. [Aborda a influência da internet sobre as decisões nas campanhas de vacinação, e compara a rede mundial de computadores, e sua atuação ambígua, a Jekyll e Hyde.]

BHANO, Sindya N.A Jekyll-and-Hyde Act For the Feathered Set. *New York Times*, v. 1130, p. 3, Reading Level (Lexile), 13.set.2011. [Aborda o comportamento antagônico dos pássaros do mel (também chamados de *honeyguides*, pois ajudam na localização de colmeias), que se alimentam de restos de cera, mas que podem ser parasitas.]

BIERIE, Brian & MOSES, Harold L. Tumour microenvironment: TGF β : the molecular Jekyll and Hyde of cancer *Nature Reviews Cancer* v.6, p. 506-520, jul. 2006. [O papel do fator de crescimento TGF β no desenvolvimento de câncer pode ser ambíguo, podendo levar à supressão das células tumorais ou à estimulação do progresso do tumor. Este comportamento ora benéfico e ora prejudicial levou os pesquisadores a compararem tais fatores bioquímicos aos protagonistas da história de Stevenson.]

BOSWELL, Thomas. Jekylls and Hydes. *Golf Magazine*, v. 35, n. 10, p. 16-19, out. 1993. [Boswell lista e analisa uma série de golfistas profissionais, cuja personalidade muda “de Dr. Jekyll para Mr. Hyde, ou vice-versa” em situações de alteração na plateia, ausência ou presença de jornalistas, ou com maior ou menor número de expectadores.]

BUDISAVLJEVIC, M.N.; PLOTH, D.W. Nicotine and the kidney: Mr. Hyde, and perhaps some Dr. Jekyll. *American Journal Of Physiology. Renal Physiology*, v. 302, n. 9, p. F1082-3, maio 2012. [Analisando a função da nicotina sobre a fisiologia renal, os pesquisadores consideraram que a substância tenha um feito prejudicial (“Hyde”), mas que, dependendo das condições, ela passa a atuar positivamente (“Jekyll”) na prevenção e controle da insuficiência renal e da proteinúria (i.e., eliminação excessiva de proteínas pela urina).]

BURTON, Damon. The Jekyll/Hyde nature of goals: Reconceptualizing goal setting in sport. *Advances in sport psychology*. p. 267-297. In: *Advances in sport psychology*. Horn, Thelma S. (Ed), England: Human Kinetics Publishers, 1992. [Capítulo no qual Burton reflete sobre a natureza complexa e multifacetada presente no estabelecimento de metas (“goal setting”) pelos atletas, nas atividades esportivas.]

CANTOR, Jerome O.; NADKARNI, Priya P. Hyaluronan: The Jekyll and Hyde Molecule. *Inflammation & Allergy - Drug Targets*, v. 5, n. 4, p. 257-260(4) dez. 2006. [Analisa o comportamento dicotômico de uma substância bioquímica (hialuronano), como moduladora da inflamação, ora com atividade anti-inflamatória (cadeias mais longas), ora com ação pró-inflamatória (cadeias mais curtas).]

CAPPELLARI, M.; TOMELLERI, G.; CARLETTI, M.; BOVI, P.; MORETTO, G.; Intravenous thrombolysis on early recurrent cardioembolic stroke: 'Dr Jekyll' or 'Mr Hyde'?. *Blood Coagulation & Fibrinolysis: An International Journal In Haemostasis And Thrombosis [Blood Coagul Fibrinolysis]*, v. 23, n. 1, p. 78-81, jan. 2012. [Cappellari et. col/s. compararam a infusão intravenosa de ativador do plasminogênio tecidual recombinante (r-TPAs) a Jekyll e Hyde, por seu potencial terapêutico conhecido estar sendo contraposto à possibilidade de desenvolvimento de recorrência precoce de AVC cardioembólico no lado previamente hígido, em pacientes que recebem o tratamento para o manejo do AVC isquêmico agudo.]

CARRILLO TRUEBA, César. Entre Dr. Jekyll y Mr. Hyde de asimetrías y simetrías en la comunicación de la ciencia. *Ciencias*, n. 086, abril-junho, 2007, p. 67-79 ...Disponível em <<http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=64408612> >

Acesso 23.jan.2012. [Reflexão sobre a divulgação de achados científicos, afirmando que os meios de comunicação científica “tem seguido, em sua grande maioria, um trajeto similar, dedicando-se a enaltecer o lado positivo dessa atividade”. O autor considera que a intenção seja de “convencer a sociedade das bondades e maravilhas da ciência e sua importância para a humanidade, para seu progresso e a melhora do mundo. Para Trueba, a ciência estaria “encarnando assim a faceta Dr. Jekyll”. A imprensa, tanto leiga quanto científica, ao falar dos malefícios relacionados às descobertas científicas, é “discreta”, procurando preservar os cientistas, e, quando relata algum malefício relacionado às descobertas e à evolução da ciência, “costuma recorrer à Sr. Hyde”.]

CHAGNEUX, N.; CAMERLYNCK, S.; HAMILTON, E.; VILELA, F. M. L.; SHERRINGTON, D. C. Synthesis of Laterally Linked Poly(tetrahydrofuran)-Poly(methyl methacrylate) Block Copolymers via Use of a “Jekyll and Hyde” Comonomer. *Macromolecules*, v. 40, n. 9, p. 3183-3189, maio 2007. [Ao estudar o glicidil metacrilato (GMA), Chagneux *et cols.* classificaram a molécula como um monômero “heterobifuncional”, ao qual chamaram de monômero “Jekyll e Hyde”, pois um grupo funcional pode ser polimerizado através do processo convencional, de polimerização por radicais livres, enquanto o outro grupo funcional forma compostos por polimerização catiônica, com abertura de anel.]

CHAPMAN, Simon. International tobacco control should repudiate Jekyll and Hyde health philanthropy. *Tobacco Control*, v. 17, n. 1, p. 1-1, fev. 2008. [Neste editorial da revista *Tobacco Control*, Chapman comparou a postura questionável do bilionário mexicano Carlos Slim Helú (que promove ações para melhorar a saúde na América Latina, mas cuja fortuna veio da indústria do tabaco) aos personagens Jekyll e Hyde.]

CHRISLER, Joan C.; CAPLAN, Paula. The Strange Case of Dr. Jekyll and Ms. Hyde: How PMS Became a Cultural Phenomenon and a Psychiatric Disorder. *Annual Review of Sex Research*, v. 13, p. 274-307, 2002. [As pesquisadoras analisam as forças históricas, culturais, políticas e econômicas que levaram à construção social da síndrome pré-menstrual e o transtorno disfórico pré-menstrual (no Brasil, também conhecido popularmente como “TPM”), avaliando as vantagens (“Jekyll”) e os perigos (“Hyde”) da popularização desses conceitos entre as pacientes, os profissionais e o público em geral.]

COSTLOW, Terry. Meet Tachyon's Dr. Jekyll and Mr. Hyde. *Electronic Engineering Times*, n. 1129, p. 151-153, 04.set.2000. [Ao avaliar o sistema operacional Windows 95, dois executivos da fabricante Tachyon Inc. (Kalani Jones e Bruce Carneal) são comparados, respectivamente, com Dr. Jekyll e Mr. Hyde.]

CÔTÉ, Stéphane; DeCELLES, Katherine A.; McCARTHY, Julie M.; VAN KLEEF, Gerben A.; HIDE, Ivona. The Jekyll and Hyde of Emotional Intelligence: Emotion-Regulation Knowledge Facilitates Both Prosocial and Interpersonally Deviant Behavior. *Psychological Science* (Sage Publications Inc.), v. 22, n. 8, p. 1073, ago. 2011. [Ao afirmar que a regulação das emoções de uma pessoa por sua bagagem de conhecimentos facilita o surgimento de comportamentos opostos, CÔTÉ *et. cols.* compararam o comportamento pró-social à imagem do Dr. Jekyll e o comportamento interpessoal desviante e patológico ao Sr. Hyde, cunhando o termo “Jekyll e Hyde da inteligência emocional”.]

CRUZ J. & TSAI L. A Jekyll and Hyde kinase: roles for Cdk5 in brain development and disease. *Current opinion in neurobiology*. V. 14, n. 3, p. 390-4, jun. 2004. [Cruz & Tsai afirmam que a substância bioquímica quinase dependente de ciclina 5 (Cdk5) é um elemento multifacetado implicado no desenvolvimento do sistema nervoso central dos mamíferos, mas também relacionado a doenças degenerativas desse sistema. Os pesquisadores atribuíram a essa dualidade de comportamento a imagem de Jekyll e Hyde.]

DESPLAND, Emma. Locust transformation: from solitary Dr Jekyll to swarming Mr Hyde. *Biologist*, n. 51 n. 1, p. 18-22, abr. 2004. [Ao analisar a metamorfose de insetos artrópodes, Despland comparou o comportamento dos insetos, inicialmente solitários e inofensivos, e depois em enxames predadores de lavouras, às duas fases dos protagonistas criados por Stevenson.]

DUFFIELD, Jeremy S. The inflammatory macrophage: a story of Jekyll and Hyde. *Clinical Science* v. 104, p. 27–38, 2003. [Os macrófagos inflamatórios (Mf) são células que podem estar relacionadas à disfunção de órgãos e lesão de estruturas celulares, podendo induzir a morte celular (apoptose) (“Mr. Hyde”, segundo Duffield), mas também se relacionam a diversas citocinas angiogênicas solúveis que podem estimular a neoformação de vasos e a regeneração tecidual (“Dr. Jekyll”).]

EDLEY, Nigel; WETHERELL, Margaret. Jekyll and Hyde: Men's Constructions of Feminism and Feminists. *Feminism & Psychology*, v. 11, n. 4, p. 439-158, nov. 2001. [As pesquisadoras avaliaram a natureza contraditória e fragmentada do discurso masculino, no que concerne o feminismo e as feministas. Elas coletaram um *corpus* de entrevistas e diálogos masculinos, a fim de identificar padrões e regularidades na organização retórica discursiva de homens jovens e idosos.]

ELLIOTT, J. Jekyll & Hyde: he may be affable off the field, but on it, Saints All-pro tackle Kyle Turley hasn't won any friends with his style of play. *Sports Illustrated*, v. 95, n. 1,

p. 44-46, semana de 02.jul.2001-09.jul.2001. [A figura de Jekyll e Hyde é utilizada referindo-se ao comportamento oscilante de determinados jogadores de futebol americano.]

ENANDER, Viveka. Leaving Jekyll and Hyde: Emotion work in the context of intimate partner violence. *Feminism & Psychology*, v. 21, n. 1, p. 29-48, fev. 2011. [Ao tratar de violência familiar, estudando mulheres vítimas de abusos emocionais e físicos por seus cônjuges, a autora utiliza a imagem de Jekyll e Hyde para descrever o marido agressivo e as sensações que a esposa experimenta, ao conseguir libertar-se do agressor.]

FAVA, Giovanni A. Conflict of Interest in Psychopharmacology: Can Dr. Jekyll Still Control Mr. Hyde? *Psychotherapy and Psychosomatics*, v. 73, n. 1, 2004. [Ao abordar os conflitos de interesse em psicofarmacologia, o pesquisador questiona se a carga econômica e os interesses financeiros dos cientistas não influenciam em sua alegada independência e autonomia de julgamento. Segundo Fava, o estilo de vida dos pesquisadores pode dificultar o gerenciamento dessa “vida dupla”, tornando quase impossível a “reversão para Dr. Jekyll”.]

FUENTES, Carlos. Land of Jekyll and Hyde. *Nation*, v. 242, n. 11, p. 334-337, 22.mar.1986. [Os Estados Unidos são considerados como a “terra de Jekyll e Hyde”: por um lado, a força modernizante, democrática, capitalista e igualitária foi bem recebida, mas por outro, para os conservadores, esses valores foram considerados com reservas.]

GARRISON, L. Ski jumping's Jekyll and Hyde: Matti Nykanen of Finland explodes both on and off the hill. *Time*, v. 130, n. 26, p. 65, edição de 28.dez.1987. [O artigo comenta sobre o esquiador finlandês Matti Nykanen que, em preparação para participar das Olimpíadas de Inverno de Calgary, procurou mudar sua fama de “*bad boy*”, tentando alcançar uma imagem mais positiva. O autor utiliza o termo “*Jekyll and Hyde*” para referir-se à mudança de personalidade de Nykanen.]

GOUGH, D.R.; COTTER, T.G. Hydrogen peroxide: a Jekyll and Hyde signalling molecule. *Cell Death & Disease [Cell Death Dis]*, v. 2, p. e213, out. 2011. [O peróxido de hidrogênio (H₂O₂) é chamado de “molécula sinalizadora Jekyll e Hyde”, por apresentar ações deletérias e pró-sobrevivência.]

GRAHAM, Steven M.; CLARK, Margaret S. Self-Esteem and Organization of Valenced Information About Others: The “Jekyll and Hyde”-ing of Relationship Partners. *Journal of Personality & Social Psychology*, v. 90, n. 4, p. 652-665, abril 2006. [Os pesquisadores desenvolveram um estudo com diversos grupos de indivíduos. Os pesquisadores criaram um termo para descrever a labilidade da evolução das relações maritais, em função da memória de alguns cônjuges: “*Jekyll and Hyde’-ing*”, que seria algo

que poderia ser traduzido como a “jekyll-e-hyd’ização”, ou a transformação de algo bom e algo não tão bom assim.]

GROAK, W. Jean-Yves Theriault: full-contact karate's Jekyll and Hyde. *Karate Illustrated*, v. 16, n. 10, p. 14-16; 21-22, out. 1985. [A figura de Jekyll e Hyde é utilizada referindo-se ao comportamento oscilante de determinados praticantes de caratê e jiu-jitsu.]

GYÖRGY, Peter. The Tale of Cookies (Dr. Jekyll and Mr. Hyde). *Social Research* v. 69, n. 1, p. 239-245, primavera 2002. [György utilizou a imagem de Jekyll e Hyde para falar de identidade digital, anonimato e redes sociais. O autor aborda temas extremamente contemporâneos como a “troca de e-mails, a participação em grupos de discussão ou em uma sala de *chat*” (p. 239) e analisa as “múltiplas identidades” possíveis apenas graças ao desenvolvimento tecnológico. Para György, “Mr. Hyde” seria a ameaça às liberdades individuais e à preservação da privacidade no mundo cibernético. Por fim, ao afirmar que está de acordo tanto com a importância do controle nas comunicações, quanto da preservação de sua liberdade, o pesquisador afirma que “*I am myself Dr. Jekyll and My. Hyde at the same time. I have a dual personality.*” (p. 244), fazendo uso da figura de Jekyll e Hyde como reprodução da dualidade entre bem e mal, e entre controle e liberdade.]

HAMBER, Brandon; BORNMAN, Elirea. Dr Jekyll and Mr Hyde: problems of violence prevention and reconciliation in South Africa's transition to democracy. In. *Violence in South Africa: A variety of perspectives*. Pretoria: Human Sciences Research Council, 2002. [Análise das condições de violência e reconciliação na África do Sul, em sua transição para a democracia.]

HARRISON, George H. The Jekyll & Hyde Jay. *National Wildlife* (World Edition), v. 26, n. 1, p. 42-44, dez. 1987/jan. 1988. [O pássaro predador gaio azul, que tem fama de ser barulhento, mas cujo impacto sobre o meio ambiente pode ser benéfico foi comparado a Jekyll e Hyde por Harrison.]

HASSA, P. O. The molecular "Jekyll and Hyde" duality of PARP1 in cell death and cell survival. *Frontiers in Bioscience* (Front Biosci) v.14, p. 72-111, jan. 2009. [Na modulação da resposta celular ao estresse, as enzimas PARP1 e PARP2 desempenham papéis importantes. Entretanto, Hassa considera que os mecanismos de ação de PARP1 subjacentes ao que o cientista denominou “dualidade Jekyll e Hyde” devam receber atenção especial devido a seus efeitos sobre a morte celular e sobre as vias de sobrevivência das células.]

HASSA, P.O. The molecular "Jekyll and Hyde" duality of PARP1 in cell death and cell survival. *Frontiers in bioscience: a journal and virtual library*, 2009. [Estudo genético sobre a

ação benéfica de PARP1 na modulação das respostas celulares ao estresse e sobre a sua hiperativação como mediadora da morte celular programada (apoptose).]

HEMMUNGS WIRTÉN, Eva. Out of Sight and out of Mind. *Cultural Studies* v. 20, n. 2/3, p. 282-291, Março 2006. [A pesquisadora fez uma análise crítica da hegemonia cultural relativa à noção de propriedade intelectual. Ela afirma que “em parte como um resultado da expansão da propriedade intelectual, o domínio público emergiu como um ‘outro’ positivo [realce nosso] a uma proteção contra os mísseis lançados pelos detentores dos *copyrights*” e, utilizando a dualidade apresentada na obra de Stevenson, Wirtén acrescenta: [o domínio público é] “um Dr. Jekyll benevolente para suplantar a extrema agressividade do Sr. Hyde”. (HEMMUNGS WIRTÉN, 2006, p. 283).]

HUNTER, Deidre A.; WILCOTS, Eric M.; WOERDEN, Hugo van; GALLAGHER, J. S. & KOHLE, Sven. The Nature of the Extended H I Gas around NGC 4449: The Dr. Jekyll/Mr. Hyde of Irregular Galaxies. *Astrophys. J.* n. 495, p. L47-L50, 1998. [Os pesquisadores estudaram a natureza dupla do gás H_I estendido nas galáxias irregulares (aquelas sem formato definido) e utilizaram os termos Jekyll e Hyde para expressar essa natureza mutante.]

KAISER, Karen. The Strange Case of Human Rights and Intellectual Property: Is There a Way to Reconcile Dr. Jekyll with Mr. Hyde? *International Law Today: New Challenges and the Need for Reform?* Heidelberg: Springer, V. 193, p. 199-219, 2008. [Um capítulo sobre Propriedade Intelectual e sua relação com os direitos humanos, no qual a autora considera que a legislação de propriedade intelectual possa ser a face ruim (“Hyde”), que irá deformar e transformar os Direitos Humanos (“Jekyll”).]

KEMP, Martin. Hyde’s horrors. Can you tell a criminal from the look of his face? The “downright detestable” appearance of Robert Louis Stevenson’s evil Mr Hyde stands in the same tradition as the images used by Darwin in his work on pathognomics. **Nature, Science and Image**, v. 393, p. 219, 21.mai.1998. [Análise do livro de Stevenson com base nos princípios evolucionistas de Charles Darwin.]

KNIGHT, Belinda; MATTHEWS, Vance B. Jekyll and Hyde: evolving perspectives on the function and potential of the adult liver progenitor (oval) cell. *Bioessays*, v. 27, n. 11, p. 1192–1202, Nov. 2005. [Analisa o papel contraditório das células progenitoras hepáticas (LPC) na terapia das doenças do fígado e na regeneração hepática (“Jekyll”) e na formação de neoplasias (“Hyde”).]

LAMBERT, C.A.; MINEUR, P.; NUSGENS, B.V. VEGF111 : Dr Jekyll et Mr Hyde ? (em francês) [VEGF111: Dr Jekyll and Mr Hyde?]. *Médecine Sciences: M/S [Med Sci*

(Paris)], v. 24, n. 6-7, p. 579-580, jun.-jul., 2008. [Ao estudar a fisiologia do fator de crescimento endotelial vascular (VEGF), os pesquisadores franceses Lambert *et co/s* utilizaram Jekyll e Hyde metaforicamente em seu artigo científico.]

LATTANZI, F. Appropriateness in ecocardiografia. Il cardiologo italiano tra Dr. Jekyll e Mr. Hyde. (em italiano) [Appropriateness in echocardiography. The Italian cardiologist between Dr. Jekyll and Mr. Hyde] *Giornale Italiano Di Cardiologia*, v. 9, n. 12, p. 853-856, dez. 2008. [Ao estudar a ecocardiografia, os padrões cardíacos e a ultrassonografia para doenças cardiovasculares, o pesquisador italiano Lattanzi utilizou Jekyll e Hyde metaforicamente em seu artigo científico.]

LEARMONTH, Mark; HUMPHREYS, Michael. Autoethnography and academic identity: glimpsing business school doppelgängers. *Organization*, v. 19, n. 1, p. 99-117, jan. 2012. [Os autores deste artigo sugerem o uso de romances literários e outras obras do gênero como meios experimentais e não ortodoxos para estudar a identidade coletiva e individual, em uma comunidade empresarial. Os autores afirmam, ainda, que “a identidade acadêmica contemporânea é problemática, pois envolve, necessariamente, ser (pelo menos) Jekyll e Hyde” simultaneamente.]

LEMMENS, Trudo; MILLER, Paul B. Avoiding a Jekyll-And-Hyde Approach to the Ethics of Clinical Research and Practice. *American Journal of Bioethics* 2, no. 2 (Primavera 2002 2002): 14-17. *Academic Search Premier*, EBSCOhost (accessed June 27, 2011). [Os pesquisadores analisam as relações éticas entre a pesquisa clínica e a prática médica. Sendo contrários ao uso de placebos (substâncias sem efeito) nas pesquisas clínicas, os autores do artigo utilizaram a metáfora de Jekyll e Hyde no sentido de mostrar como, pretendendo fazer o bem, em alguns casos o pesquisador clínico pode acabar fazendo o mal, pois estará privando o paciente de receber tratamento, ao dar-lhe placebo.]

LEWIS, Kathy J.; LINDGREN, B. Staffan. A conceptual model of biotic disturbance ecology in the central interior of BC: how forest management can turn Dr. Jekyll into Mr. Hyde. *The Forestry Chronicle*, v. 76, n. 3, p. 433-443, 2000. [Analisa ecossistemas e o papel desempenhado por insetos e patógenos. Os pesquisadores analisam como a gestão das florestas (“Jekyll”) pode levar a problemas de saúde ambiental (“Hyde”), ao perturbar a dinâmica das populações naturais.]

MANN, K.G. Factor V: a combination of Dr Jekyll and Mr Hyde. *Blood*, v. 101 n. 1, p. 20–30, 2003. [O complexo protrombinase do sangue, ao gerar trombina, é responsável pela coagulação sanguínea, levando ao processo de hemostasia (equilíbrio), mas também pode provocar trombozes fatais. O Fator V, componente desse complexo, é necessário para gerar

o equilíbrio (Dr. Jekyll, segundo Mann), mas também é uma “fonte potencial de desastres”, segundo o pesquisador.]

MASSARI, F.; MASTROPASQUA, F.; IACOVIELLO, M.; NUZZOLESE, V.; TORRES, D.; PARRINELLO, G. The glucocorticoid in acute decompensated heart failure: Dr Jekyll or Mr Hyde? The American Journal Of Emergency Medicine [Am J Emerg Med], v. 30, n. 3, p. 517, mar. 2012. [Os glicocorticoides e sua ação na insuficiência cardíaca congestiva são comparados à dupla de personagens de Stevenson]

MATTHEWS, Gordon. It's a Jekyll and Hyde economy -- and a slump may be result. American Banker, v. 164, n. 6, p. 24-26. 01.nov.1999. [Matthews utilizou a metáfora de Jekyll e Hyde para referir-se à recessão e à compra de empresas durante a crise dos EUA enfrentada na época em que o artigo foi publicado.]

MATTHEWS, Paul; TELFER, Paul. Jekyll or Hyde? Accountancy, v. 140, n. 1368, p. 58-59, ag. 2007. [Matthews & Telfer descrevem as relações extremas entre os contabilistas e seus clientes. Os autores sugerem que deva haver um equilíbrio nessas relações, e discutem maneiras de estimular o desenvolvimento da empresa através de uma relação harmoniosa com os clientes. Para mostrar as relações conflituosas e geralmente extremadas, os autores escolheram o título de “*Jekyll or Hyde*” para a matéria.]

MÄULEN B.; BUCHMANN .E. Wie doppelte Identitäten entstehen und wie man helfen kann. Dr. Jekyll und Mr. Hyde--Ihr Patient? (alemão) [How dual identities develop and how to help the patient. Dr. Jekyll and Mr. Hyde--your patient] MMW Fortschritte Der Medizin [MMW Fortschr Med], v. 152, n. 41, p. 12-14, out. 2010. [Mäulen *et co/s.* procuram esclarecer como se formaria a dupla personalidade e fornecem subsídios para o analista tratar o que eles chamaram de “pacientes Jekyll e Hyde”.]

McNAMARA, Patrick; McLAREN, Deirdre; SMITH, Dana; BROWN, Ariel; STICKGOLD, Robert. A “Jekyll and Hyde” Within. Psychological Science (Wiley-Blackwell), v. 16, n. 2, p. 130, fev. 2005. [McNamara *et co/s.* estudam as fases do sono em pacientes voluntários e concluem que o estado REM (i.e., o sono caracterizado pelos movimentos rápidos dos olhos) simula as interações agressivas e o estado NREM (sem tais movimentos) é especializado na simulação de interações amigáveis, ao que os pesquisadores chamaram de “Jekyll e Hyde interno”.]

MEAKIN, Thomas K. A Jekyll and Hyde month was July. National Underwriter / Life & Health Financial Services, v. 102, n. 33, p. 21, 17.ag.1998.

MEAKIN, Thomas K. A Jekyll-And-Hyde Month Was October. *National Underwriter / Life & Health Financial Services*, v. 103, n. 46, p. 46, 15.nov.1999. [Meakin utilizou a imagem de Jekyll e Hyde em duas ocasiões. Primeiramente, para descrever a situação da indústria atuária estadunidense e o mercado de capitais durante o mês de julho de 1998, e novamente em outubro de 1999, com o agravamento da crise.]

MIELLET, Sébastien; CALDARA, Roberto; SCHYNS, Philippe G. Local Jekyll and Global Hyde: The Dual Identity of Face Identification. *Psychological Science* (Sage Publications Inc.), v. 22, n. 12, p. 1518, dez. 2011. [Miellet *et cols*, desenvolveram uma nova metodologia à qual denominaram “iHybrid”, pois engloba os aspectos locais e globais da identificação da face humana. Os pesquisadores consideram que os aspectos locais (“Jekyll”, segundo eles) são mais esclarecedores do que os globais (“Hyde”), mas concluem ao final da pesquisa que a identificação facial não é baseada em uma estratégia única de aquisição de informações.]

MILLER, M. J. S.; CHOTINARUEMOL, S.; SADOWSKA-KROWICKA, H.; KAKKIS, J. L.; MUNSHI, U. K.; ZHANG, X -J. & CLARK, D. A. Nitric oxide: The Jekyll and Hyde of gut inflammation. *Inflammation Research* (Agents and Actions), v. 39, supl. 1, p. C180-C182, 1993. [Miller *et cols* estudaram os efeitos do óxido nítrico (NO) em cobaias. Os pesquisadores denominaram o NO como “Jekyll e Hyde da inflamação intestinal”, pois tal substância exerce um papel anti-inflamatório em condições basais mas, em casos de inflamação intestinal crônica, ele passa a ser mediador da lesão intestinal.]

MOHR, Patti. The Doctor was Jekyll one ninute, Hyde the next. *Nursing*, v. 22, n. 11, p.102-106, nov. 1992. [A pesquisadora utilizou a imagem de Jekyll e Hyde para descrever as abordagens voltadas para a compreensão das atitudes conflitantes, adotadas pelos médicos a quem uma determinada equipe de enfermagem está subordinada. O artigo procura analisar os sentimentos de raiva e a necessidade de estabelecer códigos de conduta entre os enfermeiros.]

NATTEL, Stanley. Dronedarone in Atrial Fibrillation — Jekyll and Hyde? *New England Journal of Medicine*, v. 365, n. 24, p. 2321-2322, dec. 2011. [Ao avaliar a ação da droga medicamentosa dronedarona para o tratamento da fibrilação atrial (uma doença cardíaca), Nattel observa resultados opostos. Em pacientes de alto risco, a droga parece aumentar o risco de morte, e em pacientes mais estáveis ela pode prevenir a necessidade de hospitalização. O pesquisador, então, se pergunta, se a dronedarona seria uma droga “Jekyll & Hyde”, fazendo referência às condutas opostas dos personagens.]

NEMECEK, Sasha. Transforming Hyde into Jekyll. *Scientific American*, v. 273, n. 5, p. 20-21, nov. 1995. [A talidomida, droga medicamentosa bastante antiga, por seu histórico de ter causado anormalidades fetais nos anos 1960, foi considerada uma droga potencialmente prejudicial durante muitas décadas. Entretanto, seu uso terapêutico voltou a ser popularizado quando se notou que a talidomida tinha efeitos contra as doenças do sistema imune. Por essa nova abordagem de uma droga anteriormente proscrita, o artigo fala sobre a transformação de Hyde em Jekyll.]

PERRIER, Stephane; DARAKHSHAN, Froogh; HAJDUCH, Erick. IL-1 receptor antagonist in metabolic diseases: Dr Jekyll or Mr Hyde?- *FEBS Letters*, Elsevier v. 580, n. 27, p. 6289-6294, 2006. [Aborda o papel contraditório de uma molécula bioquímica (IL-1ra, antagonista dos receptores da interleucina 1), ora agindo na prevenção de doenças inflamatórias, ora sendo implicada na resistência à insulina e no diabetes.]

PITKÄNEN, Pekka. Dr Jekyll and Mr Hyde?: Deuteronomy and the rights of indigenous peoples. *Political Theology*, v. 11, n. 3, p. 399-409, jul. 2010. [Crítica aos aspectos do livro de Moisés (Deuterônomo, [último livro do Pentateuco](#)) e a sua interpretação, levando em consideração as relações com os povos indígenas. O autor afirma que, além de um código de conduta fraterna, o texto sagrado, como vem sendo interpretado, pode dar origem a comportamentos genocidas e dominadores. Por essa razão, o autor utilizou as figuras de Jekyll e Hyde para referir-se ao livro.]

PROULX, Travis; CHANDLER, Michael J. Jekyll and Hyde and Me: Age-Graded Differences in Conceptions of Self-Unity. *Human Development*, v. 52, n. 5, p. 261-286, set. 2009. [Proulx & Chandler pediram a um grupo de jovens e adultos do Canadá que explicassem a aparente falta de unidade dos comportamentos bons e maus dos personagens Jekyll e Hyde. Foi detectada uma tendência a atribuir os bons comportamentos à motivação interna e os maus a estímulos do ambiente externo.]

PUISIEUX, A.; ANSIEAU, S. La sénescence prématurée: chimère, ange salvateur ou Dr Jekyll et Mr Hyde? (em francês) [The premature senescence: chimera, saving angel or Dr Jekyll and Mr Hyde?] *Médecine Sciences: M/S [Med Sci (Paris)]*; v. 25, n. 2, p. 115-6, fev. 2009. [Ao estudar o envelhecimento precoce, os pesquisadores franceses Puisieux & Ansieau utilizaram Jekyll e Hyde metaforicamente em seu artigo científico.]

RAGAVAN, S. Jekyll and Hyde Story of International Trade: The Supreme Court in *Phrma v. Walsh and the TRIPS Agreement*. *Richmond Law Review*, v. 38, p. 777, 2004. [Em uma pesquisa que analisa o impacto mundial da aprovação pela Suprema Corte dos EUA de mecanismos indiretos de controle de preços de procedimentos médicos e medicamentos,

Ragavan delinea as semelhanças entre as políticas adotadas pelos Estados Unidos e as de certos países em desenvolvimento, mostrando o anacronismo dessa postura, liberal e ao mesmo tempo conservadora – chamando os acontecimentos de “História de Jekyll e Hyde”.]

RHYS, C.; WHITING, S. Ian Botham: Dr Jekyll... and Mr. Hyde. *Cricketer International*, v. 67, n. 7, p. 8-9, jul. 1986. [A figura de Jekyll e Hyde é utilizada referindo-se ao comportamento oscilante de determinados praticantes de “*test cricket*”.]

ROWAN, Andrew N. Scientists and Animal Research: Dr. Jekyll or Mr. Hyde? *Social Research*, v. 62, n. 3, p. 787-800, outono de 1995. [Rowan abordou a dualidade entre o bem e o mal ao analisar o uso de animais em experiências científicas e a reação da população a essa prática tão difundida mundialmente entre os cientistas há séculos. O artigo examina temas duais como a crueldade e a inocência, o sofrimento dos animais e os benefícios para os seres humanos, e para tanto recorreu aos personagens Jekyll e Hyde como ilustrações dos extremos de conduta.]

SAPHIR A., Jekyll and Hyde: a new license for thalidomide? *Journal of the National Cancer Institute*, v. 89, n. 20, p. 1480-1, out. 1997. [Compara a evolução do uso da talidomida com os personagens Hyde e Jekyll.]

SCHAUFELI, Wilmar; B.; TARIS, Toon; W. & BAKKER, Arnold B. Dr Jekyll or Mr Hyde? On the differences between work engagement and workaholism. In: R. Burke (Ed), *Work hours and work addiction*, p. 193-252, 2006. [SCHAUFELI *et cols.* refletiram sobre qual seria o limite entre ser *workholic* (viciado em trabalho, a quem chamaram de Mr. Hyde) e ser um profissional dedicado à empresa onde trabalha (que seria o profissional Dr. Jekyll).]

SEGAL, Jonathan A. Performance Management For Jekyll And Hyde. *H R Magazine*, v. 44 n. 2, p. 130-135, fev. 1999. [Discute aspectos relacionados ao gerenciamento do desempenho profissional e aborda os executivos com personalidade Jekyll & Hyde, que tem a capacidade de esconder os problemas, e fazem seus subordinados temerem sua reação diante deles.]

SIDDIQUI, R.; DUDLEY, R.; KHAN, N.A. *Acanthamoeba* differentiation: a two-faced drama of Dr Jekyll and Mr Hyde. *Parasitology*, v. 139, n. 7, p. 826-34, jun. 2012. [O microorganismo protista *Acanthamoeba* apresenta capacidade de adquirir a forma de cistos para escapar da morte. Entretanto, o mesmo mecanismo genético que leva a essa formação, pode tornar o microrganismo sensível a certos medicamentos, e Siddiqui *et cols.* chamaram essa situação de “as duas faces do drama de Dr. Jekyll e Sr. Hyde”.]

STEWART, Michael. The Jekyll and Hyde years: Politics and economic policy since 1964. Londres: J. M. Dent , 1977. [Contrasta conceitos como o anarquismo e o liberalismo natural, fazendo um contraponto com a economia britânica desde 1964 até o ano da publicação do texto.]

SUTANTO, Juliana; PHANG, Chee Wei; TAN, Chuan Hoo; LU, Xianghua. Dr. Jekyll vis-à-vis Mr. Hyde: Personality variation between virtual and real worlds. *Information & Management*, v. 48, n. 1, p. 19-26, jan. 2011. [Sutanto *et cols.*, ao estudarem as estratégias de interação utilizadas em empresas para analisar o comportamento humano a partir de grupos de discussão em ambientes de “mundo virtual” *online*, perceberam que pequenas variações na personalidade dos participantes entre os mundos real e virtual poderiam levar a melhora nos resultados das discussões em grupo. Desse modo, os pesquisadores afirmam que, colocando Jekyll e Hyde frente a frente, ou seja, contrastando as diversas facetas da personalidade de uma pessoa, é possível obter um ambiente empresarial mais frutífero.]

TARDITI, Secondo. European Integration between Dr Jekyll and Mr Hyde. *Intereconomics*, v. 42, n. 1, p. 24-31, jan. 2007. [Neste artigo, a imagem de Jekyll e Hyde foi utilizada para falar da política econômica governamental agrícola da União Europeia, contrastando as expectativas da população e a política de preços praticada pelo governo.]

UCHINO H, Masui. Original em japonês [Anesthetic agents--Dr. Jekyll or Mr. Hyde?]. *The Japanese Journal Of Anesthesiology* [Masui], v. 61, n. 2, p. 125, fev. 2012. [O artigo compara os anestésicos inalatórios com Jekyll (por seus efeitos de sedação) e Hyde (pelas reações adversas da inalação).]

WALLACE, Henry S. Mandatory minimums and the betrayal of sentencing reform: A legislative Dr. Jekyll and Mr. Hyde. *Federal Probation*, v. 57, n. 3, set. 1993. [Este artigo analisa a postura do Congresso dos EUA, ao votar reformas. Por um lado, há uma postura imparcial, aprendida há muito tempo, a qual busca uma solução abrangente e racional. A outra vertente é impulsiva, movida por paixões políticas e impacientes, por causa de seu “*alter ego* tenaz”. O autor utilizou o termo “legislativo Jekyll & Hyde” para referir-se a tal situação.]

WANG, Haibin; DEY, Sudhansu K. & MACCARRONE, Mauro. Jekyll and Hyde: two faces of cannabinoid signaling in male and female fertility. *Endocrine reviews*, v. 27, n. 5, p. 427-48, ag. 2006. [Wang *et cols.* abordam o sistema reprodutor dos mamíferos, como um processo com dupla função (“Jekyll/Hyde”): diversificar a composição genética dos

descendentes, mas também fortalece-la e mantê-la constante. Assim, os pesquisadores analisam a função da sinalização canabinoide na fertilidade de homens e mulheres.]

WOODY, Larry. Jekyll and Hyde. *Auto Racing Digest*, v. 31, n. 1, p. 23, jan. 2003. [A figura de Jekyll e Hyde é utilizada referindo-se ao comportamento oscilante de determinados profissionais do automobilismo.]

ZAKARIA, Fareed. Uncle Sam: Jekyll or Hyde? *Newsweek*, v. 145, n. 23, p. 33, 06.jun.2005. [O ex-presidente dos Estados Unidos George W. Bush é acusado de ter uma conduta “Jekyll e Hyde”, por sua atitude contraditória em relação à “guerra contra o terror”, juntamente com seus esforços de melhorar sua imagem nos países árabes.]

APÊNDICE D - *Jekyll and Hyde* na telona e na telinha

Com relação às versões cinematográficas e televisivas de *Dr. Jekyll and Mr. Hyde*, há listas disponíveis em diversos guias e diretórios que se dedicam à obra do autor escocês, em *sítes* dedicados ao cinema e em enciclopédias. Charles King publicou uma filmografia bastante completa (KING, 1997), mas esta já se encontra desatualizada, dado o grande número de novos filmes que foram lançados desde a publicação do artigo de King. A listagem abaixo procurou reunir, organizar e classificar as informações disponíveis. Na coluna “Observação” há referências sobre as fontes de pesquisa de cada um dos filmes. Nos casos em que não há indicações, as informações são procedentes do RLS Website¹⁷⁸.

ANO (PAÍS)	TÍTULO	OBSERVAÇÃO
1908 (EUA)	<i>Dr. Jekyll and Mr. Hyde.</i> (<i>The Modern Dr. Jekyll</i>)	Produzido por William N. Selig. Não há cópias disponíveis deste filme. Dirigido por Otis Turner Filme mudo, estrelando Hobart Bosworth, Betty Harte
1908	<i>Dr Jekyll and Mr Hyde</i>	Dirigido por Sidney Olcott Estrelando Frank Oakes Rose, Gene Gauntier Produzido por Selig Polyscope Fonte: http://mural.uv.es/anropas/filmstg.html
1910 (Dinamarca)	<i>Den Skæbnesvangre Opfindelse</i> (<i>Dr. Jekyll and Mr. Hyde</i>) (<i>The Fatal Invention</i>)	Dirigido por August Blom Estrelando Alwin Neuß, Oda Alstrup Produção: Nordisk Film Company. Não há cópias disponíveis deste filme. Segundo um crítico da época “ <i>the last scene shows Jekyll struggling with the nightmare in his chair and, awakening in the presence of Maud, thanks God it was all a dream. We are inclined to think that Stevenson might just as well have done the same thing without hurting his story</i> ” (Fonte: http://www.classichorror.free-online.co.uk/jekylltxt.htm)

¹⁷⁸ Disponível em <http://www.robert-louis-stevenson.org/richard-dury-archive/films-rls-jekyll-hyde.html>. Acesso 17.jun.2014.

ANO (PAÍS)	TÍTULO	OBSERVAÇÃO
1910 (Reino Unido)	<i>The Duality of Man</i>	Produzido por Wrench Films Diretor- H.B. Irving Elenco desconhecido, filme mudo Hyde joga pôquer com amigos em um jardim, pega o dinheiro de todos e sai correndo, voltando como Jekyll. Hyde reassume, mata o pai da noiva de Jekyll e se suicida. (Fonte: http://www.classichorror.free-online.co.uk/jekylltxt.htm)
1911 (EUA)	<i>Dr. Jekyll and Mr. Hyde</i> Acervo da pesquisadora Reprodução Proibida	Produzido por Thanhouser Dirigido por Lucius Henderson Baseado na adaptação teatral de Richard Mansfield. Estrelando James Cruze e Florence Labadie. Filme mudo. Duração: 12 minutos Fonte: http://www.classichorror.free-online.co.uk/jekylltxt.htm
	Acervo da pesquisadora Reprodução Proibida	É a versão mais antiga disponível James Cruze, que depois passa a ser diretor de cinema nos anos 1920, estrela como Jekyll e Hyde. Fonte: http://www.imdb.com/title/tt0002143/ Disponível em: http://vimeo.com/20026199 Acesso: 15.mar.2014
1913 (EUA)	<i>Dr. Jekyll and Mr. Hyde</i> Acervo da pesquisadora Reprodução Proibida	Produzido por Carl Laemmle, filme mudo Dirigido por Herbert Brenon. Estrelando King Baggot; Jane Gail, Matt Snyder Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=K-lyffm5eiw_ Acesso: 15.mar.2014
1913 (EUA)	<i>A Modern Jekyll and Hyde</i>	Produzido por Kalem Estrelando Robert Broderick, Irene Boyle, William R. Dunn
1913 (Reino Unido)	<i>Dr. Jekyll and Mr. Hyde</i>	Dirigido por Frank Wood, filme mudo (Kineto-Kinemacolour, UK) Em “cores”

ANO (PAÍS)	TÍTULO	OBSERVAÇÃO
1913 (Alemanha)	<i>Der Andere (The Other)</i> <i>Acervo da pesquisadora Reprodução Proibida</i>	Dirigido por Max Mack Estrelando Albert Basserman (como o Dr. Hallers), Hanni Weisse, Emerich Hanus, Rely Ridon, Otto Collot Um advogado sofre um acidente e a partir daí passa a se manifestar seu “outro” lado, e ele passa a cometer delitos Fonte: http://www.cinefania.com/terroruniversal/index.php?id=158&pag=2
1914 (Alemanha)	<i>Ein seltsamer Fall (Um estranho caso)</i> <i>Acervo da pesquisadora Reprodução Proibida</i>	Dirigido por Max Mack. Estrelando Alwin Neuß Filme mudo, elogiado pelos cenários e pelo realismo do laboratório.
1914	<i>Dr. Jekyll and Mr. Hyde</i>	Paródia, produzida por Starlight Comedies Fonte: http://www.cinefania.com/terroruniversal/index.php?id=158&pag=2
1914 (EUA)	<i>Dr Jekyll and Mr Hyde, Done to a Frazzle</i>	Dirigido por Joseph A. Golden Estrelando Charles De Forrest Produzido pela Warner Bros. Duração: 10 minutos, preto e branco FONTE: http://www.imdb.com/title/tt0965414/
1915 (EUA)	<i>Dr. Jekyll and Mr. Hyde, ou Horrible Hyde</i>	Dirigido por Arthur Hotaling, filme mudo Estrelando Jerrold T. Hevener, Billy Reeves, Mac Hotely Produzida por Lubin
1915 (EUA)	<i>Miss Jekyll and Madame Hyde</i>	Dirigido por Charles L. Gaskill Estrelando Helen Gardner, Paul Scardon Variação feminina do tema, produzido por Vitagraph. filme mudo FONTE: http://www.cinefania.com/terroruniversal/index.php?id=158&pag=2
1916	<i>Luke's Double</i>	Dirigido por Hal Roach Estrelando Harold Lloyd Curta metragem O protagonista adormece lendo o livro de Stevenson e sonha que é um monstro

ANO (PAÍS)	TÍTULO	OBSERVAÇÃO
1920 (EUA)	Dr. Jekyll and Mr. Hyde	Estrelando John Barrymore A trama foi adaptada da versão de Sullivan, de 1887, mesclada com elementos de <i>O retrato de Dorian Gray</i> . Dirigido por John S. Robertson Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=8JeRDKJl1Ag Acesso 12.jan.2014
1920 (EUA)	Dr. Jekyll and Mr. Hyde	Dirigido por J. Charles Haydon. Filme mudo
1920 (Alemanha)	Der Januskopf (A cabeça de Janus)	Dirigido por F. W. Murnau. Estrelando <i>Conrad Veidt</i> Como Stevenson não autorizou esta adaptação, os nomes foram alterados para Dr. Warren e Mr. O'Connor. Filme mudo
1920 (EUA)	Dr. Jekyll and Mr. Zip	Dirigido por Ben Sharpsteen Desenho animado, mudo Fonte: http://www.cinefania.com/terroruniversal/index.php?id=158&pag=2
1925 (EUA)	Dr. Pyckle and Mr. Pryde	Direção Scott Pembroke Estrelando Stan Laurel Filme mudo. Dr. Estanislau Pyckle, separa com sucesso o bem e o mal da natureza humana com o uso de uma droga poderosa. Transforma-se em Mr. Pryde e aterroriza a cidade com atos como roubar sorvete de um menino, roubar no jogo de bolinhas de gude, e assustar uma pedestre.

ANO (PAÍS)	TÍTULO	OBSERVAÇÃO
1931 (EUA)	<i>Dr. Jekyll and Mr. Hyde</i>	Segue a trama da adaptação de Sullivan. Frederic March recebeu um prêmio por sua atuação como Jekyll/Hyde. Dirigido por Rouben Mamoulian Estrelando <i>Fredric March</i> e <i>Miriam Hopkins</i>
1932 (EUA)	<i>Doctor Jekyll's Hyde</i>	Dirigido por Albert De Mond Produzido pela Universal Curta metragem Fonte: Don Willis Horror & SF Films
1937 (EUA)	<i>The Case of the Stuttering Pig</i>	Desenho animado em que Porquinho e Petunia enfrentam um advogado que toma uma poção Dr. Jekyll/Hyde e se torna um monstro. Fonte: http://looneytunes.wikia.com/wiki/The_Case_of_the_Stuttering_Pig
1940 (EUA)	<i>Dr. Jekyll and Mr. Hyde</i>	Especial para a televisão
1941 (EUA)	<i>Dr. Jekyll and Mr. Hyde</i>	Refilmagem da versão lançada em 1931, agora estrelando Spencer Tracy, Ingrid Bergman e Lana Turner. Disponível em http://www.tcm.com/mediaroom/video/236858/Dr-Jekyll-and-Mr-Hyde-Movie-Clip-Can-This-Be-Evil-.html
1942 (relançado colorizado em 1968) (EUA)	<i>The Impatient Patient</i>	<i>Looney Tunes Daffy Duck</i> dos Estúdios Warner Bros. Cartoons Dirigido por <i>Norm McCabe</i> <i>Patolino encontra Dr. Jekyll quando estava tentando entregar um telegrama para "Chloe".</i> Fonte: http://looneytunes.wikia.com/wiki/The_Impatient_Patient

ANO (PAÍS)	TÍTULO	OBSERVAÇÃO
1944	Mighty Mouse Meets Jekyll and Hyde Cat	Desenho animado com o personagem Mighty Mouse
1945 (EUA)	Hare Remover	Desenho animado com Pernalonga Fonte: http://looneytunes.wikia.com/wiki/Hare_Remover
1947 (EUA)	Dr. Jekyll and Mr. Mouse	Tom and Jerry
1949 (EUA)	Dr. Jekyll and Mr. Hyde	Dirigido por Robert Stevens Filme de suspense feito para a televisão
1950 (EUA)	Motor Mania	Pateta se transforma ao entrar no carro e passar de Mr. Walker para Mr. Wheeler Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=hk-c5jlk48s . Acesso 22.jan.2013
1951 (EUA)	Gentleman Jekyll and Driver Hyde	Dirigido por David Bairstow Estrelando Don Mulholland Um homem calmo e pacífico se transforma ao entrar em um carro Fonte: https://www.nfb.ca/film/gentleman_jekyll_driver_hyde/

ANO (PAÍS)	TÍTULO	OBSERVAÇÃO
1951 (EUA)	<i>The Son of Dr. Jekyll (Herança Maldita)</i>	Dirigido por Seymour Friedman Estrelando Louis Hayward, Jody Lawrance, Lester Matthews e Alexander Knox Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/The_Son_of_Dr._Jekyll
1951 (EUA)	<i>Dr. Jekyll and Mr. Hyde</i>	Filme de suspense, feito para TV. Estrelando <i>Basil Rathbone</i>
1951 (Argentina)	<i>El Extraño Caso del Hombre y la Bestia</i>	Dirigido por Mario Soficci Estrelando Mario Soficci (Jekyll / Hyde), Olga Zubarry, Ana María Campoy, José Cibrián, Rafael Frontaura y Federico Mansilla. Fonte: http://www.cinefania.com/terroruniversal/index.php?id=158&pag=3
1953	<i>Abbott and Costello Meet Dr. Jekyll and Mr. Hyde</i>	Comédia de horror Estrelando Abbott and Costello e Boris Karloff como Jekyll/Hyde

ANO (PAÍS)	TÍTULO	OBSERVAÇÃO
1954	<i>Dr. Jerkyl's Hide</i>	Looney Tunes Frajola Fonte: http://looneytunes.wikia.com/wiki/Dr._Jerkyl's_Hide
1955	<i>Hyde and Hare</i>	Looney Tunes Pernalonga Fonte: http://looneytunes.wikia.com/wiki/Hyde_and_Hare
1955 (EUA)	<i>The Strange Case of Dr Jekyll and Mr Hyde</i>	Do programa CBS's live CLIMAX! Temporada 1 Episódio 34 Apresentado por Bill Lundigan Adaptado para televisão por Gore Vidal. Especial para TV Disponível em : https://www.youtube.com/watch?v=Tt-elm5DKpk _Acesso: 12.dez.2013
1957 (EUA)	<i>The Daughter of Dr. Jekyll.</i>	Dirigido por Edgar G. Ulmer Estrelando Gloria Talbott, John Agar e Arthur Shields Uma jovem descobre que é filha de Dr. Jekyll. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Jecxbetn7NI , Acesso 24.jun.2014
1957 (EUA)	<i>Dr. Jekyll and Mr. Hyde</i>	Matinee Theatre, produzido para TV Dirigido por Alan Buckhantz Estrelando <i>Douglas Montgomery</i>

ANO (PAÍS)	TÍTULO	OBSERVAÇÃO
1958 (Reino Unido)	Grip of the Strangler (The Haunted Strangler)	Dirigido por Robert Day Estrelando <i>Boris Karloff</i> <i>Acervo da pesquisadora Reprodução Proibida</i> Fonte: http://fineartamerica.com/featured/1-grip-of-the-strangler-aka-the-haunted-everett.html
1959 (França)	The Testament of Dr. Cordelier (The Doctor's Horrible Experiment)	Filme em preto e branco, reconta a história original, ambientado na França dos anos 1950. Dirigido por Jean Renoir Estrelando Jean-Louis Barrault <i>Acervo da pesquisadora Reprodução Proibida</i>
1959	The Ugly Duckling	Dirigido por Lance Comfort Estrelando Bernard Bresslaw, John Pertwee, Richard Wattis y Reginald Beckwith O abobalhado Henry Jekell toma uma fórmula que era de seu finado tio, e se transforma no simpático e atraente Teddy Hyde Fonte: http://www.cinefania.com/terroruniversal/index.php?id=158&pag=3 <i>Acervo da pesquisadora Reprodução Proibida</i>
1960 (Reino Unido)	The Two Faces of Dr. Jekyll	Dirigido por Terence Fisher, estrelando Paul Massie como Dr. Jekyll, e co-estrelando Dawn Addams, Christopher Lee e David Kossoff. Cenas de consumo de ópio, sexo, estupro, assassinatos, corpos caindo de telhados de vidro Fonte: http://www.imdb.com/title/tt0054416/ <i>Acervo da pesquisadora Reprodução Proibida</i>

ANO (PAÍS)	TÍTULO	OBSERVAÇÃO
1960 (Itália)	<i>Il Mio Amico Jekyll (Casanova Jekyll)</i>	Dirigido por Marino Girolami Estrelando Ugo Tognazzi, Raimondo Vianello, Abbe Lane, Carlo Croccolo, Hélène Chanel, Luigi Pavese. Comédia O Professor Fabius realiza uma experiência com o Professor Floria, alterando sua personalidade para um sedutor libidinoso de jovens estudantes. Fonte: http://www.ivid.it/fotogallery/ismod_index.php?i_section=detail&i_categoria=1&i_id=305484
1960 (EUA)	<i>Hyde and Go Tweet</i>	Looney Tunes Frajola e Piu Piu Fonte: http://looneytunes.wikia.com/wiki/Hyde_and_Go_Tweet
1962	<i>Hyde and Sneak</i>	Dirigido por Paul J. Smith Estrelando Grace Stafford, Dal McKennon O Inspetor Willoughby está em Londres tentando encontrar Vampira Hyde, Ele a encontra. Hyde se tranforma em vampira ao tomar uma pílula. Fonte: http://super8warehouse.com/?product=h-yde-and-sneak
1963 (EUA)	<i>The Nutty Professor</i>	Dirigido por Jerry Lewis.

ANO (PAÍS)	TÍTULO	OBSERVAÇÃO
1964 (EUA)	Dr. Devil and Mr. Hare	Warner Bros., Merrie Melodies Estrelando Pernalonga e Tas Fonte: http://looneytunes.wikia.com/wiki/Dr._Devil_and_Mr._Hare
1966 (França)	Sicque! Sicque! Sicque!	Deux-Deux toma um líquido verde e se transforma em um monstro verde e o Inspetor não percebe.
1967 (Índia)	Karutha Rathrikal (Dark Nights)	Estrelando Madhu, Gemini Ganesan e S. P. Pillai Falado em malaio, o filme conta a história de um médico que se vinga da morte de um tio. O médico toma uma poção que o transforma em monstro, quando fica nervoso. Fonte: http://www.maebag.com/Product/20353/Movies/Malayalam-Movies-&-Video/Old-Malayalam-Movies/Karutha-Rathrikal-VCD
1968 (EUA e Canadá)	Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde	Dirigido por Charles Jarrott Estrelando Jack Palance Hyde faz conquistas amorosas e comete crimes. Especial para televisão

ANO (PAÍS)	TÍTULO	OBSERVAÇÃO
1971 (EUA)	Dr. Jekyll and Mr. Partridge	Dirigido por Mel Swope Estrelando Shirley Jones, David Cassidy, Susan Dey Temporada 2, Episódio 7 da Família Dó-Ré-Mi Fonte: http://www.imdb.com/title/tt0670155/
1971 (EUA)	<i>Acervo da pesquisadora</i> <i>Reprodução Proibida</i> The Jekyll and Hyde Portfolio	Dirigido por Eric Jeffrey Haims Estrelando Sebastian Brook, Mady Maguire, Donn Greer Um homem tem dupla personalidade, e comete diversos assassinatos por influência de seu signo astrológico
1970 (EUA)	<i>Acervo da pesquisadora</i> <i>Reprodução Proibida</i> Nowhere to Hyde	Scooby Doo e sua turma O fantasma de Mr. Hyde rouba joalherias e um dos suspeitos é um descendente de Dr. Jekyll
1971 (Reino Unido)	Dr. Jekyll and Sister Hyde	Estrelando Ralph Bates como Jekyll e Martine Beswick como Hyde. Hammer Film Productions Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=8Q6n0-hKBVg . Acesso 12.jan.2013
1971 (Reino Unido)	<i>Acervo da pesquisadora</i> <i>Reprodução Proibida</i> I, Monster	Estrelando Christopher Lee como Jekyll e Hyde e Peter Cushing como Utterson. <i>Preserva alguns dos diálogos originais do livro e trechos da história</i> Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=n27YAhrQ7WQ . Acesso 15.jan.2014

ANO (PAÍS)	TÍTULO	OBSERVAÇÃO
1971 (Bélgica)	Adult Version of Jekyll & Hide	Dirigido por Lee Raymond (como L. Ray Monde) Estrelando Laurie Rose, Rene Bond, Jane Tsentas Um médico insano, que já matou um homem, encontra o diário de Dr. Jekyll e refaz sua fórmula. Sob seu efeito ele começa a estuprar e matar mulheres.
1972 (EUA)	The Man With Two Heads	Dirigido por Andy Milligan Estrelando Denis DeMarne, Julia Stratton, Gay Feld Fonte: http://www.moviepostershop.com/the-man-with-two-heads-movie-poster-1972
1972 (Espanha)	Dr. Jekyll y el Hombre Lobo (Dr. Jekyll versus werewolf)	Dirigido por León Klimovsky Jekyll luta com um lobisomem Fonte: http://silvaandgold.com/archives/660

ANO (PAÍS)	TÍTULO	OBSERVAÇÃO
1973 (EUA)	<i>Dr. Jekyll and Mr. Hyde</i>	Dirigido por David Winters Estrelando Kirk Douglas como Jekyll e Hyde Música: Lionel Bart Musical para televisão
1974 (EUA)	<i>Horror High</i> (<i>Twisted Brain</i>)	Dirigido por Larry N. Stouffer Fonte: http://horrorpedia.com/2013/12/24/horror-high/
1976 (EUA)	<i>Dr. Black, Mr. Hyde</i> (<i>Dr. Black & Mr. White; The Watts Monster</i>)	Versão de William Crain, estrelando Bernie Casey como Dr Henry Pride e Rosalind Cash. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=xeo6TOFHE4M . Acesso 21.jun.2014

ANO (PAÍS)	TÍTULO	OBSERVAÇÃO
1978 (EUA)	<i>Dr. Jekyll's Dungeon of Death</i>	Dirigido por James Wood Fonte: http://www.imdb.com/title/tt0083849/
1979 (Itália)	<i>Dottor Jekyll e gentile signora</i>	Comédia, estrelando Paolo Villaggio and Edwige Fenech A poção transforma Dr. Jekyll; um homem cínico e malicioso, a serviço de uma multinacional sinistra e sem escrúpulos, a Pantac, em uma pessoa angelical, com efeitos catastróficos sobre sua vida.
1980 (Brasil)	<i>O incrível monstro trapalhão</i>	Com os Trapalhões, dirigido por Renato Aragão
1980	<i>Dr. Heckyl and Mr. Hype</i>	Dirigido por Charles B. Griffith Estrelando Oliver Reed Um médico desenvolve uma poção que o transforma em uma figura má. Dirigido por Charles B. Griffith Fonte: http://www.imdb.com/title/tt0080658/

ANO (PAÍS)	TÍTULO	OBSERVAÇÃO
1981 (Índia)	Chehre Pe Chehra	Dirigido por Raj Tilak Fonte: http://www.hindilinks4u.to/2009/12/chehre-pe-chehra-1981.html
1981 (França)	Docteur Jekyll et les femmes (<i>Doctor Jekyll and Miss Osbourne</i>) (<i>The Blood of Dr. Jekyll</i>)	Dirigido por Walerian Borowczyk Estrelando Udo Kier e Marina Pierro O filme se passa antes, durante e imediatamente após a festa de noivado de Dr. Henry Jekyll e Miss Fanny Osbourne, com a presença de inúmeros convidados altamente respeitáveis (um geral, um médico, um padre, um advogado), o último dos quais informa a empresa que uma criança foi assassinada na rua em frente. Enquanto os outros assistem a um jovem bailarino executar, Dr. Jekyll instrui o advogado para alterar o testamento, deixando tudo a um certo Mr. Hyde. Pouco tempo depois, a dançarina é encontrada morta, e os convidados percebem que um deles deve ser um maníaco com um apetite sexual prodigioso ..
1981 (Reino Unido)	Dr. Jekyll and Mr. Hyde	Dirigido por Alastair Reid Estrelando David Hemmings Produção para TV

Acervo da pesquisadora

Reprodução Proibida

Acervo da pesquisadora

Reprodução Proibida

Acervo da pesquisadora

Reprodução Proibida

ANO (PAÍS)	TÍTULO	OBSERVAÇÃO
1981	<i>Wondergran Meets Dr. Jackal and Mr. Hide</i>	Estrelando Benny Hill como o cirurgião Dr. Jackal que se transforma em Mr. Hide após tomar uma fórmula secreta Episódio 1 da 12ª. Temporada

1982	<i>Jekyll and Hyde... Together Again</i>	Estrelando Mark Blankfield como Jekyll
	Fonte: http://www.movieposter.com/poster/A70-3885/Jekyll_and_Hyde_Together_Again.html
1984 (Reino Unido)	<i>Nasty Stuff</i>	Da série de animação em massinha The Trap Door

ANO (PAÍS)	TÍTULO	OBSERVAÇÃO
1985 (União Soviética)	Strannaya Istoriya Doktora Dzhekila I Mistera Hayda (Strange Case of Dr Jekyll and Mr Hyde)	Estrelando Innokenty Smoktunovsky Fonte: http://www.answers.com/topic/strannaya-istoriya-doktora-dzhekila-i-mistera-hayda

1986 (Austrália)	Dr. Jekyll and Mr. Hyde	Carol Adams, Simeon Hawkins, Philip Hipton Música de John Stuart, Produzido por Burbank Dirigido por Warwick Gilbert Série <i>Storybook Classics</i> Fonte: http://thatguywiththeglasses.com/videolinks/teamt/phelous/39796-dr-jekyll-and-mr-hyde

1987	Return to Horror High	Fonte: http://www.moviepostershop.com/return-to-horror-high-movie-poster-1987

1987	Dr. Jekyll & Mr. McDuck	Dirigido por Terence Harrison Da série Duck Tales, temporada 1, episódio 25 Fonte: http://www.imdb.com/title/tt0845182/

ANO (PAÍS)	TÍTULO	OBSERVAÇÃO
1988	Professor Jekyll and Gangster Hyde	Estrelando Len Carlson, Tedd Dillon, Don Francks Da série Police Academy, temporada 2, episódio 1
1989 (Reino Unido)	Edge of Sanity (A Beira da Loucura)	Dirigido por Gérard Kikoïne Estrelando Glynis Barber como Elisabeth Jekyll; Anthony Perkins como Jekyll, cujos experimentos com cocaína sintética transformam em Hyde, que também é Jack The Ripper. Fonte: http://www.imdb.com/title/tt0097263/
1989 (Reino Unido)	The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde	Nightmare Classics de Shelley Duvall Direção Michael Lindsay-Hogg Estrelando <i>Anthony Andrews, Laura Dern</i> Aqui Hyde é mais atraente que Jekyll (como na versão de 1960)
1990 (EUA)	Jekyll & Hyde	Filme com 4 horas de duração, dividido em 2 partes. Estrelando Michael Caine como Jekyll e Hyde. A cunhada de Jekyll é estuprada por Hyde. Filme especial para TV

ANO (PAÍS)	TÍTULO	OBSERVAÇÃO
1994 (EUA)	<i>Dr. Wendal and Mr. Taz</i>	Episódio 76 da 1ª. temporada Taz enfrenta Wendal Wolf transformado em monstro por causa de uma irradiação. Fonte: http://looneytunes.wikia.com/wiki/Dr._Wendal_and_Mr._Taz
1995 (EUA)	<i>Dr. Jekyll and Ms. Hyde</i>	Direção David F. Price Estrelando Tim Daly e Sean Young Um descendente de Dr. Jekyll cria uma variante do seu ancestral, feminino Fonte: http://www.imdb.com/title/tt0112895/
1995 (Reino Unido)	<i>Julia Jekyll and Harriet Hyde</i>	Série infantil produzida pela BBC One
1996 (EUA)	<i>Mary Reilly</i> (<i>The Untold Story of Dr. Jekyll and Mr. Hyde</i>)	Dirigido por Stephen Frears Estrelando Julia Roberts e John Malkovich Baseado no livro de Valerie Martin.
1996 (EUA)	<i>The Nutty Professor</i>	Dirigido por Tom Shadyac Estrelando Eddie Murphy

ANO (PAÍS)	TÍTULO	OBSERVAÇÃO
1996 (EUA)	<i>Dr. Jekyll and Mr. Hyde: A Legacy of Fear</i>	Estrelando Robert Mandan
1999	<i>Dr. Jekyll and Mr. Hyde</i>	Estrelando Max Meldrum, David Nettheim Igual Austrália de 2006
1999 (EUA)	<i>Dr. Jekyll and Mr. Hyde</i>	Produção: Francis Ford Coppola Estrelando Adam Baldwin. Dirigido por Colin Budds Feito para TV Passado nos dias atuais, cirurgião plástico Henry Jekyll usa medicina chinesa para ter super poderes para vingar a morte de sua esposa.
2000 (EUA)	<i>The Nutty Professor II: The Klumps</i>	Dirigido por Peter Segal Estrelando Eddie Murphy
2001 (EUA)	<i>Jekyll & Hyde: the Musical</i>	Musical para TV Dirigido por Don Roy King Estrelando David Hasselhoff Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=oAQKsUoIXGU Acesso 12.jan.2014

Acervo da pesquisadora
Reprodução Proibida

Acervo da pesquisadora
Reprodução Proibida

Acervo da pesquisadora
Reprodução Proibida

Acervo da pesquisadora
Reprodução Proibida

ANO (PAÍS)	TÍTULO	OBSERVAÇÃO
2002 (EUA)	Dr. Jekyll and Mr. Hyde	Dirigido por Mark Redfield Estrelando Mark Redfield, Ellie Torrez, Kosha Engler Fonte: http://www.imdb.com/title/tt0346899/?ref_=nm_ov_bio_lk1
2002 (Reino Unido)	Dr. Jekyll and Mr. Hyde	Estrelando John Hannah como Jekyll e Hyde Dirigido por Maurice Phillips Especial para TV A história é contada de trás para frente, em flashbacks. Jekyll e Hyde são idênticos, só mudando a roupa e o body language
2003 (EUA)	The Dr. Jekyll & Mr. Hyde Rock 'n Roll Musical	Dirigido por Andre Champagne
2003 (EUA)	Dr. Jekyll & Mistress Hyde (The Erotic Experiments of Dr. Jekyll & Mistress Hyde)	Dirigido por Tony Marsiglia Estrelando Misty Mundae (aka Erin Brown) Dra. Jackie Stevenson é uma linda terapeuta sexual que desenvolve um soro sexual.

ANO (PAÍS)	TÍTULO	OBSERVAÇÃO
2004	<i>The Strange Case of Dr. Jiggle and Mr. Sly</i>	Parte das Veggie Tales do vídeo A Snoodle's Tale
2004	Reprodução Proibida <i>Jekyll and Hyde: The True Story</i>	Dirigido por Christopher Rowley Estrelando Ben Johnson, Jack Fortune, Mike Lummis
2004 (Austrália)	<i>The Strange Game of Hyde and Seek</i>	Dirigido por Nathan Hill Estrelando Carter Doyle, Nicholas Wightman, Deborah Tabone Fonte: http://www.imdb.com/title/tt0443656/
2006	<i>Dr. Jekyll and Mr. Hyde</i>	Dirigido por David Cherkasskiy Produzido por Bogner Entertainment Inc.

ANO (PAÍS)	TÍTULO	OBSERVAÇÃO
2006 (Canadá)	Jekyll + Hyde	Dirigido por Nick Stillwell Estrelando Bryan Fisher como Henry "J" Jekyll e Bree Turner como Utterson.. Dois estudantes de medicina criam uma droga derivado do <i>ectasy</i> , para mudar e melhorar suas personalidades.
2006 (EUA)	The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde	Dirigido por John Carl Buechler Estrelando <i>Tony Todd</i>
2007 (Reino Unido)	Jekyll	Seriado da BBC em seis episódios Estrelando James Nesbitt como Tom Jackman, um Jekyll moderno cujo Hyde barbariza Londres dos dias atuais.
2007 (EUA)	Jekyll (Fear the monster within)	Dirigido por Scott Zakarin Estrelando Matt Keeslar, Jonathan Silverman, Alanna Ubach Fonte: http://www.imdb.com/title/tt0393394/

Acervo da pesquisadora

Reprodução Proibida

Acervo da pesquisadora

Reprodução Proibida

Acervo da pesquisadora

Reprodução Proibida

Acervo da pesquisadora

Reprodução Proibida

ANO (PAÍS)	TÍTULO	OBSERVAÇÃO
2008	<i>Dr. Jekyll & Mr. Hyde</i>	Dirigido por Paolo Barzman Estrelando Dougray Scott, Tom Skerritt, e Krista Bridges Fonte: http://www.imdb.com/title/tt1159984/
2008 (EUA)	<i>The Monster of Phineas-n-Ferbenstein</i>	14º. episódio de Phineas and Ferb (Temporada 1) Dr. Jekyll Doofenshmirtz toma uma poção e se transforma em um monstro.
2008 (EUA)	<i>My Own Worst Enemy</i>	Produção NBC Estrelando Christian Slater (como Henry Spivey/Edward Albright) Episódios seriados, feito especialmente para TV
2011 (Sri Lanka)	<i>Pinsara Dostara</i>	Adaptação de <i>Dr. Jekyll and Mr. Hyde</i> , atualizado e ambientado no Sri Lanca, especialmente para TV. Estrelando Tony Ranasinghe (como Jekyll e Hyde)
2013 (EUA)	<i>Do No Harm</i>	Série de TV da NBC Estrelando Steven Pasquale como Dr. Jason Cole (um tipo de Jekyll que sofre de transtorno de personalidade) e Ian Price (um tipo de Hyde)

APÊNDICE E. Ao infinito e além - produtos e personagens inspirados em *Dr. Jekyll and Mr. Hyde*

Os produtos encontrados ao longo desta pesquisa (jogos, objetos colecionáveis, bens de consumo) que fazem referência à obra pesquisada, bem como os livros e filmes com personagens inspirados em *Jekyll and Hyde* serão elencados neste Apêndice.

Como a intenção da pesquisa foi procurar ser o mais completa possível, muitos produtos encontrados serão citados, mesmo aqueles que tenham somente uma relação indireta com a obra. Os dois aspectos mais desafiadores dessa nossa tarefa foram: conseguir classificar cada um dos produtos encontrados e conseguir delimitar o que deveria ser citado e o que já não era mais relacionado ao livro, uma vez que existem refrações secundárias, ou seja, alguns produtos foram influenciados por livros escritos neste século, os quais são refrações da obra de Stevenson.

Personagens

a. Hulk

O personagem **Hulk** (Fig. XXX) foi criado por Stan Lee e Jack Kirby em 1962 (CAPITANIO, 2010). Em uma entrevista que Stan Lee deu em 2000, ele afirmou que foi influenciado por *Jekyll and Hyde* e por Frankenstein para criar seu personagem Hulk (MURRAY, 2007 apud CAPITANIO, 2010). Segundo Capitanio, Hulk e Dr. Jekyll/Sr. Hyde não são semelhantes apenas pelo fato de haver uma transformação de um cientista brilhante em uma figura monstruosa, mas também pelo fato de ambas as narrativas conterem traços discursivos similares, bem como bases culturais parecidas.

FIGURA 35. Hulk.

Fonte: Blog Super Herois. Disponível em <http://superheroisemgeral.blogspot.com.br/2011/01/hulk.html>. Acesso 12.jun.2014.

b. Ultrax

O personagem **Ultrax** (Fig. 36) foi criado pelo desenhista E. C. Nickel¹⁷⁹. Segundo Nickel, um dos objetivos desta série Ultrax é prestar homenagem aos personagens e criadores que o autor admira desde a infância. Hulk, Stan Lee e Jack Kirby estão no topo desta lista. Além de Hulk, Nickel cita Golen, da lenda judaica, Frankenstein “e, principalmente, o maligno Mr. Hyde, criação do maior contador de histórias de todos os tempos, o grande Robert L. Stevenson”.

FIGURA 36. Ultrax.

Fonte: An international catalogue of Super Heroes. Disponível em <http://www.internationalhero.co.uk/u/ultrax.htm>. Acesso 15.jan.2014.

c. Two-face

Two-face (Fig. 37) é um supervilão de quadrinhos de ficção da DC Comics. É inimigo do Batman. O personagem apareceu pela primeira vez em Detective Comics n. 66 (agosto de 1942), e foi criado por Bob Kane e Bill Finger. Em sua autobiografia, Bob Kane afirma ter sido inspirado por *Dr. Jekyll and Mr. Hyde*, especificamente a versão cinematográfica de 1931, que ele assistiu quando era pequeno¹⁸⁰. Por ocasião do aniversário de 75 de Batman, foram eleitos os 10 maiores inimigos do morcego, e *Two-face* foi incluído nessa lista.

FIGURA 37. Two-face.

¹⁷⁹ Fonte: <http://www.guiadosquadrinhos.com/artista/e-c-nickel/3665>

¹⁸⁰ Fonte: http://www.geocaching.com/geocache/GC3R9JW_dc-super-villains-two-face?guid=4f364fe3-3dcd-456d-af08-c8b648b24aa1. Acesso 15.jan.2013.

Fonte: Batman Wikia. Disponível em [http://batman.wikia.com/wiki/Two-Face_\(DC_Animated_Universe\)](http://batman.wikia.com/wiki/Two-Face_(DC_Animated_Universe)). Acesso 20.jul.2013.

d. Dr Spam /Prof Spada

Criado por Mauricio de Souza, desenhista brasileiro, baseado em seu filho Mauricio Spada. O personagem Professor Spada dá aulas de informática, é bondoso e prestativo, mas quando leva um choque ou uma descarga de algum computador, se transforma no terrível Doutor Spam (Fig. 38), que tem o poder de se dissolver fisicamente em informações digitais para assim invadir sistemas eletrônicos e navegar na internet como vírus/spam. Apareceu pela primeira vez na revista Mônica nº 233.

FIGURA 38. Dr. Spam.

Fonte: Turma da Mônica. Disponível em <http://turmadamonica.uol.com.br/quadrinhos/>. Acesso 10.jul.2014.

e. Monster High

Da série *Monster High*, há dois personagens baseados na obra de Stevenson: Holt Hyde (filho de Edward Hyde) (Fig. 39) e Jackson Jekyll (filho do Dr. Jekyll) (Fig. 40).

FIGURA 39. Holt Hyde (filho de Edward Hyde), personagem da série Monster High.

Fonte: Blog Hello Monster High. Disponível em http://hellomh.blogspot.com.br/2012_01_01_archive.html. Acesso 15.mar.2014.

Holt e Jackson são jovens, e têm diversos amigos que também são inspirados em outros personagens de terror, como vampiros, Frankenstein, entre outros.

FIGURA 40. Jackson Jekyll (filho do Dr. Jekyll), personagem da série *Monster High*.

Fonte: *Monster High* Jogos. Disponível em <http://monsterhighjogos.com.br/jackson-jekyll/>. Acesso 15.mar.2014.

Brinquedos:

- Jogo *Jekyll and Hyde*, produzido em 1980 por Waddingtons House of Games, fabricante de jogos de tabuleiro com sede no Reino Unido, vendida para Hasbro em 1994.
- Game *Jekyll and Hyde* para Nintendo, produzido por Bandai Games.
- *Lego Dr Jekyll Mr. Hyde Zombie Monsters, Macabre Theatre + Jekyll e Mr Hyde* (miniaturas e castelo).

Produtos Variados

Além de incontáveis miniaturas colecionáveis e inúmeras camisetas e fantasia, há alguns produtos que carregam o “conceito” de *Jekyll and Hyde* (seja qual for esse conceito... já que a obra é aberta a múltiplas interpretações, como vimos nesta tese). A seguir, apresentamos alguns desses produtos:

- Sabonete Alter Ego: uma camada “bondosa” (com notas de brisa do mar misturadas com flor de tília) e outra “malévola” (mistura de madeira de cedro e sândalo com notas de âmbar, almíscar escuro e baunilha). Produzido pela empresa italiana *Latherati Soap Fondry*, especializada em produtos inspirados em obras literárias.

- Espuma de barbear, conforme anúncio em uma revista de 1892.

(Fig. 41)

FIGURA 41. Anúncio do sabão para barbear “Yankee”, de 1892.

Fonte: Ebay. Disponível em <http://www.worthpoint.com/worthopedia/1892-ad-yankee-shaving-soap-dr-jekyll-20290223>. Acesso 22.jan.2014.

- Relógio *Jekyll and Hyde*: possui uma cobertura metálica sobre o mostrador, que pode ser movimentada, mudando de cor e de estilo.¹⁸¹
- Cerveja Jekyll & Hyde, duas garrafas de cerveja com rótulos do artista plástico canadense Dirty Donny Gillies¹⁸². Dr. Jekyll é uma cerveja delicadamente maltada, ligeiramente frutado de cor ouro polido. Mr. Hyde tem cor de cobre escuro, é uma cerveja amarga e aromática de centeio e lúpulos, usando ingredientes predominantemente alemães.

Bares e Pubs:

- Jekyll and Hyde Irish Pub, Alemanha. Endereço: Kampstr. 24^a, 58095 Hagen.
- Jekyll & Hyde, Austrália. Endereço: 332 Victoria Rd, Darlinghurst, New South Wales 2010.
- Jekyll & Hyde, Escócia. Endereço: 112 Hanover Street, Edimburgo, Escócia.
- Jekyll & Hyde Club, EUA, 216 W. 44th Street, New York, NY.
- Jekyll & Hyde Pub, EUA. Endereço: 91 Seventh Ave S New York, New York 10014

¹⁸¹ FONTE: <http://www.ledwatchstop.com/store/jekyll-hide-watch-cool-japanese-watch-bkgr-p-712.html>. Acesso 10.fev.2012.

¹⁸² Fonte: <http://goodfoodrevolution.wordpress.com/2011/10/27/beaus-halloween-beers-dr-jekyll-and-mr-hyde/>. Acesso 20.jan.2014.

- Jekyll & Hyde Restaurant & Tavern, EUA. Endereço: 906 N East St Frederick, MD 21701.
- Jekyll & Hyde, EUA. Endereço: 140 S 18th St. Pittsburgh, PA 15203.
- Jekyll + Hyde, Canadá. Endereço: 10610 100 Ave NW, Edmonton, Alberta, Canadá.
- Jekyll and Hyde, Canadá. Endereço: 2340 Dundas Street West, Toronto, Ontario M6P4B2.

E, para concluir, apresentamos a seguir um anúncio publicitário de 1916, da Kruschen Salts. Este anúncio revela que há muito tempo *Dr. Jekyll and Mr. Hyde* povoam a mente das pessoas, produzindo mais e mais refrações, adaptações e produtos inspirados, ou que tomam emprestado o nome dos personagens para chamar a atenção dos consumidores, transmitir alguma ideia ou homenagear Stevenson e/ou seu livro.

FIGURA 42. Anúncio publicitário de 1916, da empresa Kruschen Salts .

THE GRAPHIC WEEKLY, NOVEMBER, 1916, 773

Mrs. Jekyll and Mrs. Hyde

Does your mirror show you a personality not really yourself?

You remember Robert Louis Stevenson's symbolic story of Dr. Jekyll and Mr. Hyde. Dr. Jekyll, great, healthy, strong; Mr. Hyde, a shrivelled creature, two sides of the *same* personality. Did it ever occur to you that perhaps *you* show the world a personality not really yourself?

Look into your mirror. If you are the average woman, you see a person dispirited, disheartened, often unhappy; you see lines that should not be; eyes losing their youth; in your complexion signs of aging; very probably you are a woman attacked by petty ailments—headaches, indigestion, sleeplessness, neurasthenia. You see a woman often available despite herself—conquering those first to her, instead of hiding them more closely.

Is that woman really you? Imagine yourself in genuine health, spirits high, eyes bright, with all the vigour and beauty of youth unimpeded, overflowing with zest and eagerness for life. That's the sort of person you *really* are.

What you can do.

What's the trouble with you? Probably one thing only—you do not take sufficient care of yourself. Your body is in need of a tonic.

If you took treatment at one of the famous spas—which are Mecca for rich women from all over the world—the mineral salts in the water would pretty soon relieve you of your run-down condition.

Spa Treatment at home.

A simpler way, however—a much cheaper way—a way prescribed by leading physicians of England—is to use the preparation known as Kruschen Salts.

Kruschen Salts is called by doctors "spa treatment at home." It contains just the mineral elements needed for the body—for nerve toners, for body tissues, and for body scavengers.

Try Kruschen Salts to-day; do not let the Hyde part of your nature overcome the young, healthy, bright, Jekyll side.

Kruschen Salts may be obtained at all progressive druggists. For 160 years this preparation has been prescribed by the world's leading physicians; millions have used it.

Kruschen SALTS

1/6 1/6

Makers Established in Manchester, England, 1754.

Entirely British for 160 Years

—and "entirely" means 100% distill. via: Salts, Bristles, Candles, Workpeople, Shoesholes, and Distillers.

SOLE MANUFACTURERS: E. Griffiths Hughes (Kruschen), Ltd., 68, Deansgate Arcade, Manchester, England.

Fonte: Old-print. Disponíveis em: <http://www.old-print.com/cgi-bin/category.cgi?&category=search&query=1&searchfields=misc2&match=exact&start=900>. Acesso 08.jul.2014.